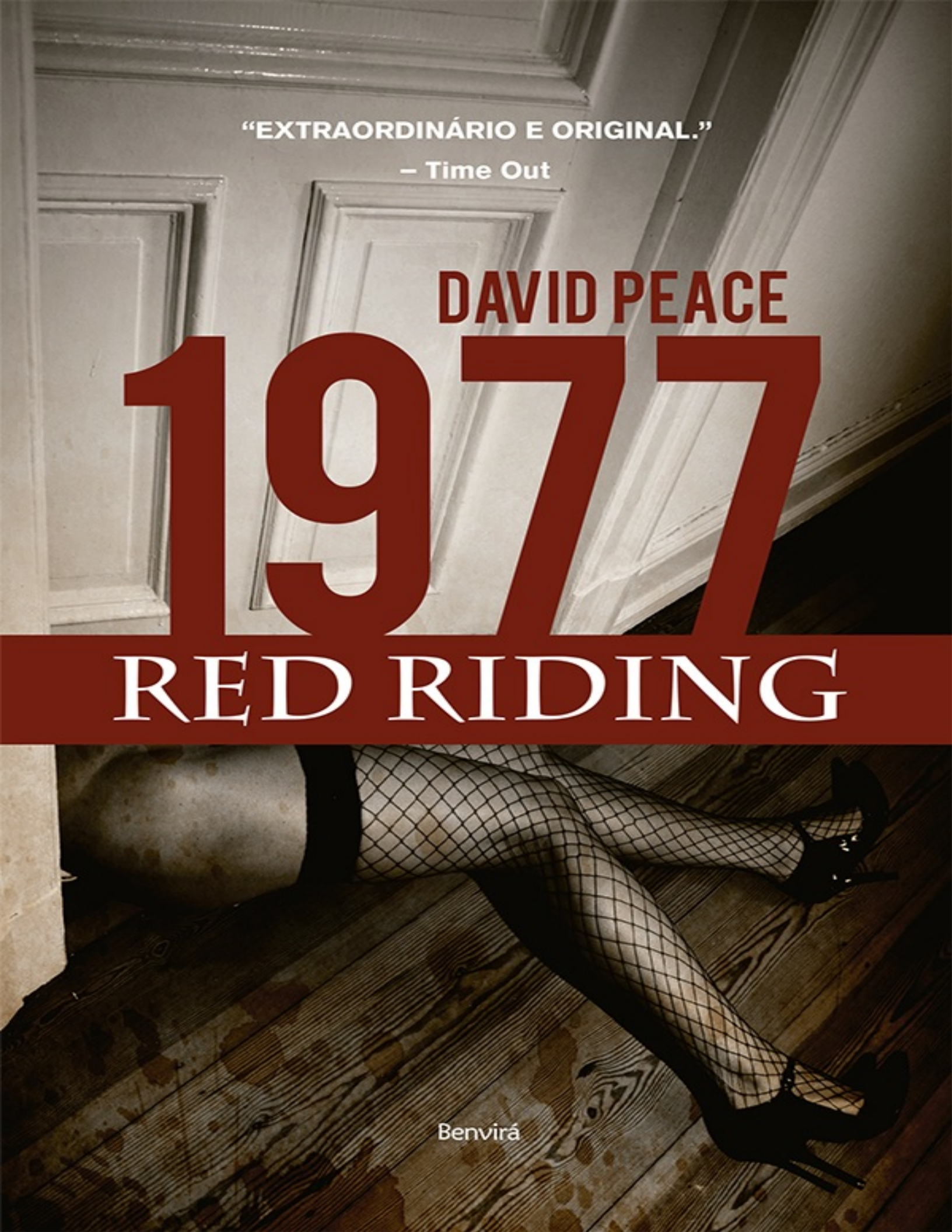

"EXTRAORDINÁRIO E ORIGINAL."
– Time Out
DAVID PEACE
1977
RED RIDING
Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DAVID PEACE

1977
RED RIDING

Tradução
Rodrigo Peixoto

Benvirá

Este livro é dedicado às vítimas dos crimes atribuídos ao estripador de Yorkshire e às suas famílias.

E também aos homens e às mulheres
que tentaram deter esses crimes.

No entanto, esta permanece como uma obra de ficção.

Se um justo desviar-se de sua justiça
e cometer pecado, ele morrerá por causa disso;
por causa do pecado que cometeu, morrerá.
Mas, se um ímpio se desviar de sua maldade
e fizer o que é justo e direito, ele salvará sua vida.
EZEQUIEL, 18, 26-27

Implorando novamente

Terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

Desço as escadas do Strafford e saio pela porta, luzes azuis no céu escuro, sirenes ao vento.

Merda, merda, merda, merda.

Fujo, fodido para sempre... os ganhos da caixa, a pilhagem dos seus malditos bolsos.

Merda, merda, merda.

Deveria ter terminado o que começou; os policiais ainda respiravam, assim como a menina do bar e o puto velho. Deveria ter feito tudo direito, deveria ter matado todos eles.

Merda, merda.

O último ônibus para Manchester e Preston, última saída, última chance de dançar.

Fodido.

Ouvinte: Estacionei na porta da sua casa, e ela disse que não tinha dinheiro. Nem um centavo. E perguntei: como vai pagar a corrida? Sou o último taxista branco daqui, não um banco de caridade, certo?

John Shark: Você é uma espécie em extinção.

Ouvinte: É verdade. Mas sabe o que ela fez? Abriu as pernas, espalhando-as entre os assentos, e deixou tudo aquilo aberto diante dos meus olhos. Depois disse: pode cobrar. Eu não acreditava na merda que estava ouvindo.

John Shark: Calma, Don. E o que você fez?

Ouvinte: O que você acha que eu fiz, porra? Ofereci o que ela queria. Bem ali, no banco de trás do táxi. E foi bom. Ela mesma admitiu que há muito tempo não gozava tanto.

John Shark: Mulheres, certo? Não podemos viver com elas, mas não podemos matá-las. Exceto nos arredores de Chapeltown.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Domingo, 29 de maio de 1977

1

Leeds.

Domingo, 29 de maio de 1977.

Está acontecendo novamente.

Aquela profecia da canção: *Quando os dois setes se encontram...*

Borracha queimando sem deixar marcas em outra manhã quente. Mais um antigo parque com o seu morto secreto; de Potter's Field a Soldier's Field os parques estão abrindo mão de seus fantasmas, tudo de novo.

Domingo de manhã, janelas abertas, e *vai fazer um calorão outra vez*, caixas de correio vermelhas suando, cães latindo ao nascer do Sol.

Rádio ligado: ao vivo com os mortos.

Estéreo: rádio do carro e walkie-talkie ao mesmo tempo:

Seguindo para Soldier's Field.

A voz de Noble, vinda de outro carro.

Ellis olhou para mim, um olhar de que deveríamos acelerar.

— Ela está morta — eu disse, mas sabia o que ele estava pensando:

Domingo de manhã... oferecendo-lhe um dia de vantagem, um dia às nossas custas, uma de nossas vidas. Nada além do maldito jubileu em todos os jornais até amanhã de manhã, ninguém se lembra de mais uma noite de sábado em Chapeltown.

Chapeltown – minha cidade por dois anos, com suas ruas cobertas de folhas, cheias de edifícios antigos e espaçosos, transformados em pequenos e imundos apartamentos lotados de mulheres que vendiam sexo para alimentar seus malditos filhos, seus malditos maridos e seus malditos hábitos.

Chapeltown – meu negócio: ESQUADRÃO DE HOMICÍDIOS.

Os negócios que fazemos, as mentiras que eles aceitam, os segredos que mantemos, o silêncio que recebem.

Liguei a sirene, uma marreta nas manhãs de domingo, um toque de trombeta para os mortos.

E Ellis disse:

— Isso vai acordar todos os idiotas do bairro, porra.

Contudo, a um quilômetro dali, eu sabia que ela nem se moveria em seu leito molhado de orvalho.

E Ellis sorriu, como se tudo se resumisse a isso; como se todo o tempo esperasse por isso.

Mas ele não sabia o que havia sobre a grama de Soldier's Field.

Eu, sim.

Eu sabia.

Já estivera por lá antes.

E, sim, estava acontecendo novamente.

— Cadê o maldito Maurice?

Eu seguia na direção dela, atravessando a grama, atravessando o Soldier's Field, e respondi:

— Ele vai chegar.

O detetive-chefe superintendente Peter Noble, cria de George, que saíra de trás de sua nova e pesada mesa em Millgarth, interpõe-se entre o meu corpo e o dela.

Eu sabia o que ele estava escondendo: *uma capa de chuva sobre ela, botas ou sapatos ao lado das coxas, a calcinha solta de uma das pernas, o sutiã puxado para cima, seu estômago e seios perfurados por uma chave de fenda, o crânio aberto por um martelo.*

Noble olhou para os seus homens e disse:

— Certo. Deixa que eu cuido disso.

Um homem vestindo moletom vomitava ao lado de um alto carvalho. Olhei para o meu relógio. Sete horas, e, por todos os lados, um fino vapor se erguia da grama do parque.

Eventualmente, perguntei:

— Foi ele?

Noble saiu do caminho.

— Veja você mesmo.

— Porra — disse Ellis.

O homem vestindo moletom ergueu os olhos, com saliva escorrendo pelo queixo, e eu pensei no meu filho, e o meu estômago deu um nó.

Na rua, mais carros se aproximavam e as pessoas se reuniam.

O detetive-chefe superintendente Noble disse:

— Por que você ligou essa merda de sirene? Todo mundo vai aparecer por aqui.

— Possíveis testemunhas — respondi, sorrindo e finalmente olhando para ela.

Havia uma velha capa de chuva sobre o seu corpo, mas os pés e as mãos brancas estavam de fora. Havia manchas escuras na capa de chuva.

— Dê uma olhada — disse Noble a Ellis.

— Vá em frente — eu disse.

Lentamente, o detetive Ellis vestiu suas luvas de plástico brancas e se agachou na grama, ao lado dela.

Levantou a capa de chuva, respirou fundo e olhou para mim:

— Foi ele — disse.

Eu permaneci de pé ali, concordando, olhando qualquer coisa ao redor.

Ellis baixou a capa de chuva.

Noble disse:

— Ele a encontrou.

Voltei a olhar para o homem vestindo moletom, para o homem que vomitava, agradecido.

— Pego um depoimento?

— Se não for muito trabalho — respondeu Noble, sorrindo.

Ellis se levantou.

— Que merda morrer assim — disse.

O detetive-chefe superintendente Noble ficou calado por um momento e expirou.

— Que escória!

— Eu sou o detetive sargento Fraser, e ele é o detetive Ellis. Gostaríamos de colher um depoimento seu e depois poderá voltar para casa.

— Depoimento? — Ele ficou pálido novamente. — Vocês não estão pensando que eu tive algo a ver...

— Não, senhor. Queremos apenas um depoimento dizendo como chegou aqui e viu tudo isso.

— Sei.

— Vamos nos sentar na viatura.

Caminhamos até o carro e nos sentamos no banco traseiro. Ellis sentou-se no da frente e desligou o rádio.

Fazia mais calor do que eu imaginava. Peguei o meu bloco de anotações e uma caneta. O homem fedia. O carro fora má ideia.

— Vamos começar pelo seu nome e endereço.

— Derek Poole, com *e* no final. Strickland Avenue, número 4, Shadwell.

Ellis olhou para trás.

— Perto da Wetherby Road?

— É — respondeu o senhor Poole.

— Uma boa caminhada — comentei.

— Não, não. Eu vim de carro. Corro neste parque.

— Todos os dias?

— Não. Só aos domingos.

— E quando chegou aqui?

Ele fez uma pausa e respondeu:

— Por volta das seis.

— Onde estacionou?

— Alguns metros mais acima — disse, acenando com a cabeça em direção à Roundhay Road.

Derek Poole parecia ter segredos, e eu fiquei vislumbrando probabilidades:

2-1 amante.

3-1 prostitutas.

4-1 gay.

Sexo, claro.

Derek Poole era um homem solitário, muitas vezes entediado. Mas não era aquilo o que tinha em mente naquele dia.

Ele me olhava. Ellis virou o rosto novamente.

— Casado? — perguntei.

— Sim, sou — ele respondeu, como se mentisse.

Escrevi: *casado.*

Ele perguntou:

— Por quê?

— Como assim, por quê?

Ele se movimentou, ajeitando seu conjunto de moletom.

— Quero dizer, por que pergunta isso?

— Pela mesma razão que vou perguntar quantos anos você tem.

— Certo. Rotina.

Não gostei de Derek Poole, das suas infidelidades, da sua arrogância, então disse:

— Senhor Poole, não é nada rotineiro que uma jovem tenha o seu estômago aberto e seu crânio perfurado.

Derek Poole olhou para o chão do carro. Parecia sentir-se mal dentro do seu conjunto de moletom, e tive receio de que vomitasse, pois o carro ficaria fedendo por uma semana.

— Vamos terminar com isso — murmurei, percebendo que fora longe demais.

Ellis abriu a porta para o senhor Poole e voltamos ao sol.

Havia muitos malditos policiais por ali naquele momento, e fiquei olhando para eles, pensando: “Muitos chefes...”.

O meu chefe, detetive inspetor Rudkin; o detetive superintendente Prentice; o detetive superintendente Alderman, velho chefe do Departamento de Investigações Criminais de Leeds; o detetive chefe Maurice Jobson; o novo chefe, Noble; e, no centro de tudo, ele: o subdiretor de polícia George Oldman.

Curvado sobre o corpo, o professor Farley, chefe do Departamento de Medicina Legal da Universidade de Leeds, que, junto com seus assistentes, se

preparava para tirá-lo dali.

O detetive superintendente Alderman tinha uma bolsa nas mãos e era acompanhado por uma policial de alta patente e outro policial uniformizado.

Eles têm um nome e um endereço.

Prentice conduzia os uniformizados de porta em porta, encurralando os olheiros.

Até que todos se viraram na nossa direção.

O detetive inspetor Rudkin, com uma forte ressaca, gritou:

— Departamento de Homicídios, em meia hora.

Departamento de Homicídios.

Millgarth Street, Leeds.

Uma centena de homens metidos numa sala do segundo andar. Sem janelas, enfumaçada, sob luzes brancas e rostos de cadáveres.

Chegam George e o restante dos seus homens, que voltaram do parque. Palminhas nas costas, apertos de mão aqui, piscadelas acolá, *como se fosse uma maldita reunião qualquer.*

Olhei para as mesas e os telefones, para as manchas das camisas suadas nas costas, para a parede atrás do subdiretor de polícia, para os dois rostos que eu vira tantas, tantas vezes, todos os dias, todas as noites, quando estava acordado, quando sonhava, quando comia a minha mulher, quando beijava o meu filho.

Theresa Campbell.

Joan Richards.

A familiaridade leva ao desprezo.

— Senhores, ele voltou — disse Noble.

Uma pausa dramática, sorrisos que demonstravam conhecimento de causa.

— Este memorando foi enviado a todas as divisões das redondezas.

“Às 6h50 desta manhã, o corpo da senhora Marie Watts, nascida no dia 7/2/1945 e moradora no número 3 da Francis Street, na região de Leeds 7, foi encontrado em Soldier’s Field, em Roundhay, próximo à West Avenue, na região de Leeds 8. O corpo apresentava muitos ferimentos na cabeça, estava com a

garganta cortada e fora apunhalado no abdômen.

“Esta mulher vivia na região de Leeds desde outubro de 1976, vinda de Londres. Dizem que trabalhava em hotéis londrinos. Foi dada como desaparecida por seu marido, em Blackpool, em novembro de 1975.

“Pedimos que todas as pessoas encontradas com sangue nas roupas sejam investigadas, e pedimos também que investiguem nas lavanderias sobre a recepção de qualquer roupa com mancha de sangue. Encaminhem tudo ao Departamento de Homicídios da delegacia de Millgarth Street.

“Fim da mensagem.”

O detetive-chefe superintendente Noble permanecia de pé, com aquele pedaço de papel na mão, esperando.

— Mais uma coisa — ele disse. — O namorado, um tal Stephen Barton, de 28 anos, negro, que mora no mesmo número 3 de Francis Street. Alguns falam em arrombamento, em graves danos corporais. Seria provavelmente o cafetão da senhora Watts. Trabalha como porteiro no International, em Bradford, e às vezes no Cosmos. Não esteve em nenhum dos dois locais ontem à noite e não é visto desde as seis da tarde de ontem, quando saiu do Corals, na Skinner Lane, onde gastou quase cinquenta libras.

Ficamos impressionados. Tínhamos um nome, uma história, e tudo em menos de duas horas.

Uma chance, pelo menos.

Noble baixou os olhos, com a língua na ponta dos lábios. Com tranquilidade, disse:

— Rapazes, quero que o encontrem.

O sangue daqueles cem homens corria com força em suas veias, tínhamos sido acossados, estávamos com o cheiro da caça sob as nossas narinas.

Oldman se levantou.

— Vamos fazer assim... Como todos já sabem, este é o terceiro, no máximo. Sem contar os próximos possíveis ataques. E todos vocês trabalharam em algum caso desse tipo. Então, hoje, fora desta delegacia, vocês serão oficialmente o Esquadrão de Homicídios de Prostitutas, sob o comando do detetive-chefe superintendente Noble, aqui presente.

ESQUADRÃO DE HOMICÍDIOS DE PROSTITUTAS.

Havia um tumulto na sala, afinal todos haviam conseguido o que queriam.

Eu também...

Deixava a Divisão de Roubos e de *ajuda aos malditos velhos:*

Funcionários do correio na mira de pistolas, com canos contra os seus rostos, e suas esposas, ainda vestindo camisolas, amarradas e sendo socadas... Só um avarento não entregaria o dinheiro, mas acabaria recebendo um soco com a coronha da espingarda e um bem-vindo à cidade do ataque no coração.

Um morto.

— O Esquadrão de Homicídios se dividirá em quatro grupos, capitaneados pelos detetives superintendentes Prentice e Alderman e pelos detetives inspetores Rudkin e Craven. O detetive inspetor Craven também coordenará a administração, aqui de Millgarth. As comunicações ficarão a cargo do detetive superintendente White. O oficial de divisão será o detetive inspetor Gaskins, e o responsável pelas relações públicas e assessoria de imprensa será o detetive inspetor Evans. Todos localizados em Wakefield.

Oldman fez uma pausa.

Dei uma olhada pela sala em busca de Craven, mas não o encontrei.

— Eu e o detetive-chefe superintendente Jobson também estaremos disponíveis para a investigação.

Poderia jurar ter ouvido suspiros.

Oldman girou o corpo e disse:

— Pete?

O detetive-chefe superintendente Noble deu novamente um passo à frente:

— Quero todos os negros e asiáticos com menos de trinta anos sendo revistados. Quero nomes. Um engraçadinho disse que os nossos homens odeiam as mulheres... e estamparam isso na primeira página.

Risos.

— Certo, vamos trazer todos esses idiotas para cá. Alguns serão os de sempre, as escórias e seus seguidores. Quero nomes, quero esses nomes aqui por volta das cinco. E as mulheres podem ser enviadas para Queens.

Silêncio.

— E quero Stephen Barton. Esta noite.

Eu roía as unhas. Queria sair dali.

— Liguem para as suas casas e digam que permanecerão fora toda a noite. PORQUE ISSO VAI TERMINAR ESTA NOITE.

Único pensamento: JANICE.

Eu passei pela multidão e saí da sala, descendo o corredor, mas Ellis continuava sem conseguir sair do saguão, gritando o meu nome.

Ninguém atendeu, e eu desliguei o telefone quando Ellis se aproximou.

— Para onde você foi, porra?

— Vamos, é hora de colocar a mão na massa.

E voltei a descer as escadas para sair dali.

— Quero dirigir — ele se lamentava, atrás de mim.

— Vá se foder.

Pisei fundo no acelerador, voando pelo centro, voltando a Chapeltown, com o rádio da polícia ainda jorrando notícias sobre as novidades.

Ellis esfregava as palmas das mãos, dizendo:

— Ele tinha razão em algumas coisas. Vai ser uma noite longa.

— A menos que decidam continuar com a proibição — murmurei, pensando: "Tenho que me livrar dele".

— Muita gente quer isso.

— Quando chegarmos lá, deveríamos nos dividir.

— Quando chegarmos onde?

— Na Spencer Place — respondi, pois ele era tão idiota quanto parecia.

— Por quê?

Eu queria pisar no freio e socá-lo, mas sorri e respondi:

— Para tentar cortar algumas das bobagens de sempre pela raiz. Evitar que fiquem ladrando.

Dobrei à direita, voltando à Roundhay Road.

— Você manda — ele disse, como se tudo aquilo fosse apenas uma questão de tempo.

— Certo — respondi, pisando fundo.

— Vá pela direita. Comece com Yvonne e Jean, no número 5.

Estacionamos na esquina da Leopold Street.

— Merda. Tenho mesmo que fazer isso?

— Você ouviu o que Noble disse. *Nomes*, ele quer os malditos nomes.

— E você?

— Vou conversar com Janice e Denise, no número 2.

— Claro — ele disse, olhando-me de lado.

Eu pisquei o olho.

Ele abriu a porta.

— E depois? — perguntou.

— Vá em frente. Nos encontraremos aqui quando você terminar.

Ele coçou o saco ao sair do carro, tentando clarear a mente.

Pensei que o meu coração fosse explodir.

Esperei até que Ellis entrasse no número 5, depois abri a porta do carro e subi as escadas.

A casa estava em silêncio e fedia a fumaça e maconha.

Ao terminar de subir os degraus, bati na porta.

Ela veio atender parecendo um índio pele-vermelha, os cabelos escuros e a pele suada, como se estivesse trepando, mas trepando com vontade.

As noites que passei sonhando com ela.

— Você não pode entrar. Estou trabalhando.

— Aconteceu mais um.

— E daí?

— Daí que você não pode ficar por aqui.

— Posso ir para a sua casa, então?

— Por favor — murmurei.

— Você faria de mim uma mulher honesta, certo, senhor policial?

— Estou falando sério.

— Eu também. E preciso de dinheiro.

Peguei algumas notas, esfregando-as no rosto dela.

— É isso?

— É isso — respondi.

— Que tal uma aliança, meu príncipe policial?

Suspirei e ela me interrompeu antes que eu começasse a falar.

— Como a que você deu para a sua esposa — ela retrucou.

Olhei para o carpete, para as estúpidas flores e pássaros reunidos em volta dos meus pés.

Olhei para cima, e Janice me deu um tapa.

— Vá se foder, policial.

— Desista dele, porra!

— Vá se foder!

Ellis empurrou a cabeça dela, pressionando-a contra a parede.

— Vá se foder!

— Vamos, Karen — eu insisti. — Só queremos que nos diga onde está e vamos embora daqui.

— Eu não sei de porra nenhuma. — Ela estava chorando, e eu acredito nela.

Estávamos naquilo há seis horas, mas o detetive Michael Ellis não reconheceria a verdade nem se ela surgisse bem na sua cara. Então aproximou-se de Karen Burns, branca, de 23 anos, prostituta, drogada, mãe de duas crianças, e deu um murro na sua boca.

— Calma, Mike, calma — eu disse.

Ela colou o corpo ao papel de parede, soluçando, raivosa.

Ellis coçou o saco. Ele estava de cabeça quente, chateado, cansado, e eu sabia que gostaria de tirar a calcinha daquela mulher e meter nela.

— Paramos um pouco, Mike?

Ele fungou, virou os olhos e voltou ao saguão.

A janela aberta e o rádio ligado. Nos quentes domingos de maio, tudo o que se escutava era o maldito Bob Marley, mas não naquele dia. Era Jimmy Savile tocando músicas selecionadas para o jubileu de prata, com todas as putas escondidas debaixo das camas, esperando o apagar das sirenes, esperando aquela merda chegar ao fim.

Karen acendeu um cigarro e ergueu os olhos.

— Você conhece Steve Barton? — perguntei.

— Sim, infelizmente.

— Mas não tem ideia de onde poderia estar?

— Caso ele tenha um mínimo de bom senso, deve ter dado o fora daqui.

— E ele tem algum bom senso?

— Um pouco.

— Para onde iria, então?

— Londres. Bristol. Não tenho ideia.

O apartamento de Karen fedia, e eu fiquei imaginando onde estariam as crianças. Provavelmente teriam sido afastadas mais uma vez da mãe.

— Acha que ele fez isso? — perguntei.

— Não.

— Então me dá um nome e eu vou embora daqui.

— Caso contrário?

— Caso contrário, vou sair para comer alguma coisa e deixar que o meu amigo, o que está lá fora, siga com o interrogatório, depois voltarei para te levar à Queens Street.

Ela fez um som com a língua, expirou e disse:

— O que você quer?

— Qualquer pessoa que pareça um pouco estranha. Qualquer coisa estranha.

— Qualquer coisa estranha? — ela perguntou, rindo.

— Qualquer coisa.

Ela apagou o cigarro numa tigela de plástico com restos de batatas fritas e molho curry, levantou-se e pegou uma agenda na gaveta da cozinha. A sala cheirava a plástico queimado.

— Toma — disse, atirando a agenda em cima de mim.

Dei uma olhada nos nomes, números, placas de carro, mentiras.

— Diz um nome.

— Na letra D. Dave. Ele tem um Ford Cortina branco.

— E...?

— Não usa camisinha, gosta de bater na bunda.

— E daí?

— Nunca diz “por favor”.

Peguei o meu bloco de anotações, copiei o número da placa do carro.

— Ouvi dizer que nem sempre paga, essas coisas...

— Alguém mais?

— Tem um motorista de táxi que gosta de morder.

— Já ouvimos falar nele.

— É isso.

— Obrigado — agradeci e fui embora.

Depositei algumas moedas.

— Joseph?

— Sim.

— Sou eu, Fraser.

— Ah, o policial. Era questão de tempo, eu sabia.

Eu estava numa cabine telefônica logo abaixo do Azad Rank, observando dois meninos paquistaneses jogando boliche. Ellis tirava uma soneca no carro após o seu almoço de domingo: duas latas de cerveja e um enorme sanduíche de queijo. O críquete soava no rádio, mais previsão de calor, pássaros cantando, um som de baixo e sax vindo de algum apartamento.

Aquilo não poderia durar muito.

O homem do outro lado da linha era Joseph Rose: Joe Rose, Jo Ro. Outro menino paquistanês entra na brincadeira.

Eu disse:

— A Patrulha de Operações Especiais está vindo para levar todo mundo

embora, e não para o Sião...

— Que se fodam!

— Quero ver você tentar — sorri. — Você tem alguns nomes para me passar?

Joseph Rose: profeta na primeira metade do dia e ladrão de galinhas na outra, mas um Spencer Boy* em tempo integral, com deveres a cumprir e dívidas a pagar.

— Isso tem a ver com a senhora Watts?

— De certo modo, sim.

— E eles não vão manter a distância, certo?

— Não. E daí?

— E daí que as pessoas vão ser assombradas de qualquer maneira.

— Por ele?

— Não, não... Os dois setes**...

Porra, lá vamos nós.

— Joseph, quero os malditos nomes.

— Tudo o que ouvi foram as meninas dizendo que ele falava com sotaque irlandês, como antes.

O irlandês.

— Ken e Keith sabem alguma coisa?

— O mesmo que eu.

Quando desliguei, dois camburões da polícia especial desciam a rua correndo, e eu pensava: malditos Spencer Boys.

DISCIPLINA PESADA CHEGANDO.

Era quase oito da noite, e o carro parecia ficar menor, a luz do Sol começando a apagar. Em toda a região de Leeds 7, fogueiras eram acesas, e não as tochas do maldito jubileu. Ellis e eu continuávamos sentados próximo à Spencer Place, sem fazer nada, suando.

Nervosos, como todo o restante da maldita cidade.

Ellis cheirava mal, e abrimos as janelas, sentindo o cheiro de madeira queimada, ouvindo miados e gritos no ar quente e espesso: quem não estava nas

barricadas construídas por nós colocava as garrafas de leite para fora, preparando-se para mais tarde.

Provocativo, pensei em dar um anel a Louise, e fiquei imaginando se ela já teria voltado do hospital, sentindo-me mal em relação ao pequeno Bobby e sobre o dia anterior, voltando à casa de Janice e ficando tão nervoso, *e tudo veio abaixo.*

GOLPE DURO.

Vidros quebrados, pisadas no freio, um carro vermelho descendo a rua em zigue-zague, sem o para-brisa, atingindo a guia e parando num poste.

— Meu Deus! — gritou Ellis. — É uma viatura.

Saímos do carro e corremos pela Spencer Place, em direção ao carro capotado.

Olhei para a rua.

Uma fogueira num terreno baldio próximo iluminava uma pequena gangue de caribenhos, com sombras escuras dançando e gritando, pensando unicamente em terminar o que haviam começado, batendo uns nos outros.

Olhei para a noite escura, para as barricadas e as fogueiras, para as altas chamas repletas de dores.

Um negro orgulhoso deu alguns passos à frente, cabelos dreadlocks e atitude de guerrilheiro Mau Mau.

Venha e verá.

Mas ouvi as sirenes, era a Patrulha de Operações Especiais, os nossos malditos monstros soltos ao vento, e voltei ao carro vermelho.

Ellis estava curvado, conversando com os dois homens de cabeça para baixo lá dentro.

— Eles estão bem — gritou para mim.

— Chame uma ambulância — eu disse. — Vou ficar com eles até a “cavalaria” chegar por aqui.

— Malditos negros — disse Ellis, correndo de volta para o nosso carro.

Olhei para dentro da viatura.

Estava escuro, e num primeiro momento não reconheci aqueles homens.

— Não se mexam. Vamos tirar vocês daí em um minuto — disse, tentando acalmá-los.

Eles concordaram e murmuraram.

Ouvi novos carros e novas freadas.

— Fraser — murmurou um dos homens.

Olhei para dentro, para o homem preso no banco do carona.

Era o maldito Craven, *o detetive inspetor Craven.*

— Fraser?

Fingi não escutá-lo, dizendo:

— Aguenta firme, cara.

Olhei mais uma vez para a rua e vi um camburão cuspindo policiais das forças especiais, avançando em direção aos caribenhos em volta da fogueira.

Ellis voltou.

— Assim que a ambulância chegar, Rudkin quer que a gente volte à delegacia. Disse que aquilo lá está um verdadeiro hospício.

— E isto aqui não? Espere aqui com eles — pedi, me levantando.

— Aonde você vai?

— Volto já.

Ellis murmurava algo e xingava enquanto eu voltava ao número 2, de volta a Janice.

— O que você quer, porra?

— Vamos entrar. Eu só quero conversar.

— Tenho uma surpresa — ela disse, e abriu a porta.

Estava descalça, usando uma longa saia de flores e uma camiseta.

Fiquei de pé no centro da sala, com a janela aberta, sentindo o cheiro de fumaça e ouvindo o início de um tumulto do lado de fora.

— Atiraram um tijolo ou algo parecido numa viatura.

— Sério? — ela perguntou, *como se aquilo não fosse um acontecimento rotineiro por ali durante as malditas noites.*

Fechei a boca e passei os meus braços ao redor do seu corpo.

— Então é isso o que você quer? — ela perguntou, sorrindo.

— Não — menti, chateado e excitado.

Ela se agachou, abriu o meu zíper e eu me atirei na sua cama.

Janice começou a me chupar, e a minha mente era um céu estrelado que aparecia e desaparecia, ouvindo sirenes e gritos, sabendo que aquela merda ainda nem começara.

— O que você quer, porra?

— Cala a boca, Ellis.

— Era o maldito detetive inspetor Craven naquela viatura, sabia?

— Está brincando?

Entrei no carro, a rua continuava cheia de luzes azuis e de policiais da Patrulha de Operações Especiais.

As fogueiras tinham sido apagadas, os caribenhos foram presos, Craven e o seu companheiro estavam no Saint James, mas o detetive Ellis ainda não estava contente.

Deixei que ele dirigisse.

— Onde você esteve?

— Esquece — respondi, em voz baixa.

— Rudkin vai nos matar — ele murmurou.

— Ele é um chato — comentei, suspirando.

Olhei para fora da janela aberta, para a Leeds negra. Era domingo, 29 de maio de 1977.

— Você acha que ninguém sabe sobre você e essa puta? — perguntou Ellis, de repente. — Todo mundo sabe. E isso é uma merda, é vergonhoso.

Eu não sabia o que dizer. Não me importava se ele sabia ou não, não me importava se alguém sabia, mas não queria que Louise soubesse, e não conseguia tirar da cabeça a imagem do pequeno Bobby.

Virei o corpo e disse:

— Não é hora pra isso. Deixe pra depois.

Pelo menos aquela vez ele aceitou o meu conselho, e eu voltei a olhar para fora da janela. Ele parecia concentrado na estrada, pronto para nos proteger.

Delegacia de Millgarth.

Dez horas, seguindo para a Idade Média.

Ao vivo da minha idade das trevas pessoal:

No andar de baixo, nas masmorras, chaves e fechaduras girando, correntes e algemas chacoalhando, cães e homens latindo.

Que comece a caça às bruxas:

O detetive inspetor Rudkin em mangas de camisa e matraqueando no final do corredor, calor branco/ luz branca.

— Que bom que vocês chegaram — ele sorriu com desdém.

Ellis, com o rosto esquelético e as palmas coçando, acenou, desculpando-se.

— Tudo certo com Bob Craven?

— Sim, nada além de alguns cortes e contusões — disse Ellis.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Casa cheia esta noite.

— Algo concreto?

— Talvez — ele respondeu, piscando. — E vocês?

— O mesmo de sempre: irlandês, taxista e o senhor Dave Cortina.

— Certo — disse Rudkin. — Venham aqui.

Ele abriu a porta de uma cela e... *caralho.*

— É um dos seus, certo?

— Certo — respondi, com o estômago revirado.

Lá estava Kenny D, um Spencer Boy, com a cueca barata baixada, deitado sobre a mesa, como se fosse um Cristo negro: cabeça e costas contra a madeira, braços e pernas esticados, pau e saco expostos para o mundo.

Rudkin fechou a porta.

O branco dos olhos de Kenny tinha praticamente desaparecido, ele lutava para ver quem chegara àquele inferno.

Até o momento em que me viu e entendeu: cinco policiais brancos e ele. Éramos Rudkin, Ellis e eu, além de dois homens uniformizados que o imobilizavam.

— Apenas um inquérito de rotina, nada mais — disse Rudkin, gargalhando. — O negrão aqui, ele tem uma espécie de consciência de culpa e decidiu

transformar-se no maldito Roger Bannister*** negro.

Kenny me olhava, com os dentes trincados de dor.

A porta se abriu atrás de mim, depois se fechou. Dei uma olhada. Encontrei Noble com as costas apoiadas na porta, observando.

Rudkin sorriu para mim e disse:

— Ele perguntou por você, Bob.

A minha boca ficou seca e parecia rachar quando perguntei:

— E falou algo mais?

— Só isso, certo, rapazes? — perguntou Rudkin, sorrindo junto aos dois uniformizados. — Você não quer contar ao detetive superintendente Fraser aqui por que queria falar com ele?

Um dos policiais uniformizados, puxando sua perna para cima, comentou rapidamente:

— Encontramos alguns dos seus equipamentos próximo ao número 3 da Francis Street.

E fez uma pausa para que eu me lembrasse:

Senhora Marie Watts, moradora do número 3 da Francis Street, em Leeds 7.

— E afirma não conhecer a falecida senhora Marie Watts — disse Rudkin, em voz alta.

Eu estava de pé naquela cela, com as paredes se fechando, o calor e a umidade aumentando, pensando: “Porra, Kenny!”.

— Eu já falei pra ele — persuadiu Rudkin. — Já falei que vou colocar um pouco de azul nessa pele preta caso não me dê algumas respostas.

Deitado sobre a mesa, Kenny fechou os olhos.

Eu me curvei, aproximando minha boca do seu ouvido.

— Diz — murmurei.

Ele manteve os olhos fechados.

— Kenny — chamei —, esses caras vão acabar com você, e ninguém dará a mínima.

Ele abriu os olhos, me encarando.

— Levantem ele — pedi.

E fui em direção à parede oposta. Havia um pedaço de jornal colado à pintura

cinzenta.

— Mais perto.

Eles o levaram, com os olhos grudados na parede.

— Leia, Kenny — murmurei.

Havia sangue nos seus dentes enquanto ele lia a manchete em voz alta:

— “Policiais não serão julgados pela morte de detento”.

— Quer ser o próximo Liddle Towers, porra?

Ele engoliu em seco.

— Responda.

— NÃO! — ele gritou.

— Então sente aí e comece a falar — gritei, empurrando-o para a cadeira.

Noble e Rudkin sorriam, Ellis me observava de perto.

Insisti:

— Vamos, Kenny! A gente sabe que você conhecia Marie Watts. O que queremos saber é como as suas coisas foram parar na casa dela?

Seu rosto parecia assustado, seus olhos estavam vermelhos, e eu esperava que ele fosse esperto o suficiente para notar quem era o seu único amigo naquela noite...

Finalmente, ele disse:

— Perdi a minha chave, certo?

— Vamos lá, Kenny. Não estamos na televisão.

— Estou te dizendo. Peguei algumas coisas com os meus primos e perdi a minha chave, e Marie disse que tudo bem se deixasse na casa dela.

Olhei para Ellis e fiz um sinal com a cabeça.

Usando os punhos, ele bateu com força nas escápulas de Kenny.

Ele gritou, caindo no chão.

Eu me agachei, ficando olho a olho.

— Porra, Kenny, eu só quero que nos diga, seu preto mentiroso de merda.

E dei um novo sinal.

Os homens de uniforme o sentaram novamente na cadeira.

Sua boca rosada e carnuda estava aberta, sua língua branca, suas mãos pousadas nos ombros.

— *Oh, why are we waiting, joyful and triumphant...* — comecei a cantar, e os demais me seguiram.

A porta se abriu e outro homem entrou, sorrindo, e foi para o fundo da cela.

— *Oh, why are we waiting, joyful and triumphant. Oh, why are we waiting...*

Dei um sinal e todos pararam.

— Você estava comendo essa mulher, confessa.

Ele fez que sim.

— Não ouvi — murmurei.

Ele engoliu em seco, fechou os olhos e murmurou:

— Sim.

— Sim o quê?

— Eu estava...

— Mais alto.

— Eu estava comendo ela.

— Comendo quem?

— Marie.

— Que Marie?

— Marie Watts.

— O que tem ela, Kenny?

— Eu estava comendo a Marie Watts.

Ele chorava, suas lágrimas eram fartas.

— Seu macaco maldito.

Senti a mão de Rudkin nas minhas costas.

Virei o corpo.

Noble piscou.

Ellis me olhava.

Tínhamos terminado.

Por enquanto.

Fiquei de pé no corredor branco, do lado de fora da cela.

Liguei para casa.

Ninguém atendeu.

Continuavam no hospital ou estariam dormindo, no andar de cima. Seja como for, ela poderia estar mal.

Tive uma visão do seu pai na cama do hospital, dela caminhando pela enfermaria, com Bobby nos braços, tentando fazer com que parasse de chorar.

Desliguei.

Liguei para Janice.

Ela atendeu.

— Você de novo?

— Está sozinha?

— Agora, sim.

— E mais tarde?

— Espero que não.

— Vou tentar aparecer por aí.

— Sei que você virá.

Ela desligou.

Olhei para o piso já sem cor, para as marcas de botas e para a sujeira, para as sombras e a luz.

Não sabia o que fazer.

Não sabia para onde ir.

* Morador de Spencer Place, baixo de Leeds, região conhecida por abrigar imigrantes, e com histórico de tráfico de drogas e prostituição. [N. E.]

** A data 7 de junho de 1977 seria o Dia do Julgamento para os jamaicanos. [N. E.]

*** Atleta inglês, foi o primeiro a correr uma milha em menos de quatro minutos em 1954. [N. E.]

Ouvinte: Veja isso de ontem: “Multidão aos berros cerca a rainha. Um passeio real no Camperdown Park transformou-se numa assustadora demonstração de histeria quando milhares de pessoas, gritando e berrando, ultrapassaram as frágeis barreiras feitas com cordas e cercaram a rainha e o Duque de Edimburgo. A polícia tentou combatê-los, mas a rainha foi empurrada por pessoas dizendo: ‘Eu toquei a rainha’ ”.

John Shark: Pobrezinha.

Ouvinte: E se isso não fosse suficiente: “Mais cedo, funcionários públicos foram chamados para apagar slogans antimonárquicos das paredes e outdoors no trajeto feito pela rainha”.

John Shark: Malditos escoceses, são piores que os irlandeses.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Segunda-feira, 30 de maio de 1977

2

Antiga cidade inglesa de merda? Como essa antiga cidade inglesa de merda pode continuar existindo! E a bem conhecida e enorme chaminé cinzenta de sua antiga fábrica? Como isso pode estar por aqui! Não há qualquer centelha de ferro enferrujado no ar, de nenhum ponto do panorama. Mas o que é essa centelha que surge, e quem a ativou? Talvez tenha surgido por ordem da rainha, para combater uma horda de ladrões da Commonwealth, um a um. É isso, pois os pratos são tocados e a rainha segue ao seu palácio numa longa procissão. Dez mil espadas brilham sob a luz do sol, e um número três vezes maior de dançarinas atiram flores. Seguem-se elefantes brancos enfeitados nas cores vermelha, azul e branca, inúmeros, e os seus domadores. Ainda assim, a chaminé se ergue ao fundo, onde não deveria estar, sem qualquer fumaça contorcendo-se no espigão soturno. Espere! A chaminé é tão baixa quanto um espeto enferrujado no topo de um postigo de um antigo leito cambaleante. Espere! Eu tenho mais de 25 anos, e os sinos tocam de alegria. Espere.

O telefone tocava.

Eu sabia que era Bill. E sabia o que ele queria de mim.

Estiquei o corpo em direção ao outro travesseiro marrom, aos livros antigos e amarelados, às cinzas espalhadas, e atendi:

— Residência dos Whitehead.

— Apareceu outra. Preciso de você aqui.

Desliguei o telefone e me deitei entre os lençóis e cobertores.

Fiquei olhando para o teto, para os adornos do lustre, para a pintura gasta e para as rachaduras.

E pensei nela, e pensei nele, enquanto os sinos da Saint Anne repicavam no amanhecer.

O telefone voltou a tocar, mas eu fechei os olhos.

Acordei do meu sonho banhado em suor, como um estuprador, e rezei para que aquele sonho não fosse meu. Do lado de fora, as árvores, remanescentes de salgueiros, estavam suadas, o rio corria escuro como uma caixa envernizada, e a Lua e as estrelas, no pano estendido lá em cima, espreitavam o meu coração nebuloso.

The World's Forgotten Boy.

Atravessando o piso gasto, arrastei minha velha bolsa Dickens em direção à cômoda, parando em frente ao espelho, vendo os ossos solitários que preenchiam o terno surrado dentro do qual eu dormi, sonhei e me ocultei.

Love you, love you, love you...

E me sentei na frente da cômoda, num banco feito na época da faculdade, e tomei um gole de uísque, pensando em Dickens e no seu Edwin, em tudo isso.

Eddie, Eddie, Eddie.

E cantarolei:

One Day my Prince Will Come, ou talvez *If I'd Have Known You Were Coming I'd Have Baked a Cake*?

As mentiras que contamos e as que não contamos:

Carol, Carol, Carol.

Que pessoa maravilhosa.

Tudo esporrado no chão do meu banheiro, nas minhas costas, buscando o papel higiênico.

Limpei o sêmen da minha barriga e enrolei os lençóis, formando uma bola, afastando-os de mim.

As Tentações do Santo Jack.

Mais uma vez, o sonho.

Mais uma vez, a mulher morta.

Mais uma vez, o veredito e a sentença chegando.

Mais uma vez, tudo acontecia mais uma vez.

Acordei no chão, de joelhos, ao lado da cama, com as mãos em prece, agradecendo a Jesus Cristo, meu salvador, por não ser o assassino do sonho, agradecendo por estar vivo e por ter me perdoado, pois eu não a matara.

A caixa de correio fez um barulho.

Vozes de crianças gritando pelo buraco da porta:

Jack drogado! Jack bêbado! Vá se foder, Jack de merda!

Eu não saberia dizer se era de manhã ou de tarde, ou se era apenas mais uma gangue de meninos sem ter o que fazer e que, sob aquele sol terrível, tinha sido enviada para testar a minha paciência.

Rolei na cama e voltei a ler *Edwin Drood*, esperando que alguém viesse e me afastasse um pouco de tudo aquilo.

O telefone tocava novamente.

Que alguém salve a minha alma.

— Você está bem? Sabe que horas são?

Horas? Eu nem sabia em que ano estávamos, mas fiz que sim e disse:

— Não consegui sair da cama.

— Certo. Pelo menos está aqui. Com desculpas esfarrapadas e tudo o mais.

Talvez o normal fosse que eu estivesse sentindo falta de tudo aquilo, da agitação e das discussões da redação, dos seus sons e cheiros, mas eu odiava e morria de medo de tudo aquilo. Odiava e morria de medo, assim como odiava e morria de medo dos corredores e salas de aula da escola, com seus sons e cheiros.

Eu tremia.

— Esteve bebendo?

— Durante quarenta anos.

Bill Hadden sorriu.

Ele sabia que eu estava devendo, eu sabia que ele pedia para fazer as contas.

Mas, olhando para as minhas mãos, eu não era capaz de imaginar por quê.

Os preços que pagamos, as dívidas que incidem.

Tudo para nunca jamais.

Ergui os olhos e perguntei:

— Quando a encontraram?

— Ontem de manhã.

— Perdi a coletiva de imprensa, então?

Bill voltou a sorrir.

— Vai sonhando...

Suspirei.

— Soltaram um comunicado ontem à noite, mas a coletiva foi marcada para as onze de hoje.

Olhei para o meu relógio.

Estava parado.

— Que horas são?

— Dez — ele respondeu, forçando um sorriso.

Peguei um táxi na frente do prédio do *Yorkshire Post* em direção ao mercado Kirkgate e me sentei num parapeito, sob o sol fraco da manhã, junto a todos os demais anjos tolos, tentando entender tudo aquilo. Mas o fundo da calça do meu terno fedia, e o colarinho estava cheio de caspa, e eu não conseguia tirar "The Little Drummer Boy" da minha cabeça, e estava cercado de bares, todos fechados por mais uma hora, e havia lágrimas nos meus olhos, terríveis lágrimas que não cessaram durante quinze minutos.

— Olha quem apareceu... — disse o sargento Wilson, que continuava na sua mesa.

— Oi, Samuel — cumprimentei, fazendo um gesto com a cabeça.

— Quanto tempo! — ele disse.

— Nem tanto.

Ele sorria.

— Está aqui para a coletiva de imprensa?

— Talvez tenha vindo para cuidar da minha boa saúde...

— Jack Whitehead? Boa saúde? Nunca. — Ele apontou para as escadas. — Você conhece o caminho.

— Infelizmente.

Não estava tão cheio quanto eu imaginava que estaria, e eu não reconheci ninguém.

Acendi um cigarro e me sentei no fundo da sala.

Havia várias cadeiras à frente, e um funcionário colocava cerca de dez garrafas de água na mesa. Imaginei se deixaria que eu ficasse com uma, mas sabia que não.

A sala começou a ficar cheia de homens que pareciam jogadores de futebol, e duas mulheres entraram. Por um momento, pensei que uma delas fosse Kathryn, mas, quando ela me olhou, notei que não.

Acendi outro cigarro.

Uma porta se abriu à frente e os policiais entraram, com ternos e gravatas manchados de suor, pescoços e rostos vermelhos, pareciam não ter dormido.

De repente, a sala ficou lotada, sem ar.

Era segunda-feira, 30 de maio de 1977.

Eu estava de volta.

Obrigado, Jack.

George Oldman, no centro da mesa, começou a falar:

— Obrigado. Tenho certeza de que já sabem — ele sorria — que o corpo de uma mulher foi encontrado em Soldier’s Field, Roundhay, no início da manhã de ontem. O corpo foi identificado como sendo da senhora Marie Watts, antes conhecida como Marie Owens, de 32 anos, que morava na Frances Street, em Leeds.

“A senhora Watts foi vítima de um ataque particularmente brutal, cujos detalhes ainda não podemos revelar nesta fase da investigação. No entanto, um

exame preliminar, feito pelo professor Farley, do Departamento de Medicina Legal da Universidade de Leeds, determinou que a senhora Watts foi morta com um golpe forte na cabeça, dado com um objeto sem ponta e pesado."

Um golpe forte, e eu notei que não deveria estar ali, deixando que me levassem de lá.

Soldier's Field. Sob uma capa de chuva barata, com um suéter com gola alta e sutiã rosa esgarçado sobre seus seios grandes e flácidos, as vísceras escapando das feridas de seu estômago.

Oldman dizia:

— A senhora Watts morava em Leeds desde outubro do ano passado, quando veio da região de Londres, onde dizem ter trabalhado em vários hotéis. Estamos particularmente interessados em conversar com qualquer pessoa que possa nos oferecer mais informações sobre a senhora Watts e sobre sua vida em Londres.

"Também gostaríamos de fazer um apelo a qualquer pessoa que esteve nas imediações de Soldier's Field no sábado à noite ou no domingo de manhã. Pedimos que entrem em contato conosco apenas para afastarmos hipóteses equivocadas. Estamos particularmente interessados em conversar com os motoristas dos seguintes carros: um Ford Capri branco, um Ford Corsair vermelho ou marrom e um Land Rover escuro.

"Mais uma vez, repito, estamos tentando rastrear esses veículos e seus motoristas para afastar hipóteses equivocadas, e nada mais. Qualquer informação recebida será estritamente confidencial."

Antes de continuar, Oldman tomou um gole de água.

— Além disso, gostaríamos de deixar um apelo ao senhor Stephen Barton, morador da Frances Street, em Leeds, para que viesse até aqui. O senhor Barton era amigo da vítima e pode ter informações valiosas sobre as últimas horas de vida da senhora Watts.

Oldman fez uma pausa, depois sorriu.

— Repito que queremos afastar hipóteses equivocadas, e gostaríamos de enfatizar que o senhor Barton não é um suspeito.

Mais uma pausa, e Oldman murmurou algo aos dois homens sentados ao seu lado.

Tentei me lembrar dos nomes: Noble e Jobson eu conhecia, os outros quatro eram familiares.

Oldman disse:

— Como alguns de vocês sem dúvida sabem, existem algumas semelhanças entre este assassinato e os de Theresa Campbell, em junho de 1975, e Joan Richards, em fevereiro de 1976. As duas eram prostitutas e trabalhavam na região de Chapeltown.

A sala explodiu, e eu permaneci sentado, chocado por Oldman ser tão explícito, pois ele não costumava agir assim.

George movia as mãos para cima e para baixo, tentando acalmar o público:

— Senhores, gostaria de terminar.

Mas não conseguiu deter os ânimos, ninguém poderia.

Foi pior do que eu imaginava que seria, foi mais do que eu imaginava que seria: *calcinha branca solta numa das pernas, sandálias ao lado das coxas.*

Oldman parou, armando-se com o seu melhor olhar, até que a sala ficasse calada.

— Como eu dizia — ele continuou —, algumas semelhanças não podem ser ignoradas. Ao mesmo tempo, não podemos afirmar categoricamente que os três assassinatos são obra do mesmo indivíduo. No entanto, uma possível conexão nos faz seguir uma linha de investigação.

"E, para terminar, gostaria de anunciar a formação de uma força-tarefa sob comando do detetive chefe superintende Noble, aqui presente."

E instalou-se o caos. A sala era pequena para tantos homens e tantas perguntas. À minha volta, homens de pé, gritando para Oldman e seus rapazes.

George Oldman sorria, olhando para todos eles. Apontou para um dos repórteres, fazendo sinal de que não ouvia sua pergunta, fingindo indignar-se por não conseguir entendê-lo. E levantou as mãos, como quem diz: "Agora chega".

O barulho cessou, as pessoas sentaram na beirada de suas cadeiras prontas para o ataque.

Oldman apontou para o homem que continuava de pé.

— Sim, Roger?

— Essa última vítima, Marie Watts, também era prostituta?

Oldman olhou para Noble, e Noble curvou o corpo em direção ao microfone de Oldman, dizendo:

— Nesse ponto da nossa investigação, não podemos confirmar nem negar essa suposição. No entanto, recebemos informações de que a senhora Watts era conhecida na cidade como sendo o que poderíamos chamar de "mulher da vida".

Mulher da vida.

E todos pensaram: "Puta".

Oldman apontou para outro homem.

Este se levantou e perguntou:

— Que similaridades fizeram vocês investigarem essa possível conexão?

Oldman sorriu.

— Como eu já disse, alguns detalhes sobre o caso ainda não podem vir a público. No entanto, existem algumas similaridades, como a localização dos assassinatos, a idade e o estilo de vida das vítimas e a forma como foram mortas.

Eu me afogava:

Sangue, espesso, negro, sangue pegajoso, seus cabelos enrolados a pedaços de ossos e massa cinzenta, encharcando-se lentamente sobre a grama de Soldier's Field, e me encharcando lentamente.

Do fundo da sala, ergui a mão acima da água.

Oldman me olhou, franziu a testa por um momento, depois sorriu, dizendo:

— Jack?

Eu fiz que sim.

Algumas pessoas que estavam na frente da sala voltaram-se para trás.

— Sim, Jack? — ele perguntou novamente. Levantei-me devagar e perguntei:

— Até agora, apenas esses três assassinatos estão sendo considerados?

— Até agora, sim.

Oldman apontou para outro homem.

Eu voltei a me sentar, aliviado, com as perguntas e respostas voando ao meu redor.

Por um momento, fechei os olhos e me deixei levar.

No início, o sonho é pesado, escuro e chega a cegar; depois, lentamente, as coisas tomam forma, girando devagar, em círculos.

Abro os olhos, e ela permanece lá:

De camisola branca da Marks & Spencer, molhada de sangue escuro, sangue vindo do buraco aberto por ele.

Janeiro de 1975, um mês após Eddie.

O fogo no fundo dos meus olhos, eu sinto o fogo no fundo dos meus olhos e sei que ela está novamente lá, brincando com fósforos no fundo dos meus olhos, acendendo os seus faróis.

Cheia de buracos, por todas aquelas cabeças cheias de buracos. Cheia de buracos, todas essas pessoas cheias de buracos. Cheia de buracos, Carol cheia de buracos.

— Jack?

Havia uma mão no meu ombro, e voltei.

1977.

Era George, havia um policial segurando a porta para ele, e a sala estava vazia.

— Ficou perdido lá atrás?

E me levantei, com a boca cheia de ar e cuspe, suja.

— George — cumprimentei, apertando sua mão.

— Que bom te rever — ele disse, sorrindo. — Como vai?

— Você sabe.

— Sei — ele disse, fazendo que sim, pois sabia exatamente como eu estava. — Espero que esteja bem.

— Você me conhece, George.

— Certo. Quero que diga a Bill, da minha parte, espero que ele esteja cuidando bem de você.

— Vou dizer.

— Bom te rever — ele repetiu, seguindo em direção à porta.

— Obrigado.

— Ligue se precisar de alguma coisa — disse, atravessando a porta, e dizendo

ao jovem policial: — É o melhor jornalista que já conheci, aquele homem.

E eu, *o melhor jornalista que George Oldman já conheceu,* fiquei sentado, sozinho, naquela sala vazia.

Voltei ao coração de Leeds, fazendo um tour por aquele inferno seco e abafado.

Meu relógio parou novamente, e me estiquei para escutar os sinos da catedral, tentando vencer todo o barulho. Música alta em todas as lojas por onde eu passava, as raivosas buzinas dos carros, palavras quentes em todas as esquinas.

Procurei os pináculos no céu, mas só havia fumaça. O Sol do meio-dia estava alto e quente na minha testa.

No momento em que alguém caminhava bem na minha frente, desviando-se à direita ao passar por mim, coloquei uma das mãos na frente dos olhos. Depois me virei e vi uma sombra escura desaparecendo num beco.

Busquei a tal sombra, mas ouvi o som de patas de cavalos sobre o pavimento atrás de mim, e quando me virei tudo o que havia era um caminhão de cerveja tentando entrar na rua estreita.

Pressionei o meu rosto contra a parede e deixei que passasse, ficando com tinta vermelha na parte da frente do meu terno e nas minhas mãos.

Dei um passo para trás e olhei para o muro antigo, e para uma palavra escrita em vermelho:

Tofete.

Fiquei de pé no beco, observando a palavra secar, sabendo que já estivera ali antes, que já vira aquela sombra antes, em algum lugar.

— Hoje não é um bom dia para ficar andando por aí coberto de sangue — disse Gaz Williams, editor de esportes, sorrindo.

Stephanie, uma das tipógrafas, não sorria. Olhou para mim, triste, e perguntou:

— O que aconteceu?

— Maldita tinta fresca — respondi, sorrindo.

— Isso é o que você diz... — comentou Gaz.

A conversa foi leve, como sempre. George Greaves, o único que trabalhava por lá há mais tempo que eu ou Bill, estava com a cabeça apoiada na mesa, cochilando após o almoço. Um aparelho de rádio estava ligado em algum lugar, na estação local, com o som de máquinas de escrever e telefones, e centenas de fantasmas me esperando na minha mesa.

Eu me sentei e tirei a capa da máquina de escrever, colocando uma folha em branco e me preparando para trabalhar, de volta às raízes.

Datilografei:

POLÍCIA PROCURA ASSASSINO SÁDICO DE MULHERES

Os detetives estão atrás do homem que matou a senhora Marie Watts, de 32 anos, deixando o seu corpo num parque não muito distante do centro de Leeds. O corpo da senhora Watts, moradora da Francis Street, em Leeds, foi encontrado por um homem que corria pelo parque ontem de manhã.

O cadáver estava no Soldier's Field, em Roundhay, próximo à escola Roundhay e ao hospital Roundhay Hall. O detetive-chefe superintendente Peter Noble disse que a mulher apresentava graves feridas na cabeça, além de outras que não quis explicitar. O assassino era um sádico, provavelmente um pervertido sexual.

Embora essas declarações não sejam comuns, o subdiretor de polícia, George Oldman, confirmou que a polícia está investigando possíveis conexões com outros dois assassinatos de mulheres em Leeds, casos que não foram resolvidos:

Jun. de 1975: Theresa Campbell, de 26 anos, mãe de três filhos, moradora da Scott Hall Avenue, encontrada morta no parque Prince Philip.

Fev. de 1976: Joan Richards, de 45 anos, mãe de quatro filhos, de New Farnley, encontrada morta num beco sem saída de Chapeltown.

Dizem que a última vítima, a senhora Watts, mudou-se para Leeds, vinda de Londres, em outubro do ano passado. A polícia gostaria de conversar com qualquer pessoa que tenha informações sobre ela, também conhecida como Marie Owens. A polícia também gostaria de conversar com o senhor Stephen

Barton, morador da Francis Street, em Leeds, e amigo da senhora Watts. Acredita-se que ele tenha informações sobre as últimas horas de vida da vítima. No entanto, os policiais deixaram bem claro que o senhor Barton não é suspeito.

O subdiretor de polícia, Oldman, também pediu que qualquer pessoa que esteve nos arredores de Soldier's Field no último sábado vá à delegacia. A polícia está particularmente interessada nos motoristas de um Ford Capri branco, de um Ford Corsair vermelho escuro e de um Land Rover. O senhor Oldman deixou claro que está à procura dos motoristas desses carros unicamente para afastar hipóteses equivocadas, e que qualquer informação será tratada com total sigilo.

Quem tiver qualquer informação deverá entrar em contato com a delegacia mais próxima ou com o Departamento de Homicídios, telefonando para Leeds: 461212.

Tirei o papel da máquina e li.

Nada mais que uma pilha de palavras horrorosas, juntas, formando uma cadeia de horrores.

Queria tomar um drinque, fumar um cigarro e sumir dali.

— Terminou? — perguntou Bill Hadden, atrás de mim.

Fiz que sim e entreguei o papel a ele, como se fosse algo que eu tivesse encontrado.

— O que você acha?

Nuvens se aproximavam do lado de fora da janela, deixando a tarde cinzenta, lançando uma espécie de calmaria sobre a cidade e a redação, e eu fiquei sentado, esperando Bill terminar de ler, sentindo-me mais solitário que nunca.

— Excelente — ele disse, sorrindo.

— Obrigado — agradeci, esperando que uma orquestra começasse a tocar, que os créditos finais subissem e as lágrimas rolassem.

Mas não...

— O que vai fazer agora?

Eu me recostei na cadeira e sorri.

— Quero muito tomar um drinque. E você?

Aquele homem grandalhão, com rosto vermelho e barba branca, suspirou e fez

que não, dizendo:

— É um pouco cedo pra mim.

— Pra beber não existe cedo demais, apenas tarde demais.

— Nos vemos amanhã, então? — ele perguntou, esperançoso.

Eu me levantei da cadeira, piscando os olhos sem muita vontade e sorrindo.

— Claro.

— Certo.

— George? — gritei.

George Graves ergueu os olhos de sua mesa.

— Oi, Jack, o que foi?

— Vamos ao Press Club?

— Certo, mas vai ter que ser rápido — respondeu, sorrindo para Bill.

No elevador, George acenou para a redação, e eu me curvei, pensando: “Um homem pode servir ao seu tempo de muitas formas”.

Press Club, escuro como sempre.

Nem me lembrava da última vez que estivera ali, mas George me ajudava.

— Porra, essa foi boa.

Eu não tinha ideia do que ele falava.

No bar, Bet também olhou para mim.

— Quanto tempo, Jack!

— É...

— Como vai, meu querido?

— Tudo bem. E você?

— As minhas pernas já não são tão jovens.

— Você não precisa delas — sorriu George. — Fique como nós, sem pernas. Certo, Jack?

Todos sorrimos, e eu me lembrei de Bet, de suas pernas e das vezes que eu imaginei que poderia viver para sempre, de quando eu realmente queria isso, antes de saber que esta poderia ser uma terrível maldição.

— Uísque? — perguntou Bet.

— Muitas doses — respondi.

— Certo.

Todos sorrimos, eu com uma ereção e um uísque.

Do lado de fora lá estava eu, puto da vida, encostado numa parede com a palavra *ÓDIO* pintada em tinta branca.

Sem motivo, sem razão, apenas *ÓDIO.*

As letras se distorciam, e eu me perdia entre elas, entre as coisas que deveria ter escrito e as que escrevi.

Histórias, estaria contando outras histórias no bar.

Gângsters de Yorkshire e policiais de Yorkshire, e mais tarde Cannock Chase e o Pantera Negra.

Histórias, apenas histórias. Com poucas histórias reais, *histórias verdadeiras*, as que me levavam até lá e me colocavam diante de uma parede onde estava escrito *ÓDIO.*

Clare Kemplay e Michael Myshkin, os tiroteios do Strafford, o assassino *Exorcista.*

Todo cão tem o seu dia, todo gato também, e todo Napoleão tem um Waterloo.

Histórias verdadeiras.

Preto e branco contra uma parede que falava *ÓDIO.*

Passei os dedos sobre a tinta.

E lá estava eu, imaginando *para onde tinham ido todos os skinheads?*

E lá estavam eles, todos ao meu redor.

Cabeças raspadas e hálito de cerveja.

— Então, vovô — disse um deles.

— Cai fora, babaca — respondi.

Ele deu um passo à frente dos amigos.

— Por que resolveu dizer isso, seu velho idiota, nojento? Vou ter que acabar com você agora, sabia?

— Tente — desafiei, e ele imediatamente me deu um soco, fazendo com que eu parasse de me lembrar, interrompendo minhas memórias por alguns

momentos.

Por alguns poucos momentos.

Eu a segurava na rua, entre os meus braços, com sangue nas minhas mãos, sangue no rosto dela, sangue nos meus lábios, sangue na sua boca, sangue nos meus olhos, sangue nos seus cabelos, sangue nas minhas lágrimas, sangue nas suas lágrimas.

Mas nem uma mágica poderia nos salvar, e eu virei o corpo e tentei me levantar, e Carol pediu: "Fique!". Mas já tinham se passado vinte e cinco anos ou mais, e eu precisava ir embora, precisava deixá-la sozinha na rua, naquele rio de sangue.

Ergui os olhos e tudo o que vi foi Laws, o reverendo Laws, a Lua e ele.

Carol se fora.

Eu estava de pé no meu quarto, com as janelas abertas, preto e azul, como a noite.

Tomei uma dose de uísque para limpar o sangue dos meus dentes, com um gravador junto aos lábios:

"Hoje é dia 30 de maio de 1977, Ano Zero, Leeds, e eu estou de volta ao trabalho..."

Queria dizer mais, não muito mais, mas as palavras não me obedeciam, e apertei a tecla stop, seguindo em direção à cômoda, abrindo a última gaveta e olhando para as pequenas fitas em suas pequenas caixas, todas com suas datas e locais escritos com letras pequenas, como todos os livros da minha juventude, todos os meus Jack, o Estripador, e os doutores Crippens, Seddons e Buck Ruxton, e peguei um ao acaso (ou pelo menos foi o que pensei), depois me deitei, com os pés sob os lençóis sujos, olhando para o teto velho, no instante em que os seus gritos tomaram o quarto.

Acordei no meio da noite escura pensando: "E se ele não estiver morto?".

Ouvinte: Nas últimas duas ou três décadas, os criminologistas americanos têm feito sistemáticas tentativas de quantificar e analisar o lado obscuro dos crimes...

John Shark: O lado obscuro dos crimes?

Ouvinte: É, o lado obscuro dos crimes, as várias pessoas que aprisionaram, em seu passado, crimes quase desconhecidos pelas autoridades ou, quando conhecidos, deixados de lado. Após um estudo sistemático sobre abusos sexuais, o doutor Raazinowicz acredita que apenas cinco entre cem casos são notificados.

John Shark: Isso é escandaloso.

Ouvinte: Em 1964, ele sugeriu que os crimes trazidos à luz e punidos não representavam mais de quinze por cento da grande maioria de crimes cometidos.

John Shark: Quinze por cento!

Ouvinte: E estávamos em 1964.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Terça-feira, 31 de maio de 1977

3

Departamento de Homicídios, Millgarth.

Eu, Rudkin e Ellis.

Pouco mais das seis, manhã de terça-feira, 31 de maio de 1977.

Sentados ao redor de uma grande mesa, com os telefones silenciosos, tamborilando os dedos.

Entrando pelas portas duplas, o subdiretor de polícia Oldman e o detetive-chefe superintendente Noble, que jogou dois envelopes pardos sobre a mesa.

O detetive inspetor Rudkin pressionou um deles e disse:

— Pelo amor de Deus, de novo, não.

Li: *Preston, novembro de 1975.*

Merda.

Eu sabia o que significava:

Dois passos à frente, seis passos para trás...

Novembro de 1975: Os tiroteios do Strafford ainda frescos, investigações internas chegando aos nossos ouvidos, Peter Hunter e seus cães farejando as nossas bundas. A polícia metropolitana de West Yorkshire mantendo nossas costas contra a parede e nossas bocas fechadas, caso soubéssemos o melhor a fazer, de que lado da torrada havia manteiga ou não, etc., *Michael Myshkin se afundando, o juiz atirando a maldita chave para longe.*

— Clare Strachan — murmurei.

Novembro de 1975: NOVAMENTE.

Ellis estava perdido.

Rudkin estava a ponto de explicar tudo a ele, mas George o interrompeu dizendo:

— Como vocês sabem, Clare Strachan, reconhecidamente prostituta, foi estuprada e espancada até a morte em Preston, quase dois anos atrás, em novembro de 1975. Imediatamente, os homens de Lancashire vieram até aqui para revisar os arquivos de Theresa Campbell, e os nossos John e Bob Craven

foram até lá no ano passado, quando pegamos Joan Richards.

Eu pensava: *estão ignorando Rudkin. Mas por quê?*

Dei uma olhada nele, que movia a cabeça, louco para falar alguma coisa.

Mas Oldman o mantinha afastado.

— Agora, seja lá o que vocês pensem, contando ou não com a morte de Clare Strachan, voltaremos a Preston para revisar esse maldito arquivo novamente.

— Maldita perda de tempo — disse Rudkin, finalmente.

Oldman ficou vermelho, o rosto de Noble ficou tenso.

— Sinto muito, senhor, mas eu e Bob passamos dois dias... dois, certo?... E estou... e posso dizer que não foi o mesmo homem. Gostaria que fosse, mas não foi.

Ellis perguntou:

— O que você quer dizer com "gostaria que fosse"?

— Digo isso porque ele deixou um bom rastro. É um milagre que ainda não o tenhamos alcançado.

Noble bufou, como quem diz: "Essa é Lancashire".

— O que te faz ter tanta certeza de que não foi a mesma pessoa? — perguntou Ellis.

— Bem, ele começou estuprando, depois comeu o cu dela. E gozou nas duas vezes, embora eu não entenda como tenha feito isso. E digo também pelo estado em que ela ficou.

— Feio?

— Não comece a descrever.

Ellis abriu um meio sorriso, dizendo a todos o que já sabiam:

— Não parece obra do nosso cara. Não mesmo.

— Ele simplesmente deixa caído sobre a grama — disse Rudkin, fazendo que não com a cabeça.

— Algo mais? — perguntei.

— Sim, quando terminou de se divertir, ele pulou em cima dela até que o seu peito parasse de se movimentar. Bota tamanho 44.

Olhei para Oldman.

Oldman sorriu e disse:

— Todos terminaram?

— Sim — disse Rudkin.

— Ótimo, pois não quero me atrasar. E vocês?

— Ah, pelo amor de Deus.

— Alf não gosta de ficar esperando.

O detetive-chefe superintendente Alfred Hill, principal homem do Departamento de Criminologia de Lancashire.

— Eu, de novo? — perguntou Rudkin, olhando em volta da sala.

Noble apontou para Rudkin, Ellis e para mim.

— Vocês três.

— E quanto a Steve Barton e o irlandês?

— Mais tarde, John, mais tarde — respondeu Oldman, levantando-se.

No estacionamento, Rudkin atirou as chaves para Ellis.

— Dirija.

Ellis parecia a ponto de ter um orgasmo.

— Claro — respondeu.

— Vou tirar uma soneca — disse Rudkin, entrando no banco de trás do Rover.

O sol brilhava e eu liguei o rádio.

Duzentos mortos no incêndio de um clube noturno de Kentucky, cinco acusados pela morte do capitão Nairac, 21 jovens de cor presos em conexão com uma gangue de roubos nas ruas do sudeste de Londres, 23 milhões assistem ao Royal Windsor Show.

— Putas idiotas — disse Ellis, sorrindo.

Abri a janela e coloquei minha cabeça contra a brisa enquanto ganhávamos velocidade e saíamos pela M62.

— Você conhece a porra do caminho? — gritou o detetive inspetor Rudkin, do banco de trás.

Eu fechei os olhos, com 10CC e ELO tocando durante todo o caminho.

Em algum ponto além dos Moors, acordei com uma ideia.

O rádio estava desligado.

Silêncio.

Olhei para os carros e caminhões ao lado, os Moors atrás, e era difícil pensar em outra coisa.

— Você deveria ter visto isso aqui no último mês de fevereiro, quando vim dirigindo com Bob Craven — disse Rudkin, enfiando a cabeça entre os dois assentos dianteiros. — Fomos pegos por uma tempestade, não enxergávamos nada à nossa frente. Foi assustador. A gente se cagou de medo.

Ellis olhava para a estrada e para Rudkin.

Perguntei:

— Alf Hill era um dos grandes, certo?

— Certo. Foi o primeiro a falar com ela. E foram os seus homens que encontraram as fitas e tudo o mais.

— Porra — reclamou Ellis.

— Ele a odeia mais do que Brady.

Olhávamos para os Moors, para o Sol brilhando prateado, para as sombras escuras de ocasionais nuvens, para as sepulturas não sinalizadas.

— Isso nunca termina — comentou Rudkin, recostando-se. — Essa merda não termina nunca.

Eram 9h30 e estacionávamos no quartel-general de Lancashire, em Preston.

O detetive inspetor Rudkin suspirou e vestiu o paletó.

— Preparem-se para o tédio absoluto.

Lá dentro, Rudkin se apresentava, enquanto nós nos cumprimentávamos, conversando sobre amigos em comum e subindo as escadas em direção à sala de Alf Hill.

O sargento, sem uniforme, bate na porta, e entramos.

O detetive-chefe superintendente Hill é um homem baixo,
parecido com Old Man Steptoe**** após uma noite dura. Ele tosse num lenço sujo.

— Sentem-se — disse, antes de cuspir no pedaço de pano.

Não nos cumprimentamos.

— Novamente aqui — ele disse a Rudkin, com um sorriso forçado.

— Pareço um carrapato, certo?

— Eu não diria isso, John, não diria mesmo. É sempre um prazer, nunca atrapalha.

Rudkin sentou-se na ponta da cadeira.

— Alguma novidade?

— Sobre Clare Strachan? Não que eu me lembre.

E começou a tossir outra vez, pegando o lenço de novo, e finalmente dizendo:

— Você é um homem ocupado, eu sei, um homem ocupado. Vamos em frente com isso.

Então nos levantamos e fomos para o corredor, seguindo em direção ao que me pareceu ser o Departamento de Homicídios deles, com as portas se fechando de par em par.

Era uma sala grande, com janelas amplas e vista para as colinas logo acima, e tenho certeza de que alguns dos que explodiram bares em Birmingham estariam por lá.

Alfred Hill abriu uma das gavetas da cômoda.

— Tudo permanece exatamente onde você deixou — disse, sorrindo.

Rudkin fez que sim.

Havia outros detetives na sala, sentados, sem os paletós, fumando, sendo observados pelas fotografias dos seus mortos, que amarelavam.

Aqueles homens nos olhavam, e nós olhávamos para eles.

Alf Hill virou-se para um gordo com bigode e disse:

— Esses homens vieram de Leeds e buscam informações sobre Clare Strachan. Ofereça tudo o que precisarem. Tudo.

O homem fez que sim e voltou a fumar o seu cigarro, que chegava ao fim.

— Assegurem-se de olhar lá dentro, certo. Olhem antes de ir embora — disse Alf Hill, voltando ao corredor.

— Obrigado — respondemos todos.

Quando ele foi embora, Rudkin olhou para o homem gordo e disse:

— Ouviu, Frankie? Então pegue um refrigerante para nós, qualquer coisa gelada. E deixe as suas bichas para trás.

— Vá se foder, Rudkin — retrucou Frankie, sorrindo, atirando seu maço de cigarro para cima dele.

Rudkin sentou-se, olhou para Ellis e para mim, e disse:

— Melhor começarmos o trabalho, pessoal.

Clare Strachan: 26 transformando-se em 62.

Arrasada e fodida antes mesmo que ele se aproximasse.

Casada duas vezes, dois filhos em Glasgow.

Condenações prévias por prostituição: *"Um ser humano completamente destruído"*, disse o juiz.

Ferida na pensão Saint Mary's, em Preston, vivendo com amigas prostitutas, drogados e alcoólatras.

Na quinta-feira, 20 de novembro de 1975, Clare fez sexo com três homens diferentes, e um deles nunca foi encontrado.

E eliminada.

Manhã de sexta-feira, 12 de novembro de 1975, Clare estava morta.

Eliminada.

Uma bota na boceta, um casaco sobre a cabeça.

Olhei para Rudkin e disse:

— Quero ir a essa pensão, depois às oficinas.

Ellis parou de escrever.

— Para quê? — perguntou Rudkin, suspirando.

— Não consigo visualizar.

— E nem vai querer — ele ironizou, apagando o cigarro.

Avisamos ao sargento que estava na recepção que íamos embora e voltamos ao estacionamento.

Frankie veio atrás de nós.

— Vou ajudá-los — ele arfava.

— Não se preocupe — disse Rudkin.

— O chefe falou que é o meu dever. Que devo demonstrar hospitalidade.

— Poderia encontrar um almoço para a gente?

— Acho que poderíamos encontrar algo, sim.

— Mágica — disse Rudkin, com um sorriso amarelo.

Ellis movia a cabeça, como quem diz: "E*stamos na maldita pista de velocidade"*.

Eu me sentia mal.

A pensão Saint Mary's tem um século ou mais, e fica no fim da rua que começa na estação de Preston.

"Fogo e sangue", escrito na parede acima da porta.

— Será que alguém das antigas continua trabalhando por aqui? — perguntei a Frankie.

— Duvido.

— E os moradores?

— Está brincando? Uma semana atrás, não encontrei ninguém.

Atravessamos um corredor sujo e fedorento e entramos no cubículo da recepção.

Um homem com cabelos ensebados na altura dos ombros escrevia alguma coisa, com o rádio ligado.

Olhou para cima, ajeitou seus óculos de aro grosso e perguntou:

— Posso ajudar?

— Somos da polícia — disse Frankie.

— Eu sei — ele respondeu, balançando a cabeça, como quem diz: "E que merda querem agora?".

— Queremos fazer algumas perguntas.

— Ah, claro. Sobre o quê?

— Clare Strachan. Onde poderíamos conversar?

Ele se levantou.

— Venham por aqui — apontou.

Rudkin foi à frente, entrando em outra sala suja, com janelas emporcalhadas e sofás rasgados, com buracos feitos por cigarros e restos de comida seca.

Frankie o seguiu, inquirindo:

— Qual o seu nome?

— Colin Minton.

— Gerente?

— Substituto. Tony Hollis é o gerente.

— Ele está aqui?

— Está de férias.

Com calma, com calma...

— Algum lugar legal?

— Blackpool.

— Perto.

— É.

— Sente-se — disse Frankie.

— Eu não estava aqui quando aconteceu — disse Colin, de repente, como se já estivesse cansado de tudo aquilo.

Rudkin tomou a dianteira:

— Quem estava aqui?

— Dave Roberts e Roger Kennedy, além de Gillian e alguém mais, eu acho.

— E continuam aqui?

— Não.

— Trabalham por perto?

— Não tenho ideia, sinto muito.

— Você trabalhou com eles?

— Só com Dave.

— Ele alguma vez falou sobre Clare Strachan ou sobre o que aconteceu?

— Um pouco, sim.

— E você se lembra de algo que ele tenha dito?

— O quê, por exemplo?

Frankie era daquela cidade, então não dissemos nada quando ele voltou a falar:

— Qualquer coisa. Sobre Clare Strachan, sobre o assassino, qualquer coisa.

— Bem, ele disse que Clare estava louca.

— Louca?

— Sim, louca. Deveria estar no hospital, foi o que ele disse.

— Sério?

— Disse que ela costumava olhar pela janela e latir para os trens.

— Latir? — perguntou Ellis.

— Sim, latir. Como um cachorro.

— Porra!

— Sim, foi o que ele disse.

Rudkin me olhou, e eu perguntei:

— Dave comentou alguma coisa sobre namorados, algo do tipo?

— Bem, quer dizer, ela fazia parte do jogo, como...

— Entendo — interrompi, fazendo que sim.

— Mas parece que ela estava sempre na pior, e que deixava os homens daqui fazerem de tudo, e que isso às vezes gerava brigas, por causa dela.

— Como assim?

— Não sei, você teria que perguntar aos que estavam por aqui na época, mas tem algo a ver com ciúme.

— E ela não escolhia muito, certo?

— Não. Não muito.

— Transava com todo mundo — afirmou Rudkin.

— Não sei.

— Mas eu sei — disse ele. — Na tarde em que foi morta, ela esteve com Kennedy, Roger Kennedy.

Colin não esboçou nada.

Rudkin se aproximou e sorriu.

— Ainda acontece esse tipo de coisa?

— Não — respondeu Colin.

— Você ficou corado — disse Rudkin, sorrindo e se levantando.

— Qual era o quarto dela? — perguntei.

— Não sei, mas posso te mostrar o andar de cima.

— Por favor.

Somente eu e Colin subimos.

No topo da escada, perguntei:

— Nenhum dos moradores da época continua aqui?

— Não — ele respondeu, mas fez uma pausa. — Na verdade... Espera.

Colin foi até o fim do longo corredor e bateu numa das portas, que depois abriu. Falou com alguém que estava lá dentro e voltou.

O quarto estava iluminado. A luz do sol banhava uma cadeira e uma mesa vazias. Do lado oposto, havia um homem deitado numa cama, com o rosto voltado para a parede, de costas para mim e para a porta.

Colin fez um gesto em direção à cadeira, dizendo:

— Este é Walter. Walter Kendall. Ele conheceu Clare Strachan.

— Senhor Kendall, eu sou o detetive sargento Fraser. Sou de Leeds, e estamos buscando uma possível conexão entre o assassinato de Clare Strachan e um crime recente em nossa cidade.

Colin Minton fazia que sim, olhando para as costas de Walter Kendall.

— Colin me contou que o senhor a conheceu. E eu ficaria muito grato caso me contasse qualquer coisa sobre a senhorita Strachan, ou sobre o momento da sua morte.

Walter Kendall não se moveu.

Olhei para Colin Minton e perguntei:

— Senhor Kendall?

Lentamente, com o rosto ainda voltado para a parede, ele começou a falar:

— Eu me lembro da quarta-feira à noite, da quinta de manhã. Acordei com gritos terríveis vindos do quarto de Clare. Levantei da cama e corri para lá. Ela estava no quarto mais perto das escadas. A porta estava trancada, e bati por uns cinco minutos até que ela abrisse. Estava sozinha no quarto, banhada em suor e lágrimas. Perguntei o que havia acontecido, se ela estava bem. Ela disse que fora apenas um sonho. “Um sonho?”, perguntei. “Que tipo de sonho?” Ela disse que sonhava com um terrível peso contra o seu peito, um peso que tirava o ar dos seus pulmões, que tirava a sua vida, e tudo no que pensava era que nunca mais voltaria a ver suas filhas. Eu disse que deveria ser culpa de algo que tinha

comido. Nem sei por que disse isso, mas o que poderia dizer? Clare sorriu e me disse que sonhava com a mesma coisa quase todas as noites havia quase um ano.

Do lado de fora, passou um trem, sacudindo o quarto.

— Ela pediu que eu passasse a noite ali, e me deitei sobre os lençóis, acariciando seus cabelos e pedindo que se casasse comigo, como já tinha feito antes, mas ela sorriu e disse que só me causaria problemas. Eu disse que não ligava, mas ela não me queria. Não daquela forma.

A minha boca estava seca, o quarto estava quente.

— Ela sabia que ia morrer, sargento Fraser. Sabia que um dia a encontrariam. Que a encontrariam e a matariam.

— Quem? O que o senhor quer dizer com isso?

— No primeiro dia em que a vi, ela estava bêbada e não pensei muito nisso. Quer dizer, a gente escuta tantas histórias em lugares como este. Mas ela era persistente, insistente: "Vão me encontrar e, quando me encontrarem, vão me matar". E estava com a razão.

— Sinto muito, senhor Kendall, mas não entendi muito bem. Ela disse exatamente quem a mataria ou por quê?

— A polícia.

— A polícia? Ela disse que a polícia a mataria?

— A polícia especial. Foi o que ela disse.

— *A polícia especial?* Por quê?

— Por algo que tinha visto, algo que ela sabia, ou por algo que imaginavam que ela tinha visto ou sabia.

— E falou algo mais?

— Não. E eu não perguntaria. Disse que outras mulheres estavam no mesmo barco que ela.

— Mas o senhor não disse isso aos policiais que fizeram a investigação naquele momento, certo?

— Eles não me escutariam. Nem me notaram, especialmente após o que aconteceu comigo.

— O quê? O que aconteceu com você, senhor Kendall?

Walter Kendall girou o corpo na cama e sorriu: seus olhos eram brancos, sem

cor, ele estava cego.

— Como isso aconteceu? — perguntei.

— Sexta-feira, 21 de novembro de 1975. Acordei e estava cego.

Olhei para Colin Minton, que apertava os próprios ombros.

— Antes eu via, mas agora estou cego — disse Kendall.

Eu me levantei.

— Obrigado pelo seu tempo, senhor Kendall. Caso precise de algo mais, por favor...

Kendall aproximou-se de repente, agarrando a manga do meu paletó.

— Algo mais? Eu não penso em outra coisa.

— Ligue para nós — eu disse, afastando-me.

— Cuidado, sargento. Isso pode atingir qualquer pessoa, a qualquer momento.

Eu me afastei pelo corredor estreito, parando na porta do quarto à beira da escada.

Fazia frio ali, fora do alcance do Sol.

Colin Minton ergueu os olhos e começou a dizer que sentia muito.

— Polícia especial? E o que mais? Que loucura é essa? — perguntou o detetive inspetor Rudkin, sorrindo.

Subíamos a Church Street, em direção às oficinas.

— Essa gente de merda. Nunca assumem que se metem em confusões por serem bêbados e drogados. Sempre tem que ser outra pessoa, outra coisa.

Frankie também sorria.

— Ele ficou cego porque bebia solvente.

— Viu? — perguntou Rudkin.

— É... — disse Ellis. — Diferentemente do amigo de Bob.

— Como se uma coisa tivesse a ver com a outra... — disse Rudkin, balançando a cabeça.

Dobramos a esquina na Frenchwood Street.

À esquerda estavam as oficinas.

Preston ficou calmo de repente.

Silêncio.

— Aquela — murmurou Frankie, apontando para a mais distante, próxima ao estacionamento no fim da rua.

— Trancada? — perguntou Ellis.

— Duvido.

Seguimos andando.

O meu peito começou a se contrair.

Rudkin não dizia nada.

Três mulheres paquistanesas seguiam à nossa frente.

O Sol estava atrás de uma nuvem, e eu podia sentir a noite, a maldita noite infinita de sempre.

— Faça anotações — pedi a Ellis.

— Que anotações?

— O que você sentir, cara. Impressões.

— Merda. Já se passaram dois anos — ele disse.

— Faça o que ele disse — ordenou Rudkin.

Eu não conseguia evitar:

Eu subia a colina, ziguezagueando, com bolsas nas mãos. Sacolas de plástico, sacolas de compras, sacolas do supermercado Tesco.

Chegamos à oficina, e Frankie tentou abrir a porta.

Ela se abriu.

Eu congelava.

Frankie acendeu um cigarro e ficou parado na rua.

Entrei.

Tudo estava escuro, sangrento, sombrio.

Cheio de moscas, malditas moscas.

Ellis e Rudkin me seguiram.

O ar do local era pesado, e eu sentia o peso de um oceano maligno sobre as nossas cabeças.

Rudkin engoliu em seco.

Eu lutei.

Costumava olhar pelas janelas e latir para os trens.

Já sentira aquilo antes, mas não muitas vezes.

Wakefield, dezembro de 1974.

Theresa Campbell, Joan Richards e Marie Watts.

Hoje, no Moors.

Muito frequente.

O doce perfume de sabonete, de sidra, de camisinha.

A dor de cabeça era forte, cegava.

Havia um banco, uma mesa, caixotes de madeira, garrafas, centenas de garrafas, jornais, restos disso e daquilo, lençóis, velhos trapos de roupa.

— Eles viram isso? — perguntou Ellis.

— Mmm... — murmurou Rudkin.

Os trens passam, os cães ladram.

Eu sentia gosto de sangue.

Fico de joelhos, e ele vem na minha direção. Está raivoso. Tento virar o corpo, mas ele agarra os meus cabelos, batendo em mim, uma, duas vezes, e eu digo que não precisa fazer isso, que devolverei o dinheiro, e ele bate na minha bunda, mas eu fico imaginando que dessa forma pelo menos tudo aquilo terminaria, e ele volta, beijando o meu ombro, arrancando o meu sutiã, sorrindo e dando uma boa, uma boa mordida no lado de baixo do meu peito direito, e eu não posso gritar, e sei que não devo, pois ele me calaria, e eu choro, pois tudo está terminado, me encontraram, é assim que tudo isso termina, nunca mais verei minhas filhas, agora nem nunca.

Ergui os olhos. Ellis me observava.

É assim que tudo isso termina.

Rudkin vestiu um par de luvas de borracha e tirou uma sacola de plástico suja debaixo do banco.

Uma sacola do supermercado Tesco.

Olhou para mim.

Eu me aproximei.

Ele abriu a sacola.

Revistas pornográficas, velhas e usadas.

Ele fechou a sacola, que voltou a colocar sob o banco.

— Suficiente? — perguntou.

Nem agora nem nunca.

Eu fiz que sim e voltei à claridade.

Frankie acendeu outro cigarro e perguntou:

— Almoçamos?

Olhando para cervejas pretas, pensando em coisas ruins, intrigado, imaginando se poderia fazer algo sobre aquilo.

Frankie trouxe os Ploughmans, tudo murcho e esbranquiçado.

— Que porra é essa? — perguntou Rudkin, levantando-se e voltando ao bar.

Ellis ergueu o copo.

— Saúde.

Rudkin voltou e colocou um gole de uísque na sua cerveja, depois se sentou. Ele sorriu para Ellis e perguntou:

— Impressões?

Ellis sorriu de volta, sem entender o que Rudkin perguntara.

— E eu por acaso pareço com o maldito Dick Emery*****?

— Claro que sim, e tem mais ou menos a mesma serventia — disse Rudkin, parando de sorrir. Depois olhou para mim e perguntou: — Por que não ensina algo a ele, Bob?

— Concordo com você. Não foi o mesmo homem.

— Por quê?

— Ela foi atacada lá dentro. Estuprada. Sodomizada. Recebeu fortes golpes na cabeça com um instrumento contundente, mas nada fatal ou que a deixasse imobilizada.

Frankie deixou a cabeça pender para um lado.

— E o que isso significa?

— O assassino, ou assassinos, de Theresa Campbell e Joan Richards atacaram as duas ao ar livre, com um golpe na parte de trás da cabeça. Elas estavam mortas, ou pelo menos em coma, antes de chegar ao chão. Há indícios de que o mesmo vale para a última vítima, Marie Watts.

— E não poderia ser o mesmo homem agindo de forma diferente?

— Não sei. Talvez a resistência, a luta, tenha feito com que ele seguisse adiante.

— Poderia ter ficado mais agitado? — perguntou Ellis.

— É... E deve ter estuprado antes.

— E por que a mataria?

Eu tinha apenas uma resposta:

— Porque podia matar.

Rudkin limpava restos de cerveja do rosto.

— E quanto à bota e ao casaco?

— Parecido.

— Parecido como? — perguntou Frankie.

Ellis estava a ponto de dizer algo, mas Rudkin o deteve, repetindo:

— Similar.

Frankie sorriu e olhou para o relógio.

— Melhor voltarmos.

— Sem ofensas, cara — disse Rudkin, batendo nas costas de Frankie.

— Claro.

Nos levantamos e fomos para o carro.

Já eram quase três da tarde, e eu estava muito cansado, um pouco chateado.

Deixaríamos Frankie na estação, diríamos adeus e seguiríamos para casa.

Meio adormecido, pensei em Janice.

Ellis contou a Frankie sobre Kenny D.

— Maldito macaco idiota — ele disse, rindo.

Eu me lembrei dos olhos arregalados de Kenny, da sua cueca barata e do seu pau murcho.

Rudkin explicava que ficaríamos com ele até a chegada de Barton.

Imaginei Kenny na sua cela, suando e cagando.

Todos riram enquanto seguíamos para o estacionamento.

O detetive-chefe superintendente Hill nos esperava quando chegamos à porta da frente.

— Tem um minuto? — perguntou a Rudkin.

— O que foi?

— Aqui não.

Ellis e eu ficamos parados na recepção, enquanto Alf Hill acompanhava Rudkin até o andar de cima.

Esperamos, com Frankie por perto, comentando a rivalidade entre os moradores de Lanchasire e Yorkshire.

— Fraser, suba um momento — gritou Rudkin, do alto das escadas.

Comecei a subir, com o estômago revirado.

Ellis me seguiu.

— Espere aqui — eu disse.

Rudkin e Hill estavam no Departamento de Homicídios de Lancashire.

E mais ninguém.

Hill desligava o telefone.

— Pegue a maldita pasta — gritou Rudkin.

Peguei.

— O inquérito está aí dentro?

— Está — respondi.

— Qual era o tipo sanguíneo do material que coletaram de dentro dela?

— B — respondi, sem pensar, passando as páginas do relatório.

— Confirme.

Confirmei e fiz que sim.

— Leia para mim.

Li:

— *Tipo sanguíneo do sêmen retirado da vagina e reto da vítima: B.*

— Me dá.

E lhe dei.

Rudkin ficou olhando.

— Porra!

— Merda! — disse Hill.

Rudkin o segurou contra a luz, virou ao contrário e entregou ao detetive-chefe superintendente Hill.

Rudkin pegou o telefone e discou.

Hill mordia o lábio inferior, esperando.

— B — disse Rudkin, ao telefone.

Seguiu-se um longo silêncio.

Até que Rudkin repetiu:

— Nove por cento da população.

Outro silêncio.

— Certo — disse Rudkin, passando o aparelho a Alf Hill.

Hill escutou e disse:

— Vamos fazer isso. — E desligou o telefone.

Eu fiquei de pé, parado.

Eles se sentaram.

Ninguém disse nada por dois minutos inteiros.

Rudkin me olhou e sacudiu a cabeça, como quem diz: “Isso não pode estar acontecendo”.

Perguntei:

— O que foi?

— Farley retirou uma mostra de sêmen da parte de trás do casaco de Marie Watts.

— E?

— B.

Nove por cento da população.

Estávamos entre oito e nove da noite, ainda estava claro.

Os meus olhos, os meus ombros, os meus dedos doíam de tanto escrever.

O telefone daqui para Leeds não parou.

Delegacias em pânico.

Rudkin continuava olhando para mim como quem diz: “Fodeu”, e eu juraria ter notado uma ponta de culpa algumas vezes.

Continuamos.

Transcrevendo, copiando, verificando, voltando a verificar, como um grupo de malditos monges sobre os livros sagrados.

Eu continuava pensando: “Rudkin não sabia dessa merda? O que ele e Craven estavam fazendo lá?”.

Ellis estava sentado, perdido, com a cabeça girando, como o maldito *Exorcista*.

Desenhei a cena, o casaco e a bota, levantei os olhos e disse:

— Vou voltar lá.

— Agora? — perguntou Ellis.

— Tem alguma coisa que não vimos.

— E vamos ficar aqui esta noite? — questionou Rudkin.

Todos olhamos para os nossos relógios e demos de ombros.

Rudkin pegou o telefone.

— Vou te levar — disse Frankie.

— Para um lugar legal, certo? — indagou Rudkin, com a mão pousada no fone.

No fim da Church Street quase não havia luz, um trem estava parado na estação.

Luzes amarelas, rostos mortos sobre os vidros.

Buscando, procurando o que estava perdido, eu tentava encontrar aquela noite de quinta-feira de dois anos atrás.

Quinta-feira, 20 de novembro de 1975.

Chovera durante o dia, o que ajudou a manter Clare no interior do bar no topo da colina, bar que tinha o mesmo nome da pensão: Saint Mary’s.

À esquerda, um prédio de vários andares e a Frenchwood Street.

Atravessei a rua.

Um carro diminuiu a velocidade ao passar por mim, depois foi embora.

Um mendigo na esquina, dormindo numa cama de latas e jornal.

Fedia.

Fiquei de pé à sua frente, olhando para ele.

Ele abriu os olhos e saltou:

— Não coma os meus dedos, por favor, só os meus dentes. Leve-os, não me servem de nada. Mas preciso de sal, você tem sal, um pouco?

Passei por ele, descendo a Frenchwood Street.

— SAL! — ele gritou. — Para conservar a carne.

Merda.

A rua estava escura.

Hora estimada da morte: entre vinte e três e uma da manhã. Mais ou menos quando ela foi expulsa do bar.

A rua estaria mais escura após a chuva, antes do vento.

Os tijolos ao lado da oficina estavam gastos, molhados, úmidos, mesmo em maio.

E senti a mesma coisa outra vez, esperando.

Abri a porta.

Lá estava, sorrindo.

Você não consegue se afastar, certo?

Eu tinha uma lanterna nas mãos, que acendi.

Ela está subindo a saia, deixando suas coxas morenas à mostra, suas coxas flácidas.

Dei uma olhada em volta, o peso pressionava para baixo.

Não serei capaz de fazer isso.

Ouço música, alta, rápida, densa, de um carro do lado de fora.

Ela está sorrindo, tentando complicar as coisas.

A música para.

Eu vou complicar.

Silêncio.

Giro o seu corpo, desço a calcinha preta, reluzente, e começo a crescer, melhor, ela está de costas para mim.

Ratos por ali.

Mas não quero aquilo, quero isso: o seu rabo, mas ela se vira e posiciona a sua maldita boceta na minha frente.

Malditos e enormes ratos aos meus pés.

E estou dentro dela, e fora outra vez, e ela se põe de joelhos...

Do lado de fora, vomito, dedos na parede, sangrando.

Olhei para a rua, ninguém.

Limpei o cuspe e a merda, chupando o sangue dos meus dedos.

— SAL! — ele gritou novamente.

Dei um salto.

Porra!

— Para conservar a carne.

O mendigo estava de pé, sorrindo.

Caralho!

Eu o empurrei contra a parede, e ele cambaleou, caiu, olhando para mim, para dentro de mim, através do meu corpo.

Dei um soco no seu rosto.

Ele arqueou corpo, lamentando-se.

Bati novamente, num movimento desconexo que atingiu a parte de trás da sua cabeça e a parede.

Frustrado, chutei o mendigo, chutei, chutei e chutei, até notar braços ao redor do meu corpo, agarrando-me com força. Era Rudkin, murmurando:

— Calma, Bob, calma.

Num canto da Preston Post House, eu implorava, desculpando-me ao telefone:

— Sinto muito, pensávamos que seria apenas um dia de viagem, mas eles querem que a gente...

Ela não me escutava, e eu podia ouvir Bobby chorando e ela dizendo que eu o acordara.

— Como está o seu pai?

Ele estaria exatamente como eu imaginava, e aparentemente eu nem ligo, então seria melhor se eu calasse a boca e não perdesse tempo.

Ela desligou.

Fiquei parado ali, sentindo o cheiro de fritura do restaurante, ouvindo a todos no bar: Rudkin, Ellis, Frankie e cinco outros policiais de Preston.

Olhei para os meus dedos, para as juntas, para os arranhões nos meus sapatos.

Voltei a ligar para Janice, mas ninguém atendeu.

Olhei para o meu relógio: já passava da uma.

Estaria trabalhando.

Fodendo.

— Vão fechar esta merda de bar, acredita? — comentou Rudkin, a caminho do banheiro.

Voltei ao bar e bebi.

Todos estavam chateados, muito chateados.

— Não existe nenhum clube decente por aqui? — perguntou Rudkin, de volta do banheiro, ainda subindo o zíper.

— Podemos tentar alguma coisa — disse Frankie.

Todos tentaram se levantar, falando em táxis, nesse e naquele lugar, contando histórias sobre esse sujeito e aquela mulher.

Eu me adiantei e disse:

— Vou para a cama.

Eles me chamaram de veado e idiota. Concordei e, bêbado, caindo pelo corredor, fui em frente.

Mas Rudkin passou os braços ao redor do meu corpo.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Vou ficar bem — respondi. — Estou exausto, só isso.

— Não se esqueça de que sempre estarei por aqui.

— Eu sei.

Ele me apertou com mais força.

— Não tenha medo, Bob.

— Medo de quê?

— Disso — ele respondeu, acenando para tudo e ao mesmo tempo para nada em particular, depois para mim.

— Eu não tenho medo.

— Foda-se então, seu idiota — ele riu, voltando para o bar.

Uma porta se abriu, e um homem me encarou.

— O que você quer, porra?

Ele fechou a porta.

Ouvi o trinco sendo fechado, e depois ele checou o trinco.

Bati com força na porta, esperei, e segui para o meu quarto, enfiando a chave no meu próprio braço.

Eu, sentado na beira da cama do hotel, no meio da noite, com a luz acesa, o telefone de Janice tocando sem parar, o aparelho ao meu lado, sobre o lençol.

Fui à cama de Rudkin e peguei a pasta.

Virei as páginas.

Cheguei ao inquérito.

Fiquei olhando para uma maldita, única e solitária letra.

Errado, aquele “B” parecia errado.

Segurei o papel contra a lâmpada.

Era original.

Merda...

Rudkin tinha deixado a cópia com eles.

Coloquei o papel de volta e fechei a pasta.

Peguei o telefone em cima da cama.

O telefone de Janice continuava tocando sem parar.

Desliguei.

Voltei a pegar o papel.

Guardei novamente.

Desliguei a lâmpada e me deitei, na escuridão da Preston Post House, num quarto incrivelmente quente, e tudo parecia pesar.

Com medo, assustado.

Sentindo falta de algo, de alguém.

Finalmente, fechei os olhos.

Pensando: “Não tenha medo”.

**** Personagem de série de televisão na BBC. [N. E.]

***** Dick Emery (1915-1983) foi ator e comediante britânico. A frase refere-se a um de seus filmes, no qual o seu personagem precisa encontrar os números de uma conta bancária. [N. E.]

Ouvinte: Veja isso: “Fundos para o Jubileu de Prata alcançam um milhão de libras”.

John Shark: E você não está feliz, né, Bob?

Ouvinte: Claro que não. No mesmo dia, o FMI veio a Londres para um encontro com o ministro Healey.

John Shark: Um pouco estranho.

Ouvinte: Estranho? Isso não faz sentido, John. Isso é completamente sem sentido. O país perdeu a cabeça.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Quarta-feira, 1º de junho de 1977

4

Trata-se de um pátio estreito com seis casas, caiadas até o primeiro andar, com as molduras das janelas revelando vestígios de uma pintura verde. Na entrada do pátio há um arco, uma passagem em forma de túnel aberta entre os números 26 e 27 da Dosset Street, e estas duas casas pertencem ao senhor John McCarthy, francês naturalizado inglês, de 37 anos. No número 27, à esquerda do arco, funciona a loja de venda de material marítimo de McCarthy, mas o edifício se desdobra para cima e para trás como pensão barata. O número 26 também é uma pensão, e o piso térreo dos fundos foi dividido, criando um segundo quarto. Aquele era o quarto dela, o 13.

É pequeno, com uns quatro metros quadrados, e a entrada é uma porta à direita do arco, no fim da rua. Além da cama, existem duas mesas e duas cadeiras, uma delas com o espaldar quebrado. O fogo estivera aceso na lareira, e as cinzas tomaram conta do que restava de roupa. Acima da lareira, do lado oposto à porta, havia uma reprodução do The Fisherman's Widow. *Num pequeno armário próximo ao quadro, havia algumas peças de cerâmica, garrafas vazias de cerveja e um pedaço de pão velho. Nas janelas, um casaco militar masculino fazia as vezes de cortina. Uma delas se abria para o pátio, em ângulo reto com a porta de entrada.*

Acordei antes do amanhecer, com a chuva castigando a janela e o som de sapatos femininos descendo o beco escuro.

Me sentei entre os lençóis e vi seis anjos brancos dependurados acima dos móveis, com buracos nos pés, nas mãos e nas cabeças, acariciando seus cabelos e suas asas.

— Você está atrasado — disse a mais alta, aproximando-se da minha cama.

Ela se deitou ao meu lado e pegou a minha mão, pressionando-a contra as paredes do seu estômago, rígido atrás do tecido de algodão branco do seu

vestido.

— Você está sangrando — eu disse.

— Não — ela murmurou. — *Você* está sangrando.

Coloquei as mãos sobre o meu rosto, e elas ficaram sujas de sangue.

Limpei o nariz com um lenço sujo e velho e disse:

— Carol?

— Você se lembrou — ela respondeu.

— Obrigado por vir tão rápido.

— De nada — disse o subdiretor de polícia George Oldman.

Estávamos sentados em seu novíssimo escritório em Wakefield, um escritório completamente moderno.

Era quarta-feira, 1o de junho de 1977.

Onze da manhã, e a chuva cessara.

— Ouça uma coisa — disse George Oldman, fazendo sinal em direção à janela aberta e aos gritos e barulhos de cadetes seguindo em direção à faculdade militar. — Perdemos quase cinquenta por cento em cinco anos.

— Tudo isso?

Ele olhou para os papéis em cima da mesa e suspirou:

— Provavelmente mais.

Dei uma olhada na sala, imaginando o que ele gostaria de ouvir, imaginando por que eu pedira a Hadden que organizasse aquele encontro.

— Jack, parece que você também esteve na guerra.

— Você me conhece — respondi, tocando a ferida logo abaixo dos meus olhos.

— Falando sério. Como você está?

Assustado com a preocupação real em seu tom de voz, eu sorri:

— Estou bem, de verdade. Obrigado.

— Já passou um bom tempo.

— Nem tanto. Três anos.

Ele voltou a olhar para a mesa.

— Só três?

Ele estava com a razão: *cem anos.*

Eu queria suspirar, deitar no chão daquela sala, voltar à minha cama.

George passou a mão pela mesa e perguntou, triste:

— E você, conseguiu lidar com tudo aquilo?

— Sim... — menti.

— E Bill quer te envolver nisso?

— Quer.

— E você?

Eu pensava em escolhas e promessas, dívidas e culpas, fazia que sim e seguia em frente, mentindo, ao dizer:

— Também.

— Por um lado, é bom, pois podemos lançar mão de toda a publicidade que conseguimos.

— Você não costuma fazer esse tipo de coisa.

— Não. Mas também não costumo fazer isso e...

— As coisas só vão piorar.

George me ofereceu um pesado dossiê, dizendo:

— É...

Li: Assassinatos e agressões contra mulheres no norte da Inglaterra.

Abri a primeira página e li os malditos itens:

Joyce Jobson, agredida em Halifax, julho de 1974.

Anita Bird, agredida em Cleckheaton, agosto de 1974.

Theresa Campbell, assassinada em Leeds, junho de 1975.

Clare Strachan, assassinada em Preston, novembro de 1975.

Joan Richards, assassinada em Leeds, fevereiro de 1976.

Ka Su Peng, agredida em Bradford, outubro de 1976.

Marie Watts, assassinada em Leeds, maio de 1977.

— Altamente sigiloso.

— Claro — respondi, acenando com a cabeça.

— Enviamos a todas as forças policiais do país.

— E você acha que todas foram atacadas pelo mesmo homem?

— As três que comentamos publicamente sim, sem dúvida. Sobre as demais, não podemos afirmar, pois não há evidências.

— Merda!

— No caso de Clare Strachan, parece bem provável. E, se for verdade, será de grande ajuda.

— Evidências?

— Mais do que já temos por aqui...

Dei uma olhada nas páginas, observando palavras soltas:

Chave de fenda Philips, abdômen, pesadas botas Wellington, vagina, martelo, crânio.

Surgiram fotos em preto e branco.

Becos, quintais, terrenos baldios, lixo, garagens, parques.

— O que devo fazer com isso?

— Quero que leia.

— Gostaria de entrevistar as sobreviventes.

— Por mim, ótimo.

— Obrigado.

Ele olhou para o relógio e se levantou.

— Que tal um almoço mais cedo?

— Seria ótimo — menti mais uma vez, mais um anjo morria.

Na porta, George Oldman parou.

— Eu falei tanta coisa, e quem pediu as entrevistas foi você.

— Como nos velhos tempos — retruquei, sorrindo.

— O que você tinha em mente?

— Nós cobrimos isso, e fiquei imaginando se vocês não teriam conectado algum outro ataque ou assassinato...

—E?

Estávamos na porta da sua sala, com um pé dentro e o outro fora, com mulheres uniformizadas limpando pisos e paredes.

— Ele fez algum tipo de contato?

Oldman olhou para trás, para a sua mesa, e respondeu:

— Nunca.

George trouxe as cervejas.

— A comida ficará pronta em cinco minutos.

O bar estava calmo, com dois outros policiais bebendo por ali, os demais eram advogados ou homens de negócios.

George conhecia todos eles.

— Como vai Wakefield? — perguntei.

— Bem, você sabe.

— Sente falta de Leeds?

— Claro que sim, mas de vez em quando vou até lá. Sobretudo ultimamente.

— E Lilian e as meninas, estão bem?

— Estão, sim, obrigado.

O bloqueio continuava de pé, alto como sempre: um acidente de carro, há quatro ou cinco anos. Seu único filho morto, uma filha paralítica, todos os tipos de rumores.

— Pronto — disse George, chegando com dois grandes pratos de fígado à nossa frente.

Comemos em silêncio, trocando olhares, formulando perguntas, depois abandonando-as em centenas de tangentes tristes, memórias ruins, atoleiros e armadilhas. E então, por um momento, por um único momento, entre o fígado e as cebolas, entre o alvo para os dardos e o bar, senti pena daquele homem grandalhão à minha frente, pensando que ele não merecia tudo o que fora obrigado a enfrentar, as lições que tomara, como se nenhum de nós merecesse nossas cidades cruéis e nossos pregadores sem fé, nossas mulheres estéreis e nossas leis injustas. E então eu me lembrei de tudo o que fizemos, das vidas roubadas e perdidas, e percebi que estava com a razão quando disse que aquilo só pioraria, que pioraria muito, e que novas lições estavam por vir.

Ele deixou garfo e faca em cima do prato vazio e disse:

— Por que perguntou se tínhamos feito algum contato?

— Um pressentimento.

— Sério?

Engoli a última garfada do meu almoço, o primeiro almoço depois de muito tempo.

— Se realmente foi o mesmo homem, ele vai querer que vocês saibam disso.

— Por quê?

— Se fosse você, não ia querer?

Voltei para Leeds, parando para uma terceira caneca de cerveja na Halfway House.

De jeito nenhum. Segredos devem permanecer como segredos.

E outra cerveja.

Rádio ligado.

A princesa Anne foi recebida por altos brados de protestos ao inaugurar a Kensington and Chelsea Town Hall. A polícia encoraja a não cooperação diante dos novos procedimentos de protestos. Asiático recebe três anos de cadeia por matar homem branco.

Três anos, nada mais.

Era quarta-feira, 1o de junho de 1977.

A redação estava agitadíssima com o Derby.

Gaz gritava:

— Qual a sua aposta, Jack?

— Não sei.

— Não sabe? Porra, Jack! É o Derby. O Derby do Jubileu.

— A corrida do povo — disse George Greaves. — Não estamos falando de Royal Ascot.

— Imaginam reunir 250 mil por lá — afirmou Steph. — Será grande.

Abri o jornal, escondendo a pasta.

Bill Haden olhou por cima dos meus ombros e assobiou:

— Cinco por um, no Minstrel.

— Será o oitavo Derby de Lester, caso ele consiga — disse Gaz.

Senti vontade de fechar o jornal, mas não queria voltar a ver a pasta.

— Não encontro, e você?

— Anda, Jack. Aposta no Baudelaire — disse Bill, sorrindo.

Fiz um esforço.

— Quanto apostou, George?

— Muito.

— Bate nele, Steph — gritou Gaz. — Não deixe que fale com você desse jeito.

— Bate você nele, Jack — retrucou Steph, sorrindo.

— Royal Plume — disse George.

— Quem o cavalga?

— Joe Mercer — respondeu Gaz.

George Greaves conversava consigo mesmo.

— Royal Plume no ano do jubileu... é um sinal...

— Vamos, Jack. Quero chegar lá antes que voltem aos estábulos.

— Vamos, Gaz. Vamos.

— Milliondollarman? — perguntou Steph, sorrindo.

— Impossível reconstruir o Jack, certo? — perguntou Gaz.

— Hot Grove — respondi.

— Certo. Carson e Hot Grove... — disse Gaz, já do lado de fora.

Uma hora mais tarde. Piggott ganhara seu oitavo Derby, e todos tínhamos perdido.

Estávamos no Press Club, afogando nossas mágoas.

George dizia:

— As corridas de cavalo são como o sexo: o início é ótimo, mas terminam em dois minutos.

— Só se for pra você — disse Gaz.

— A menos que seja francês — brincou Steph, piscando o olho.

— Pois eles nem têm direito ao prazer inicial...

— E o que você sabe sobre isso, Geoge Greaves? — gritou Steph. — Há dez anos que não pratica, e posso apostar que na época nem chegou a tirar as meias.

— Você me pediu que não tirasse, disse que te excitavam.

Peguei a pasta e saí de perto deles.

— Você deveria ter feito isso por um lugar, Jack — gritou Gaz.

Céu noturno, cinzento, ainda quente com a chuva chegando, folhas verdes e fedorentas, batendo na minha janela como se quisessem dizer "eu te amo".

A Lua baixa, a pasta aberta.

Assassinatos e agressões contra mulheres no norte da Inglaterra.

Açúcar derramado, leite estragado.

Mente em branco, olhos fundos.

Estrelas infelizes caem sobre a terra, zombando de mim com suas frases idiotas, assombrando-me com suas rimas infantis:

Jack, que não fede.

Jack esperto, Jack ágil.

Pequeno Jack, maluquete.

Jack e Jill sobem a mil.

Nada de Jill, os Jill foram embora, restam apenas os Jack.

Jack encaixotado; Jack, o tal Jack.

Jack, Jack, Jack.

Sim, eu sou Jack.

Union Jack.

A mesma sala, sempre a mesma sala.

A cerveja de gengibre, o pão amanhecido, as cinzas na lareira.

Ela vestida de branco, ficando preta a partir das unhas, arrastando uma mesa com tampo de mármore para bloquear a porta, muito cansada para ficar de pé, atirando o corpo na cadeira com o espaldar quebrado, girando, nada fazia sentido, as palavras em sua boca, as imagens na sua cabeça, nada fazia sentido, perdida no próprio quarto, como se tivesse caído de uma altura enorme, como se estivesse quebrada, como se nada fosse capaz de colocar seu corpo

novamente no lugar, mensagens: ninguém recebia, decodificava ou traduzia.

— O que vamos fazer com o aluguel?

Apenas mensagens do seu quarto, presa entre os vivos e os mortos, com a mesa atrás da porta.

Mas não por muito tempo, agora não.

Apenas um quarto e uma jovem vestida de branco, que começava a ficar preta a partir das unhas, e os buracos na sua cabeça, apenas uma jovem ouvindo passos na calçada do lado de fora.

Apenas uma jovem.

Acordei ofegante, nervoso, certo de que estariam me esperando.

Elas sorriram e tomaram meus pés e minhas mãos.

Fechei os olhos e deixei que me levassem de volta àquele quarto, o mesmo quarto, sempre o mesmo quarto...

Momentos diferentes, locais diferentes, cidades diferentes, casas diferentes, mas sempre o mesmo quarto.

Sempre o mesmo e maldito quarto.

O corpo nu está deitado no meio da cama, com os ombros esticados, o eixo inclinado para o lado esquerdo. O braço esquerdo próximo ao corpo, com o antebraço flexionado, formando um ângulo reto sobre o abdômen. O braço direito está levemente afastado do corpo, sobre o colchão, com o cotovelo dobrado e o antebraço apoiado, os dedos fechados. As pernas estão abertas, com a coxa esquerda e a direita formando ângulos retos com o tronco, a direita formando um ângulo obtuso com o púbis.

Toda a superfície do abdômen e das coxas fora removida, e a cavidade do abdômen está vazia de vísceras. Os seios foram arrancados, os braços, mutilados com várias e profundas feridas, e o rosto ficou irreconhecível. O tecido do pescoço está dilacerado até os ossos.

As vísceras foram cortadas em várias partes: o útero, os rins e um dos seios

sob a cama, o outro seio ao lado do pé direito, o fígado entre os dois pés, os intestinos à direita do corpo e o baço à esquerda. As carnes retiradas do abdômen e das coxas foram colocadas sobre a mesa.

A roupa de cama, do lado direito, está encharcada de sangue, e o chão é uma poça de sangue de quase um metro quadrado. A parede à direita da cama, na altura do pescoço, está marcada com sangue, em vários jorros distintos.

O rosto foi talhado em todas as direções, o nariz, as bochechas, as sobrancelhas e as orelhas foram parcialmente retiradas. Os lábios foram cortados com várias incisões que correm obliquamente em direção ao queixo. Existem também numerosos cortes que se estendem irregularmente entre as suas feições.

A pele do pescoço foi cortada, assim como outros tecidos, até as vértebras, com a quinta e a sexta profundamente atingidas. Os cortes na parte da frente do pescoço demonstram equimoses distintas.

A passagem de ar foi interrompida na porção inferior da laringe, através da cartilagem cricoide.

Os dois seios foram removidos com incisões mais ou menos circulares, e os músculos das costelas, atados aos seios. Os intercostais entre as quarta, quinta e sexta costelas foram cortados, e o conteúdo do tórax é visível pelas aberturas.

A pele e os tecidos do abdômen, do tórax ao púbis, foram cortados em três grandes peças. A coxa direita, na parte frontal, exibe o osso, e a parte arrancada inclui os órgãos reprodutores externos e parte da nádega direita. A coxa esquerda teve a pele arrancada, e também os músculos, até o joelho.

A panturrilha esquerda demonstra um longo talho na pele e nos tecidos dos músculos mais profundos, do joelho até dez centímetros do tornozelo.

Os dois braços e antebraços têm grandes e profundas feridas.

O polegar direito demonstra uma incisão superficial de mais ou menos dois centímetros, com sangue jorrado na pele e várias queimaduras no dorso das mãos, revelando a mesma condição.

Abrindo o tórax, vê-se que o pulmão direito está minimamente colado a antigas adesões firmes. A parte inferior do pulmão está partida.

O pulmão esquerdo está intacto, mas fragilmente grudado ao ápex, e com

algumas poucas adesões ao lado. No pulmão, vários nódulos de enrijecimento.

O pericárdio está aberto na parte inferior.

Na cavidade abdominal vê-se vestígios de comida digerida. Peixe, batatas e alimentos similares foram encontrados no que restou do estômago, permanecendo nos intestinos.

Spitalfields, 1888.

O coração está desaparecido, e a porta trancada pelo lado de dentro.

Acordei, e elas continuavam caídas no sofá.

Saí voando da cama e, afastando-as, abri o dossiê de Oldman.

Assassinatos e agressões contra mulheres no norte da Inglaterra.

Li e reli até os meus olhos ficaram vermelhos, sangrando, com o que eu acabara de ler.

E comecei a datilografar enquanto elas conversavam entre si, passeando pelo quarto em estranha desarmonia, com Carol fazendo brincadeiras comigo, reclamando de mim:

— Você está atrasado. Atrasado. Está sempre atrasado.

Senti um dedo na minha orelha, mas continuei digitando, com os textos sendo reescritos num vermelho sangue, que combinava com o que era dito.

No momento mais escuro da noite, antes do amanhecer e da chegada da luz, terminei, e só faltava uma coisa a ser feita.

Peguei o telefone e disquei os números, com o estômago revirando a cada dígito.

— Sou eu, Jack.

— Pensei que nunca ligaria.

— Não foi fácil.

— Nunca é fácil.

— Preciso te ver.

— Antes tarde do que nunca.

Ao amanhecer, sob uma chuva fina, voltei a acordar. Elas dormiam, espalhadas entre a minha mobília.

Eu estava deitado sozinho, olhando para as rachaduras no teto, as manchas na pintura, pensando nela, pensando nele, esperando Saint Anne.

Levantei e caminhei na ponta dos pés ao passar ao lado delas, perto da mesa.

Peguei o papel da máquina de escrever.

Segurei as palavras na minha mão e senti meu estômago sangrando.

Yorkshire, 1977.

O coração desaparecido, a porta ainda trancada pelo lado de dentro.

Ela veio atrás de mim, curvando-se sobre os meus ombros, com o seu calor contra a minha orelha, olhando para as palavras que eu escrevera.

Notícias de ontem, manchete de amanhã.

O Estripador de Yorkshire.

Ouvinte: Eu gostaria de perguntar ao doutor Rabonwick...

John Shark: Raazinowicz.

Ouvinte: Isso, certo. Eu gostaria... gostaria de perguntar... Ele está dizendo que todos esses crimes foram cometidos e que não se sabe nada sobre eles...

Doutor Raazinowicz: Isso mesmo, cerca de oitenta e cinco por cento.

Ouvinte: Certo. Então a minha pergunta é: Onde estão todas essas vítimas?

Doutor Raazinowicz: As vítimas? As vítimas estão em toda parte.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Quinta-feira, 2 de junho de 1977

5

Trabalho de campo.

Vinte e quatro horas cavando sem parar.

Sem dormir desde o momento em que saímos de Preston...

Na volta na manhã de quarta-feira, Rudkin e Ellis com uma terrível ressaca, deitados no banco de trás.

Em casa. Millgarth ainda era um caos, cheia de corpos, de homens novos que chegavam a cada maldito segundo, sem que ninguém fosse liberado. Eu pensava: o nome dele poderia estar naquela sala, naquele momento, escrito com tinta, bem ali, esperando por mim.

Eu, voando pelo chão escorregadio, fazendo chamadas.

Eram três e meia da tarde quando recebi uma chamada que não queria: outra agência dos correios, outro funcionário.

Rudkin falando merda para Noble:

— O que isso tem a ver com o maldito Bob?

— Não temos ninguém mais.

— Nem eu.

Quando as horas extras foram proibidas, os homens de uniforme resolveram manter a interdição enquanto estivéssemos em Preston, e Rudkin com o seu discurso de sempre: “Quem poderia culpá-los, porra?”.

— Você está se transformando num chato reclamão, John. Só mais alguns dias.

— Bobagem. Não temos alguns dias. Ele deveria estar no Esquadrão de Homicídios de Prostitutas.

Mas Noble estava fora, e eu voltara aos malditos roubos a agências dos correios:

Hanging Heaton, Skipton, Doncaster e agora Selby.

Uma merda sem fim.

Ficaria na Divisão de Roubos e Furtos, durante cinco anos no máximo, isso se os malditos idiotas tivessem mantido suas mãos longe dos gatilhos em Skipton e

não insistissem em espancar cada um dos velhos nojentos até a morte.

Assassinato: uma vida em troca de outra.

Muito bem, rapazes.

Acredita-se que os suspeitos sejam quatro, com luvas, mascarados e fingindo sotaques locais.

Poderiam ser ciganos: surpresa, surpresa.

Poderiam ser negros: nenhuma surpresa.

O nível de violência sugeria que eram brancos, entre a adolescência e os vinte e poucos anos, com antecedentes e muita *Laranja mecânica.*

Falei com Selby ao telefone.

O senhor Ronald Prendergast, de 68 anos, fechava sua agência dos correios na New Park Road quando foi atacado por três intrusos mascarados e armados.

Seguiu-se uma luta, durante a qual o senhor Prendergast foi atingido repetidas vezes por um instrumento contundente que o deixou inconsciente, com graves feridas na cabeça.

Cheguei por volta das cinco e meia, passando o restante da noite entre a cena do crime e o hospital, esperando que o vovô Prendergast aparecesse.

Sua esposa estava arrumando as flores na igreja, a maldita sortuda.

Oito da noite, eu caminhava pelos corredores do hospital, telefonando sem parar.

Telefonando para Janice.

Nada...

Sabia que ela estava trabalhando, e eu desesperado para ir às ruas, desesperado de vontade de vê-la, desesperado de vontade de fazê-la parar.

Telefonando para casa.

Nada...

Louise e Bobby num hospital, eu em outro, no hospital errado.

Telefonando para Millgarth.

Menos ainda...

Craven atendeu, nem sinal de Noble ou Rudkin, todos cheios de casos, e ninguém para trabalhar neles. Craven desligou, e eu podia vê-lo voltando para a Divisão de Costumes, imaginando que a teriam inventado especialmente para

ele e para o seu maldito sorriso de desdém.

Já eram nove da noite, e nada indicava que o senhor Ronald Prendergast diria muita coisa, ele babava e parecia a ponto de morrer, e eu rezando muito para que ele aguentasse, para que aquilo não se transformasse num duplo assassinato, sabendo o quanto eu queria estar no...

Esquadrão de Homicídios de Prostitutas.

E sabendo por quê.

Janice.

Duas horas depois, todas as minhas preces foram atendidas:

— Sargento Fraser. O sargento Fraser pode vir à recepção, por favor?

Desci o corredor, saindo da emergência e voltando ao inferno. Rudkin, de Leeds, ligava para mim, avisando:

— Encontramos Barton.

Enfiei o pé no acelerador, voltei à cidade, passei zunindo por Millgarth, fazendo barulho, queimando. A instrução da meia-noite:

TRAGA-O PARA CÁ.

O rádio ganha vida.

— Agora — disse a voz de Noble, cortante, naquela noite de quinta-feira, 2 de junho de 1977.

Ellis uivou:

— Porra, graças a Deus.

E saímos do carro, atravessando a Marigold Street, em Chapeltown, Leeds.

Rudkin, Ellis e eu.

Uma espingarda, uma marreta e um machado.

Alguns dos homens de Craven apareceram no alto da rua. O restante dava a volta por trás da casa.

Estávamos na porta da frente.

Ellis ergueu a marreta.

Rudkin olhou para o relógio.

Todos à espera.

Quatro horas da tarde.

Big John deu o sinal a Ellis.

Tique-taque, nem precisou soar.

Ele ergueu a marreta acima da cabeça e gritou:

— Apareça para cuspir, seu negro maldito. — E deixou a marreta descer, atingindo a porta verde e lançando farpas para todos os lados.

O próprio Ellis abriu a porta, Rudkin meteu suas botas lá dentro e nós o seguimos, eu me cagando, com medo de que a espingarda não funcionasse, mas ganhando fôlego ao ver um dos homens de Prentice com a bunda gorda entalada na janela da cozinha, e subimos as escadas, em direção ao local onde Steve Barton, o Belo Adormecido, estava de pé, com o seu melhor e mais escuro terno, coçando o saco e gritando, tudo isso nos cinco segundos antes de notar que eu subia as escadas com meu machado, gritando, com Rudkin, Ellis e dois canos de espingarda logo atrás, dando voz às quatro horas inteiras que passamos sentados no carro, esperando a maldita palavra de ordem, sentados naquele inferno, sem telefone, sem Janice, sem nada. Sentados, esperando a maldita palavra, e atingi Barton em cheio, tanto que ele curvou o corpo e rolou pelas escadas, em direção a Rudkin e Ellis, que o ajudaram com um chute e um soco, aproximando-se dele, pois não queriam que Prentice ou Craven o atingissem, e eu deveria estar bem atrás deles, mas a prima de Barton, ou sua tia, ou sua mãe, ou seja lá que maldita parte daquele clã o dava guarida, eles seguiram e colocaram a cabeça para fora de um dos quartos, e eu dei um rápido apertão em uma das tetas da mulher e senti sua boceta e a empurrei para dentro do quarto, onde um bebê chorava, e ela estava muito assustada, perdida, querendo se esconder, imaginando que seria estuprada, exatamente o que eu queria que ela pensasse, para que permanecesse naquele quarto e nos deixasse em paz, mas eu também queria que ela calasse aquele maldito bebê, queria que ele parasse de soar como Bobby, fazendo com que eu o odiasse, odiasse Bobby e odiasse Louise, e odiasse todo mundo neste maldito planeta, menos Janice, sobretudo porque estava começando a odiar a mim mesmo.

Bati a porta.

No andar de baixo, tinham levado Barton para o lado de fora. Ele estava nu na

rua, e as luzes da vizinhança acendiam e apagavam, portas se abriam, até o momento em que Noble apareceu. O detetive-chefe superintendente Noble estava ali, de pé, no meio da rua, como se fosse o dono do lugar, com as mãos na cintura, como se não ligasse a mínima para quem o visse, e seguia em direção a Barton, que tentava enrolar o corpo, transformar-se numa bola, numa mínima bola, lamuriando-se como o cãozinho que era, e Noble olhou para cima, pois queria ter certeza de que todos o observavam, e também queria se certificar de que todos soubessem que ele sabia que todos o observavam, depois se ajoelhou e murmurou algo no ouvido de Barton, agarrando-o por seus dreadlocks, enrolando-os firme no pulso, erguendo o seu corpo, e o pau e o saco daquele homem não eram nada ao amanhecer, e Noble olhou para as janelas e cortinas que se moviam na Marigold Street, dizendo, calmamente:

— O que está acontecendo com vocês, seus idiotas? Uma mulher é obrigada a usar os próprios intestinos como brincos, e vocês não erguem um único dedo? Será que não ouviram quando pedimos, gentilmente, que nos dissessem onde estava este pedaço de merda? Pedimos ou não? Viemos revirar suas casas do avesso? Levamos todos à delegacia? Não, não fizemos porra nenhuma. Mas vocês estiveram o tempo todo escondendo-o debaixo de suas malditas camas, dos seus malditos narizes.

Uma mulher bonita descia a rua, e parou.

Os homens de uniformes abriram passagem.

Noble carregou Barton para uma das laterais do camburão, ele sangrava e cambaleava, e depois o atirou na parte traseira.

O detetive-chefe superintendente Peter Noble girou o corpo e olhou mais uma vez para Marigold Street, para as janelas vazias, para as cortinas imóveis.

— Escondam-se. Mas saibam que, da próxima vez, não vamos pedir.

Depois entrou no camburão e foi embora.

Nós seguimos para os carros.

Quando chegamos a Millgarth, Barton foi colocado numa cela no fundo da delegacia, com os holofotes acesos e o chão limpo.

Havia cerca de doze ou quinze homens de pé ao seu redor.

Caído no chão, Steve Barton continuava nu, tremendo, cagado de medo.

Nós estávamos ali, de pé, fumando, atirando cinzas em todos os lados, com Craven mostrando seus cortes e suas feridas, um ódio profundo, e os demais com expressão de chateação, esperando o show.

E no exato momento em que eu pensava em Kenny D, imaginando se ele aguentaria uma nova sessão de tortura, Noble ergueu os ombros, e todos se reuniram num círculo mais fechado, deixando Barton e Noble ao centro: o cristão e o leão.

Noble segurava um copo de plástico branco, o tipo de copo comum de máquinas de café.

E olhou para o copo, depois para Barton, e finalmente atirou o copo no chão, bem na frente dele, dizendo:

— Goze aí dentro.

Barton ergueu os olhos, e os seus olhos estavam vermelhos.

— Você ouviu — disse o detetive-chefe superintendente Peter Noble: — Coloque aí o seu maldito suco das selvas.

Barton procurava um rosto amigo pela sala, algum tipo de ajuda, e por breves segundos pousou os seus olhos nos meus, mas não encontrou nada, e seguiu em frente, terminando no mesmo maldito copo de plástico jogado no chão.

— Merda! — ele murmurou, sentindo o terror da situação no interior dos seus densos ossos negros.

— Faça com que fique duro — instigou Noble.

E tudo aquilo começou, lentamente, e eu estava ali, fora de ritmo, fora do tempo, com Barton deslizando em volta do pequeno círculo, girando o corpo, de um lado para o outro, sem escapatória.

Noble fez um sinal, curvou-se e agarrou a cabeça de Barton.

— Vou te dar uma ajudinha, meu querido. Imagine que a sua mulher morta já não está morta, e que tudo não passou de um terrível pesadelo, certo? Vamos tirar a roupa dela e fazer com que fique molhada. Isso mesmo. Tenho certeza de que você é capaz disso, Steve. Aposto que o seu pau pode ficar enorme se você quiser, certo? Vá em frente, mostre-nos como você fica grande para a Marie.

Vamos lá, não seja tímido. Estamos entre amigos. Não quer que a gente coloque você com aquelas bichas gordas negras do prédio de Armley? Não precisamos, não é? Pense na boa e velha Marie, nua e quente, esperando pelo seu pau imenso, querendo ser comida, com aquela boceta grande e rosada, empinada como uma grande e gorda cereja, esperando por você. Ah... O que é isso? Uma gota escapando. Vamos, Steve, ela não está morta, você não a matou, ela está aqui, quente, esperando por você, querendo que meta esse grande e velho pau dentro dela, querendo senti-lo. Vamos, faça com que fique duro. Vamos, ela está molhadinha, esperando, implorando, com os seus dedinhos gordos bem próximos à boceta molhada, imaginando onde estará você quando ela mais precisa. Cadê você, Steve, ela está pensando, e a porta se abre e entra um grande pau preto, mas não é o seu pau, Steve. Esse pau grande e preto não é seu, certo? Olha só, é do seu velho camarada Kenny D, que está olhando pra ela toda molhadinha e nua, deitada com os dedos na boceta. Ele agarra o pau e mete, depois tira, mete novamente e volta a tirar, dentro e fora, dentro e fora, e você vê os dois, a sua mulher e o seu colega como dois selvagens, e você fica chateado, certo, Steve? Claro que sim. Quem não ficaria? Ele, com seu pau grande e preto, metendo na sua mulher branca, a sua mulher branca que deveria estar na rua ganhando dinheiro, e não perdendo tempo com o seu amigo. Isso te deixa cheio de nojo, não é? O seu amigo e a sua mulher. Difícil de aceitar, certo? E foi o que aconteceu, certo, Steve? E você teve de aceitá-la de volta, e pagou na mesma moeda, certo, Steve?

— Não. Não. Não — ele murmurava.

Noble se levantou. Barton chorava entre as suas pernas.

— Goza, depois você vai embora.

Steve Barton aproximou-se do copo e o posicionou embaixo do seu pau murcho.

Quinze rostos brancos olhavam para o homem negro caído à nossa frente, com um copo de plástico no pau, tocando-o.

Sinto um empurrão em minhas costas e vejo Oldman.

Ele observa aquela cena, o homem negro no chão diante dele, segurando um copo plástico em seu pau e com a outra mão movendo-o.

Oldman olhou para Noble.

Noble ergueu os olhos.

Oldman parecia muito chateado.

— Consiga algo pornográfico para esse preto — ele disse.

— Você ouviu — gritou Noble ao homem mais próximo da porta: eu.

Craven moveu o corpo, mas Noble apontava para mim.

Desci o corredor, depois outros três lances de escada e entrei na Divisão de Costumes, o covil de Craven.

Morto, metade deles de volta à cela.

Abri um armário: envelopes.

Na gaveta seguinte, a mesma coisa.

E na seguinte também.

Pensando: “Esta é a maldita Divisão de Costumes, tem de haver alguma coisa”.

Então pensei, olhei para a porta, e pensei: JANICE.

Voltei aos armários, sem nunca deixar de olhar para a porta, com os ouvidos afiados a qualquer passo que surgisse.

Ryan, Ryan, Ryan...

Nada.

Nada de nada.

Nulo.

Estava quase saindo quando me lembrei da maldita pornografia.

Fui às mesas e abri uma gaveta. Duas revistas, baratas, sujas: uma mulher loira e gorda, com uma viseira e a boceta bem aberta.

Spunk.

Peguei as revistas e saí.

Voltei à cela, os homens se dispersavam. Barton continuava no chão, curvado, chorando muito, com um cobertor ao lado.

Atirei as revistas no chão, ao lado dele.

Ele virou a cabeça e puxou o cobertor cinzento pelo piso de concreto para perto de si.

— Uma tal Titia Margaret — dizia Rudkin. — Foi modelo de revista...

Risadinhas.

— Deveríamos chamar uma dessas mulheres para ajudá-lo — alguém sugeriu.

— Claro. E ela poderia fazer o mesmo para todos nós enquanto estivesse aqui.

— Desde que fizesse em mim antes de fazer no negão...

Noble chutou a revista para mais perto dele.

— Vá em frente.

Barton ficou deitado ao lado do cobertor, com a revista à sua frente.

Ellis se agachou e abriu as páginas.

Todos riram.

— Vamos, Mike — gritou Rudkin —, por que não dá uma mãozinha a ele?

Mais risadas.

Barton começou a se mover embaixo do cobertor.

Mais risadas.

— Não se esqueça do maldito copo — disse Oldman. — Não vá derramar tudo no cobertor.

Steve Barton continuou se movendo, com os olhos fechados, lágrimas escorrendo, os dentes trincados, xingando em voz baixa.

As palmas começaram e eu ali, pensando em Bobby e no fato de que Steve Barton, há não muito tempo, fora o menino de alguém, com seus trenzinhos e carrinhos, esperanças e sonhos, a comida que gostava e a que não gostava. Mas, naquele momento, ele era um leão de chácara, cafetão, drogado, e batia punheta em cima de um copo de plástico de máquina de café, na frente de quinze policiais brancos.

Quando ele começou a ganhar velocidade, Rudkin se agachou e afastou o cobertor, no exato momento em que o pau de Barton cuspia a porra, e Craven tirou uma foto com uma Polaroid, provocando uma onda de aplausos.

— Detetive Ellis — disse Oldman —, leve o sêmen do senhor Barton ao professor Farley.

Todos riram.

— E não vá tomar um golinho — disse eu, com todos aplaudindo e Ellis me olhando como quem diz: “Você me paga”.

Barton continuava com o corpo curvado, tremendo sem parar, engolindo em

seco, a festa acabara.

Eu me ajoelhei e peguei as revistas, entregando-as a Craven e dizendo:

— Acho que são suas.

Com os olhos frios, escuros e distantes, olhando para as capas, ele perguntou:

— Onde conseguiu isso?

— Sua esposa, por quê?

A sala se encheu de sorrisos silenciosos, todos querendo ver o que aconteceria em seguida.

— Engraçadinho, Fraser. Engraçadinho — disse Craven, indo embora, voltando à Divisão de Costumes.

Com as mãos limpas, eu me sentei no bar.

Rudkin foi pegar os cafés.

Pediram que esperássemos enquanto Prentice e Alderman interrogavam Barton e até que o resultado dos exames chegasse, o que era uma besteira, pois todos sabíamos que não fora ele, embora quiséssemos pensar que sim, mesmo sabendo que não.

— Poderíamos ter feito um maldito exame de sangue — disse Rudkin, chateado por não fazer parte do interrogatório, começando a ver o resultado, em duas palavras:

TRABALHO PRELIMINAR.

— Quer limpar por baixo das unhas?

— Você é realmente muito engraçado... — ele disse, sorrindo, enquanto colocava açúcar em nossos cafés, muito açúcar.

Eu queria dormir, mas, mesmo que eles me deixassem escapar, tinha tanta coisa para resolver...

— Que horas são? — perguntou Rudkin, muito cansado para olhar o próprio relógio.

— O que está pensando que sou? Um rádio-relógio?

— Talvez, sim.

E seguimos assim por mais dois minutos, até sermos tomados por um silêncio

no qual nos escondemos.

— Vamos soltá-lo.

Saíamos do silêncio e voltávamos às luzes, às luzes brilhantes da cafeteria da delegacia, ao reino do detetive-chefe superintendente Peter Noble.

— *Quel surprise!* — murmurou Rudkin.

— Não é tipo B? — indaguei.

— É tipo O — respondeu Noble.

— Conseguiram alguma informação nova? — perguntei.

— Pouca coisa. Era o cafetão. Não a viu desde a tarde.

— Deveria ter deixado que participássemos — disse Rudkin.

— Esta é a sua chance. Ele está esperando por vocês lá embaixo, com o detetive Ellis.

— Você não precisa da gente. Ellis poderá levá-lo para casa.

Noble tirou do bolso algumas notas de cinco libras, inclinou o corpo e meteu-as no bolso superior de Rudkin.

— Quero que vocês levem o senhor Barton para dar um passeio e façam com que fique muito chateado. Mas não queremos ressentimentos nem nada disso...

— Porra! — disse Rudkin. — Nós viemos fazer o nosso trabalho, Pete. Conseguimos tudo aquilo em Preston. E logo em seguida você colocou Bob trabalhando nos malditos assaltos. E agora isso. Não temos tempo.

Eu olhava para o tampo da mesa, as luzes refletindo na fórmica.

Noble curvou o corpo e tocou o bolso de Rudkin.

— Chega de se lamentar e faça o que eu pedi.

Rudkin esperou até que Noble estivesse do lado de fora, para dizer:

— Porra! Que merda!

E nos levantamos, duros como dois bonecos de madeira.

Ellis estava no Rover, sentado atrás do volante, esperando.

Barton no banco traseiro, vestindo calças largas e um paletó muito justo, com

seus dreadlocks contra a janela.

Rudkin sentou-se ao lado dele.

— Para onde?

Eu me sentei na frente.

Barton olhava para fora do carro.

— Vamos, Steve. Para onde?

— Para casa — ele murmurou.

— Casa? Você não pode ir para casa agora. Ainda são três da tarde. Vamos tomar um drinque.

Barton sabia que não tinha escolha.

Ellis ligou o carro e repetiu a pergunta:

— Para onde, então?

— Bradford. Para Manningham — disse Rudkin.

— Bradford — propôs Ellis, sorrindo, enquanto nos afastávamos de Millgarth.

Fechei os olhos, e Ellis ligou o rádio.

Quando acordei, estávamos em Manningham, a rádio tocava Wings, Barton permanecia em silêncio, como se tivesse um fantasma negro no banco de trás.

Ellis estacionou na frente do New Adelphi.

Rudkin perguntou:

— O que você acha, Steve?

Steve não disse nada.

— Ouvi dizer que está bem — disse Ellis e saímos do carro.

Havia vômito o dia anterior nas escadas e lá dentro. O New Adelphi era um grande e velho salão de baile, com pé-direito alto e papel de parede sujo. A clientela era mista, agitada, e ainda não eram nem quatro horas da tarde.

Eu estava arrasado, com os ombros caídos, a cabeça pifando, e a stripper não voltaria antes das seis. Dos alto-falantes saía um maldito reggae:

“Your mother is wondering where you are...”

Rudkin olhou para Steve e provocou:

— Viu, exatamente como você gosta.

Steve fez que sim, e nós o arrastamos para um canto, bem embaixo das escadas que levavam a uma sacada, eu de um lado e Rudkin do outro, Ellis no bar.

Nós três sentados ali, sem dizer nada, olhando para a pista de dança, para os rostos negros e brancos.

— Conhece alguém? — perguntou Rudkin.

Barton fez que não.

— Ótimo. Não vai querer que seus amigos pensem que você está andando agora com policiais, certo?

Ellis voltou com uma bandeja cheia de bebidas alcoólicas.

Ofereceu a Barton um copo duplo de rum com Coca-Cola.

— Toma isso.

— Steve — perguntou Rudkin, sorrindo —, você vem muito aqui?

Todos sorríamos, menos Steve.

Passaria algum tempo até que ele voltasse a sorrir.

Ellis voltou ao bar e trouxe mais drinques, mais rum e mais Coca-Cola, e bebemos tudo aquilo, e ele foi obrigado a retornar ao bar.

Estávamos sentados ali, os quatro, conversando um pouco, ouvindo aquele reggae interminável, com os taxistas paquistaneses entrando e saindo, a escória caindo na pista de dança, os velhos com seus dominós, os brancos com suas caras de rato e seus suéteres com gola em V, sem camisa, os negros com suas caras gordas balançando a cabeça ao som da música.

“What do you see at night when you’re under the stars...”

Rudkin e Ellis juntaram suas cabeças, rindo de uma mulher que estava no bar, a mesma que levantava o dedo médio na direção deles.

“Stay at home, sister, stay at home...”

E Barton, de repente, curvou o corpo na minha direção, pousando a mão no meu braço, com os olhos amarelados, a respiração pesada, perguntando:

— Essa merda tem a ver com Kenny e Marie, certo?

Olhei para ele, que vestia aquele paletó apertado e aquelas calças largas, e lembrei de quando estava no chão, com o cobertor sobre o corpo, as mãos se movendo, as revistas ao lado.

— Diz. Eu sei que pegaram Kenny e Joe Ro. Não vou fazer nada, mas preciso saber.

Tirei a sua mão de cima do meu braço e me afastei, encarando-o:

— Não estou nem aí pra essa merda toda, mas a informação que te deram é errada.

Ele se recostou na cadeira, e Rudkin jogou outro cigarro na sua direção. Ellis voltou ao bar e trouxe mais bebida, mais rum e mais Coca-Cola, e o reggae continuava:

"Baby keep on running but you won't get far..."

Quando voltei a olhar para o relógio, já eram quase seis da tarde. Eu queria sair dali, queria sair dali tanto quanto Steve, que estava chateado, com a cabeça caída sobre a mesa, os dreadlocks no cinzeiro.

A música parou, o microfone chiou e um holofote atingiu as pesadas cortinas vermelhas no fundo do palco.

Começou a tocar "Dancing Queen", as cortinas se abriram e uma morena rechonchuda, vestindo um biquíni minúsculo, surgiu, com olhos distantes e pernas frouxas.

— Esse maldito macaco vai perder o show — disse Ellis, fazendo sinal para Barton no exato momento em que a mulher parecia se animar.

— Mike, você é um chato — disse Rudkin, levantando da mesa e subindo as escadas.

— Que merda aconteceu com ele?

— Você precisa aprender a entender as pessoas — respondi.

Mike começou a murmurar, chateado.

— Fique de olho no Bela Adormecida — pedi, seguindo Rudkin pelas escadas.

Ele estava debruçado na sacada, olhando para a pálida stripper.

— Ótima vista — comentei, aproximando o meu cotovelo do seu.

Todos os homens do andar de baixo olhavam para o palco, as mulheres faziam comentários entre si, uma delas atirava amendoins para o alto e prendia-os entre as tetas.

Rudkin virou o que lhe restava de uísque no fundo do copo e me disse:

— Você sabe como vai ser de agora em diante, certo?

Pensando “Lá vamos nós”, respondi:

— Não, como vai ser?

Rudkin ficou olhando para o fundo do copo.

— Ele vai continuar matando, e nós vamos continuar procurando. Sempre atrás, nunca na frente.

— Nós vamos pegá-lo.

— Sério? Como?

— Com trabalho duro, paciência, ele vai se foder. Como sempre.

— Como sempre? Não existe “como sempre” nessa história.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Não, não sei. Você já viu esse tipo de coisa antes?

Pensei nas menininhas e nos anos perdidos e respondi:

— Casos parecidos.

— Não acredito.

— Vamos pegá-lo.

— Você é um homem bom, Bob — ele disse, e eu preferia não ter ouvido isso, pois já escutara antes e sabia que não era verdade, que não passava de uma gentileza vazia.

— E o que isso significa?

— Isso significa o que eu falei: você é um cara legal, mas nem todos os caras legais do mundo, fazendo os trabalhos mais difíceis do mundo, poderiam encontrar esse desgraçado.

— E por que você tem tanta certeza disso?

— Você leu aquela merda chamada “Assassinatos e agressões contra mulheres no norte da Inglaterra”?

— Li.

— Então...?

— Vamos pegá-lo, John.

— Não vamos pegar ninguém. Não temos nem ideia, nenhuma ideia. Esse veado fica olhando para o nosso reflexo no espelho e rindo. Ele está nos observando e se divertindo com tudo isso.

— Porra! Se temos algo a fazer, vamos em frente.

Rudkin ergueu os olhos, sombras pesadas passeavam em seu rosto, havia grandes lágrimas negras em seus olhos escuros, lágrimas de um homem que mantém um bastão de críquete ao lado da porta da frente de casa, para o caso de uma necessidade, e esse mesmo homem agarra o meu braço e diz:

— Aquela merda em Preston, aquela bobagem, não tem nada a ver com o que aconteceu por aqui.

O meu coração batia acelerado, o meu estômago se revirava, ele não parava de me encarar, me agarrando, me assustando.

— Os tipos sanguíneos — eu disse — são os mesmos.

— Bobagem, Bob. Algo está acontecendo, e não sei o que é. Na verdade, nem quero saber, pois estamos no meio disso tudo, e vou te dizer uma coisa: você vai acabar com a sua vida caso se envolva nisso.

"A minha vida já está destruída", pensei, mas deixei que ele continuasse.

— Você não conhece essa gente, Bob — ele dizia. — Eu conheço. Sei que tipo de merda vão tentar nos empurrar.

Olhei para o palco, para as tetas brancas e flácidas da stripper, para os homens no bar, já de saco cheio de tudo aquilo, e perguntei:

— Você acabou de me dizer que não tivesse medo, e depois diz que deveríamos escapar de tudo isso? O que está acontecendo, John?

Rudkin me olhou e balançou a cabeça, com um meio sorriso, depois desceu as escadas, deixando-me ali, com uma vontade enorme de socar aquele babaca arrogante.

Olhei para as tetas da stripper, depois para o meu relógio e decidi ir embora.

No andar de baixo, Rudkin pensava a mesma coisa, despertando Barton, ignorando Ellis e suas desculpas.

Barton ficou de pé, e Rudkin pegou o que restava de notas de cinco libras, metendo-as no bolso do paletó apertado de Barton.

Olhei para a stripper recolhendo o biquíni no chão do palco, com a sua bunda gorda virada para cima, depois olhei para o bar e para os rostos dos mortos, imaginando se ele estaria por ali, se estaria conosco naquele momento, e voltei à mesa, sem ter mais para onde olhar.

Barton estava de pé, cambaleando, com a cabeça cheia de rum. Pegou as notas

do seu paletó e atirou-as na mesa.

— Fique com isso — ele disse. — Para a próxima vez. — E foi embora.

— Acho que deveríamos mandar alguém chupar o pau dele — disse Ellis, sorrindo.

Peguei um dos copos com rum e bebi.

Ellis, repentinamente assustado com a ideia de ver a sua noite arrasada, suspirou, perguntando:

— Que merda vamos fazer agora?

— O que você quiser — respondeu Rudkin, seguindo em direção ao bar, empurrando as pessoas e buscando uma briga, para se sentir melhor.

— Para onde você vai? — gritou Ellis.

Eu estava na porta e respondi:

— Para casa.

— Ah, claro — ele disse, no exato momento em que abri a porta e saí.

Eu estava no banco traseiro de um táxi, nos arredores de Bradford, com a janela aberta, meus olhos fechando, meu coração pesado, minha mente em chamas.

Vá ver Janice, vá ver Bobby, vá ver Louise, você precisa ver o pai dela.

Quatro putas assassinadas, talvez mais.

Disparos em Hanging Heaton, disparos em Skipton, disparos em Doncaster, disparos no caminho para Selby.

Quatro putas assassinadas, talvez mais.

Eu, meu filho e minha esposa, com os dias do pai dela contados.

Janice, minha amante, meu tormento, minha puta particular, e eu com os meus dias contados.

— Paro por aqui?

— Sim, obrigado — respondi e paguei.

Subi as escadas, pensando: “Preciso de ajuda, estou morrendo”.

Na sua porta, eu pensava: “Não abra a porta, estou morto”.

Bati uma vez, pensando: “Preciso de ajuda, não quero morrer aqui na porta da sua casa”.

Ela atendeu a porta sorrindo, com os cabelos úmidos, a pele mais escura que antes.

O rádio estava ligado lá dentro.

— Posso entrar?

Ela abriu ainda mais o sorriso:

— Você é um policial. Faça o que quiser.

— Farei... — eu disse, e nos beijamos com ardor.

Beijos ardentes para esquecer e perdoar tudo o que tinha acontecido antes e o que estava por vir.

Chegamos à cama, minhas mãos em cima dela, tentando entrar mais fundo no seu corpo. Ela com as unhas nas minhas costas, tentando entrar mais fundo em mim.

Tirei a sua calça jeans, os seus sapatos, a morte desaparecera.

E fodemos, depois fodemos novamente, e ela me beijou e me chupou até que eu a comesse mais uma vez, e caímos no sono, com Rod tocando na rádio.

Acordei quando ela saía do banheiro, vestindo apenas camiseta e calcinha.

— Vai sair? — perguntei.

— Preciso.

— Não.

— Eu já disse, preciso sair.

Eu me levantei e comecei a me vestir.

Ela começou a se maquiar em frente ao espelho.

— Isso não te preocupa nem um pouco? — perguntei.

— O quê?

— Esses malditos assassinatos.

— Por quê? Por que sou prostituta?

— É.

— E a sua esposa, ela não deve se preocupar também?

— Ela não caminha pelas ruas da maldita Chapeltown às duas da manhã, certo?

— É uma puta de sorte. Conseguiu um marido rico que a tirou das ruas com o seu gordo salário...

Abri a carteira.

— Você quer dinheiro? Vou te dar o maldito dinheiro.

— Não é o dinheiro, Bob. Não é a porra do dinheiro. Quantas vezes vou ter que repetir?

Ela ficou parada no centro da sala, sob a luminária de papel, com a escova de cabelo nas mãos.

— Sinto muito — eu disse.

Ela foi até a gaveta e pegou uma espécie de top plastificado e uma saia jeans curta, do tipo que abotoa na frente.

Os meus olhos doíam, estavam cheios.

Ela parecia tão bonita, e eu não sabia como tudo aquilo acontecera, como tínhamos chegado até ali.

Eu disse:

— Você não precisa fazer isso.

— Claro que preciso.

— Por quê?

— Por favor, não comece.

— Não comece? Isso nunca terminou.

— Pode terminar quando você quiser.

— Não, não pode.

— Então não volte mais aqui.

— Vou sair de casa.

— Vai deixar sua esposa e seu filho por uma puta de Chapeltown? Eu não acredito.

— Você não é uma puta.

— Sou, sim. Sou uma puta suja e maldita, uma mulher que fode em troca de dinheiro, que chupa em troca de dinheiro, de joelhos, em estacionamentos e carros, e que, se tiver sorte, estará com pelo menos dez homens esta noite. Então

não finja que não sou uma puta.

— Vou sair de casa.

— Cale a boca, Bob. Cale a boca.

E ela foi embora. O barulho da porta tomou conta do quarto.

Eu me sentei na beira da cama e chorei.

Desci as ruas em direção ao Saint James.

A hora de visita estava quase terminando, as pessoas iam embora, com seu dever cumprido.

Fui de elevador até a enfermaria e desci o corredor, passando pelas salas dos moribundos, com suas cabeças raspadas e rostos encovados, suas peles murchas e frias, suas mãos geladas.

Sem ar, apenas calor.

Nada de escuridão, apenas claridade.

Mais uma noite em Dachau.

E eu pensando: “Nunca durma, nunca durma”.

Louise tinha ido embora, e o seu pai estava com os olhos fechados, sozinho.

Uma enfermeira se aproximou sorrindo, e eu sorri de volta.

— Acabaram de sair — ela disse.

— Obrigado — agradeci, acenando com a cabeça.

E me sentei ao lado da cama, ao lado das caixas de remédios, dos tubos, pensando em Janice. Estava sentado ao lado do corpo quase morto do pai da minha esposa, pensando em outra mulher, pensando numa puta de Chapeltown, e pensando nele ali, morrendo, e nela na minha frente, me chupando, de joelhos.

Ergui os olhos.

Bill olhava para mim, com olhos vermelhos e lacrimejantes, tentando me ver, buscando respostas, procurando a verdade.

Notei uma de suas mãos tentando vencer as barras de um dos lados da cama, e ele abriu a boca seca e rachada, e eu me aproximei.

— Não quero morrer — ele murmurou. — Não quero morrer.

Eu me afastei, me afastei do seu pijama listrado e do seu terrível hálito, me

afastei das suas ameaças e incoerências.

Ele tentou se sentar, mas não conseguiu, tudo o que pôde fazer foi levantar a mão e dizer:

— Robert! Robert! Não me deixe aqui. Quero que me leve para casa!

E me levantei, procurando a enfermeira.

— Vou contar a ela! Vou contar! — ele gritava.

Mas não havia ninguém por ali, só eu.

Abri a porta, a casa estava escura.

Peguei a edição noturna do jornal no capacho.

A pequena capa de chuva azul de Bobby estava dependurada num cabide.

Acendi a luz da cozinha e me sentei à mesa.

Queria subir para vê-lo, mas fiquei com medo que ela estivesse acordada, esperando.

Então fiquei ali, sentado sob a luz da cozinha, sozinho, pensando.

Sob a luz da cozinha, tarde da noite, na enfermaria oncológica, ninando Bobby, dentro de um carro estacionado. Eis os lugares onde fico pensando, em meio à louça suja e ao lado do meu sogro, olhando para os rabiscos do meu filho na porta da geladeira e para os restos de pão embaixo da torradeira, pensando.

Olhei para o meu relógio, era quase meia-noite.

Fiquei sentado ali, com a cabeça entre as mãos, enquanto eles dormiam no andar de cima, com uma caneca quebrada do jubileu secando na pia, no seio da minha família e pensando NELA.

Eis o que pensei:

“Ouvi coisas sobre ela, coisas que os demais contavam sobre ela, sabia que costumava chupar um policial de Bradford chamado Hall, mas nunca a vira, nunca a vira até o dia 4 de novembro do ano passado.

A Mischief Night.

E a peguei quando se oferecia perto do Gaiety, bêbada e cambaleando, tentando parar caminhões, e levei-a a Millgarth, depois à sua casa, cinco minutos mais tarde, com uma risada alta nos meus ouvidos, pensando: ‘Fodam-se’.

Estou casado há cinco anos e tenho um filho, um filho que tinha quase um ano na época, e eu queria ter outro.

E o que consegui foi a trepada da minha vida, no banco traseiro de uma viatura policial, à paisana, e foi a primeira vez que senti o seu gosto, que suguei os seus lábios, os seus mamilos, a sua boceta, a sua bunda, os seus olhos, os seus cabelos.

Aquela noite voltei para casa, para Louise e Bobby, e fiquei observando os dois dormindo, o menino deitado na cama dobrável ao lado da nossa cama de casal.

Deveria ter tomado um banho para limpá-la do meu corpo, mas acabei tomando água para sentir o seu gosto novamente.

E mais tarde acordei gritando que Bobby estava morto, correndo para a cama dobrável para ver se ele ainda respirava, suando, e voltei ao chuveiro, com o pau duro, e me masturbei.

E não parou por aí.

Daquela noite em diante, eu pensava nela todos os segundos, entre os lençóis, fazendo perguntas que não deveria, patrulhando as ruas, pegando pastas, com uma única palavra errada e o tudo vindo abaixo.

E aprendi a guardar segredo, a viver uma vida dupla, a beijar o meu filho com os mesmos lábios que a beijava, a chorar sozinho em quartos escuros enquanto eles três dormiam, a me controlar, a usar a razão, lembrando-me da fome e da seca, de coisas bem piores que aquilo, aprendendo a beijar três pares distintos de lábios".

Sob a luz da cozinha, entre a geladeira e a máquina de lavar, eu pensava:

"Ela tem 22 anos, eu tenho 32.

Ela é prostituta, eu sou um detetive sargento, branco, casado com a filha de um dos maiores policiais de Yorkshire de todos os tempos.

Eu tenho um filho de dezoito meses chamado Bobby.

Que precisa de mim".

E, quando já não podia parar de pensar, subi as escadas.

Ela dormia do seu lado na cama, desejando que eu estivesse morto.

Bobby estava na cama dobrável, e mais tarde ele também desejará que eu

estivesse morto.

Ela resmungava em sonhos e se revirou na cama.

Bobby abriu os olhos e me encarou.

Eu acariciei os seus cabelos e me curvei para beijá-lo.

Ele voltou a dormir, e eu desci novamente.

Caminhei pela casa escura, lembrando-me do dia em que nos mudamos, do primeiro Natal, do dia em que Bobby nasceu, do dia em que ele veio para casa, da época em que a casa estava sempre com as luzes acesas.

Fiquei de pé na sala, olhando os carros passando na rua, com seus bancos vazios e suas luzes amarelas, seus motoristas e suas malas, até cada um deles se transformar em nada mais que pontos negros, e eles voltavam de seus encontros com Janice, e seus motores não seriam nada mais que uma forma de levar o assassino de um ponto A a um ponto B, outra forma de levar os mortos para lá e para cá, outra forma de levá-la embora.

Engoli em seco.

Voltei à cozinha, com as pernas fracas e o estômago vazio.

E me sentei, lacrimejando sobre a edição noturna do jornal, lágrimas sobre o livro de Bobby, e abri o pequeno livro, observando o desenho de um sapo com galochas, mas isso não ajudou em nada, pois eu não moro numa casa úmida, entre botões-de-ouro, à beira de um lago, eu moro aqui:

Yorkshire, 1977.

Limpo os meus olhos, mas eles não secam, pois as lágrimas não cessam, e eu sei que não cessarão até que eu o encontre.

Até que eu o encontre.

Antes que ele a encontre.

Até que eu veja o seu rosto.

Antes que ele veja o rosto dela.

Até que eu diga o seu nome.

Antes que ele diga o nome dela.

Viro o *Evening Post* e lá está ele, um passo à frente, esperando por nós dois:

O Estripador de Yorkshire.

Ouvinte: Veja isso: “Em média, os homens ganham setenta e duas libras por semana”.

John Shark: Você também, certo, Bob?

Ouvinte: Claro que não. Talvez no sul, mas não por aqui.

John Shark: Trata-se do mesmo relatório que afirma haver nove milhões de pensionistas e que três por cento da população é formada por imigrantes.

Ouvinte: A verdade é que eles entenderam a porra toda errada desde o princípio.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Sexta-feira, 3 de junho de 1977

6

Jubela...

— Duas vezes. Ele me bateu duas vezes, bem no topo da cabeça.

A senhora Jobson inclinou-se para a frente, partindo os cabelos ao meio e revelando as marcas.

— Pode tocar, quero que sinta — disse o marido.

Atravessei a sala para tocar o topo da cabeça da senhora Jobson, sentindo as raízes dos seus cabelos oleosos entre os meus dedos, as grandes depressões e crateras do crânio.

O senhor Jobson observava o meu rosto.

— Fez um bom buraco, certo?

— É... — respondi.

Era sexta-feira, quase onze horas da manhã, e estávamos sentados na espartana sala de estar da casa do senhor e da senhora Jobson, no fim da Halifax, tomando café e vendo fotos, conversando sobre o momento em que um homem atingiu a senhora Jobson na cabeça, duas vezes, usando um martelo, depois arrancou sua blusa e seu sutiã, ferindo o seu peito com uma chave de fenda e se masturbando entre os seus seios.

Ao lado das fotos da realeza, entre os enfeites, os cartões-postais e os vasos sem flores, havia vários frascos de pílulas, pois a senhora Jobson nunca mais saíra de casa após aquele dia, três anos antes, quando encontrou o homem com o martelo e a chave de fenda ao voltar de um dos seus encontros noturnos semanais com as amigas, amigas que tinham deixado de sair de casa, amigas que sofreram nas mãos dos maridos quando a polícia deu a entender que a senhora Jobson gostava de fazer um dinheiro chupando pau de negros na rodoviária ao voltar para casa. A senhora Jobson nunca mais saiu de casa depois daquela noite de 1974, nem mesmo para limpar as pichações na porta da frente, pichações que

diziam que ela gostava de chupar o pau de negros na rodoviária, pichações que o seu marido, com ou sem vontade, apagou repetidamente, as mesmas pichações que fizeram a sua Lesley nunca mais voltar à escola por conta de tudo o que estavam dizendo sobre sua mãe e os homens negros na rodoviária, chegando ao ponto de Lesley procurar sua mãe e, de pé na escada, após ter molhado a cama pela terceira vez na mesma semana, perguntar se ela alguma vez estivera com homens negros na rodoviária, e a senhora Jobson repetiu o mesmo que já tinha dito antes:

— Algumas vezes, em momentos como este, eu preferia que ele tivesse acabado de vez comigo.

O senhor Jobson concordava.

Pousei a minha xícara na mesa, ao lado do meu gravador de bolso, que estava ligado.

— E como a senhora está agora?

— Melhor. Quer dizer, sempre aparece outra, e é sempre uma prostituta. E eu sei que isso faz o povo voltar a comentar. Tudo o que eu queria era que pegassem aquele maldito.

— Já conversou com Anita? — perguntou o senhor Jobson.

— Vamos nos encontrar esta tarde.

— Diga que Donald e Joyce mandam lembranças.

— Claro.

Na porta, o senhor Jobson disse:

— Sinto muito pelas fotografias, mas nós...

— Tudo bem, não se preocupe. Os senhores foram muitos gentis ao aceitar a minha visita.

— Se isso ajudar a pegar o... — O senhor Jobson olhou para a rua, depois disse, em tom baixo: — Tudo o que quero são dez minutos sozinho com ele, é tudo o que peço. E não precisaria de nenhum martelo ou chave de fenda.

Fiquei de pé, concordando.

Nos despedimos com um aperto de mão.

— Obrigado, mais uma vez.

— De nada. Ligue se descobrir alguma coisa.

— Claro.

Entrei no Rover e fui embora.

Jubelo...

Anita Bird morava em Cleckheaton, no mesmo tipo de casa geminada dos Jobson, também no fim da rua.

Bati na porta e esperei.

Uma mulher com cabelos loiros muito claros e maquiagem pesada atendeu.

— Sou Jack Whitehead. Conversamos por telefone.

— Entre. Mas peço que desculpe a bagunça.

Ela afastou uma pilha de roupas para passar de uma ponta do sofá, e eu me sentei. Estávamos em sua melancólica sala de estar.

— Uma xícara de chá?

— Acabei de tomar, obrigado. Donald e Joyce Jobson mandam lembranças.

— Certo. E como ela está?

— Não a conheci antes, então não sei bem o que dizer. Mas ela não sai de casa.

— Eu também fiquei sem sair por um tempo. Mas depois pensei: “Que se foda!”. Peço perdão pelas palavras, mas só porque ele fez isso comigo eu ficaria em casa, como se morasse numa prisão, enquanto ele passeia por aí livremente, como um passarinho? Não, isso não. Então um dia eu disse pra mim mesma: “Anita, você não vai ficar em casa, presa como se fosse uma vaca, está na hora de lidar com isso, você está acostumada com gente assim”.

Eu acenava com a cabeça, colocando o gravador no braço do sofá.

— Algumas vezes parece que passou uma vida inteira, outras parece que foi ontem.

— Você não morava aqui, certo?

— Não, eu morava com Clive, meu namorado na época, na Cumberland Avenue. E isso foi parte do problema... Ele era negro...

— O que você quer dizer?

— Imaginaram que pudesse ter sido ele.

— Apenas porque era negro?

— Por isso e porque ele me bateu algumas vezes, e a polícia apareceu.

— Você denunciou alguma vez?

— Não, sempre conversávamos. Ele é esperto.

— Onde está agora?

— Clive? Preso, pelo que sei. Por “lesões corporais graves”.

— Lesões corporais?

— Bateu num cara no International. A polícia nunca gostou dele. Sempre desaparecia.

— E quando deve sair?

— Sei lá... Tem certeza de que não quer uma xícara de chá?

— Está bem, eu aceito.

Ela sorriu e entrou na cozinha.

A televisão estava ligada, mas sem som, passavam as notícias da hora do almoço com fotos de Ulster, depois de Wedgwood-Benn.

— Açúcar? — ela perguntou, oferecendo o chá.

— Por favor.

Ela trouxe um saco de açúcar da cozinha.

— Sinto muito — desculpou-se.

— Não se preocupe. Obrigado.

Sentamos e tomamos o nosso chá, vendo uma partida de críquete sem som, direto de Old Trafford.

O segundo teste.

— Você se importaria em me contar novamente o que aconteceu? — perguntei.

— Não — ela respondeu, deixando a xícara de chá na mesa.

— Era agosto de 1974, certo?

— Exatamente. Dia 5 de agosto. Fui ao Bibby’s procurando por Clive, mas...

— Ao Bibby’s?

— Era um clube. Está fechado. Mas Clive não estava lá. Como sempre. Tomei um drinque, mais de um, na verdade, e depois tive de ir embora, pois um dos

amigos dele, o Joe, estava bêbado e tentou me levar pra casa, e eu sabia que, se Clive aparecesse, ele arrumaria confusão, então voltei para Cumberland Street e fiquei esperando por ele. Fiquei sentada lá, plantada, e resolvi voltar ao Bibby's, e foi então que aconteceu.

A sala estava escura, o Sol fora embora.

— Você o viu?

— Bem, eles acham que sim. Alguns minutos antes de isso acontecer, um cara passou por mim e disse algo tipo: "Esse clima deixa qualquer um para baixo", e saiu. A polícia acha que poderia ter sido ele.

— Você respondeu alguma coisa?

— Não, segui em frente.

— Mas você viu o rosto dele?

— Vi.

Ela fechou os olhos, com as mãos entre os joelhos.

Eu estava sentado naquela sala, em mais um anoitecer confuso, como se ele estivesse no sofá, sentado ao meu lado, com um sorriso aberto, uma das mãos pousadas no meu joelho, soltando uma última gargalhada entre os móveis.

Ela arregalou os olhos, olhando para mim.

— Você está bem? — perguntei.

— Ele estava bem-vestido e cheirava a sabonete. Sua barba e seu bigode estavam aparados. Parecia italiano ou grego, sabe, como um desses garçons bonitos.

Ele coçava a própria barba, sorrindo.

— Tinha sotaque?

— Sotaque local.

— Algo diferente?

— Não especialmente. Acho que usava botas, botas de caubói, talvez.

Ele fazia que não com a cabeça.

— Então ele passou ao seu lado e...

Ela fechou os olhos e disse, lentamente:

— Alguns minutos depois, ele me atingiu. Foi isso.

Ele piscou os olhos uma vez, depois foi embora.

Ela curvou o corpo para a frente e afastou os cabelos loiros do topo da cabeça.

— Vem, quero que sinta.

E lá estava eu, mais uma vez, tocando mais uma cabeça, entre mais fios de cabelos escuros e quebradiços, sentindo mais uma enorme e profunda cratera.

Passei os dedos entre as entradas, sentindo a maciez dos seus cabelos.

— Quer ver as feridas?

— Quero.

Ela se levantou e ergueu o suéter, revelando grandes manchas vermelhas em seu estômago pálido e rechonchudo.

Pareciam enormes sanguessugas medievais, tomando o seu sangue.

— Pode tocar se quiser — ela disse, aproximando-se e pegando uma das minhas mãos.

E correu os meus dedos pela ferida mais profunda. Minha boca estava seca, e o meu pau, duro.

Ela deixou o meu dedo parado no ponto mais profundo.

Após um minuto, propôs:

— Podemos subir se você quiser.

Eu tossi e me afastei.

— Acho que não...

— É casado?

— Não. Não...

Ela baixou o suéter.

— Simplesmente não gosta de mim, certo?

— Não é isso.

— Não se preocupe, querido. Não consigo muitos hoje em dia. Após ter sido atacada por aquele maníaco maldito e sendo conhecida por aqueles negros... Só consigo trepar com negros e loucos.

— Por isso me convidou?

— Não — ela respondeu, sorrindo. — Eu gosto de você.

Arruinado em meu carro, beliscando *fish and chips, e eles escapando.*

Olhei para o relógio.

Hora de ir.

Sob os arcos, aqueles arcos escuros: Swinegate.

Marcamos de nos encontrar às cinco, enquanto ainda houvesse luz.

Estacionei bem no fundo, mas ainda podia vê-lo, do outro lado, próximo ao Scarborough Hotel, usando o mesmo chapéu e a mesma capa de chuva, embora fizesse calor, desrespeitando o tempo, e carregando a mesma pasta, como da última vez.

Domingo, 26 de janeiro de 1975.

— Reverendo Laws — eu disse, com a mão no bolso.

— Jack — ele sorriu. — Quanto tempo!

— Nem tanto.

— Jack, Jack. Sempre o mesmo, sempre tão triste.

Eu pensava: "*Aqui não, aqui na rua não*", e sugeri:

— Podemos ir a algum lugar. Um lugar tranquilo.

Ele fez um sinal em direção a um grande edifício escuro na Scarborough:

— O Griffin?

— Por que não?

O reverendo Martin Laws foi à frente, caminhando com passos firmes, era um homem alto, com cabelos grisalhos escapando pelas abas do chapéu e chegando ao colarinho da capa de chuva. Ele girou o corpo para me apressar entre os pedestres, as lojas, os carros, os andaimes, em direção à escura recepção do Griffin Hotel.

Apontou para cadeiras ao fundo, duas cadeiras altas sob uma lâmpada apagada, e eu fiz que sim.

Nos sentamos, e ele tirou o chapéu, deixando-o sobre o colo, e colocou a pasta junto à panturrilha.

Sorriu mais uma vez para mim através de sua barba grisalha espetada e sua pele suja e amarelada, um jornal velho, como a minha.

Ele cheirava a peixe.

Um garçom turco se aproximou.

— Mehmet — disse o reverendo Laws. — Como vai?

— Padre, que bom recebê-lo de novo. Estamos bem, todos estamos bem. Obrigado.

— E a escola? A menor já conseguiu se adaptar?

— Sim, padre. Obrigado. Foi exatamente como o senhor falou.

— Se eu puder ajudar de outra forma, por favor...

— O senhor foi muito gentil, foi mesmo.

— Não foi nada. Um prazer.

Eu tossi, inquieto dentro do meu paletó.

— Já sabe o que vai querer, padre?

O reverendo Laws sorriu para mim.

— Sim, acho que sabemos, certo, Jack?

— Quero um brandy, por favor. E café.

— Certo. E o senhor, padre?

— Chá.

— Como sempre?

— Sim, Mehmet. Obrigado.

Ele fez uma rápida reverência e foi embora.

— Que homem adorável. Mora há pouco tempo por aqui, desde todo esse transtorno.

— E fala muito bem inglês.

— Sim, excepcionalmente bem. Caso lhe diga isso, será seu amigo para sempre.

— Se eu fosse ele, preferia não ser meu amigo.

O reverendo Laws sorriu mais uma vez, o mesmo sorriso estranho, demonstrando certa descrença, que nos derrete ou congela.

— Vamos — ele disse. — Você está sendo muito duro consigo mesmo. Eu gosto de ser seu amigo.

— Mas não é um sentimento mútuo.

— Pedras e rosas, Jack. Pedras e rosas.

— Ela voltou — eu disse.

Ele olhou para o chapéu que segurava nas mãos.

— Eu sei.

— Como?

— A sua ligação. Eu notei...

— Notou o quê? A minha dor? Bobagem...

— Por isso queria se encontrar comigo? Para abusar de mim? Tudo bem, Jack.

— Olhe pra você, seu hipócrita, sentado todo pomposo com a sua velha capa de chuva, com o chapéu em cima do pau, com sua pequena bolsa de segredos, sua cruz e suas rezas, seu martelo e seus pregos, bendizendo os malditos negros, transformando chá em vinho. Quem está aqui sou eu, Martin, o Jack, e não uma mulher solitária que não trepa há quinze anos. Eu estava lá, lembra? Na noite em que você estragou tudo.

Parei e notei que ele continuava sentado ali.

A noite em que Michael Williams pôs para dormir Carol em seus braços pela última vez.

Ele estava sentado ali, mexendo no chapéu com os dedos.

A noite em que Michael Williams...

Ele ergueu os olhos e sorriu.

A noite...

Abri a boca para voltar a falar, mas ele sorria para o garçom.

Mehmet serviu os drinques e pegou um pequeno envelope do bolso, metendo-o entre as mãos do reverendo.

— Mehmet, não posso. Não precisa...

— Padre, eu insisto — ele disse, e foi embora.

Dei uma olhada no Griffin, vendo o garçom voltar ao bar, uma senhora com bengala tentando se levantar de outra cadeira alta, uma criança lendo um gibi, a luz escura e amarelada da recepção, as velhas revistas, as pinturas e as luzes quase desaparecendo, e não era estranho que o reverendo Martin Laws frequentasse aquele local, pois o Griffin se parecia muito com uma velha igreja precisando de reformas.

Ele inclinou o corpo, com o chapéu ainda entre os dedos, e perguntou:

— Posso te ajudar?

— Da mesma forma como ajudou Michael Williams?

— Eu poderia fazer isso desaparecer.

— Você se livrou de Carol, certamente.

— Poderia fazer com que pare.

Olhei para o seu chapéu, para os longos dedos brancos sobre as abas.

— Jack?

— Quero que isso pare. Que tudo isso termine — eu disse.

— Claro. E vai parar, acredite em mim.

— Só existe uma maneira. Uma única maneira.

— Tenho um quarto. Podemos subir agora mesmo, e tudo estará terminado.

Eu olhava para a senhora com a bengala, para a criança num canto, para as revistas e para a pintura, para a luz fraca.

Jubela, Jubelo...

— Hoje não — respondi.

— Estarei esperando.

— Eu sei.

Voltei caminhando pela City Square, com a Lua quase cheia no céu noturno e azul, dando as costas aos meninos e às meninas da sexta-feira à noite e ao início do fim de semana do jubileu, com uma ameaça de chuva e uma promessa de transa, atravessando a City Square e voltando à redação, sabendo o que poderia ter acontecido naquele quarto de hotel, de volta ao que me esperava na minha mesa, entre a chuva e as transas.

Os primeiros pingos de chuva já começavam a cair.

Desci a tampa do vaso e peguei a carta guardada no meu bolso.

Pensava nas impressões digitais e no que a polícia diria. Mas como eles poderiam imaginar que eu sabia? Na verdade, eu sabia que não existia impressão digital nenhuma.

Olhei para o selo: *Preston.*

Enviado no dia anterior.

Correio prioritário.

Usei a ponta da caneta para abrir o envelope.

Ainda usando a caneta, retirei o papel.

Estava dobrado em dois, e a tinta vermelha vazara para o outro lado, formando um calombo entre as folhas.

Abri e tentei ler o que estava escrito.

Eu tremia, com os olhos vermelhos e um gosto de sal na boca.

Não terminaria daquela maneira.

— Vou ligar para George Oldman — disse Hadden, olhando para o papel repleto de letras na sua mesa, mas sem olhar para as outras coisas dispostas ao lado.

— Certo.

Ele engoliu em seco, pegou o telefone e discou.

Esperei, a Lua se escondeu, a chuva caía lá fora.

Era tarde da noite, muito tarde.

Um policial uniformizado foi diretamente à central dos correios de Yorkshire, guardou o envelope e o seu conteúdo num saco plástico e me levou para Millgarth, junto com Hadden, onde fomos conduzidos à sala do detetive-chefe superintendente Noble, que antes era a sala de George Oldman, e onde eles estavam sentados, Peter Noble e George, esperando por nós.

— Sente-se — disse Oldman.

O policial uniformizado colocou o saco plástico sobre a mesa e desapareceu.

Com uma pinça, Noble abriu o envelope e a carta.

— Vocês dois colocaram a mão nisso? — ele perguntou.

— Só eu — respondi.

— Não se preocupe. Vamos recolher as suas impressões mais tarde — disse Oldman.

— Vocês já têm as minhas impressões — respondi, sorrindo.

— Veio de Preston — leu Noble.

— E quando foi enviada?

— Ontem, parece.

Os dois pareciam estar num mundo paralelo, mais profundo.

Hadden estava sentado na ponta da cadeira.

Noble voltou a guardar a carta no saco plástico, que ofereceu a George Oldman, junto a um envelope e um pacote menor.

E leu:

Do inferno

Senhor Whitehead,

Envio a pele que tirei de uma mulher e que guardei para o senhor. Outros pedaços eu fritei e comi, e estava gostozo. Poso te enviar a maldita faca que cortou a pele caso espere um pouco mais.

E você gostaria, que eu sei.

Venha me pegar quando puder.

Lewis.

Ninguém disse nada.

Depois de um tempo, Noble perguntou:

— Lewis?

— Não deve ser o nome real — disse Hadden.

Oldman olhou para o teto, depois para mim.

— O que você acha, Jack? Será verdadeira?

— É uma imitação de uma carta enviada a um tal George Lusk durante os assassinatos do Estripador de Londres.

Noble negou com a cabeça.

— Foi você quem escreveu o artigo sobre o Estripador de Yorkshire, certo?

— Sim — respondi, em tom baixo. — Fui eu.

— Maravilha. Que maravilha de texto.

— Deixa isso para lá, Pete — disse Oldman.

— Não, tudo bem...

— Jack... — disse Hadden.

— Não vamos pedir a todos os que têm trabalhos estranhos, daqui até a maldita Timbuktu, que reescrevam isso, certo? Pelo amor de Deus.

— Pete.... — disse Oldman.

— Não é um trabalho estranho. Foi ele.

— Não é um trabalho estranho? Como você é capaz de se sentar na minha frente e dizer isso?

Apontei para o pequeno pacote ao lado do seu cotovelo, para a fina pele tirada do corpo da senhora Marie Watts.

— De quantas provas você precisa?

Nas escadarias, do lado de fora, no meio da noite.

— Qual o problema entre você e Noble? — perguntou Hadden.

— Eu não me importo com ele.

— Você não se importa com ele?

— Nem ele comigo.

— Mas você parecia certo de que a carta era verdadeira.

— E você, não?

— Não sei, Jack. Quer dizer, como saber se uma carta foi realmente escrita por um assassino em série?

Abri a porta, e lá estavam elas, de pé, com suas seis costas brancas viradas para mim.

Tirei o meu paletó e me servi uma dose de uísque escocês, depois me sentei e peguei o livro *Edwin Drood.*

Elas continuavam de costas para mim, olhando para a Lua.

Eu sorri e comecei a assobiar: *The man I love is up in the gallery...*

Rodopiando, Carol voou pela sala, mostrando seus dentes e unhas afiadas. Ela tentava alcançar os meus olhos, os meus ouvidos, a minha língua, atirando-me

para fora da cadeira, em direção ao chão.

— Você acha engraçado? Essas coisas são engraçadas pra você? — ela perguntou, gritando.

— Não, não, não.

— Acha engraçado? — ela perguntou, gargalhando.

— Descansar, quero apenas descansar.

— O demônio está a solta, e você quer descansar? Deveríamos te colocar contra a parede.

As outras gritaram:

— Contra a parede! Contra a parede!

— Por favor, por favor. Me deixem em paz!

— Em paz? Em paz? E quem nos deixará em paz, Jack?

— Sinto muito, por favor...

— "Sinto muito" não é suficiente, certo? — ela perguntou, zombando.

Elas abriram as janelas, a chuva entrou, as cortinas balançaram.

Uivando: *The man I love is up in the gallery...*

Ela me agarrou pelos cabelos e arrastou o meu rosto até o parapeito.

— Ele vai matar de novo, e em pouco tempo. Está vendo a Lua?

A chuva batia no meu rosto, a lua negra nos meus olhos.

— Eu sei, eu sei.

— Você sabe, mas não vai detê-lo.

— Não posso.

— Claro que pode.

Elas tiraram as minhas fitas das gavetas, arrebentaram tudo, deixaram que voassem ao vento, os meus livros, os meus livros infantis de crimes, destruíram tudo...

Lamuriando-se: *The man I love is up in the gallery...*

— Você sabe quem ele é?

— Não. Poderia ser qualquer um.

— Não, não poderia. Você sabe que não.

E ela colocou sua boca sobre a minha, tirando o meu fôlego, batendo sua língua contra a minha.

— Quero que me coma, Jack. Quero que você me coma como costumava fazer.

E me afastei, gritando sem parar:

— Você está morta, morta, morta, morta, morta, morta, morta, morta.

— Não, Jack. Você está morto — ela murmurou.

Elas me pegaram do chão e me carregaram para a cama, onde me deitaram, enquanto Carol acariciava o meu rosto, Eddie desaparecia e a minha Bíblia aberta, lendo:

E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, os vossos anciãos terão sonhos.

— Nós te amamos, Jack. Nós te amamos — elas disseram.

Não se entregue, agora não.

Eram os últimos dias.

Ouvinte: Esse tal Moody, ele é o cabeça do Divisão de Publicações Obscenas da Scotland Yard, certo?

John Shark: Era.

Ouvinte: E, durante o tempo todo, aceitou subornos e fez favores aos tais Barões do Pornô. In-crí-vel.

John Shark: Parece um eco distante daquela série, a Dixon of Dock Green.

Ouvinte: Porra, ele deve mesmo ter se envolvido com tudo isso. E com outras coisas também. Malditos policiais. Fico enojado.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Sábado, 4 de junho de 1977

7

Acordei sozinho de um sono vazio, sozinho entre os lençóis vazios de Janice, sozinho em sua cama vazia, em seu quarto vazio.

Era sábado de manhã, 4 de junho, e eu tirara duas horas de sono entrecortado, com o sol quente se levantando.

Debrucei o corpo e liguei o rádio.

Três policiais assassinados em Ulster, homem acusado de matar Nairac, ITV continua em greve, torcedores escoceses chegam a Londres, Keegan vendido para o Hamburgo por meio milhão, temperatura deve chegar aos 21 graus.

Ou mais.

Eu me sentei na beira da cama, com a cabeça despertando.

Luzes vermelhas, tiros de espingarda, enfermaria oncológica, campos de concentração, corpos sobre capas de chuvas, quartos terríveis povoados de mortos.

Calcei as botas e segui para o corredor, batendo na porta de Karen Burns.

Drenando as águas, tragando o rio escuro.

Keith Lee, mais um Spencer Boy, com o peito nu e vestindo jeans:

— O que você quer, porra?

— Você viu Janice?

Karen estava deitada de costas na cama, Keith deu uma olhada em volta.

— Pessoal ou a trabalho?

Eu o empurrei para dentro do quarto.

— Isso não é uma resposta, Keith. É uma pergunta.

Karen ergueu a cabeça.

— Porra!

— Sei o que você fez com Kenny, cara. E sei que não foi nada legal.

Dei um tapa na cara dele e disse:

— Kenny estava comendo Marie Watts às escondidas de Barton. Tente comer a mulher de outro cara, e você verá o que acontece.

Karen puxou o lençol cinzento e sujo sobre a cabeça, deixando de fora a bunda branca.

Keith esfregou o rosto e apontou o dedo, dizendo:

— Certo, vou me lembrar disso da próxima vez que Eric Hall ou Craven baterem na porta.

Eu o encarei.

Ele deu uma olhada ao redor da sala, fazendo que sim para si mesmo.

Algo estava acontecendo com o nosso Keith, e não tinha nada a ver com Kenny ter recebido uma dura.

Mas *foda-se*.

Tirei o lençol de cima de Karen Burns, branca, 23 anos, prostituta, drogada, mãe de dois, e bati na bunda dela:

— Cadê a Janice? Cadê ela, porra?

Karen virou na cama, com as tetas murchas, uma das mãos sobre a boceta, a outra buscando o lençol.

— Porra, Fraser. Não sei nada desde quinta-feira à noite.

— Ela não trabalhou ontem à noite?

— Sei lá. Só estou dizendo que não a vi.

Deixei o lençol cair em cima dela e olhei para Keith, indagando:

— E Joe?

— O quê?

— Anda sumido.

— Não sai do quarto há uma semana.

— Por conta dessa merda com o Kenny?

— Claro que não. Os dois setes, cara...

— Você acredita nessa besteira?

— Eu acredito no que vejo.

— E o que você vê, Keith?

— Um milhão de pequenos apocalipses e muito sangue.

Soltei uma risada.

— Vá pegar a sua bandeira, Keith. Estamos no maldito jubileu.

— Vá se foder.

— Que patriótico! — ironizei, fechando a porta e deixando lá dentro aqueles merdas e o seu mundo sujo e maldito.

Uma chave abriu o trinco, depois a maçaneta girou.

E lá estava ela, cansada e de saco cheio. Cansada de tanta foda, de saco cheio de tanta foda.

— O que você está fazendo aqui?

— Já disse, vou deixar a minha mulher.

— Agora, não, Bob. Agora, não — disse ela, entrando no banheiro e batendo a porta.

Eu a segui.

Ela estava sentada no vaso, com a tampa fechada, chorando.

— O que foi?

— Deixa pra lá, Bob.

— Conta.

Ela engolia em seco, tentava parar de soluçar.

Eu estava no chão do banheiro, segurando o queixo de Janice, perguntando:

— O que aconteceu?

No banco de trás de carros luxuosos, luvas de couro agarrando a sua nuca, pau no seu cu, garrafas na sua boceta...

— Conta!

Ela tremia.

Eu a segurei, beijei suas lágrimas.

— Por favor...

Ela ficou de pé, afastando-se de mim, olhando para o espelho, limpando o rosto.

— Porra!

— Janice, eu preciso saber...

Ela virou o corpo, com as mãos nas cadeiras.

— Eles me pegaram...

— Quem?

— Quem você acha? — ela perguntou.

— A Divisão de Costumes?

— Exatamente, a Divisão de Costumes.

— Quem?

— Sei lá, porra.

— Você não viu as identificações?

— Porra, Bob!

— Pediu que ligassem para Eric?

— Pedi.

— E...?

— Eric pediu que ligassem pra você.

Havia cordas sobre o meu peito, cordas grossas, que a cada segundo apertavam mais.

— O que eles disseram?

— Riram e ligaram pra delegacia. Ligaram pra sua casa.

— Pra a minha casa?

— Sim, pra sua casa.

— E...?

— Eles não te encontraram, Bob. Você não estava.

— E...?

— Você não estava, Bob?

As cordas queimavam o meu peito, destruíam as minhas costelas.

— Janice...

— Quer saber o que aconteceu depois? Quer saber o que eles fizeram depois?

— Janice...

— Eles me comeram.

Gosto de bile na boca, meus olhos fechados.

Ela gritava:

— Olhe pra mim!

Levantei a tampa e tossi, ela estava atrás de mim.

— Olhe pra mim!

Virei o corpo e ali estava ela:

Nua e com marcas de mordida na pele, com arranhões vermelhos sobre os seios, sobre a bunda.

— Quem?

— Quem o quê?

— Quem foi?

Ela escorregou pela parede do banheiro, sentando-se no chão, soluçando.

— Quem?

— Não sei. Quatro.

— Uniformizados?

— Não.

— Onde?

— Num camburão.

— Onde?

— Em Manningham.

— Que merda você estava fazendo lá?

— Você disse que eu não estaria segura por aqui.

Peguei-a nos braços, ninando-a, beijando-a.

— Quer ver um médico?

Ela balançou a cabeça, levantando os olhos.

— Eles tiraram fotos.

Porra, Craven.

— Um deles tinha barba, era manco?

— Não.

— Tem certeza?

Ela desviou o olhar e engoliu em seco.

O sol brilhava sobre a janela, movendo-se pelo tapete do banheiro, aproximando-se de nós dois.

— Estão mortos. Todos eles.

E então, de repente, portas de carro bateram do lado de fora, ouvi o barulho de botas nas escadas, batidas na porta, batidas na nossa porta.

E saí do banheiro.

— Quem é?

— É você, Fraser?

Abri a porta, e lá estava Rudkin, com Ellis atrás dele.

— O que você está fazendo aqui? A gente te procurou por todos os lados — perguntou Rudkin.

Visões de Bobby, ovos quebrados e sangue vermelho nas bochechas brancas de um bebê, carros demorando a frear.

Tarde demais.

— O que foi? O que é isso?

Mas Rudkin olhou para além de mim, vendo Janice no chão.

Nua e com marcas de mordida na pele, com arranhões vermelhos sobre os seios, sobre a bunda.

Ellis ficou boquiaberto, com a língua para fora.

— O que é isso?

— Outra vez.

Virei o corpo e fechei a porta na cara deles.

No banheiro, eu disse:

— Preciso ir.

Ela não respondeu.

— Janice?

Nada.

— Meu amor, eu preciso ir.

Nada.

Peguei um lençol na cama, levei ao banheiro e coloquei em cima dela.

Depois me agachei e dei um beijo na sua testa.

Ao abrir a porta, eles continuavam lá, olhando para além de mim.

Fechei a porta e empurrei os dois, descendo as escadas em direção ao carro.

E me sentei no banco traseiro, com o sol forte na minha cara.

Rudkin dirigia.

Ellis não parava de olhar para trás, sorrindo, desesperado para dirigir, mas aquele era o carro de Rudkin, e ele estava no banco do carona, e não dizia nada.

Olhei para fora, para Chapeltown, para as árvores e para o céu, para as lojas e para as pessoas, e me senti fraco.

Se for ele, é estranho.

Branco, minha mente em branco.

As árvores são verdes, não pretas.

O céu é azul, não cor de sangue.

As lojas estão abertas, não destruídas.

As pessoas nas ruas estão vivas, não mortas.

Meio-dia num mundo diferente.

Penso em Janice.

As árvores pretas.

O céu cor de sangue.

As lojas desaparecidas.

As pessoas mortas.

Estávamos de volta.

Millgarth, Leeds.

Sábado, 4 de junho de 1977.

Meio-dia.

E todos estavam lá.

Oldman, Noble, Alderman, Prentice, Gaskins, Evans e os seus esquadrões.

E Craven.

Eu o encarei.

Ele sorriu, depois piscou um olho.

Poderia matá-lo naquele exato momento, bem ali, antes do almoço.

Ele inclinou o corpo para Alderman e murmurou alguma coisa, tocando no bolso na altura de seu peito, e os dois sorriram.

Três segundos mais tarde, Alderman olhou para mim.

Eu o encarei.

Ele afastou os olhos, com um leve sorriso.

Porra.

Todos murmuravam, eu perdia.

Terreno baldio, um vestido longo de veludo preto num terreno baldio.

Oldman começou:

— Esta manhã, às quinze para as sete, um menino entregador de jornais ouviu gritos de socorro vindos de um terreno baldio ao lado do templo Sikh, na Bowling Back Lane. Ele encontrou Linda Clark, de 36 anos, deitada e seriamente ferida, com fraturas no crânio e punhaladas no abdômen e nas costas. Uma investigação preliminar sugeriu que as feridas na cabeça foram causadas por golpes de martelo. Ela foi levada rapidamente ao hospital. Está no Pinderfields, em Wakefield, vigiada 24 horas por dia. Mesmo com a gravidade das feridas, a senhora Clark pôde nos passar alguma informação. Peter...

Deitada de bruços num terreno baldio, com o sutiã levantado e a calcinha abaixada, as calças dela também.

Noble se levantou.

— A senhora Clark passou a noite de sexta-feira no Mecca, no centro de Bradford. Ao sair de lá, entrou numa fila de táxis para voltar à sua casa, em Bierley. Como a fila estava grande, ela resolveu caminhar e pegar um táxi na rua. Em algum ponto mais adiante, um carro parou e ofereceu carona, ela aceitou.

Noble fez uma pausa, ao estilo de George.

Ele veio na direção dela, depois a cortou.

— Senhores, estamos buscando um Ford Cortina Mark II, branco ou amarelo, com teto preto.

Estávamos de pé, quase do lado de fora da porta.

Um triângulo de pele, de carne.

— O motorista é branco, com aproximadamente 35 anos de idade, constituição forte, mais ou menos 1,80 metro, cabelos castanho-claros na altura dos ombros, sobrancelhas grossas e bochechas inchadas. Com mãos muito grandes.

Para mais tarde.

A sala pegava fogo:

NÓS O PEGAMOS. PEGAMOS, PORRA.

Olhei para Rudkin, no limite, impassível, a quilômetros de distância.

Mas não é a mesma coisa.

Alderman dizia:

— Especialistas estão procurando marcas de pneus enquanto conversamos, os homens de Bradford estão batendo de porta em porta.

Batidas nas portas, milhares de batidas nas milhares de portas, milhares de esposas com olhos de esguelha em cima de maridos tão brancos quanto lençóis, quanto milhares de lençóis.

Noble, mais uma vez:

— Os peritos voltarão em uma hora, mas Farley já está dizendo que se trata do nosso homem. O nosso *estripador* — ele disse, e a última palavra saiu cuspida.

Interminável.

Oldman estava de pé, parado à frente das suas tropas, do seu pequeno exército privado.

— Ele está fodido, pessoal. Vamos pegar esse babaca.

Estávamos agitados, loucos.

Noble gritava acima de toda aquela agitação:

— Quero que reúnam os seus esquadrões: Alderman e Prentice para Bradford, Rudkin lá em cima, Divisão de Costumes e Administração aqui.

Virei o corpo e, ao lado da porta, vi o detetive-chefe superintendente Jobson, o *Coruja,* e ele parecia cansado e velho, com olheiras.

Eu o cumprimentei acenando com a cabeça, e ele se aproximou, vencendo a multidão diante da porta.

— E o Bill, como vai? — perguntou, em meio à barulheira.

— Nada bem — respondi.

Estávamos parados lado a lado. Maurice Jobson pegou meu cotovelo.

— E Louise e o menino?

— Tudo bem.

— Eu gostaria de fazer uma visita, mas com tudo isso...

E deu uma olhada ao redor da sala, para os esquadrões que saíam, para os homens da Divisão de Costumes e da Administração que se reuniam por ali, e para Craven, que nos encarava.

— Entendo...

Ele me olhou.

— Deve estar sendo duro pra você.

— Pior pra Louise. Fica o dia inteiro com Bobby e tem que ir ao hospital.

— Pelo menos ela é filha de policial. Conhece o esquema.

— É — respondi.

— Dê lembranças a eles, certo? Vou tentar fazer uma visita a Bill neste fim de semana, se eu puder...

— Obrigado.

Depois voltou a olhar para mim e disse:

— Se precisar de alguma coisa, é só avisar, certo?

— Obrigado.

E fomos embora. Ele com George, e eu subindo as escadas, pensando:

"Tio Maurice, o Coruja, meu anjo da guarda".

Rudkin e Ellis estavam sentados em silêncio na sala de Noble, esperando.

Ellis começou a falar no momento em que entrei:

— Vocês acham que deveríamos voltar a Preston?

— Quem sabe — respondi, me sentando.

Ele seguiu em frente:

— O que você acha, chefe?

Rudkin deu de ombros e bocejou.

— Acho que o encontraremos amanhã — disse Ellis.

Eu e Rudkin não dissemos nada.

Ellis continuou falando sozinho:

— Talvez nos mandem ao Mecca, o que seria legal. Poderíamos tomar uns drinques e conversar com uns...

A porta se abriu e Noble entrou, segurando uma pasta.

Ele se sentou à mesa e abriu a pasta.

— Donny Fairclough, branco, 36 anos, morador de Pudsey, com sua mãe idosa. Motorista de táxi. Dirige um Ford Cortina branco com teto preto.

— Porra! — disse Ellis.

Noble assentiu.

— Exatamente. O nome dele surgiu no ano passado, junto ao de Joan Richards.

— Ele gosta de morder — comentei, pensando: “Nua e com marcas de mordida na pele, com arranhões vermelhos sobre os seios, sobre a bunda”.

— Ótimo — disse Noble, parecendo contente. — Já ouvimos o seu nome algumas vezes...

Rudkin ergueu os olhos:

— Grupo sanguíneo?

— B.

Entramos na Montreal Avenue, a cem metros do local.

Um barulho no vidro.

Rudkin abriu a janela.

Um dos homens da Divisão de Costumes inclinou o corpo para dentro, com um grande sorriso amarelo.

Peguei ele comendo a Janice no chão de uma van, tirando fotos, chupando suas tetas...

— Ele acabou de chegar.

Parti para cima dele, puxei-o para trás pelos cabelos e atingi sua garganta com uma garrafa quebrada...

— Algo mais? — perguntou Rudkin.

— Nada.

E o arrastei para fora da van, com as calças na altura dos joelhos, depois peguei a minha câmera...

— Deveríamos retalhar esse veado. Chutá-lo — disse Ellis.

— Virá com a gente? — perguntou Rudkin, olhando para mim.

O cara da Divisão de Costumes também olhou para mim e atirou as chaves no banco traseiro.

— Essas chaves são do Datsun marrom, na esquina da Calgary.

— Pelo menos ele nunca imaginará que somos nós — disse Ellis, sorrindo.

— Então agora quem vai é você — disse Rudkin.

— Eu? — perguntou Ellis.

— Entregue as chaves a ele — Rudkin me pediu.

Entreguei, sob o olhar do cara da Divisão de Costumes.

— Está de brincadeira comigo ou o quê?

Ele sorriu.

— Você é Bob Fraser, certo?

Eu estava com as mãos na maçaneta.

— Sou, por quê?

— Deixa para lá, Bob — disse Rudkin.

O imbecil da Divisão de Costumes se afastava do carro, procurando discussão.

— Qual o problema? — ele perguntou.

Rudkin se afastou, olhando para trás enquanto conversava com ele.

Ellis girou o corpo, falou um palavrão e saiu do carro.

Fiquei sentado ali, no banco de trás do Rover, observando-os.

O policial da Divisão de Costumes afastava-se com Ellis.

Rudkin voltou para o carro.

— Qual o nome dele? — perguntei.

Rudkin me olhava pelo retrovisor.

— Só quero que me diga o nome dele — repeti.

— Pergunte a Craven — ele disse. Depois: — Porra, senta aqui na frente. Ele foi embora.

E me sentei no banco da frente, ele ligou o carro e fomos embora.

Peguei o rádio, chamei Ellis.

Nada.

— Esse babaca não para de falar — disse Rudkin.

— Deveria ter me deixado ir sozinho — reclamei.

— Bobagem — ele disse, olhando para mim. — Você já fez muita coisa sozinho.

Estávamos na esquina da Harehills.

O Ford Cortina branco de Fairclough, com seu teto preto, virava à esquerda, seguindo para Leeds.

Tentei ligar para Ellis novamente.

Ele atendeu.

— Pare de falar — gritei. — Ele está indo para Leeds.

E desliguei antes que Rudkin ficasse ainda mais chateado.

Fairclough dobrou à direita na Roundhay Road.

Escrevo:

4/6/77 16h18 Harehills Lane, à direita na Roundhay Road.

Com o pé em baixo, escrevendo:

Bayswater Crescent.

Bayswater Terrace.

Bayswater Row.

Bayswater Grove.

Bayswater Mount.

Bayswater Place.

Bayswater Avenue.

Bayswater Road.

Então ele vira à direita na Barrack Road, e o seguimos.

— À direita na Barrack Road — gritou Rudkin para mim, e eu gritei no rádio para Ellis.

Pelo retrovisor eu via Ellis dando seta para a direita.

— Ele chegou — eu disse.

A voz de Ellis tomou conta do carro.

— Estacionando na frente da clínica...

Seguimos à direita e saímos próximo ao entroncamento com a Chapeltown Road.

— Era um maldito paquistanês gordo com uma pilha de compras — disse Ellis. — Vou atrás de vocês.

Observamos o Cortina passando ao nosso lado, voltando à Roundhay Road.

— Prossiga — eu disse no rádio, e Rudkin arrancou com o carro.

— Diga a Ellis que o encontre novamente no próximo semáforo.

Foi o que fiz.

Rudkin voltou a pôr o carro em movimento.

Estávamos na entrada da Spencer Place, perto da casa de Janice.

Olhei para ele.

— Sei que você tem algo a fazer — disse Rudkin, inclinando-se para o meu

lado e abrindo a porta do carona.

— O que você vai dizer a eles?

— Nada. Esteja aqui às sete.

— E Fairclough?

— Vamos dar um jeito.

— Obrigado — agradeci, saindo do carro.

Ele fechou a porta, e fiquei observando enquanto subia a Roundhay Road, com o rádio nas mãos.

Olhei para o meu relógio.

Quatro e meia.

Duas horas e meia.

Bati na porta e esperei.

Nada.

Girei a maçaneta.

Estava aberta.

Entrei.

A janela estava aberta, as gavetas também, a cama desfeita, o rádio ligado:

Hot Chocolate cantava “So You Win Again...”.

Armários abertos.

Peguei uma carta em cima da cômoda.

Para Bob.

Li.

Ela tinha ido embora.

Ouvinte: A verdade é que mais da metade dessas bandeiras da Grã-Bretanha estão de cabeça pra baixo.

John Shark: Que horror!

Ouvinte: Pode rir, John, mas imagine se fosse um montão de cruzes dependuradas ao contrário?

John Shark: Uma bandeira e uma cruz ao contrário não são exatamente a mesma coisa...

Ouvinte: Claro que são, seu ignorante. Tem uma cruz na bandeira, certo?

The John Shark Show
Rádio Leeds
Domingo, 5 de junho de 1977

8

— Outra — disse Hadden.

Mas eu fiquei parado, esperando, observando aquele pequeno escocês em preto e branco, de joelhos, arrancando tufos de grama do chão, com o telefone escorregando da minha própria mão, pensando: “Carol, Carol, será sempre assim, vai ser assim para sempre, Carol...?”.

— A coletiva de imprensa está marcada pra amanhã.

— Domingo?

— Segunda-feira é feriado.

— Isso vai destruir a sua cobertura do jubileu.

— Ela não morreu.

— Sério?

— Ela teve sorte.

— Você acha?

— Oldman acha que ele estava perturbado.

— Tiro o chapéu para George.

— Oldman disse que você deveria ter entrado em contato ao receber qualquer notícia.

— Ele conseguiu alguma coisa?

— Não disse nada. E você também não deveria dizer.

Ah, Carol, alguma novidade para os mortos?

Jubelum...

Outra voz no apartamento de Bradford, na escuridão atrás das pesadas cortinas.

Ka Su Peng ergueu os olhos, movendo os lábios, e por fim se pronunciou:

— Em outubro do ano passado, eu era prostituta.

Ela viajara dezesseis mil quilômetros para chegar ali e sentar-se na penumbra, entre móveis encardidos, com sua pele cinzenta, seus cabelos azuis, dezesseis mil quilômetros para trepar com homens de Yorkshire em troca de sujas notas de cinco libras atiradas em suas palmas úmidas.

Dezesseis mil quilômetros para terminar assim.

— Não conheço muita gente, e geralmente estou sozinha. Faço o primeiro turno na Lumb Lane, antes de os bares fecharem. Ele me pegou na porta do Perseverance. O Percy, como eles chamam. Era um carro escuro, limpo. Ele era amigável, quieto, mas amigável. Disse que não tinha dormido muito, estava cansado. Eu disse que também estava cansada. Olhos cansados, os seus olhos pareciam muito cansados. Ele dirigiu até o parque atrás da White Abbey e me perguntou quanto, eu disse cinco, e ele disse que me pagaria depois, mas eu disse que queria antes, pois ele poderia não me pagar, como já acontecera outras vezes. Ele disse que tudo bem, mas pediu que eu entrasse na parte de trás do carro. E foi o que eu fiz, então ele me bateu na cabeça com um martelo. Três vezes. E eu caí na grama, e ele tentou me bater outra vez, mas eu fechei os olhos e coloquei as mãos na cabeça. Ele me bateu de novo e depois parou, e eu pude escutar sua respiração próxima ao meu ouvido, e então a respiração parou, e eu fiquei deitada ali, tudo preto e branco, carros passando, e então eu me levantei e caminhei até o telefone, liguei para a polícia, que veio até a cabine de telefone e me levou ao hospital.

Ela vestia blusa cor de creme e calça da mesma cor, com os pés colados um no outro, seus dedos nus tocando-se.

— Você se lembra de como ele era?

Ka Su Peng fechou os olhos, mordeu o lábio inferior.

— Sinto muito — me desculpei.

— Tudo bem. Não quero me lembrar, quero me esquecer, mas não posso, só consigo me lembrar. Isso é tudo o que eu me lembro.

— Se não quiser falar sobre isso...

— Não. Ele era branco, 1,65 metro de altura, mais ou menos...

Senti que alguém colocava a mão no meu joelho, e lá estava ele de novo, como se fosse mágica, *sorrindo na escuridão, com carne entre os dentes.*

— Corpulento...

Ele deu um tapinha na barriga e arrotou.

— Com cabelos ondulados e escuros, e um bigode à la Jason King.

Ele arrumou os cabelos, o bigode, com aquele sorriso forçado.

— E tinha sotaque daqui?

— Não. De Liverpool, talvez.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— E disse que o seu nome era Dave ou Don, não tenho certeza.

Ele franziu a testa e sacudiu a cabeça.

— Vestia camisa amarela e calça jeans.

— Algo mais?

Ela suspirou.

— É tudo o que eu me lembro.

Ele piscou mais uma vez e foi embora, como se fosse mágica.

— É suficiente? — ela perguntou.

— É bastante — murmurei.

Passado o horror, o amanhã e o depois de amanhã.

De repente, ela perguntou:

— Você acha que ele vai voltar?

— E ele já foi embora alguma vez?

— Eu às vezes, às vezes, escuto sua respiração no travesseiro ao meu lado — ela respondeu, com seu rosto triste, marcado pela violência, e com cachos de cabelo escondendo as feridas.

Eu me aproximei no escuro e perguntei:

— Posso?

Ela inclinou o corpo para a frente e afastou os fios de cabelo do rosto.

Na sala dos fundos, ela fechou as cortinas.

Coloquei uma nota de dez libras na mesa de cabeceira e nos sentamos, de costas um para o outro, em cantos opostos da mesma cama de solteiro, tirando nossas roupas, numa manhã de domingo, em Bradford.

Eu me levantei e baixei a calça.

Quando virei para trás, ela estava deitada na cama, nua.

Eu me deitei em cima dela, com o meu pau mole.

Ela moveu as mãos entre as minhas pernas, depois se afastou um pouco, esticou a mão até a mesa de cabeceira e pegou uma camisinha.

Colocou a camisinha no meu pau e fez com que eu a penetrasse.

Começou a se mover para cima e para baixo, seus seios eram pouco mais que os mamilos, para cima e para baixo, seu corpo era ossudo, para cima e para baixo, com os olhos fechados, para cima e para baixo, com a boca aberta, para cima e para baixo, para cima e para baixo, para cima, para baixo, para cima, para baixo.

Fechei os olhos.

Amanhecia.

Nos vestimos em silêncio.

Na porta, perguntei:

— Posso voltar?

— Agora? — ela perguntou, e abrimos um sorriso, surpresos.

Com um sorriso ameaçador, o assistente-chefe superintendente George Oldman disse:

— Senhores, como todos sabem, aproximadamente às três da manhã de sábado, dia 4, a senhora Linda Clark, de 36 anos, residente em Bierley, foi vítima de um ataque violento no terreno baldio atrás do templo Sikh, na Bowling Back Lane, em Bradford. Nesse ataque, a senhora Clark foi atingida no crânio, nas costas e no abdômen. Ela foi operada no próprio sábado de manhã e passou por outras cirurgias esta semana. No entanto, apesar da gravidade de seus ferimentos, a senhora Clark pôde nos oferecer um relato detalhado do que aconteceu antes do ataque.

Ele fez uma pausa, tomou um gole de água e continuou:

— A senhora Clark passou a noite de sexta-feira no salão de baile Mecca, no centro de Bradford. Ela usava um vestido longo de veludo preto e um paletó verde de algodão. Às duas da manhã, aproximadamente, saiu do Mecca e seguiu para Cheapside, onde entrou na fila para pegar um táxi. Quinze minutos mais tarde, resolveu caminhar em direção a Bierley. Meia hora depois, a senhora Clark aceitou a carona oferecida pelo motorista de um Ford Cortina Mark II, branco ou amarelo, com teto preto, que parou na Wakefield Road. A senhora Clark foi então levada à Bowling Back Lane, onde aconteceu o ataque. Ela nos ofereceu uma descrição detalhada do motorista.

Ele fez uma nova pausa.

— O homem que buscamos é branco, tem aproximadamente 35 anos de idade, 1,80 metro, e é corpulento. Foi descrito como tendo cabelos castanho-claros na altura do ombro, sobrancelhas grossas e bochechas gordas. Quem conhece alguém que se encaixe nessa descrição, que dirija um Ford Cortina Mark II, branco ou amarelo, com teto preto, ou que tenha acesso a esse veículo, deve, por favor, entrar em contato com a Sala de Ocorrências de Bradford ou com a delegacia de polícia mais próxima, com urgência.

Outro gole de água, outra pausa.

— Gostaria também de dizer que as evidências encontradas no local do ataque nos levam a crer que o homem responsável pela agressão à senhora Clark é o mesmo que assassinou Theresa Campbell, Clare Strachan, Joan Richards e Marie Watts, e o mesmo homem que atacou Joyce Jobson em Halifax, em 1974, Anita Bird em Cleckheaton, também em 1974, e a senhorita Ka Su Peng em Bradford, no último mês de outubro.

Pausa.

A sala inteira:

O Estripador de Yorkshire.

Escrevi: *Clare Strachan?*

Circulei o seu nome.

Oldman perguntou se alguém tinha perguntas.

— Roger?

— O senhor poderia esclarecer uma evidência que aponte a razão de o último

ataque ter sido obra do... do Estripador de Yorkshire?

— Neste momento, não.

Ele está se distanciando...

— Jack?

— A descrição oferecida pela senhora Clark parece contradizer as descrições anteriores, pelo menos as que foram divulgadas. Por exemplo, tanto Anita Bird quanto Ka Su Peng disseram que o homem que as atacou tinha cabelos escuros e encaracolados, e barba ou bigode...

George, afiado, respondeu:

— Sim, Jack, mas a senhorita de Bradford, a senhorita Peng, disse que o homem que a atacou tinha sotaque escocês, o que entra em contradição com o que foi dito por Anita Bird, e a descrição oferecida pela senhorita Bird foi baseada na hipótese de que o homem que passou por ela na rua foi o mesmo que a atacou mais tarde.

— Hipótese que você antes aceitava.

— Antes, Jack. Antes.

Caminhei pelo mercado de Kirkgate, que estava deserto, pelas calmas ruas de domingo na cidade, entre as bandeirolas, tudo vermelho, azul e branco, sob o sol das três da tarde.

Entrei num beco de paralelepípedos, querendo escapar do calor, buscando uma parede e uma palavra escrita em vermelho.

Mas a palavra desaparecera, ou talvez eu estivesse no beco errado, e as únicas palavras que encontrei ali foram *Ódio* e *Leeds.*

Então segui para Briggate, depois para Headrow, até a catedral, e entrei.

Eu me sentei no fundo, na escuridão fria e silenciosa, suando por conta da caminhada, ofegante como um cão.

No primeiro banco, havia uma senhora com bengala tentando se levantar, uma criança lendo um livro de rezas, luzes baixas no altar, estátuas e quadros, todos com seus olhos em cima de mim.

Ergui os olhos, meu suor secara, minha respiração estava mais calma.

E ali estava eu, diante Dele, diante da cruz, pensando em fodas, assassinatos e martelos, vendo os pregos nas suas mãos, pensando em fodas, assassinatos com chaves de fendas, vendo os pregos nos seus pés, com lágrimas nos olhos Dele, lágrimas nos olhos deles, lágrimas nos meus olhos.

Mas a criança tomou a senhora pela mão, e desceram o corredor. Quando chegaram à fila onde eu estava sentado, fizeram uma pausa, na frente das estátuas e dos quadros, do altar em sombras, e a criança estendeu o livro de orações, que eu peguei, observando-as enquanto iam embora.

Baixei os olhos e li em voz alta as palavras que estavam ali:

Salmo 88

Pois a minha alma está farta de males,
e a minha vida já se encontra à beira da morte.
Sou contado com os que baixam à cova;
sou como um homem sem força,
atirado entre os mortos; como os feridos de morte
que jazem na sepultura, dos quais já não te lembras;
são desamparados de tuas mãos.
Puseste-me na mais profunda cova,
nos lugares tenebrosos, nos abismos.
Sobre mim pesa a tua ira;
tu me abates com todas as tuas ondas.

Apartaste de mim os meus conhecidos e me fizeste
objeto de abominação para com eles;
estou preso e não vejo como sair.
Os meus olhos desfalecem de aflição;
dia após dia, venho clamando a ti, Senhor,
e te levanto as minhas mãos.

Mostrarás tu prodígios aos mortos
ou os finados se levantarão para te louvar?
Será referida a tua bondade na sepultura?
A tua fidelidade, nos abismos?
Acaso nas trevas se manifestam as tuas maravilhas?
E a tua justiça, na terra do esquecimento?

Mas eu, Senhor, clamo a ti por socorro,
e antemanhã já se antecipa diante de ti a minha oração.
Por que rejeitas, Senhor, a minha alma e ocultas de mim o rosto?
Ando aflito e prestes a expirar desde moço;
sob o peso dos teus terrores, estou desorientado.
Por sobre mim passaram as tuas iras,
os teus terrores deram cabo de mim.
Eles me rodeiam como água, de contínuo;
a um tempo me circundam.
Para longe de mim afastaste amigo e companheiro;
os meus conhecidos são trevas.

Fodas e assassinatos com martelos, os pregos nas mãos Dele, fodas e assassinatos com chaves de fenda, os pregos nos pés Dele, fodas e assassinatos, as lágrimas nos olhos deles, as lágrimas nos olhos Dele, assassinatos, lágrimas nos meus olhos.

Podemos subir agora e tudo terminará.

Saí correndo da catedral, atravessando as portas de madeira, afastando-me do martelo, pelas ruas quentes e escuras, afastando-me Dele, passando pelas bandeirolas vermelhas, pois as brancas e azuis estavam desaparecidas, afastando-me de todos, atravessando o dia 5 de junho de 1977, correndo.

Ah, Carol.

E finalmente fiquei de pé na porta do Griffin, com minhas roupas em chamas,

minhas mãos e olhos voltados para o céu, gritando:

— *Carol, Carol, tem que haver outra maneira.*

A redação estava morta.

Eu me sentei e escrevi:

ESTRUPADOR ATACA NOVAMENTE

Ontem, a polícia conseguiu dar mais um passo na busca do chamado Estripador de Yorkshire, que acreditam ser o responsável pelos assassinatos de quatro prostitutas e pelos ataques a três outras mulheres, seguidos de um quarto ataque, na manhã do último sábado.

A senhora Linda Clark, de 36 anos de idade, residente em Bierley, Bradford, foi atacada num terreno baldio próximo à Bowling Back Lane, em Bradford, logo após ter passado a noite no salão de baile Mecca, no centro dessa mesma cidade.

A senhora Clark sofreu fraturas no crânio e feridas de punhaladas no estômago e nas costas, como consequência de ter aceito uma carona na Wakefield Road. E passará por uma segunda cirurgia ainda esta semana.

A polícia fez a seguinte descrição do veículo e do seu motorista, que gostariam de interrogar por contra do ataque à senhora Clark:

O homem é branco, com aproximadamente 35 anos de idade, mais ou menos 1,80 metro de altura e corpulento. Seus cabelos castanho-claros chegam à altura dos ombros, e suas sobrancelhas são grossas. Ele dirigia um Ford Cortina Mark II, branco ou de cor clara, e com teto preto. A polícia pede a qualquer pessoa que tenha informações que entre em contato direto com a Sala de Ocorrências de Bradford pelo telefone 476532 ou 476533, ou que procure a delegacia mais próxima, com urgência.

Parei de digitar e abri os olhos.

Subi as escadas e deixei a folha de papel na bandeja de Bill.

Depois me preparei para ir embora, mas voltei, peguei a minha caneta e, com tinta vermelha, escrevi:

Não é ele.

Desci as escadas, saindo em direção à escuridão e a outras coisas.

The Press Club, lotado, domingo à noite.

George Graves, com a cabeça caída na mesa, os cadarços das botas atados um ao outro, e Tom e Bernard lutando para acender os próprios cigarros.

— Dia cheio? — perguntou Bet.

— Sim.

— Ele está te perseguindo, esse seu Estripador.

Fiz que sim e engoli o uísque escocês.

Steph bateu no meu ombro.

— Outra dose?

— Para ser mais sociável.

— Você não é assim, Jack — ela disse, sorrindo.

Bet serviu mais uma dose.

— Ele recebeu uma visita mais cedo.

— Quem, eu?

— Um jovem, um skinhead.

— Sério?

— Sério. E já vi aquele cara antes, mas juro pela minha vida que não me lembro do nome dele.

— Ele disse o que queria?

— Não. Outra dose?

— Apenas sendo cortês, imagino?

— Sim, é o espírito da coisa.

— Eu diria que sim — concordei, tomando mais uma dose.

Parei no topo da escada e abri a porta.

A sala estava vazia, as janelas abertas, minhas cortinas sujas como se fossem grandes velas ondulantes de uma caravela a caminho do Novo Mundo, e o fresco

ar noturno me atingia em cheio.

Eu me sentei e me servi mais uma dose de uísque, que tomei, depois peguei o meu livro e comecei a cochilar.

Foi então que ela surgiu, naquelas montanhas que me pareciam incrivelmente altas, como se eu tivesse viajado para muito, muito longe.

Ela colocou as mãos sobre os meus olhos, mãos frias como duas pedras de gelo:

— Sentiu a minha falta?

Tentei olhar em volta, mas eu me sentia muito fraco.

— Sentiu a minha falta, meu querido Jackie?

Eu fiz que sim.

— Ótimo — ela respondeu, colando sua boca à minha.

Atingi sua língua, sua grande e dura língua.

Ela parou, agarrando o meu pau.

— Quero que você me coma, Jack. Quero que me coma como comeu aquela puta.

A rua era tomada por seis garagens estreitas, todas repletas de pichações brancas, suas portas com reminiscências de pintura verde. Era um beco na Church Street, e as garagens formavam uma espécie de passagem em direção ao estacionamento de vários andares na outra extremidade da rua. Todas as seis garagens pertenciam ao senhor Thomas Morrison, que morreu sem deixar testamento, e por isso estavam abandonadas. A número seis transformou-se em abrigo para mendigos, necessitados, alcoólatras, drogados e prostitutas da região.

Era pequena, com cerca de quatro metros quadrados, e podia ser alcançada por qualquer das portas duplas da frente. Caixas faziam as vezes de mesas, junto a pilhas de madeira e mais lixo. Uma fogueira fora acesa numa lareira improvisada, e as cinzas tomaram conta do que restara de roupas. Na parede oposta à porta estava escrito em vermelho vivo: The Fisherman's Widow. Em todas as partes, garrafas, garrafas de xerez, de bebidas destiladas, de produtos

químicos, todas vazias. Um casaco militar masculino fazia as vezes de cortina sobre a janela, a única janela, que se abria para o nada.

Acordei, com o seu hálito ainda quente sobre o meu travesseiro.

Havia livros fora das estantes, jogados pela sala, todos os meus livros de bolso de *Jack, o Estripador*, todos eles, e as minhas fitas também, tiraram todas da gaveta inferior, mas continuavam dentro de suas caixinhas, com nomes e datas, todas espalhadas pela sala, e os meus recortes também.

Ela correu pela sala, com um pedaço de papel entre os dentes:

Preston, novembro de 1975.

Fiquei de pé na cama, depois de joelhos no chão:

Sofro com o seu terror,

estou desesperada.

Um diário.

Sofro com o seu terror,

estou desesperada.

Aquilo fora um diário.

O quarto estava tomado, as seis rodopiavam e se lamuriavam numa louca cacofonia, livros pelo ar, fitas no chão, recortes de jornal ao vento, dedos nos meus ouvidos, suas mãos sobre os meus olhos, suas mentiras, meus livros, as mentiras deles, as minhas fitas, as mentiras dela, meus recortes, aquele maldito diário.

Sofro com o seu terror,

estou desesperada.

O telefone tocava.

John Shark: O senhor Robert Mark disse e eu cito: "O câncer da corrupção, que existia na Divisão de Publicações Obscenas, foi exposto e exorcizado".

Ouvinte: Bobagem, John, isso é uma bobagem.

John Shark: Você não ficou impressionado?

Ouvinte: Claro que não. Ele também disse que nada disso viria à tona se não fosse a imprensa marrom. Isso não é muito tranquilizador, certo? Não queria ser dependente de vocês...

John Shark: Acho que o senhor Robert quis dizer que o país inteiro deve algo à imprensa.

Ouvinte: Eu não. Eu não.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Segunda-feira, 6 de junho de 1977

9

Que se foda Oldman.
Que se foda Noble.
Que se foda Rudkin.
Que se foda Ellis.
Que se foda Donny Fairclough.
Que se foda o maldito Estripador.
Que se foda Louise.
Que se fodam todos.
Ela foi embora.
Eu fui embora.

No inferno.

Batendo portas, batendo em gente, chutando portas, chutando gente, procurando por ela, procurando por mim.

Num inferno de fogos de artifícios.

Saio do quarto dela e atravesso o corredor de entrada, depois a porta, Keith fora embora, Karen olhando da cama como quem diz: “De novo não, porra...”. Mas eu arranco o seu corpo da cama, arrastando-a pelo chão, e ela está usando apenas uma calcinha rosa, com os peitos de fora, e eu grito: “Ela foi embora, levaram suas coisas, para onde ela foi?”. E ela está embaixo de mim, com as mãos no rosto, pois eu bato nela, pois, se alguém sabe para onde foi Janice, esse alguém é Karen Burns, branca, 23 anos, prostituta, drogada, mãe de duas crianças, e eu

bato novamente nela, depois vejo que os seus lábios e o seu nariz sangram, e que o sangue escorre pelo seu queixo e seu pescoço, seus peitos e braços, então eu arranco sua calcinha, jogo-a na cama, abro a minha calça e meto nela, e ela nem chega a lutar, só tenta se livrar do meu peso na cama até que eu caio, e ela olha para mim, e eu bato novamente nela, viro o seu corpo e ela começa a lutar, dizendo que não precisamos fazer aquilo, mas eu pressiono o seu rosto contra os lençóis sujos e levanto o meu pau, meto no seu cu, e ela grita, e isso me machuca, mas eu continuo até gozar e cair no chão, e ela fica deitada na cama, com sêmen e sangue escorrendo por suas coxas, a sua bunda na minha cara, e eu me levanto e faço tudo outra vez, e dessa vez não dói, e ela fica quieta, e eu gozo e vou embora.

Num inferno de fogos de artifício, ela foi embora.

Eu, deitado no chão da cabine de telefone, está escuro lá fora, exceto pelas fogueiras e pelos postes de rua, os fogos de artifício e os faróis, e as grandes árvores de Chapeltown se curvam sobre mim, as corujas nas árvores, com seus olhos muito, muito grandes, seus malditos olhos redondos, e eu estou xingando o maldito Maurice Jobson, o tio Maurice, o Coruja, meu anjo da guarda, com seu "pelo menos ela vem de uma família de policial, e conhece o esquema e tudo o que você precisar", *é só avisar*, toda essa merda: vem aqui, então, vem aqui para essa maldita cabine e me tira daqui, traz ela de volta para mim, vem antes que eu pegue uma faca e ataque essas malditas asas, essas malditas asas negras, essas malditas asas negras da morte, vem e traz ela de volta para mim, aqui para a minha pequena caixa vermelha, aqui na minha idade das trevas, minha idade da pedra, minha idade da morte, ninando o fone, traz ela de volta, para que me veja chorando, para que me veja soluçando e curvado numa cabine telefônica, com os cabelos nas mãos, os malditos cabelos nas mãos, o maldito tufo de cabelo nas mãos.

Num inferno de fogos de artifício, ela foi embora e eu estou sozinho.

— Que porra...

Agarrei o maldito Joe Rose pela garganta, com uma fumaça pesada ao redor do quarto, o colchão contra a janela, dois setes pintados em todas as superfícies, e aquele maldito chimpanzé idiota cagando nas calças.

— Vou te matar.

— Eu sei, eu sei.

— Então me diz...

Ele tremia, com o branco dos olhos voltados para o teto, gaguejando:

— Janice?

— Diz.

— Não sei onde ela está. Não sei.

Coloquei os meus dedos no seu nariz, as minhas chaves sobre os seus grandes olhos castanhos.

— Por favor, eu juro.

— Vou te matar.

— Eu sei, eu sei.

— Então me diz.

— Dizer o quê? Não sei onde ela está.

— Mas sabe que ela foi embora?

— Qualquer idiota sabe disso.

— Então me diz alguma coisa que um idiota não saberia.

— O quê, por exemplo?

— Quem a estava explorando, diz?

— Quem a estava explorando? Você está brincando, certo?

— E pareço estar brincando?

— Eric.

— Eric Hall?

— Você não sabia?

— Ela dava dinheiro para Eric.

— Não, ele a estava explorando, porra!

— Você está mentindo, Joe.

— Você não sabia, porra?

Agarrei sua garganta.

— Eu juro. Eric Hall estava explorando a Janice. Pergunte para quem quiser.

Encarei aqueles grandes olhos castanhos, aqueles olhos castanhos grandes e cegos, e fiquei imaginando.

— Olha, ela vai voltar — ele disse. — Como um bumerangue, como sempre.

Eu o soltei, e ele caiu no chão.

Caminhei em direção ao que restava da porta, que não passava de madeira quebrada e alguns setes maltrapilhos.

— Exceto o que o Capitão Jack conseguir — ele continuava falando. — Exceto o que o pirata toma.

— Ligue pra mim, Joe. Quando ouvir qualquer coisa, ligue.

Ele fez que sim, acariciando a garganta.

— Caso contrário... voltarei, e vou te matar.

Num inferno de fogos de artifício, ela foi embora e eu fiquei sozinho na rua.

Liguei de novo, nada de Louise.

Liguei repetidas vezes, nada de Louise.

Liguei para o hospital, mas não passaram a ligação.

Liguei para York e, dez minutos mais tarde, a Irmã me disse que o senhor Ronald Prendergast morrera naquela manhã, em decorrência de uma hemorragia causada por lesões geradas no momento do ataque.

Ergui os olhos e vi o céu entre as árvores.

Vi mais chuvas.

Liguei novamente, nada de Louise.

Ligue repetidas vezes, nada de Louise.

Liguei para o hospital, mas eles desligaram.

Foda-se Karen Burns.

Foda-se Joe Rose.

Foda-se Ronald Prendergast.

Foda-se o maldito Estripador.

Foda-se Maurice.

Foda-se Bill.

Foda-se Louise.

Fodam-se todos eles.

Ela foi embora.

Eu fui embora.

No inferno.

Batendo portas, batendo em gente, chutando portas, chutando gente, procurando por ela, procurando por mim.

No inferno de um carro roubado.

Eric Hall, o detetive inspetor Eric Hall, do lado de fora do quartel-general de Bradford, o Jacob's Well, e eu também estava lá, no Jacob's Well, esperando, dentro de um carro roubado, o carro dele, o carro de Eric, o carro que peguei na frente da sua casa, em Denholme.

Não havia ninguém na casa, o táxi fora embora, com o meu dinheiro junto.

Contornei o pequeno castelo de Eric, com a chuva batendo nas janelas, vendo as grades e as aberturas nas cortinas, chutando a porta traseira, entrando, sentindo o fedor dos animais de estimação da família, as fotos de família, entrando em seu escritório com amplas janelas e vista para o campo de golfe,

procurando entre as suas caixas de medalhas, suas moedas antigas, buscando qualquer coisa, qualquer objeto de Janice, qualquer pequeno objeto seu, mas sem encontrar nada, levando embora os papéis da casa e as chaves do seu novíssimo Granada 2000, azul Miami.

Porra.

Descendo a Halifax Road, entrando na Thornton Road, seguindo pela Allerton, entrando em Bradford, numa rua que daria diretamente no Jacob's Well.

O rádio ligado.

O senhor Clive Peterson, da agência de correios de Heywood Road, em Rochdale, foi encontrando inconsciente hoje de manhã cedo, após lutar contra intrusos que invadiram a sua propriedade. Dos dois lados dos Pennines, a polícia examina a possibilidade de conexão deste com uma série de crimes similares na região de Yorkshire.

O senhor Ronald Prendergast, residente na New Park Road, em Selby, morreu esta manhã, sem conseguir recuperar a consciência, após a invasão da sua agência de correios no dia 4 de junho. O senhor Prendergast é o segundo agente dos correios a ser morto em poucos meses. Um porta-voz do Correio disse...

Porra.

Pé embaixo.

Seguindo diretamente até ele, até Eric Hall, o detetive inspetor Eric Hall.

Porra.

Num estacionamento vazio, num feriado, tentando pensar, tentando acalmar minha mente, com a chuva batendo forte no teto do carro, o rádio zumbindo.

O automóvel clube descreveu as condições como as piores em muitos anos...

Ventos fortes e previsão de chuva.

O tempo é o único inimigo da grande festa dos 25 anos...

E eu esperava uma festa só minha, saindo do carro de Eric e encontrando uma cabine de telefone.

No inferno de um carro roubado, com todos os sinais vermelhos.

Eu estava sentado no capô do seu novíssimo Granada 2000, azul Miami, esperando por ele.

Ele atravessava o estacionamento deserto, vestindo um casaco de pele de carneiro, no verão, com a chuva escorrendo entre os seus cabelos finos e claros, e, droga, ele me viu, viu o carro, o seu carro, e começou a correr, como se tivesse ficado louco, exatamente como eu sabia que ficaria, e bateu em mim, e não deveria ser mais do que cinco da tarde de segunda-feira, 6 de junho de 1977, mas ele bateu em mim e ficamos sem saída.

Eu estava ali.

— Seu idiota! — ele gritava. — Esse carro é meu, porra. Como você... Que merda!

E, com um empurrão, me arrancou de cima do capô, pulando em cima de mim, nós dois rolando nas poças de água, ele batendo na lateral da minha cabeça.

Mas não conseguiu nada mais.

Eu o derrubei, seu rosto bateu contra o asfalto do estacionamento:

— Cadê ela, Eric?

Ele resistiu, mas, ao abrir a boca, cuspiu sangue no chão.

Puxei o seu corpo agarrando os malditos fios que ele chamava de cabelos:

— Cadê ela, porra?

— Sei lá, seu babaca. Ela é a sua maldita...

Bati a sua cabeça contra o chão e puxei de volta, e os seus olhos reviravam, e pensei: “Pare, pare, pare, não faça isso de novo, você não pode fazer isso de novo, não pode, ou irá matá-lo, matá-lo, tem sangue escorrendo da cabeça dele”, e eu agarrava sua cabeça com as minhas mãos, até o momento em que ele me encarou e eu disse:

— Eric, nunca mais me deixe fazer isso.

Ele fez que sim, mas eu não entendia exatamente o que ele queria dizer com isso.

— Eric, sei que você é o cafetão dela.

Ele continuou concordando, mas talvez não significasse nada.

— Eric, anda.

E bati nas suas bochechas gordas e rosadas, que estavam impregnadas com a

sujeira do chão do estacionamento.

— Eric...

Ele voltava, a sua cabeça parara de assentir.

— Eric, eu sei o que você estava fazendo, mas só quero que me diga onde ela está.

Ele me olhou, o branco dos seus olhos estava tomado de vermelho, o preto tomava conta do azul e, cuspindo, disse:

— Fui o seu cafetão por um tempo. Ela me pediu...

Eu apertei o punho, ele se encolheu, mas parei.

— Eric, a verdade...

Lágrimas escorriam em seu rosto.

— É a verdade.

Eu o agarrei, mas nós dois caímos, como dois bêbados de bar.

Encostei o seu corpo contra o capô do Granada 2000, azul Miami.

— Cadê ela, então?

— Não sei. Não a vejo há mais de seis meses.

Tirei o pó do casaco dele, limpando-o da sujeira e dos pedaços de papel.

— Você é um mentiroso, Eric. E não sabe mentir.

Sua respiração era pesada, e ele suava muito dentro daquele casaco de pele de carneiro.

Eu disse:

— Ela foi pega na sexta-feira à noite.

Ele engoliu em seco, tremendo.

— Aqui. Em Manningham.

— Eu sei.

— Eu sei que você sabe, porra. E sabe por que ela te ligou, certo? Ela queria te encontrar.

Ele balançava a cabeça.

— O que ela queria, Eric?

Tirei um pouco de sujeira do seu colarinho e esperei.

Ele fechou os olhos, fazendo que sim.

— Dinheiro, ela queria dinheiro.

— E...?

— E disse que tinha alguma coisa, uma informação.

— De que tipo?

— Ela não disse.

— Eric...

— Roubos, mas ela não disse nada mais. Falávamos por telefone.

Agarrei sua bochecha.

— E você arrumou tudo para que a pegassem, certo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Mas enviou a van, certo?

Ele sacudia a cabeça com mais força.

— E eles a pegaram, certo?

Mais rápido.

— E você imaginou que lhe daria uma lição, certo?

De um lado para o outro, mais rápido.

— Mas ela pediu que ligassem para você, certo?

Mais rápido.

— Então eles ligaram pra você, não foi?

E rápido.

— E você poderia ter feito com que fossem embora, certo?

Ele tremia.

— Poderia ter parado tudo aquilo, certo?

E agarrei aquele rosto gordo, ficando a centímetros de distância enquanto gritava:

— E por que não fez isso? Porra, seu merda!

Seus olhos, seus olhos fracos e cheios de água, congelaram.

— Ela é sua, você a tomou.

Estava com Eric nas minhas mãos, poderia matá-lo, bater sua cabeça contra o chão até que se estilhaçasse, golpeá-lo contra a lataria do seu novo Granada 2000, azul Miami e levá-lo aos Moors ou a uma pedreira, talvez a um lago ou à beira do mar.

Mas não.

Tirei aquele gordo maldito de cima do capô do carro e entrei.

Ele ficou parado lá, na frente do seu Granada 2000, azul Miami, olhando enquanto eu me sentava ao volante, ao seu volante.

Liguei o carro, o carro dele, pensando: “Sai daí ou vou te matar com o teu próprio carro”.

Ele deu um passo para o lado, movendo a boca, que na verdade não passava de um buraco negro dizendo ameaças em câmara lenta, ameaças e maldições.

Pisei fundo.

E fui embora.

No inferno de um carro roubado, com todos os sinais vermelhos, o mundo perdido.

Direto para Bradford, pela A650, a estrada para Wakefield, seguindo em direção à Tong Street, Bradford Road, King Street, passando pela M62, pela M1 e entrando em Wakefield, chegando à Doncaster Road, seguindo para o último lugar que permanecia de pé.

O Redbeck Café e Motel.

Fiquei sentado lá, em mais um estacionamento vazio, de frente para um parque, vendo três grandes fogueiras apagadas contra o céu noturno, fogueiras que esperavam por suas bruxas.

Meti a mão no bolso e procurei as chaves.

Encontrei: quarto 27.

No inferno de um carro alugado, com todos os sinais vermelhos, o mundo perdido, assim como nós.

No meu sonho eu estava sentado no sofá de uma sala. Num bom sofá de três lugares. E era uma sala legal, rosa.

Mas eu não dormia, estava acordado.

No inferno.

John Shark: Você viu isso, Bob?: "Na festa do jubileu, há certa hostilidade entre os grupos da extrema esquerda, que estão ocupados imprimindo adesivos antimonárquicos e publicando artigos sobre o jubileu como uma terrível afronta à classe trabalhadora de 1977."

Ouvinte: Uma tremenda bobagem, John. Isso é uma tremenda bobagem. Classe trabalhadora? Essas pessoas não são a classe trabalhadora. São apenas um punhado de malditos estudantes. A classe trabalhadora está a favor do jubileu.

John Shark: Você acha?

Ouvinte: Claro que sim. Serão dois dias sem trabalhar, e uma boa desculpa para a velha bebedeira de sempre, certo?

The John Shark Show
Rádio Leeds
Terça-feira, 7 de junho de 1977

10

Chovia muito.

Muito mesmo, e eu atravessava seis pistas de estradas vazias por conta do jubileu.

Passava pelos Moors, por cima e por baixo dos Moors.

Vou te foder, e você dormirá.

Vou te beijar, e você despertará.

Ninguém. Nenhum carro, caminhão, nada.

Espaços desertos, os lugares de sempre.

O mundo fora embora no estalar de uma bomba.

Mas se não tem ninguém aqui, se não sobrou ninguém, como tudo está tão desperto?

Desliguei o "Hits do Jubileu de 25 anos" e pisei fundo, com as fitas da minha mente girando a toda velocidade:

DIÁRIO PODERIA LEVAR A ASSASSINO

Um diário que estaria em sua bolsa perdida poderia ser a chave para encontrar o assassino de mulheres.

Clare Strachan, de 26 anos de idade, espancada até a morte, foi encontrada numa garagem abandonada a quatrocentos metros do centro da cidade de Preston, e ontem à noite a polícia fez uma busca por vários bares tentando encontrar o rastro do assassino.

A senhorita Strachan foi vista pela última vez às 10h25 de quinta-feira, ao sair da casa de uma amiga.

Uma mulher encontrou o seu corpo ao passar diante das portas abertas de uma garagem, na Frenchwood Street, em Preston.

Hoje, numa coletiva de imprensa, o detetive-chefe superintendente Alfred Hill afirmou que o motivo mais provável para o assassinato deve ter sido assalto.

Declarou também que um diário, que estaria na bolsa de Clare, poderia conter uma informação crucial.

Ele disse: "Estou ansioso por notícias sobre qualquer habitante de Preston que tenha desaparecido desde a quinta-feira".

O detetive-chefe superintendente Hill, segundo no comando do Departamento de Criminalística de Lancashire, lidera uma equipe de oitenta detetives em busca do assassino.

A senhorita Strachan, nascida na Escócia, morava em Avenham, na cidade de Preston, e também era conhecida pelo sobrenome Morrison.

Maldita reportagem criminalística do lado errado das colinas, no ano errado: 1975.

Eddie foi embora, Carol morreu, o inferno espreita em todas as esquinas, em todos os amanheceres.

Olmos mortos, centenas de árvores mortas.

Abatidos nos recortes de jornal, fitas rasgadas.

Dois anos que pareciam duzentos.

História da humanidade.

Adeus, adeus.

Iniciar pelo fim.

Começar pelo fim.

Soltei o acelerador na Church Street, seguindo lentamente pela rua, procurando a Frenchwood Street, em busca de garagens, a sua garagem.

Parei ao lado de um edifício-garagem.

O carro fedia, o meu hálito se ressentia da falta de sono, da falta de café da manhã, nada além de vários pesadelos.

O relógio do painel marcava nove horas.

Chuva, muita chuva nas janelas.

Coloquei o paletó sobre a cabeça e saí, atravessei a rua, correndo em direção a

uma porta aberta.

Mas parei, com a morte na minha cola, meu paletó caído, a chuva no meu rosto, encharcando os meus cabelos, enjoado com o fedor de medo e morte.

Entrei, escapando da chuva, sendo tomado pela dor.

Sob os meus pés senti que havia roupa velha, um lençol de trapos e papéis, garrafas marrons e verdes, um mar de vidro com ilhas de madeira, caixotes e caixas, um banco de trabalho que ele claramente usara para fazer o trabalho, o seu trabalho.

Fiquei parado, com a porta se movendo, tudo à minha frente, atrás de mim, sobre mim, sob mim, ouvindo os ratos e as ratazanas, o vento e a chuva, a terrível música soul, mas sem ver nada, cego.

Seus moços terão visões, os homens mais velhos sonharão sonhos.

Eu era um velho.

Um velho perdido numa garagem.

— Você parece um rato afogado. Ficou muito tempo lá?

— Não muito — menti, seguindo a garçonete que entrava no Saint Mary's, fugindo da chuva.

— O que vai querer? — ela perguntou, acendendo as luzes.

— Cerveja e uísque.

Ela foi até o bar e começou a tirar a minha cerveja.

Eu me sentei no bar frio.

— Toma. Sessenta e cinco, por favor.

Dei uma nota de uma libra para ela.

— Que nome estranho para um bar.

— Todos dizem isso, mas a verdade é que este lugar se parece mais uma igreja do que um bar. Dê uma olhada.

— Tem o mesmo nome da pensão do fim da rua.

— É verdade, mas nem me lembre...

— Passou muita gente por aqui, certo?

— Muita — ela respondeu, dando o meu troco. — Onde você trabalha?

— No *Yorkshire Post.*

— Sabia. E está aqui por conta daquela mulher que morreu uns dois anos atrás, certo? Qual era o nome dela?

— Clare Strachan.

— Tem certeza? — ela perguntou, franzindo a testa.

— Sim. Você a conheceu?

— Ah, sim. E agora dizem que pode ter sido obra desse Estripador de Yorkshire, certo? Se for verdade... Quer dizer, que droga, ele poderia estar aqui.

— Ela vinha muito aqui?

— Vinha. E isso dá arrepio... Quer outra?

— Como ela era?

— Barulhenta e zangada, como todas.

— Era...

Ela começou a limpar o tampo da mesa.

— Sim. Quer dizer, todas são...

— Da Saint Mary's?

— É. Mas parecia meio fora daquilo, deve ter se afastado.

— A polícia conversou com você?

— Sim. Conversou com todo mundo.

— O que você contou a eles?

— Isso, que ela vinha muito aqui, que era nervosa, não tinha muito dinheiro, e que provavelmente vendia o corpo.

— E o que eles disseram?

— A polícia? Nada. Quer dizer, o que eles diriam?

— Não sei. Algumas vezes dizem o que estão pensando.

Ela parou de limpar a mesa.

— Olha só, você não vai colocar nada disso no seu jornal, certo?

— Não. Por quê?

— Não quero esse maldito Estripador lendo o meu nome. Achando que eu sei mais do que na verdade sei, pensando que seria melhor me silenciar ou algo parecido.

— Não se preocupe. Não vou publicar nada.

— Aposto que vocês sempre prometem isso, certo?

— Juro por Deus.

— Tudo bem. Outra cerveja?

— Desculpe, mas estou procurando um certo Roger Kennedy.

O jovem no corredor escuro, com seus óculos pretos, tremia, fungava, parecia ter ódio de si mesmo.

Perguntei novamente:

— Roger Kennedy?

— Ele não trabalha mais aqui.

— E você sabe onde eu poderia encontrá-lo?

— Não. É melhor você voltar quando o meu chefe estiver aqui.

— Quem é o seu chefe?

— O senhor Hollis.

— E a que horas vai chegar?

— Ele não vai chegar.

— Ah...

— Está de férias. Em Blackpool.

— Certo. E quanto volta?

— Na segunda-feira, eu acho.

— Certo. Sinto muito, o meu nome é Jack Whitehead.

— Você não é um policial, certo?

— Não, por quê?

— Estiveram aqui há alguns dias. Quem é você?

— Sou jornalista. Do *Yorkshire Post.*

Isso não pareceu tranquilizá-lo.

— Tem a ver com Clare Strachan, então? A mulher que morava aqui?

— Tem. É isso o que a polícia queria?

— É.

— Você conversou com eles?

— Conversei, mas preferia que o senhor Hollis estivesse aqui.

— O que eles disseram?

— Acho melhor que você volte quando o senhor Hollis estiver aqui.

— Na verdade, acho que você poderia livrá-lo de um pouco de chateação. Só quero fazer algumas perguntas. Nada será publicado no jornal.

— Que tipo de perguntas?

— Coisas antigas. Podemos nos sentar? Serão alguns minutos, apenas.

Ele empurrou os óculos para perto dos olhos e apontou para uma luz no fundo do corredor.

— Sinto muito, mas não me lembro do seu nome. — disse eu, enquanto o seguia, atravessando a sombria recepção, notando a água embaciando a moldura das janelas.

— Colin Minton.

Nos cumprimentamos, e eu me apresentei novamente:

— Jack Whitehead.

— Colin Minton — ele repetiu.

— Um cigarro? — ofereci ao me sentar.

— Não, obrigado.

— Então, Colin, há quanto tempo você trabalha aqui?

— Seis meses, mais ou menos.

— E não estava quando aquilo tudo aconteceu?

— Não.

— Tem alguém aqui que estava? O senhor Hollis?

— Não. Só o Walter.

— Walter?

— Walter Kendall, o cego. Ele mora aqui.

— E já morava há dois anos?

— Sim, era um dos amigos dela.

— Eu poderia conversar com ele?

— Se ele estiver.

E me levantei.

— Ele costuma sair muito?

— Não.

Segui Colin Minton, e subimos dois lances de uma escadaria escura, entrando num corredor estreito. Descemos por um piso de linóleo em direção ao quarto dos fundos.

Colin Minton bateu.

— Walter, sou eu, Colin. Tem alguém aqui querendo te ver.

— Faça com que entre — respondeu uma voz.

No pequeno quarto, um homem estava sentado numa mesa diante da janela molhada pela chuva, de costas para nós.

O rosto de Colin ficou vermelho.

— Sinto muito, mas esqueci o seu nome... Jack?

— Jack Whitehead — respondi, olhando para o homem de costas —, do *Yorkshire Post.*

— Eu sei — confirmou o homem.

— Você é Walter Kendall?

— Sou.

Colin transferia o peso do corpo de um pé para o outro, tentando sorrir.

— Tudo bem, Colin — assegurou Walter. — Pode nos deixar sozinhos.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Obrigado — eu disse a Colin Minton, que saía do quarto, fechando a porta.

E me sentei na pequena cama, Walter Kendall ainda estava com o rosto virado para o outro lado.

Um trem passou do lado de fora, balançando a janela.

— Devem ser duas da tarde — ele comentou.

Olhei para o meu relógio.

— Acho que o trem está atrasado...

— Como você — ele disse, girando o corpo.

E, por um momento, aquele rosto, o rosto de Walter Kendall, era o mesmo de Martin Laws, de Michael Williams, era o rosto dos vivos, o rosto dos mortos.

— O quê?

— Você está atrasado, senhor Whitehead.

Aquele rosto, aqueles olhos:

Aquele rosto cinzento e sem barbear, aqueles olhos esbranquiçados que nada viam.

— Não entendo o que o senhor quer dizer.

— Ela está morta há quase dois anos.

Aquela língua, aquele hálito.

Aquela língua branca, aquele hálito negro.

— Estou aqui seguindo uma pista deixada pelo subdiretor de polícia de West Yorkshire, que recentemente sugeriu que Clare Strachan poderia ter sido morta pelo mesmo homem que tem matado prostitutas na área de West Yorkshire.

O senhor Kendall não disse nada.

Então eu repeti:

— Estou aqui em busca de uma conexão entre os dois casos, e qualquer informação que possa me dar será muito bem-vinda.

Outro trem, outro tremor.

E então ele disse:

— No mês de agosto fomos a Blackpool, eu e Clare... Ela ficou sabendo que suas filhas viriam com a sua tia ou algum conhecido. Era a Semana Escocesa. Então pegamos o primeiro ônibus, e ela mal podia esperar, mal podia ficar sentada. Disse que tomaria banho de mar, que estava animada. E era um dia lindo, de céu azul. E encontramos suas filhas e sua tia sob a Torre, e elas eram adoráveis, com seus cabelos ruivos e dentes novos. Tinham quatro e dois anos, eu acho. E muitas lágrimas caíram, pois há um ano ou mais Clare não via as filhas, e ela ainda guardava os presentes do Natal do ano anterior, e, vendo seus sorrisos, Clare disse que valeu a pena esperar. E fomos para a areia, o mar estava calmo, a maré descera, com marolas, e Clare levou as filhas para perto da espuma, da arrebentação, e elas tiraram os sapatos e as meias e pularam as pequenas ondas, as três juntas, enquanto eu e a tia ficamos sentados numa mureta, observando-as, e a tia chorava, e eu também. Depois os cinco fomos tomar sorvete numa rua próxima que Clare conhecia, e foi ótimo, italiano, e Clare tomou um cappuccino com pedaços de chocolate, e, como eu gostei tanto de ver aquilo, ela me comprou um, além de pagar o meu sorvete, e depois passeamos por algumas salas de jogos, e colocamos as meninas para passear em

burros, embora Clare pensasse que isso era cruel, manter os burros daquela maneira, mas todos sorrimos, pois um dos burros era um pouco independente e, com a filha mais velha de Clare no lombo, começou a caminhar de forma inesperada, e a menina adorou, riu muito e todos corremos para a praia, e no final agarramos o animal, embora tenha custado um pouco, e acho que o dono dos burros não achou nada engraçado, mas estávamos felizes, estávamos, sim. Depois almoçamos no Lobster Pot, e eles faziam uns peixes enormes lá, "fortes como escoceses", é o que diziam. Depois pegamos um bonde para Pleasure Beach, e você deveria ter visto o rostinho delas, senhor Whitehead, rodopiando como xícaras de chá gigantes, usando chapéus ridículos e subindo em pedras rosas, mas eu encontrei Clare, ela estava do lado de fora da Mina de Ouro, com grandes lágrimas nas bochechas, pois as meninas tinham de tomar o trem das cinco ou perto dessa hora, e a tia estava dizendo que tinham de descer para ver as luzes, tomar um ônibus especial, mas Clare balançava a cabeça, com as meninas dependuradas em seu pescoço, sabendo o que aconteceria, e também sabendo que eu não poderia vê-las na estação, seria demais, todas se despedindo, com a caçula sem entender o que significava tudo aquilo, com a irmã beijando-a, assim como a sua mãe, que não soltava sua mão, foi terrível, nossos corações não aguentam tamanho sofrimento, e depois fomos para o Yates, mas ela estava muito chateada, muitíssimo chateada, mas quem poderia culpá-la... Um dia daqueles, vivendo como ela vivia, sabendo o que sabia, oito semanas antes de ter o seu rabo comido, seu peito destroçado, sem nunca mais poder ver as meninas, seus lindos cabelos ruivos, seus dentes novos, quem poderia dizer que não tinha razão de estar chateada?

— É verdade.

— Mas eles não concordam, certo?

— Você vai publicar isso?

Olhei para ele, para as lágrimas em suas bochechas, para as lágrimas represadas em suas rugas, muitas lágrimas.

Engoli em seco, respirei fundo e finalmente perguntei:

— Na noite em que morreu, quem sabia com quem ela se encontraria?

— Todos sabiam.

— Todos quem?

— Senhor Whitehead, eu acho que o senhor sabe quem foi.

— Diz...

Walter Kendall ergueu os dedos para a janela, na direção da chuva.

— Onde se busca um existem dois, ou três, ou quatro. Onde se buscam quatro existem três, ou dois, ou um, e assim por diante. Mas o senhor sabe disso.

Eu estava de pé, gritando para aquele homem cego e rosto cinzento, gritando para aqueles olhos, aquele rosto.

— Diz!

Ele falou rapidamente, com um dos dedos erguidos:

— Clare saiu do bar no fim da rua, o Saint Mary's, às dez e meia. Pedimos que não fosse embora, dissemos que não deveria ir, mas ela estava cansada, senhor Whitehead, muito cansada de fugir. Eles disseram: "O seu táxi chegou", mas ela resolveu caminhar, debaixo da chuva, uma chuva pior que esta, e seguia em direção a um carro estacionado mais acima, e nós ficamos observando.

— E para onde ela seguia?

— Ao encontro de um policial.

— Um policial? Quem?

Quartel-general de Lancashire, Preston.

Um policial à paisana, grandalhão e de bigode, me levou até a sala do detetive-chefe superintendente Alfred Hill, no segundo andar.

Ele bateu na porta, e eu entrei em outro mundo.

— Pode entrar — disse o policial à paisana.

— Jack Whitehead — eu me apresentei.

O pequeno homem atrás da mesa guardou o lenço e apertou minha mão.

— Sente-se, senhor Whitehead. Sente-se.

— Pode me chamar de Jack — eu disse.

— Bem, Jack, o que gostaria de beber: chá, café, algo mais forte? Um brinde à rainha?

— Melhor que eu não beba nada. Tenho um bom caminho de volta pela frente.

— Certo, mas o que lhe trouxe aqui?

— Como eu disse ao telefone, venho por conta do assassinato de Clare Strachan... e do que George Oldman disse alguns dias atrás sobre a possibilidade de uma conexão...

— Com o Estripador?

— Isso.

— George estava contando os fatos, e vocês fisgaram...

— Infelizmente.

— Infelizmente?

— Bem...

— Eu não diria isso, vocês deveriam se orgulhar. Foi uma grande licença jornalística, e deveriam se orgulhar disso.

— Obrigado.

— George acha que a publicidade o ajudará. Vocês fizeram um favor a ele.

— O senhor não concorda?

— Eu não diria isso, não diria mesmo. Em casos assim, não se pode fazer nada sem a ajuda do público.

— Mas, no princípio, o senhor se envolveu bastante no caso de Clare Strachan.

Ele pegou mais uma vez o lenço, examinando-o, querendo dizer algo mais.

— Não muito.

— Conseguiu o tal diário?

— Diário?

— Na época, o senhor parecia imaginar a existência de um diário na bolsa desaparecida de Clare.

Ele tossia forte, com a mão no peito.

— Conseguiu descobrir alguma coisa a partir disso?

Seu rosto estava muito vermelho, e ele murmurou:

— Não.

— Por que imaginou que ela teria um diário?

O detetive-chefe superintendente Alfred Hill ergueu uma das mãos:

— Senhor Whitehead...

— Jack, por favor.

— Jack, eu não sei muito bem o que estamos fazendo aqui. Isso é uma entrevista, é isso o que o senhor veio fazer?

— Não.

— Então não vai publicar nada disso?

— Não.

— E qual o significado de tudo isso? Se não vai publicar nada...

— Pesquisa. Diante da possibilidade de que o mesmo homem...

Ele tomou um gole de água, desapontado.

E eu prossegui.

— Não gostaria de fazer com que perca o seu tempo.

— Eu não quis dizer isso, Jack. Não mesmo.

— Posso lhe perguntar então, senhor... O senhor acha que esse assassinato, acha que foi o mesmo homem?

— Em off?

— Em off.

— Não, não acho.

— E se não fosse em off?

— Existem algumas semelhanças — ele disse, fazendo que sim com a cabeça voltada para uma janela. — Semelhanças, como dizem meus antigos colegas do outro lado dessas colinas.

— Então, em off, por que acha que não foi o mesmo homem?

— Tínhamos mais de cinquenta homens trabalhando no caso dela, sabia?

— Imaginei que fossem oitenta.

Ele sorriu.

— O que quero dizer é que fizemos um trabalho exaustivo, muito exaustivo. Tudo isso foi dito por conta de quem ela era, da sua história, do que ela era, disseram que não demos prioridade, mas eu garanto que trabalhamos muito enquanto pudemos. Isso é mentira, uma completa mentira, não é certo dizer que não trabalhamos com seriedade no caso. Claro que uma história desse tipo alcança as manchetes, prende a atenção de todos, mas eu fui um dos primeiros a entrar naquela garagem... E já vi muita coisa, mas o que fizeram com ela, sendo ou não promíscua, ninguém merece. Ninguém.

Ele estava distante, muito distante, parecia de volta à garagem, de volta às suas fitas.

Estávamos sentados ali, em silêncio, até que eu disse:

— Mas não foi ele.

— Não. Pelo que George nos mostrou e pelo que ouvimos das outras mulheres, não.

— Poderia ser mais específico?

— George quer que os casos estejam conectados. Mas não vou falar sobre isso, tudo bem?

— Certo. Mas como George faria as conexões?

— Em off?

— Em off.

— Grupo sanguíneo, estilo de vida da vítima, ferimentos na cabeça e o posicionamento dos corpos, alguns detalhes que não tornamos públicos.

— Grupo sanguíneo?

— O mesmo.

— Qual?

— B.

— B. Que raro.

— Nove por cento da população.

— Raro.

— Inconclusivo, eu diria.

— Mas o que faz o senhor ser tão conclusivo sobre o tema?

— Clare Strachan foi penetrada, e também no ânus, duas vezes, uma delas após a morte. Bateram na sua cabeça com algo duro, mas ela não morreu. Bateram com força, mas não morreu. Após tudo isso, finalmente foi morta, e por conta de um corte no pulmão, corte causado por alguém que pulou em cima dela até uma das suas costelas se partir, perfurando o pulmão, enchendo-o de sangue e afogando-a.

Mais uma vez ficamos sentados em silêncio, num silêncio desesperador, os dois olhando para a janela, para o vidro da janela, querendo sair dali.

— Posso perguntar mais uma coisa?

Ele voltou a dobrar o lenço e fez que sim.

— O senhor entrevistou o pessoal da pensão?

— Da Saint Mary's? Sim. Todos eles.

Fiz uma pausa, meus lábios estavam secos, e fui tomado por uma terrível visão sobre as colinas do lado de fora da janela, uma visão do bêbado e do louco, eu vi o bêbado e o louco uivando para a Lua, entre as barras de uma prisão, barras altas, no interior de uma cela escura.

Finalmente, perguntei:

— E o que eles disseram?

— Nada.

— Nada?

— Nada.

— O senhor conversou com Walter Kendall?

Ele arregalou os olhos.

— O cego? Várias vezes.

— E o que ele disse?

O detetive-chefe superintendente Alfred Hill olhou diretamente nos meus olhos pela primeira vez e disse:

— Senhor Whitehead, a sua reputação entre os homens da força policial de West Yorkshire é extremamente alta, uma reputação como diligente repórter investigativo que acompanha as investigações, e estou preparado para lhe dar corda nesse sentido, muita corda, mas devo dizer que não aceito a insinuação.

— Que insinuação?

— Sei muito bem as coisas que o senhor Kendall lhe contou, mas fico surpreso com o fato de que um jornalista, um homem com a sua reputação, tenha dado crédito a tamanha loucura.

Sorri.

— Devo presumir que o senhor não está seguindo nenhuma linha de investigação neste momento, certo?

Alfred Hill não respondeu.

— Uma última pergunta?

Ele suspirou.

— O senhor disse que Clare Strachan era prostituta?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Era uma mulher fichada?

Ele estava cansado, queria me ver fora dali, e retrucou:

— Por que não descobre isso sozinho?

E atirou uma pasta na minha direção.

Uma pasta aberta.

Eu inclinei o corpo.

Vi uma folha digitada, duas datas:

23/8/74.

22/12/74.

Ao lado de cada data, havia letras e números.

Ver WKFD/MORRISON-C/CTNSOL1A

Ver WKFD/MORRISON-C/MGRD-P/WSMT27C

— A que se referem?

— Um registro de abordagem de prostitutas e uma declaração.

— WKFD?

— Wakefield.

No carro, nos Moors, com lágrimas nas bochechas.

Gargalhando.

Rindo muito, alto, pisando fundo entre novas demonstrações daquela merda de jubileu.

Gargalhando.

Pensando: “Idiota, idiota, idiota”.

Olhando pelo retrovisor, perguntando-me:

“Eu pareço um violino?”.

Gargalhando.

“Que merda, ele era mais durão do que eu jamais poderia sonhar.”

Gargalhando.

“Porque ele era durão e era meu.”

Gargalhando.

Pisei fundo, janela aberta, cabeça para fora, na chuva, gritando:

“Vamos, brinque comigo”.

Gargalhando.

“Anda, idiota, brinque comigo!”

Parei logo após uma cabine de telefone, coloquei o paletó sobre a cabeça e corri.

Disquei.

— Quero ir aí.

— Adoraria que viesse — ela respondeu, com um breve riso.

Parou de chover no exato momento em que escureceu, para que assim eles pudessem fazer suas festas nas ruas, para que assim eles pudessem acender suas estúpidas tochas.

Ka Su Peng esperava na esquina da Manningham com a Queens, com seus cabelos pretos e curtos e sua pele suja, usando um vestido preto e meia-calça, com uma bolsa e um casaco sobre o ombro.

Estacionei e ela entrou.

— Obrigado — agradeci.

— Como vai?

— Vou bem.

— Não quer usar o apartamento?

— Não, se você não se importa.

— O dinheiro é seu — ela disse, mas eu preferia não ter ouvido isso, preferia mesmo não ter ouvido.

E virei à esquerda duas vezes. Descíamos a Whetley Hill quando ela perguntou:

— Para onde estamos indo?

— Quero fazer isso aqui — respondi, entrando no parque atrás da White Abbey Road.

— Mas isso aqui é...

Eu podia sentir o seu coração batendo dentro do carro, sentia o seu medo, e ela disse:

— Eu sei, mas quero que você me mostre onde...

— Não. Ela se movia sem parar no banco do carona.

— Você se sentirá melhor quando tiver feito isso, muito
melhor.

— Como você sabe disso, porra?

— Tudo estará terminado, acabado.

Ela tirou o dinheiro da bolsa, dizendo:

— Quero sair, quero sair agora.

Estacionei sobre a grama, pouco antes de uma fileira de árvores, e desliguei o motor.

Ela se jogou na porta.

Eu segurei o seu braço.

— Ka Su Peng, por favor. Não vou te machucar.

— Então me deixa ir embora. Você está me assustando.

— Por favor, eu posso ajudar.

A porta do carona estava aberta, e ela já estava com um dos pés do lado de fora.

— Por favor.

Ela se virou e me olhou, com seus olhos negros num rosto pálido, uma máscara mortuária feita de carne, e perguntou:

— O que devo fazer?

— Sente-se no banco de trás.

Ficamos de pé na escuridão, olhando um para o outro sobre o teto do carro, dois fantasmas, dois mortos-vivos, olhos negros e rostos pálidos, máscaras mortuárias feitas de carne, e ela seguiu em direção à porta de trás, mas estava trancada.

— Espere — eu disse, contornando o carro por trás, com uma das mãos no bolso, com os meus olhos colados nos dela, os dela colados nos meus, a Lua sobre as árvores, as árvores no céu, o céu escuro, lá em cima, olhando para

baixo, para o parque, para o local onde as crianças brincavam e os seus pais assassinavam suas mães.

Eu me aproximei e abri a porta.

— Entre.

Ela se sentou na ponta do banco traseiro.

— Deite-se.

E ela se deitou sobre o couro preto.

Fiquei parado na porta, abrindo a fivela do cinto.

Ela ficou me observando e ergueu o quadril para baixar a meia-calça preta e a calcinha branca.

Pousei um dos joelhos na ponta do banco, com a porta ainda aberta.

Ela ergueu o vestido preto e se aproximou de mim.

E então eu a comi no banco traseiro e gozei na barriga dela, depois limpei a porra espalhada na parte interna do seu vestido com a manga da minha camisa e fiz com que ficasse parada ali, segurando-a enquanto ela gritava, no banco traseiro do meu carro, com a sua meia-calça e a calcinha ainda presas num dos pés, naquele parque, à noite, sob a lua do jubileu, vendo os fogos de artifício e as luzes das tochas no céu amarronzado, e mais um fogo de artifício silencioso estourou em direção à terra, e ela perguntou:

— O que significa “jubileu”?

— É uma palavra judaica. A cada quinze anos havia um ano de emancipação, tempo de remissão e perdão dos pecados, o fim de uma penitência, e por isso é considerado um momento de celebração.

— De júbilo?

— Isso.

Voltamos ao apartamento onde ela morava e estacionamos do lado de fora, no escuro, e eu perguntei:

— Estou perdoado?

— Sim — ela respondeu, saindo do carro.

E deixou as dez libras no painel.

Voltei a Leeds tranquilo, tranquilo como quando deixei a minha noiva em casa e fui embora vendo os seus acenos, e também os acenos dos seus pais, vinte e cinco anos antes.

Um momento feliz.

Demorei subindo as escadas, temendo-as.

Girei a chave na fechadura e espreitei, sabendo que nunca poderia levá-la ali.

O telefone tocava do outro lado.

Abri a porta e atendi.

— Jack?

— Sim, sou eu.

— Aqui é Martin.

— O que você quer?

— Eu estava preocupado.

— Não se preocupe.

Depois de dormir um pouco, acordei no meio de uma noite silenciosa e escura, com os fogos de artifício usados, molhado de suor.

Vou te beijar, e você despertará.

Despertei para sentir a suavidade do seu beijo sobre a minha testa, para vê-la sentada à beira da minha cama, com as pernas abertas, escutando a sua canção de ninar.

Vou te foder, e você dormirá.

Despertei para voltar a dormir.

Ruas escuras e ofegantes, os desconfiados fundos das casas, cercados de pedras silenciosas, enterrados em tijolos pretos, entre pátios e becos onde nenhuma árvore ou grama consegue crescer, pés sobre tijolos, tijolos sobre cabeças, eis as casas construídas por Jack.

Um playground.

Um anel de rosas, um bolso cheio de buquês.

Mary-Ann, Annie, Liz, Catherine e Mary, de mãos dadas entre amoreiras, cantando: "Quando buscamos um, são dois, ou três, ou quatro".

Um local surpreendente, uma maldita rede de bairros pobres que escondem as maiores estranhezas humanas, onde homens e mulheres tomam gim barato, onde colarinhos e camisas limpas são decências desconhecidas, onde todos os cidadãos têm olhos profundos e onde ninguém jamais penteia os cabelos.

Um playground.

Um anel de rosas, um bolso cheio de buquês.

Theresa, Joan e Marie, de mãos dadas ao redor das amoreiras, cantando: "Quando buscamos quatro, são três, ou dois, ou um...".

Bem perto dali, num pequeno quarteirão de casas, num recanto silencioso, existem dois grandes portões, e um deles tem um pequeno arco, que é usado quando os portões estão fechados. Contudo, segundo as pessoas que moram ali, embora os portões normalmente estejam abertos, a entrada em arco costuma permanecer fechada.

Um playground.

Um anel de rosas, um bolso cheio de buquês.

Joyce, Anita e Ka Su Peng, de mãos dadas sobre as amoreiras, murmurando em meu ouvido: "A verdade é que você já sabe disso".

A cinco ou seis metros de distância da rua existem muros dos dois lados, muros sem portas nem janelas, que deixam o local imerso numa completa escuridão quando o Sol se põe. Um pouco mais à frente, surge uma luz, vinda da janela de um clube privado, que ocupa toda a extensão do quarteirão do lado direito, no lugar de casas antigas.

Um playground.

Um anel de rosas, um bolso cheio de buquês.

Minhas mãos estavam coladas ao frio metal do portão, e eu olhava para os mortos perdidos na escuridão, com Carol acenando para mim.

Um playground.

A morte à minha frente.

Fora daquele inferno, mas metido nisso.

Um grito agudo: ELE ESTÁ CHEGANDO, ELE ESTÁ CHEGANDO, ELE ESTÁ CHEGANDO.

Uivando: *Vou te foder, e você dormirá.*

Um grito agudo: ELE ESTÁ CHEGANDO, ELE ESTÁ CHEGANDO, ELE ESTÁ CHEGANDO.

Uivando: *Vou te beijar, e você despertará.*

Um grito agudo: ELE ESTÁ CHEGANDO, ELE ESTÁ CHEGANDO, ELE ESTÁ CHEGANDO.

Arrancado daquilo para isto, depois voltando àquilo, e logo novamente para isto.

O amanhecer, os gritos de pânico, a carta no capacho.

ELE ESTAVA ALI.

De volta.

John Shark: Próximo ouvinte.

Ouvinte: Eu só queria dizer que ela é uma boa rainha, ela é a Grã-Bretanha.

John Shark: Só isso?

Ouvinte: Sim.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Quarta-feira, 8 de junho de 1977

11

Leeds.

Quarta-feira, 8 de junho de 1977.

Tudo se repetia.

Quando os dois setes se encontram...

Mais um quente amanhecer, e eu era atirado em outro antigo cenário, com todos os seus mortos, de Soldier's Field até aqui, tudo outra vez.

Quarta-feira de manhã, portas escancaradas, *a manhã após a noite anterior,* as bandeirolas maltrapilhas, as bandeiras da Grã-Bretanha fora dos mastros.

Os nós dos dedos esbranquiçados e colados ao volante, o pé embaixo.

As vozes na minha cabeça, repleto de morte.

Quarta-feira de manhã: um paletó sobre ela, que tinha as botas sobre as coxas, a calcinha branca presa numa das pernas, o sutiã rosa puxado para cima, o estômago e os seios perfurados com uma chave de fenda, e o crânio, com um martelo.

Carros e camburões zuniam em todas as direções, lamuriando-se.

Seguindo para Chapeltown.

Estacionei, rezei, fiz um pacto.

Por favor, Deus, querido Deus, por favor, que ela esteja bem, por favor, que seja outra pessoa, e, se for outra pessoa e ela estiver bem, vou sair de perto dela, voltar para Louise e tentar novamente. Amém.

Deixei o Granada de Eric para trás, seguindo as sirenes que cruzavam Chapeltown.

Chapeltown: nossa cidade por um ano. A rua coberta de folhas com suas casas grandes e velhas, o pequeno apartamento que enchemos de sexo, escondido do restante do mundo, do restante do meu mundo.

Virei a esquina na Reginald Street, com as luzes azuis girando silenciosamente, os mortos-vivos nas portas das casas, com suas garrafas de leite e suas bocas abertas, e passei pelo centro comunitário, pelos policiais

uniformizados, por baixo da fita e entrei pelos portões, chegando ao playground, o mesmo antigo cenário onde os artistas fazem com que a gente movimente as nossas pernas de madeira, as nossas cabeças de madeira, as nossas mãos de madeira, e Ellis ergue os olhos, dizendo:

— Meu Deus! Puta que pariu...

Estão todos ali:

Oldman, Noble, Prentice, Alderman e Farley; Rudkin corre pelo playground na minha direção.

Fico olhando para o corpo caído no chão, sob o paletó, xingando Deus e todos os seus malditos anjos, sentindo gosto de sangue e...

Vendo seus cabelos pretos no meio de toda aquela sujeira.

Rudkin me alcança, gira o meu corpo e diz:

— Onde você estava, porra, onde?

E repetiu a pergunta inúmeras vezes.

Fiquei olhando para o corpo no chão, sob o paletó, xingando Deus e todos os seus malditos anjos, pensando:

O inferno é isto aqui.

E xinguei todos os infernos de mentira, repletos de fingidores: os generais e suas bruxas.

Via os seus cabelos negros.

E Rudkin olhava bem nos meus olhos, mas eu o ignorava, e me soltei e fui embora, atravessando o parque, jogando Prentice e Alderman no chão, caindo de joelhos, com o paletó nas minhas mãos, o rosto entre os meus dedos, o cabelo ruivo, e não preto, vendo que as minhas preces tinham sido atendidas, o acordo fora feito, e todos me puxavam, gritando:

— Tire-o daqui, porra.

Rudkin me agarrou e me levou em direção a um homem que vestia pijama e roupão e segurava uma garrafa de leite e cruzava o parque na nossa direção, com *p-a-i* tatuado no rosto e os olhos fechados ao horror e à morte, e ele nos encarou ao se aproximar, e nós paramos, observando-o cada vez mais perto, até o momento em que ele deixou cair a garrafa de leite e atirou-se no chão que matou a sua filha, começando a cavar entre a sujeira, procurando uma saída, algo que

só encontraria um ano mais tarde, morto, no mesmo pijama, com o coração ainda em frangalhos, pois aquilo era interminável.

O meu acordo, a minha prece; o inferno daquele homem.

Rudkin curvou a minha cabeça e nos sentamos no banco traseiro do carro. Ellis girou o rosto e falou comigo, mas eu não conseguia escutar.

E me levaram.

E me colocaram numa cela, atirando roupas limpas lá dentro, e trouxeram o café da manhã.

— Instruções em dez minutos — disse Rudkin, sentado do lado oposto. — E querem que você esteja lá.

— Por quê?

— Eles sabem de tudo. Nós te encobrimos.

— Mas não precisavam...

— Eu sei, e Mike não parava de dizer isso.

— O que aconteceu agora?

Rudkin curvou o corpo sobre a mesa, com as mãos cruzadas.

— Ela foi embora, volte para a sua família. A sua família precisa de você, ela não precisa.

— Entrei na casa do Eric, roubei o carro dele, dei uma surra nele.

— Eu sei.

— Vocês não vão poder encobrir isso também.

— Dizem que enviaram Peter Hunter para falar na delegacia de Bradford.

— Você está brincando?

— Não.

— O que vai acontecer com Eric?

— Foi enviado para casa por um tempo.

— Porra!

— Craven está puto, dizendo que Leeds será a próxima.

Comecei a sorrir.

— Mas não pense, nem por um momento, que Eric se esquecerá.

Eu balancei a cabeça.

Rudkin se levantou.

— Obrigado, John — agradeci.

— Não me agradeça nada, não sem antes ver o que ele fez ontem à noite.

— Obrigado por me ajudar.

— Ela foi embora, Bob. Volte para a sua família, e tudo ficará bem.

Concordei.

— Não escutei... — ele disse.

— Tudo bem — eu falei.

Oldman se levantou e olhou para nós como se nunca tivesse visto nada parecido.

Nada de descanso.

E esperamos, mas não foi como antes.

A brincadeira terminara.

"Por volta das 5h45 da manhã de hoje, o corpo de Rachel Louise Johnson, de 16 anos, balconista, moradora do número 66 da Saint Mary's Road, em Leeds 7, foi encontrado num playground entre a Reginald Terrace e a Reginald Street, em Chapeltown, Leeds. Ela foi vista pela última vez às 22h30 da terça-feira, 7 de junho, no Hofbrauhaus, no Merrion Centre, em Leeds.

"Foi descrita como tendo 1,60 metro de altura, constituição proporcional, cabelos claros na altura dos ombros, e vestindo saia xadrez nas cores azul e amarela, jaqueta azul, meia-calça azul escuro e sapato preto e creme, fechado e de salto alto, com tachas na frente.

"A autópsia está sendo feita pelo médico-legista do Home Office, o professor Farley. Até o momento, podemos dizer que morreu por conta de golpes violentos na cabeça, causados por um instrumento contundente, e que não foi violentada.

"O corpo foi arrastado por uma distância de treze a dezoito metros do local onde aconteceu a primeira agressão. A roupa do agressor deve ter ficado muito suja de sangue, especialmente a parte da frente de um possível paletó, camisa ou calça que estivesse usando.

"Não há evidência de que Rachel Louise Johnson fosse uma prostituta em

atividade.”

O subdiretor de polícia George Oldman se sentou, com a cabeça entre as mãos, e nós não dissemos nada.

Nada.

Nada até o detetive-chefe superintendente Noble ficar de pé diante de um quadro, um quadro com grandes letras pretas que estampavam:

Theresa Campbell.

Clare Strachan.

Joan Richards.

Marie Watts.

Até o momento em que ele disse:

— Descartadas.

Noble ergueu os olhos e perguntou:

— E Fairclough?

— Nós o perdemos — respondeu Rudkin.

— Vocês o perderam?

— Sim — disse Ellis, fuzilando o meu rosto com o seu olhar.

— A culpa foi minha, senhor — eu disse.

Noble levantou uma das mãos.

— Não importa. Onde ele está agora?

— Em casa. Dormindo — disse Ellis.

— Então o melhor que vocês podem fazer é ir até lá e despertá-lo, certo?

Ele estava ajoelhado no chão, num canto, com as mãos erguidas, o nariz sangrando.

O meu corpo estava fraco.

— Diz — gritou Rudkin. — Onde você esteve, porra?

Eu estava batendo portas, batendo em gente, chutando portas, chutando gente.

— Trabalhando — ele berrou.

Ellis, com os punhos colados à parede, vociferou:

— Mentiroso!

Eu estava estuprando prostitutas, comendo as suas bundas.

— É verdade.

— Seu idiota maldito. Conte a verdade agora mesmo!

Eu estava arrombando casas, roubando carros, socando idiotas como Eric Hall.

— Eu estava trabalhando.

— Quero a porra da verdade!

Eu estava procurando uma puta.

— Trabalhando. Eu estava trabalhando, porra.

Rudkin o levantou do chão, sentou-o numa cadeira e fez um sinal em direção à porta.

— Fique sentado aqui, pensando onde estava e no que fazia às duas da manhã de hoje.

Eu estava no chão do Redbeck, chorando.

Estávamos do lado de fora da sala de interrogatórios, e Noble acompanhava tudo através do olho mágico.

— O que o idiota está fazendo? — perguntou Ellis.

— Pouca coisa — respondeu Noble.

Rudkin ergueu os olhos da ponta do seu cigarro e perguntou:

— E agora?

Noble afastou-se do olho mágico, e nós quatro nos pusemos em círculo. Ele olhou para o teto baixo, como se tentasse não chorar, e disse:

— O melhor que temos até agora é Fairclough. Bob Craven está atrás de testemunhas, Alderman batendo em todas as portas, Prentice rondando os pontos de táxi. Fiquem em cima dele.

Rudkin fez que sim e apagou o cigarro, dizendo:

— Certo. De volta ao trabalho.

Eu e Rudkin nos sentamos do outro lado da mesa, cara a cara com Donny Fairclough, e com Ellis apoiado na porta.

Curvei o corpo para frente, com os cotovelos sobre a mesa.

— Então, Don. Todos queremos ir para casa, certo?

Nada, cabeça baixa.

— Você quer ir para casa, certo?

Um leve movimento com a cabeça.

— Então somos quatro. Vai nos ajudar?

Sua cabeça continuava baixa.

— Quando começou a trabalhar ontem?

Ele ergueu os olhos, fungou e respondeu:

— Depois do almoço.

— E quando foi embora?

— Eu já disse, uma da manhã.

— E o que fez depois?

— Fui a uma festa.

— Onde? Festa de quem?

— Em Chapeltown, a festa era de um deles, não sei muito bem quem.

— E se lembra onde?

— Na Leopold Street.

— Que horas?

— Por volta de uma e meia.

— Até?

— Duas e meia, três.

— E encontrou algum conhecido?

— Claro.

— Quem?

— Não me lembro dos nomes.

Rudkin ergueu os olhos.

— Que pena, Donald...

— Você os reconheceria caso visse novamente? — indaguei.

— Sim.

— Homens ou mulheres?
— Duas negras, duas mulheres.
— Eram negras, então?
— Você sabe...
— Não, não sei. Seja mais específico.
— Eram prostitutas.
— Putas, você quer dizer? — perguntou Rudkin.
Ele fez que sim.
— Você costuma sair com putas, Donny? — questionei.
— Não.
— E como sabia que eram prostitutas?
— Conversando.
— Elas ofereceram desconto? Um trabalho barato?
— Não.
— Certo... Vocês estavam na festa, mas o que fizeram?
— Tomamos um drinque.
— Vocês sempre vão a festas depois do trabalho?
— Não, mas era o jubileu, não era?
Rudkin sorriu.
— Que patriotas!
— Sim, eu sou.
— E costuma sair para beber com putas?
— Eu já disse, só queria tomar um drinque.
— Então ficaram apenas sentados num canto, tomando cerveja? — perguntei.
— Exatamente.
— Não dançaram nem trocaram afagos?
— Não.
— Não fumaram um pouco de erva?
— Não.
— E depois você simplesmente voltou para casa?
— É.
— A que hora?

— Por volta das três, eu acho.

— E onde fica a sua casa?

— Em Pudsey.

— Lugar legal, Pudsey...

— É bom, sim.

— Você mora sozinho, Donny?

— Não, com a minha mãe.

— Legal.

— Sim, sem problema.

— Ela tem o sono leve, a sua mãe?

— O que você quer dizer?

— Ela ouviu quando você chegou?

— Duvido.

Rudkin, com um sorriso maldoso, perguntou:

— Então vocês não dormem na mesma cama nem nada parecido?

— Vá se foder.

— Sabe... — disse Rudkin, encarando Fairclough. — Talvez fosse melhor comer a própria mãe do que estar envolvido nessa merda. Entendeu?

Fairclough baixou os olhos, com a mão na boca.

— Então — eu disse —, o que sabemos é isso: você saiu do trabalho por volta da uma da manhã, foi a uma festa na Leopold Street, tomou alguns drinques e voltou para Pudsey por volta das três. Certo?

— Certo — ele respondeu. — É isso aí.

— Quem diz isso?

— Eu digo isso.

— E?

— E qualquer um que tenha estado na festa.

— Cujos nomes você não se lembra?

— Pergunte a alguém que esteve por lá. Eles se lembrarão de mim, eu juro.

— Espero que sim. Para o seu próprio bem.

No andar de cima, fora da cela de interrogatórios.

Sem dormir.

Apenas café.

Nada de sonhos.

Apenas isso.

Todos sem paletó e envoltos em muita fumaça, peles cinzentas com grandes anéis negros ao redor dos nossos olhos: Oldman, Noble, Prentice, Alderman, Rudkin e eu.

Em todas as paredes, nomes:

Jobson.

Bird.

Campbell.

Strachan.

Richards.

Peng.

Watts.

Clark.

Johnson.

Em todas as paredes, palavras:

Chave de fenda.

Abdômen.

Botas.

Peito.

Martelo.

Crânio.

Garrafa.

Reto.

Faca.

Em todas as paredes, números:

1.3”

1974.

32.

1975.

239 + 584.

1976.

X3

1977.

3.5.

E Noble dizia:

— Temos uma testemunha, um tal Mark Lancaster, que diz ter visto um Ford Cortina branco, com teto preto, na Reginald Street, por volta das duas desta madrugada. Trata-se do carro de Fairclough. Sem dúvida.

Ouvíamos, esperávamos.

— Certo, Farley está dizendo que, sem dúvida, se trata do mesmo homem. Sem dúvida. E os homens de Bob Craven descobriram outra testemunha que viu o cara, esse tal *Dave*, na noite em que Joan Richards foi assassinada. A descrição nos leva a Fairclough. Sem dúvida.

Ouvíamos, esperávamos.

— Ele vai ficar num beco sem saída se essa testemunha tiver razão.

Esperávamos.

— Sem álibi, carro visto no momento da morte, testemunhas que o envolvem com Joan Richards, mesmo grupo sanguíneo, o que vocês acham?

— O idiota está afundando... — disse Oldman.

Os sete magníficos.

Estávamos de pé, alinhados, na sala que usávamos para as coletivas de imprensa, com as cadeiras todas encostadas num canto, eu e Ellis ladeando Fairclough, dois caras da Divisão de Costumes e dois civis fazendo número, cada um recebendo uma nota de cinco libras.

Nós, os policiais, éramos todos parecidos.

Os civis tinham mais de quarenta anos.

Ninguém se parecia com Donny.

E lá estávamos, de pé, alinhados, números três, quatro e cinco. O número

quatro tremendo, fedendo, cheirando a MEDO, ÓDIO e PENSAMENTOS SUJOS.

— Isso não é justo — ele murmurou. — Tenho direito a um advogado.

— Mas você não fez nada, Donny — disse Ellis. — Ou pelo menos é o que você não para de repetir.

— E não fiz mesmo.

— Veremos — eu disse. — Veremos quem não fez nada.

Rudkin ergueu a cabeça.

— Certo, mas agora, minhas senhoras, fiquem quietas. E com os olhos voltados para a frente.

Ele abriu a porta maior, e Oldman, Noble e Craven entraram com Karen Burns.

A desgraçada da Karen Burns.

Merda.

Ela deu uma olhada na gente, depois olhou para Craven, que a cumprimentou com a cabeça, e seguiu na nossa direção.

Noble agarrou um dos seus braços, fazendo com que parasse.

Ele olhou para Rudkin e perguntou:

— Cadê os malditos números?

— Droga.

Noble girou os olhos, virou para Karen Burns e disse, em voz baixa:

— Quando encontrar o homem que viu no ano passado, no dia 6 de fevereiro, por favor, fique de pé na frente dele e toque o seu ombro direito.

Ela concordou, engoliu em seco e caminhou em direção ao primeiro homem.

Nem olhou para ele.

Passou pelo segundo, vindo na nossa direção.

Parou na frente de Ellis, e eu fiquei imaginando se ele alguma vez a comera, e se algum homem naquela sala não a comera.

Ellis quase sorriu.

Ela olhou para mim.

Fixei o olhar na parede à minha frente, notando as marcas brancas onde antes estavam as fotos.

Ela seguiu em frente.

Fairclough tossiu.

Ela ficou de pé na sua frente.

Ele a encarava.

— Olhos para a frente — esbravejou Rudkin.

Ela também o encarou.

Ele sorria.

Ela moveu uma das mãos.

Todos nos viramos na sua direção.

Ela ajeitou a alça da bolsa e olhou para mim.

Com o canto dos olhos, eu podia ver os dentes de Fairclough, o seu sorriso.

Ele sorria.

Engoli em seco.

Ela estava na minha frente, sorrindo.

E eu a arranco da cama, arrrastando-a pelo chão.

Os meus olhos estavam em algum ponto à frente.

Apenas uma calcinha rosa, as tetas de fora.

Ela me olhava de cima a baixo.

E ela está embaixo de mim, com as mãos no rosto, pois eu bato nela.

Senti o meu corpo ficando paralisado, a minha boca cheia de areia.

Eu bato novamente nela, depois vejo que os seus lábios e o seu nariz sangram.

Ela não parava de me olhar.

O sangue escorre pelo seu queixo e seu pescoço, seus peitos e seus braços...

O suor escorria no meu rosto, descendo pelo meu pescoço, pelas minhas costas, pelas minhas pernas, rios de sal.

Então eu arranco sua calcinha, jogo-a na cama, abro a minha calça e meto nela.

Ela nem se mexia.

E bato novamente nela, viro o seu corpo.

Rudkin estava ao lado dela, Ellis arriscava olhadelas na minha direção.

E ela começa a lutar, dizendo que não precisamos fazer aquilo.

Ela movia o braço, sua mão começava a subir.

Mas eu pressiono o seu rosto contra os lençóis sujos e levanto o meu pau.

Dei um passo para trás.

Meto no seu cu, e ela grita.

Ela deu uma fungada, depois limpou o nariz e sorriu.

E ela fica deitada na cama, com sêmen e sangue escorrendo em suas coxas.

Baixei os olhos.

E eu me levanto e faço tudo outra vez, e dessa vez não dói.

— Não é nenhum desses — ela disse, sem chegar a examinar os homens número seis e o sete.

Levantei os olhos.

— Gostaria de vê-los novamente? Só para ter certeza — insistiu Noble.

— Não é nenhum desses.

— Acho que você deveria...

— Não é nenhum desses. Quero voltar para casa.

— Que porra foi essa? — gritou Noble para Craven. — Você disse que poderia fazer com que ela...

— Pergunte ao maldito Fraser.

— Foda-se — resmungou Rudkin. — Isso não tem nada a ver com a gente.

Craven cuspia, o cuspe atingia sua própria barba, e todos entramos na sala de Noble, vendo Oldman atrás da mesa, com tudo escuro do lado de fora, exatamente como do lado de dentro.

— Ela trabalha pra você, certo?

— E daí? — perguntou Ellis, e entendi que ele a comia.

E Craven a comia também.

— Você está comendo essa mulher, Mike? Está fazendo como esse aí? — ele gritou, apontando para mim.

— Vá se foder — eu disse, baixinho.

Noble sacudia a cabeça, olhando para todos nós.

— Que merda...

— Mas e agora? — indagou Rudkin, olhando para Noble e Oldman.

— Uma merda completa...

— Não podemos simplesmente deixar esse idiota ir embora. Ele é o nosso homem, eu sei disso — avaliou Ellis.

— Ele não vai a lugar nenhum — advertiu Noble.

— Eu sabia — disse Ellis.

Rudkin olhou para George.

— E agora?

Oldman propôs:

— É hora de partir para a grosseria.

Ele estava nu e de joelhos, no chão, num canto, segurando o saco, com o corpo ensanguentado.

Os meus braços estavam fracos.

— Vamos — disse Rudkin, gritando, várias vezes, repetidas vezes, gritando: — Onde você estava, porra?

Eu estava procurando uma puta.

Ele chorava.

— Diz! — gritou Ellis, com o punho colado ao rosto de Fairclough.

Eu estava procurando uma puta.

Ele chorava.

— Seu maldito assassino de merda. Ela não era uma vadia. Era uma boa menina. De dezesseis anos, porra. Vinda de uma família cristã. E virgem! Uma menina, uma maldita menina.

Eu estava procurando uma puta.

Ele continuava chorando, e o seu rosto se parecia com o de Bobby, e chorava sem fazer barulho, apenas lágrimas, com a boca aberta, chorando, como uma criança, um bebê.

— A verdade, queremos a verdade, porra!

Eu estava procurando uma puta.

Ele chorava.

Rudkin o levantou do chão, sentou-o na cadeira e, usando os nossos cintos, amarrou-o, pegando um isqueiro.

— Fique sentado nessa maldita cadeira e pense onde estava às duas da madrugada de ontem e que merda estava fazendo.

Eu estava no chão do Redbeck, chorando.

Ele chorava.

Rudkin acendeu o isqueiro, enquanto eu e Ellis abrimos as suas pernas. Depois Rudkin colocou a chama próxima ao saco enrugado de Donny.

Eu estava no chão do Redbeck, chorando.

Ele gritava.

A porta se abriu completamente.

Oldman e Noble.

Noble ordenou:

— Solte-o!

Nós questionamos, surpresos:

— O quê?

Oldman assegurou:

— Não foi ele. Deixem que vá embora.

Ouvinte: Você ouviu essa história da menina de quatro anos de idade? Foi pega numa maldita festa do jubileu, estuprada e assassinada num cemitério, enquanto os seus pais faziam um brinde à rainha?

John Shark: Que jubileu para eles.

Ouvinte: E também teve aquela mulher, a que foi empurrada dos penhascos de Botany Bay após outra festa em homenagem ao jubileu.

John Shark: E ainda por cima esse maldito estripador.

Ouvinte: Exatamente, John. Os malditos jubileus.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Quinta-feira, 9 de junho de 1977

12

Silêncio.

Um silêncio quente, sujo, com olhos vermelhos.

Vinte e quatro horas para quatro de nós.

Oldman olhava para a carta que tinha nas mãos, e também para o pedaço de roupa florida dentro de outro envelope plástico sobre a mesa, Noble me evitava, Bill Hadden passava uma das unhas sobre a barba.

Silêncio.

Um silêncio quente, sujo, amarelo, suado.

Quinta-feira, 9 de junho de 1977.

Sobre a mesa, as manchetes do dia nos encaravam:

Notícias de ontem.

Oldman deixou a carta aberta sobre a mesa e a leu em voz alta, mais uma vez.

Do inferno.

Senhor Whitehead,

Eis uma pequena lembrança para que guarde em sua gaveta, eu poderia ter enviado algo mais profundo e não isso, mas aquele cachorro... Maldita vaca de sorte.

São quatro agora, mas estão dizendo que são três. Lembre-se de Preston, 1975. Eu gozei naquela. Maldita vaca suja.

Enfim, avise às prostitutas que deixem as ruas, pois sinto que tudo acontecerá novamente.

Talvez em homenagem à nossa rainha. Amo a nossa rainha.

Só Deus salva,

Lewis.

Estou avisando com antecedência, então a culpa será sua e delas.

Silêncio.

Oldman perguntou:

— Por que você, Jack?

— O que você está querendo dizer?

— Por que ele escreveu pra você?

— Não sei.

— Porque tem o endereço — disse Noble.

— Está nas páginas amarelas — afirmei.

— Sim, claro que está.

Oldman pegou o envelope.

— Sunderland. Segunda-feira.

— Ele esperou — disse Noble.

— Era feriado. O jubileu — respondi.

— O último foi em Preston, certo? — perguntou Hadden.

Noble suspirou.

— Ele passeia muito por aí.

— Caminhoneiro? — questionou Hadden.

— Taxista? — perguntei.

Oldman e Noble permaneceram sentados, com a boca fechada.

— O último... — disse Hadden. — Aquilo que enviou, era de Marie Watts?

— Não — respondeu Noble, olhando para mim.

Hadden arregalou os olhos.

— Era de quem, então?

— Era carne — respondeu Noble, sorrindo.

— De vaca — afirmei.

— É — disse Noble, e o seu sorriso desapareceu.

— E isto é parecido com o que Linda Clark vestia? — perguntei a Oldman.

— Poderia ser parecido, sim — respondeu Noble.

— Poderia? — eu repeti.

— Senhores — declarou Oldman, com as mãos para cima, olhando para Hadden e para mim. — Vou ser franco com vocês, mas insisto que isso deve ser mantido em off, completamente em off.

— Certo — concordou Hadden.

Noble olhava para mim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Ontem foi o pior dia da minha carreira policial. E isto — continuou Oldman, segurando o envelope de plástico com a carta —, isto não ajuda em nada. Como bem lembrou Pete, o júri ainda não conhece a carta anterior, mas, com esta, os testes são mais conclusivos.

Não consegui me conter e questionei:

— Conclusivos?

— Sim, conclusivos. Por vários motivos. Um: foi enviada pela mesma pessoa. Dois: o conteúdo é genuíno. Três: testes iniciais com a saliva indicam o mesmo grupo sanguíneo que buscamos.

— B? — perguntou Hadden.

— Exatamente. Os testes feitos com a primeira carta não chegaram a nenhuma conclusão certeira. E tem mais: existem traços de óleo mineral nas duas cartas, traços que também estavam presentes nas duas cenas do crime.

— Que tipo de óleo? — perguntei, imediatamente.

— Um lubrificante usado em engenharia — respondeu Noble, deixando claro que não daria mais detalhes.

— E finalmente — disse Oldman — o conteúdo: a ameaça de morte feita poucos dias antes do assassinato de Rachel Johnson, as referências à rainha, ao jubileu e a Preston e ao fato de ele estar *recarregando sua munição.*

— Isso não estava em lugar nenhum? — disse Hadden.

— Não — concordou Noble. — E é o que distingue este crime dos demais.

Perguntei diretamente a Noble:

— E você acha que foi ele?

— Acho.

— Mas Alf Hill demonstrou-se cético.

— Agora já não é tão cético — concluiu Oldman, acenando para a carta.

WKFD.

Wakefield.

— Posso dar uma olhada nos arquivos de Preston?

— Converse com Peter mais tarde — sugeriu Oldman, dando de ombros.

Bill Hadden, na ponta de sua cadeira, tinha os olhos postos na carta:

— Vocês vão publicar isso?

— Neste momento, não.

— Então não podemos publicar nada.

— Não.

— E vão enviar resumos a outros jornais, em Bradford, em Manchester?

— Não, pelo menos até que eles comecem a receber cartas como esta.

— Outras aparecerão caso esta seja publicada — comentei.

— Então vejamos se aparecem mesmo antes de ser publicada.

O subdiretor de polícia George Oldman pegou seu copo de água e olhou para todos nós.

Millgarth, 10h30.

Mais uma coletiva de imprensa.

Tom, de Bradford, indagou:

— Neste momento, vocês já têm um perfil do homem que estão buscando?

Oldman argumentou:

— Sim. Temos um perfil bem claro do tipo de homem que procuramos, e obviamente nenhuma mulher estará em completa segurança até que ele seja encontrado. Estamos buscando um assassino psicopata que nutre um ódio patológico em relação às mulheres que acredita serem prostitutas. Imaginamos que esteja sendo protegido por alguém, pois em várias ocasiões deveria ter voltado para casa com a roupa empapada de sangue. Essa pessoa está precisando de ajuda urgente, e quem puder nos levar até ela prestará um enorme favor.

Gilman, de Manchester pergunta:

— O senhor poderia descrever que tipo de armas deveriam ser localizadas?

— Acho que sei quais armas foram usadas. Mas não, não poderia dizer

concretamente. A única coisa que posso afirmar é que foi usado um instrumento contundente.

— Alguma arma foi encontrada?

— Não.

— Localizaram alguma testemunha ligada ao assassinato de Rachel Johnson?

— Não, assim como não temos qualquer descrição detalhada desse homem.

— Suspeitos?

— Não.

— O que vocês têm de concreto, então?

De volta à redação, com o sol batendo nas amplas janelas do sétimo andar, queimando os papéis.

Leeds em chamas.

Não perdi tempo:

NENHUMA MULHER ESTÁ A SALVO COM O ESTRIPADOR LIVRE, DIZ POLÍCIA

Os detetives que procuram o Jack, o Estripador de West Yorkshire finalmente afirmaram, ontem à noite, que o mesmo homem assassinou brutalmente cinco mulheres no norte da Inglaterra.

Ainda ontem, funcionários dos laboratórios de medicina legal do Home Office, em Wetherby, conseguiram estabelecer uma conexão entre os ataques sádicos a quatro prostitutas e a morte de Rachel Johnson, uma balconista de dezesseis anos.

Seu corpo mutilado foi encontrado num playground junto ao centro comunitário de Chapeltown, na manhã de quarta-feira.

Ontem à noite, o policial que está à frente do maior assassinato múltiplo no norte desde da explosão de um carro bomba na M62 *descreveu o homem que procuram:*

"Estamos buscando um assassino psicopata que nutre um ódio patológico em relação às mulheres que acredita serem prostitutas. É muito importante que esse

homem seja encontrado rapidamente", disse o senhor George Oldman, subdiretor de polícia de West Yorkshire.

Durante todo o dia de ontem, enquanto as incríveis semelhanças entre os cinco assassinatos eram investigadas, o senhor Oldman e outros detetives passaram um bom tempo discutindo com psiquiatras como seria a mente do assassino.

"Temos uma imagem bem clara do tipo de homem que buscamos, e obviamente nenhuma mulher estará em completa segurança até que ele seja encontrado. Imaginamos que esteja recebendo proteção de alguém, pois em várias ocasiões deveria ter voltado para casa com a roupa empapada de sangue. Essa pessoa está precisando de ajuda urgente, e quem puder nos levar até ela estará prestando um enorme favor.", declarou o senhor Oldman.

A polícia acredita que o homem é de West Yorkshire, e que certamente conhece bem Leeds e Bradford, e acredita também que deve ter desenvolvido um problema psicológico em relação às prostitutas, talvez por ter sofrido nas mãos de uma, talvez por sua mãe ter sido uma.

O senhor Oldman afirmou que, entre as evidências reveladas pelas autópsias, estão detalhes que ainda não poderia revelar. No entanto, entre as semelhanças, ele destacou que:

*• **todas** as vítimas eram "meninas de vida fácil", exceto Rachel Johnson, que poderia ter sido atacada por engano ao voltar para casa tarde da noite, na terça-feira.*

*• **não foram encontradas evidências** de abuso sexual ou roubo em qualquer das vítimas, exceto na primeira.*

*• **todas sofreram** terríveis lesões na cabeça e em várias partes do corpo, incluindo sucessivos golpes com instrumento cortante.*

Ontem à noite, os vizinhos de Rachel Johnson, em Chapeltown, fizeram um abaixo-assinado que será enviado ao diretor do Home Office, o senhor Merlyn Rees, pedindo que a pena de morte seja restaurada em casos de assassinato.

Uma das organizadoras do movimento, a senhora Rosemary Hamilton, disse: "Passaremos por todas as casas de Leeds se for necessário. Essa menina nunca fez mal a ninguém em toda a sua vida, e, quando encontrarem o assassino, ele

receberá o que merece”.

O Press Club.

Morto, exceto por George, Bet e por mim.

— Algumas das coisas que disseram que ele faz... — dizia Bet.

George, concordava:

— Corta os peitos, certo?

— Arranca os úteros, foi o que disse o tal policial.

— Come alguns pedacinhos e tudo o mais.

— Mais uma?

— E novas virão — eu disse, sentindo-me mal.

Cambaleei na esquina da minha rua, e lá estava ele, sob a luz do poste.

Um homem alto, vestindo capa de chuva preta, chapéu e segurando uma velha pasta.

Ele estava de pé, parado, olhando para a janela do meu apartamento, congelado.

— Martin — eu disse, aproximando-me pelas suas costas.

Ele se virou.

— Jack. Eu estava ficando preocupado.

— Já disse que estou bem.

— Esteve bebendo?

— Durante quarenta anos.

— Está na hora de renovar as piadas, Jack.

— Você tem alguma nova?

— Você não pode continuar fugindo, Jack.

— Veio aqui para exorcizar os meus demônios? Para me arrancar dessa maldita tristeza?

— Eu gostaria de subir para conversar.

— Em outro momento.

— Jack, talvez não exista outro momento. O tempo está acabando.
— Ótimo.
— Jack, por favor.
— Boa noite.

O telefone tocava lá dentro.

Abri a porta e atendi.

— Alô.
— Jack Whitehead?
— Sim, sou eu.
— Tenho informações sobre os assassinatos desse tal Estripador.

A voz era de homem, jovem e local.

— Pode falar.
— Por telefone, não.
— Onde você está?
— Não importa, mas poderíamos nos encontrar sábado à noite.
— Que tipo de informação você tem?
— Contarei no sábado, no Variety Club.
— Em Batley?
— Isso. Entre dez e onze.
— Certo, mas preciso que me dê um nome.
— Nada de nomes.
— Vai querer dinheiro, imagino?
— Nada de dinheiro.
— O que você quer, então?
— Quero apenas que apareça por lá.

Na janela, vi que o reverendo Laws continuava parado sob a luz do poste da rua, um arrasado judeu do East End com seu chapéu e sua capa de chuva.

Eu me sentei e tentei ler, mas só pensava nela, pensava nela, pensava nela, e

rezava para que Carol continuasse desaparecida, pensava em seus cabelos, pensava em suas orelhas, pensava em seus olhos, rezava para que Carol continuasse desaparecida, pensava em sua língua, rezava para que Carol continuasse desaparecida, pensava em seu pescoço, pensava em seu colarinho, pensava em seus ombros, rezava para que Carol continuasse desaparecida, pensava em seus seios, pensava na sua pele, pensava nos seus mamilos, rezava para que Carol continuasse desaparecida, pensava em seu estômago, pensava no seu ventre, rezava para que Carol continuasse desaparecida, pensava em suas coxas, pensava na sua pele, pensava nos seus cabelos, rezava para que Carol continuasse desaparecida, pensava no seu mijo, pensava na sua merda, pensava nas partes escondidas do seu corpo, rezava para que Carol continuasse desaparecida, pensava nela, pensava nela, pensava nela, e rezava.

Eu me levantei e fui para a cama, metendo-me entre os lençóis, pensando nela, pensando nela e me tocando.

Então me levantei, virei o corpo, e ali estava ela.

Ka Su Peng fora embora.

Carol estava de volta.

— Sentiu a minha falta?

John Shark: Gosto disso: "De acordo com o senhor James Anderton, o chefe de polícia da Grande Manchester, o aumento da violência deixou a força policial em evidência, e tudo pode piorar antes que se consiga uma melhora".

Ouvinte: Acho que ele tem razão.

John Shark: Eu, não. Eu culpo a polícia pelo aumento da violência. Medo e maldita indecisão? Isso é coisa deles.

Ouvinte: Você está dizendo uma bobagem, John, uma tremenda bobagem. Se a sua linda casa for assaltada, para quem ligará?

The John Shark Show
Rádio Leeds
Sexta-feira, 10 de junho de 1977

13

Nos meus sonhos, eu estava sentado num sofá, numa sala rosa. Um sofá sujo com três assentos puídos e cheirando muito mal, mas eu não era capaz de me levantar.

E depois, ainda no sonho, eu estava sentado num sofá, num playground. Um sofá horroroso, com três molas enferrujadas, molas que cortavam a minha bunda e as minhas coxas, mas eu não era capaz de me levantar, não podia.

Alguém batia no meu rosto.

Abri os olhos.

Era Bobby.

Ele sorria, estava vivo, com seus dentes pequeninos e brancos.

E colocou um livro sobre o meu peito.

Fechei os olhos.

Ele bateu novamente no meu rosto.

Abri os olhos.

Era Bobby, com seu pijama azul.

Eu estava no sofá da sala, com o rádio ligado, o cheiro do café da manhã tomando conta da casa.

Então me sentei e peguei Bobby com seu pijama azul, coloquei-o no meu colo e abri o livro.

Era uma vez um coelhinho, um coelhinho mágico que vivia na Lua.

E Bobby ergueu as mãos, imitando as orelhas do coelho.

E esse coelhinho tinha um telescópio gigante, um telescópio mágico para observar a Terra.

E Bobby imitou um telescópio com as mãos, virando o rosto para me olhar, com as mãos ao redor dos olhos.

Certo dia, o coelhinho mágico apontou o telescópio mágico para a Terra e

disse: "Telescópio mágico, telescópio mágico, por favor, mostre-me a Grã-Bretanha".

E o coelhinho mágico olhou pelo telescópio mágico e ficou observando a Grã-Bretanha.

De repente, Bobby desceu do meu colo e correu para a porta da sala, com os braços abertos em seu pijama azul, gritando:

— Mamãe, mamãe, coelhinho mágico, coelhinho mágico!

E Louise ficou parada, atrás de nós, observando, até o momento em que disse:

— O café está pronto.

Eu me sentei à mesa, preparada para três pessoas e com uma toalha limpa, e com Bobby entre nós dois, e fiquei olhando para o jardim dos fundos.

Sete horas, o Sol estava do outro lado da casa.

Louise colocava leite no cereal de Bobby, com o rosto tranquilo, o cômodo um pouco frio, sombrio.

— Como vai o seu pai? — perguntei.

— Nada bem — ela respondeu, misturando o cereal de Bobby ao leite.

— Estou de folga hoje. Podemos ir juntos, se quiser.

— Sério? Pensei que tivessem cancelado todos os dias de folga.

— E cancelaram, mas acho que Maurice me devia um dia.

— Ele esteve no hospital na terça-feira.

— Ele disse que tentaria dar uma passada.

— John Rudkin também esteve.

— Sério?

— Ele é muito gentil. Que presente você ganhou do seu tio John? — ela perguntou a Bobby.

— Carrinho, carrinho — disse Bobby, tentando descer da cadeira.

— Coma, meu querido — eu disse. — Coma o seu cereal primeiro.

— Carrinho poli, carrinho poli.

Olhei para a Louise.

— "Carrinho poli"?

— Um carrinho da polícia — ela respondeu, sorrindo.

— Onde o papai trabalha? — perguntei.

— Na poli — ele respondeu, sorrindo, com a boca cheia de cereal e leite.

E nós rimos, os três.

Bobby caminhava entre nós dois, com uma das mãos dada à *mamãe* e a outra, ao *papai*.

A previsão era de muito calor, e todos os canteiros da rua cheiravam a grama aparada e mato molhado, o céu estava completamente azul.

Entramos no parque, e ele soltou as nossas mãos.

— Você se esqueceu do pão — gritei, mas ele continuou correndo em direção ao lago.

— O que ele gosta é de deslizar — disse Louise.

— Ele vai crescer muito, não acha?

— Acho.

E nos sentamos no balanço, em meio à natureza calma e gentil, aos patos e às borboletas, com os edifícios de pedra e as colinas escuras observando-nos acima das árvores, à espera.

Eu me aproximei e segurei a sua mão, apertando-a.

— Deveria ter ido a Flamingo Land ou algum outro lugar. Scarborough ou Whitby.

— É complicado — ela disse.

— Sinto muito — me desculpei.

— Não, você tem razão. Deveríamos nos esforçar.

E Bobby escorregava de barriga, com a camisa levantada e o peito aberto.

— Está ficando com uma pancinha, como o pai — comentei.

Mas ela estava a quilômetros de distância.

Louise estava na fila para comprar peixe, e Bobby apertava o meu braço para que eu olhasse a vitrine da loja de brinquedos, para que visse o Lone Ranger e o Tonto.

Tudo à nossa volta, numa sexta-feira.

E o céu continuava azul, as flores e as frutas brilhavam, juntos às cabines de telefone vermelhas, às senhoras e jovens mães com seus vestidos de verão, além dos carrinhos brancos de sorvete.

Tudo à nossa volta, num dia normal.

Louise voltou, e eu peguei as sacolas de compra, depois seguimos para Kingsway, com Bobby entre nós dois, dando as mãos ao papai e à mamãe, voltando para casa.

Tudo à nossa volta, num dia de verão.

Um dia de verão em Yorkshire.

Louise preparava o almoço, enquanto eu e Bobby brincávamos com o seu carrinho e seus tijolos de construção, seu Action Man e seu Tonta Toy, seu Lego e seus ursos de pelúcia, e a flotilha real descia o Tâmisa na televisão.

Comemos peixe cortado em pedaços, com molho de salsinha e ketchup, com batatas e ervilhas, e depois gelatina de sobremesa, enquanto Bobby colocava suas medalhas com orgulho.

Quando terminamos, lavei a louça, que Louise e Bobby secaram, e a televisão foi desligada após as notícias.

Depois tomamos uma xícara de chá e ficamos vendo uma apresentação de Bobby, que dançava ao som de um disco com a trilha sonora dos filmes de James Bond.

No caminho para Leeds, Louise e Bobby seguiam sentados no banco de trás, e Bobby caiu no sono, com a cabeça recostada no colo da mãe, o sol batendo no carro, as janelas abertas, ouvindo Wings e Abba, Boney M e Manhattan Transfer.

Estacionamos atrás do edifício e tiramos Bobby do carro, depois fomos até a frente do hospital, as árvores no chão quase negras no sol e a cabeça de Bobby pendendo sobre o meu ombro.

Já na enfermaria, nos sentamos em pequenas cadeiras duras, com Bobby dormindo na beira da cama do avô, enquanto Louise, usando uma colher de

plástico, oferecia ao pai suco de tangerina, e o líquido escorria pelo seu rosto sem barbear, pelo seu pescoço, chegando ao seu pijama Marks & Spencer, enquanto eu caminhava sem rumo, indo da porta ao banheiro, e dava uma olhada nas revistas femininas e comia duas barras de chocolate Mars.

Quando Bobby acordou, por volta das três, fomos para o jardim, deixando Louise e seu pai sozinhos, e corremos pela grama, brincando de pega-pega, enquanto eu gritava: “Peguei”, e ele dizia: “Não vale”. E ríamos, depois nos aproximamos das flores, cheirando-as, apontando para todas as que tinham cores diferentes, até encontrarmos dentes-de-leão, e ficamos soprando um de cada vez.

E, quando voltamos, cansados e cobertos de restos de grama, ela chorava ao lado da cama, com o pai dormindo de boca aberta, com a língua seca caída para fora. Pousei um dos meus braços sobre o seu ombro, e Bobby recostou sua cabeça nos joelhos da mãe, e ela nos abraçou com força.

No caminho de volta para casa ficamos cantando com Bobby, e foi uma pena que tivéssemos comido peixe no almoço, pois poderíamos ter parado no Harry Ramsden para uma sopa ou algo assim.

Juntos, demos um banho em Bobby, com ele soprando bolhas de sabão, bebendo a água e chorando quando o tiramos da banheira, depois o secamos e o levamos ao quarto, lemos uma história, a mesma história três vezes.

Era uma vez um coelhinho, um coelhinho mágico que vivia na Lua.

E meia hora depois eu recomeçava:

Telescópio mágico, telescópio mágico, por favor, quero que me mostre Yorkshire.

Mas dessa vez ele não fez um telescópio com as mãos, apenas alguns sons com a boca. Dei um beijo de boa-noite e desci.

Louise estava sentada no sofá assistindo ao final de *Crossroads.*

Eu me sentei ao seu lado, perguntando:

— Algo interessante pra ver?

Ela deu de ombros.

— Tem o *Get Some In* e esse tal de *XYY Man* que você gosta.

— Algum filme?

— Mais tarde, eu acho — ela disse, me passando o jornal.

— *I Start Counting?*

— É muito tarde pra mim.

— É, deveríamos dormir cedo.

— Que horas você vai acordar amanhã?

— John deveria ter ligado.

Louise olhou o para o seu relógio.

— Você vai ligar pra ele?

— Não, apareço por lá às sete.

E ficamos sentados vendo Max Bygraves, com os brinquedos de Bobby ao nosso redor.

Mais tarde, vendo os anúncios antes de *World in Action*, perguntei:

— Você acha que vamos superar isso?

— Não sei, meu amor — ela respondeu, sem tirar os olhos da televisão. — Não sei.

— Obrigado pelo dia de hoje — agradeci.

Devo ter caído no sono, pois, quando despertei, ela já tinha ido para o quarto, e eu estava sozinho no sofá, com *I Start Counting* terminando. Desliguei a televisão e subi, tirei a roupa e me deitei, com Bobby e Louise ao meu lado, dormindo.

Nos meus sonhos, eu estava sentado num sofá, numa sala rosa. Um sofá sujo com três assentos puídos, e cheirando muito mal, mas eu não era capaz de me

levantar.

E depois, ainda no sonho, eu estava sentado num sofá, num playground. Um sofá horroroso, com três molas enferrujadas, molas que cortavam a minha bunda e as minhas coxas, mas eu não era capaz de me levantar, não podia.

E depois, ainda no sonho, eu estava sentado num sofá, num terreno baldio. Um sofá terrível, cheio de sangue, sangue que escoava pelas minhas palmas e unhas, mas nem assim eu conseguia me levantar, não era capaz de me levantar, não podia ir embora.

Ouvinte: E aquela menina de Luton, a menina de quatro anos de idade que foi estuprada e morta? Viu que chegaram a um menino de doze anos? De doze malditos anos.

John Shark: Incrível!

Ouvinte: E todos os jornais falando dessa maldita flotilha real e do Estripador de Yorkshire.

John Shark: Mas essa é uma história sem fim, certo?

Ouvinte: Claro que tem fim. O fim do mundo é o que temos pela frente. O fim do maldito mundo.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Sábado, 11 de junho de 1977

14

Balancei as pernas na beirada da cama e comecei a vestir a calça.

Amanhecia, um dia cinzento e chuvoso, sábado, 11 de junho de 1977.

O sonho era um fantasma perdido em um quarto sombrio, um sonho com móveis ensanguentados e policiais com cabelos loiros, crime e punição, buracos e cabeças.

Mais uma vez, ferido ao dormir.

As janelas faziam barulho por conta da chuva, o meu estômago também fazia barulho.

Eu era um velho homem sentado na cama de uma prostituta.

Senti uma mão pousada na minha cintura.

— Você não precisa ir embora — ela disse.

Girei em direção à cama, vendo aquelas feições macilentas sobre o travesseiro, e me curvei para beijá-la, tirando novamente a calça.

Ela puxou o lençol para cima de nós dois e abriu as pernas.

Eu coloquei a minha coxa esquerda entre as suas, sentindo a sua umidade contra a minha pele e contra os pelos da minha perna, enquanto passava uma das mãos pelos seus cabelos, notando mais uma vez a marca que ele deixara.

Voltei para Leeds pelo pesado congestionamento da manhã e a chuva contínua, com o rádio ligado.

São esperadas enchentes em vários pontos. John Tyndall, líder do National Front, esmurrado. 3.287 policiais são deixados sem pensão ou gratuidade. Greve dos jornalistas deve se intensificar.

Quando cheguei aos arcos escuros, desliguei o carro e fiquei sentado, pensando em tudo o que queria fazer com ela, com um cigarro queimando sobre a pele

logo abaixo das minhas unhas.

Coisas ruins, coisas sobre as quais nunca pensara antes.

Joguei fora o cigarro.

A redação estava vazia.

Chateado, peguei o jornal do dia e voltei a ler o meu texto, impresso numa das páginas internas.

VÍTIMAS DE UM ÓDIO EM EBULIÇÃO?

Por Jack Whitehead

Está se tornando algo infelizmente familiar para os moradores de Chapeltown, em Leeds, o chamado "bairro da luz vermelha".

Um posto móvel da polícia, uma antena para as transmissões de rádio, ruas interditadas, detetives com pranchetas batendo nas portas e, atrás das cortinas, crianças observando as intermináveis luzes azuis.

Cinco mulheres foram brutalmente assassinadas no meio da noite num período de dois anos, e quatro delas num raio de pouco mais de três quilômetros. A última a ser encontrada foi imediatamente identificada como a mais recente vítima do chamado "Jack, o Estripador" de Yorkshire.

Rachel Johnson, de dezesseis anos, assim como as demais, foi brutalmente atacada. Como duas das vítimas anteriores, seu corpo foi encontrado numa espécie de playground, um lugar reservado à diversão e às brincadeiras, e Rachel estava a poucos metros da própria casa.

A grande diferença entre Rachel, que terminou o ensino médio na última Páscoa, e as vítimas precedentes é que as demais eram reconhecidamente prostitutas e trabalhavam em Chapeltown.

Mas Rachel deve ter cometido o mesmo erro fatal das anteriores: aceitar a carona de um estranho após uma noite fora de casa, prática que a polícia diz ter repetidamente avisado para que todas as mulheres evitassem, desde o primeiro assassinato, em 1975.

A primeira prostituta vítima desse homem, que a polícia acredita ser um psicopata com profundo ódio pelas mulheres, tinha 26 anos e três filhos. Seu nome era Theresa Campbell, e morava na Scott Hall Avenue, em Chapeltown.

Um entregador de leite, que fazia seu trajeto no início da manhã, encontrou o corpo ensanguentado da senhora Campbell no parque Prince Philip, a menos de 140 metros da sua casa, onde três crianças pequenas esperavam ansiosamente pela mãe, que voltava do "trabalho".

Ela foi brutalmente apunhalada até a morte.

Cinco meses depois, do outro lado dos Pennines, Clare Strachan, de 26 anos, mãe de dois filhos, foi brutalmente espancada até a morte em Preston, e a polícia acredita ter sido obra do mesmo psicopata.

Apenas três meses mais tarde, em fevereiro de 1976, a senhora Joan Richards, de 45 anos, mãe de quatro filhos, também foi vítima de uma morte violenta, dessa vez num beco abandonado de Chapeltown.

A senhora Richards, que morava em New Farnley, foi atingida brutalmente com socos na cabeça, sendo várias vezes apunhalada.

E, menos de duas semanas atrás, Marie Watts, de 32 anos, moradora da Francis Street, em Chapeltown, foi encontrada morta em Soldier's Field, no Roundhay Park, com o pescoço cortado e várias punhaladas no estômago. Dizem que estava deprimida e que fugia do namorado.

No dia da sua morte, a senhora Campbell foi vista pela última vez tentando conseguir uma carona na Meanwood Road, em Leeds, pouco depois da uma da manhã. Sabe-se que ela esteve no clube noturno Room at the Top, na Sheepscar Street.

Na noite da sua morte, a senhora Richards esteve no Gaiety, um bar na Roundhay Road, com o seu marido. Ela foi embora no início da noite, e o marido não voltou a vê-la.

O Gaiety também foi um dos poucos lugares onde Marie Watts foi vista com vida.

Ontem, a polícia reiterou seu apelo para que qualquer pessoa que tenha informação sobre esses casos entre em contato.

Os telefones do Quartel-General de Homicídios da delegacia de Millgarth

são: Leeds 461212 e 461213.

— Está contente?

Girei o corpo e vi Bill Hadden olhando por cima dos meus ombros, ele vestia o paletó esporte que costumava usar aos sábados.

— Estou chocado. Nunca usei *"brutalmente"* tantas vezes, certo?

— Já usou, sim.

Tirei um pedaço de papel dobrado do meu bolso e entreguei a ele.

— Vai fazer a mesma coisa com isso?

Millgarth, por volta das dez e meia.

Sargento Wilson na sua mesa.

— Lá vem problema.

— Samuel — cumprimentei.

— O que eu poderia fazer por você nesta linda e miserável manhã de junho?

— Peter Noble está aqui?

Ele deu uma olhada no registro do dia.

— Não. Acaba de ir embora.

— Merda. E Maurice?

— Está fora por alguns dias. O que foi?

— Combinei com George Oldman que veria algumas pastas. Sobre Clare Strachan...

Wilson voltou a olhar para os registros.

— Poderia tentar John Rudkin ou o detetive sargento Fraser?

— Eles estão aqui?

— Espere — respondeu Wilson, pegando o telefone.

Ele desceu as escadas para me encontrar, jovem, loiro e conhecido.

Ficou parado.

— Jack Whitehead — me apresentei.

E nos demos as mãos.

— Bob Fraser. Já nos encontramos antes.

— Barry Gannon... — eu disse.

— Você se lembra?

— Como me esqueceria?

— Claro... — ele concordou, acenando com a cabeça.

O detetive sargento Fraser parecia ter dormido pouco, buscava as palavras, estava um pouco perdido, talvez estivesse apenas cansado.

— Você fez tudo certo — elogiei.

Ele parecia surpreso, franzindo a testa.

— O que você quer dizer?

— A Divisão de Homicídios...

— Ah, acho que sim... — ele disse, olhando para o relógio.

— Gostaria de conversar sobre Clare Strachan, caso tenha um tempinho.

Fraser voltou a olhar para o relógio e repetiu:

— Clare Strachan?

— Conversei com George Oldman há alguns dias e combinamos que o detetive-chefe superintendente Noble me mostraria as pastas, mas...

— Estão todos em Bradford.

— Certo. Mas me disseram que talvez John Rudkin ou você não se importariam...

— Certo, tudo bem. Vamos subir.

E o segui pelas escadas.

— Isso aqui é um pouco caótico — ele comentou, segurando a porta aberta de uma sala cheia de armários de metal.

— Imagino.

— Espere um minuto — ele pediu, apontando para duas cadeiras ao lado de uma mesa. — Vou pegar as pastas.

— Obrigado.

E me sentei de frente para os armários, com suas letras e seus números, e fiquei imaginando o quanto daquilo tudo poderia ter sido escrito por mim, o quanto eu teria guardado na minha própria gaveta, o quanto eu sonhara com tudo

aquilo.

Fraser voltou, abrindo a porta com os pés e segurando uma grande caixa nas mãos.

Colocou a caixa sobre a mesa:

Preston, novembro de 1975.

— Isso é tudo? — perguntei.

— É tudo o que temos. O restante está em Lancashire.

— Conversei com Alfred Hill, mas ele parece cético.

— Sobre uma conexão? Sim, acho que todos éramos um pouco céticos.

— Eram?

— Sim, éramos — ele respondeu, sabendo que eu conhecia o teor das cartas.

— Você está convencido?

— Estou.

— Sei...

Ele fez um gesto em direção à caixa.

— Você não quer ficar conversando quando tem tudo isso pra ver, certo?

— Não, mas gostaria de fazer uma pergunta. Você sabe o que isso significa? — e lhe entreguei as referências de arquivo de Preston:

23/8/74 — WKFD/MORRISON-C/CTNSOL1A

22/12/74 — WKFD/MORRISON-C/MGRD-P/WSMT27C

Ele ficou olhando para aquelas letras e números, pálido, e perguntou:

— Onde conseguiu isso?

— No arquivo de Clare Strachan, em Preston.

— Sério?

— Sério.

— Nunca vi isso antes.

— Mas sabe a que se referem?

— Não, não exatamente. Apenas que são referências do arquivo de Wakefield, de um tal de C. Morrison.

— Você conhece algum C. Morrison?

— Assim de cabeça, não me lembro. Deveria conhecer?

— Talvez devesse saber que Clare Strachan algumas vezes usava o sobrenome

Morrison.

Ele permaneceu de pé, olhando para mim, com seus olhos azuis mergulhados num orgulho ferido.

— Sinto muito — me desculpei, sentindo as paredes se fechando, as chaves girando nas trancas. — Eu não queria...

— Esquece isso — ele murmurou.

— Sei que estou sendo insistente, mas você poderia checá-los?

Ele puxou outra cadeira, sentou-se e pegou o telefone preto.

— Sam, aqui é Bob Fraser. Poderia ligar para a delegacia de Wood Street?

Ele colocou o fone no gancho, e ficamos esperando em silêncio.

O telefone tocou, e Fraser atendeu.

— Obrigado. Aqui é o detetive sargento Fraser, de Millgarth, e gostaria de verificar dois arquivos, por favor.

Uma pausa.

— Sim, o detetive sargento Fraser, de Millgarth. O nome é Morrison, inicial C. O primeiro é 23/8/74, abordagem 1-A.

Mais uma pausa.

— Isso. E o segundo também é Morrison C. De 22/12/74. Assassinato de GRD-P, declaração da testemunha 27C.

Uma pausa.

— Obrigado — disse e desligou.

Ergui os olhos, e os seus olhos azuis me encaravam.

Ele avisou:

— Vão ligar de volta em dez minutos.

— Obrigado por fazer isso.

Mexendo nos papéis, ele perguntou:

— Conseguiu isso em Preston?

— Sim. Alfred Hill me mostrou uma pasta. Disse que a vítima era uma prostituta, então eu lhe perguntei como poderia ter tanta certeza, e ele me mostrou uma folha datilografada. Com apenas essas letras e números escritos. Você esteve por lá?

— Semana passada. E foi ele quem disse que Clare costumava usar o

sobrenome Morrison?

— Não, isso eu li no *Manchester Evening News,* numa matéria dizendo que ela veio da Escócia e que também usava o sobrenome Morrison.

— No *Manchester Evening News?*

— É. — E tirei o recorte do meu bolso, mostrando-lhe.

O telefone tocou e nós dois saltamos.

Fraser colocou o recorte na mesa e começou a ler ao pegar o fone.

— Obrigado.

Pausa.

— Pode falar.

Outra pausa, mais longa.

— Os dois? Quem era?

Pausa.

— Ah, claro. Que ignorância a minha. Obrigado.

Desligou e continuou olhando para o recorte.

— Nada? — questionei.

— As pastas estão aqui — ele disse, olhando para a caixa. — Ou pelo menos deveriam estar. Posso ficar com isso? — ele perguntou, segurando o recorte.

— Claro, se quiser.

— Obrigado — ele agradeceu, acenando com a cabeça e abrindo a caixa, espalhando as pastas sobre a mesa.

— Prefere que eu vá embora? — perguntei.

— Não, fique à vontade — ele disse. — Em algum momento tudo isso ficará registrado nos computadores da polícia nacional, sabia?

— E você acha que fará alguma diferença?

— Espero que sim — ele comentou, sorrindo e tirando o paletó, enquanto começávamos a procurar, até que, dez minutos depois, tudo estava de volta dentro da caixa e a mesa tinha ficado vazia.

— Merda. Sinto muito.

— Não se preocupe — respondi.

— Ligarei caso encontre alguma coisa — ele disse, levantando-se.

— Era uma simples pesquisa, nada mais.

Voltamos a descer as escadas, e, no último degrau, ele repetiu:

— Ligarei.

Na porta, nos cumprimentamos, ele sorriu, e eu perguntei:

— Você conhecia Eddie, certo?

Ao soltar a minha mão, ele balançou a cabeça e disse:

— Não, na verdade, não.

Voltei à cidade assombrada, com fantasmas em todas as esquinas, bebendo em bares para a classe trabalhadora, com a manhã encerrada, o dia escapando entre os meus dedos.

Parei na frente do Griffin e fiquei observando a fachada cheia de andaimes e as janelas escuras dos andares inferiores, tentando imaginar qual daqueles buracos negros seria o dele.

Entrei, e as cadeiras de espaldar alto da recepção estavam todas vazias, na penumbra, e segui para o balcão, toquei a campainha e esperei, com o coração batendo pesado e rápido.

Pelo espelho que havia acima do balcão, observei um menino ajudando uma velha senhora que caminhava com o apoio de uma bengala, atravessando a recepção.

Já os tinha visto antes.

Sentaram-se nas mesmas cadeiras onde eu e Lewis nos sentamos na semana anterior.

Eu me aproximei e puxei uma terceira cadeira.

Eles não disseram nada, mas se levantaram e sentaram na mesa ao lado.

Fiquei sentado sozinho, em silêncio, depois me levantei e voltei ao balcão, onde toquei a campainha pela segunda vez.

Pelo espelho, observei a criança murmurando à senhora, e os dois olhando para mim.

— Posso ajudá-lo?

Virei o corpo para o balcão e me deparei com um homem que vestia um terno preto.

— Sim, eu gostaria de saber se o senhor Laws, Martin Laws, está no seu quarto?

O homem olhou para as caixas de madeira atrás dele, para as chaves dos quartos, e respondeu:

— O reverendo Laws está fora neste momento. Gostaria de deixar uma mensagem?

— Não, voltarei mais tarde.

— Perfeito, senhor.

— Eu já tinha visto aquele homem antes.

— Quando? — perguntou Hadden.

— Era um dos que esteve aqui, procurando por Barry.

— Certo — concordou Hadden, suspirando, pensando naquela época. — Que momento terrível!

— Nada a ver com o atual — comentei, e ficamos mudos até ele me oferecer um pedaço de papel.

— Dei um destaque à faca — ele disse, sorrindo.

Eu me sentei do outro lado da mesa, à sua frente, e li:

CARTA ABERTA AO ESTRIPADOR

Querido Estripador,

Você matou cinco vezes até agora. Em menos de dois anos, destroçou quatro mulheres em Leeds e uma em Preston. A sua motivação, acredita-se, nasce de um terrível ódio de prostitutas, ódio que o leva a retalhar e espancar as suas vítimas. No entanto, e inevitavelmente, essa paixão enlouquecida não se repetiu na terça-feira à noite. Uma menina inocente de dezesseis anos, feliz, respeitável, trabalhadora e vinda de uma família decente de Leeds, cruzou o seu caminho. Como você se sentiu ao saber que a sua cruzada de sangue resultara em algo tão equivocado? Ao saber que a sua faca vingativa acabou encontrando um alvo

tão inocente? Embora a sua mente seja, sem sombra de dúvida, doentia, deve ter havido espaço para uma pitada de remorso enquanto você tentava se livrar das manchas do sangue de Rachel.

Não cometa o mesmo erro novamente, não atire mais uma família inocente neste inferno.

Pare com isso agora mesmo.

Entregue-se em segurança, sabendo que terá pela frente apenas cuidado e tratamento, e não a forca ou a cadeira elétrica.

Por favor, pelo bem de Rachel, entregue-se e interrompa essa terrível cadeia de assassinatos.

O povo de Leeds.

— O que você acha?

— George leu isso?

— Falamos por telefone.

— E?

— "Merece um brinde", foi o que ele falou.

— Ele não mudou de opinião sobre publicar a outra carta?

Hadden deu de ombros.

— O que você acha?

— Pensei muito nisso, na verdade, e acho que ele está cometendo um erro. Um erro que se transformará numa assombração para ele. E para nós também.

— Como assim?

— A última carta chegou com um aviso, certo?

— Certo.

— Quando ele voltar a matar e descobrirem que tínhamos uma carta, uma maldita carta de aviso, acho que o público britânico não ficará muito contente ao saber que resolvemos não compartilhar isso.

— Ele tem as suas razões.

— Quem? George? Espero que sejam razões muito boas.

Bill Hadden olhava para mim, acariciando a barba.

— O que foi, Jack?

— O que você quer dizer?

— O que foi?

— É a arrogância dele, só isso.

— Não, não é isso. Eu sei muito bem. Tem algo mais.

— Na verdade, é tudo isso... O Estripador. As cartas...

— O encontro com o sargento Fraser não ajudou nada, certo?

— Não, mas foi bom, na verdade.

— Mas trouxe tudo à tona.

— Isso nunca foi esquecido, Bill. Nunca.

Era de noite quanto saí da redação e caminhei até o meu carro. Uma noite escura e úmida de verão.

Segui em direção ao Tingley Roudabout e desci a Showcross e a Hanging Heaton, chegando ao Batley Variety Club.

Um sábado à noite, e o melhor que conseguiram foram os New Zombies, pois não poderiam competir com os shows nos píeres.

Estacionei, preferindo estar bêbado, e atravessei o estacionamento em direção ao toldo que protegia a entrada.

Paguei e entrei.

A lotação estava pela metade, e fiquei de pé no bar, com um uísque duplo nas mãos, observando os vestidos longos e os ternos baratos, verificando que horas eram.

Do outro lado, uma mulher magra, com um vestido rosa e barato que arrastava no chão, já estava bêbada e discutia com um gordo de bigode, curvando o corpo para gritar e mostrando um pouco dos seios.

O homem bateu na sua bunda, e ela jogou um pouco da bebida em cima dele.

Dez e meia.

— Aproveitando a vida, senhor Whitehead?

Um jovem vestindo terno preto e com a cabeça raspada estava colado ao meu ombro, segurando um saco plástico na mão esquerda.

— Era você, então?

Eu já o vira antes, mas não tinha ideia de onde.

— Sinto muito. Nada de nomes.

— Mas já nos vimos antes, certo?

— Não, nunca. Você se lembraria.

— Tudo bem, como preferir. Quer se sentar?

— Por que não?

Pedi bebidas para nós dois, e nos sentamos nos fundos do bar.

Ele acendeu um cigarro e curvou a cabeça para trás, lançando fumaça na direção do teto.

Eu fiquei sentado ali, observando a multidão e perguntando:

— Por que aqui?

— Porque não serei visto pela polícia.

— Eles estão na sua cola?

— Sempre.

Tomei um bom gole de uísque e esperei, observando-o enquanto ele agitava suas pulseiras e fazia anéis de fumaça, com o saco plástico no colo.

Ele inclinou o corpo, com um sorriso nos lábios finos, e disse:

— Poderíamos ficar sentados aqui a noite inteira. Não tenho pressa.

— Mas o que a polícia está buscando?

— O que tenho aqui dentro — ele respondeu, batendo no saco plástico. — O que tenho aqui é uma novidade do caralho.

— Vamos dar uma olhada, então...

Ele pressionou a palma da mão na própria testa.

— Não. E não me apresse.

Eu me recostei.

— Certo, vou te escutar.

— Espero que sim, pois, quando isso for aberto, vai explodir tudo por aqui.

— Você se importa que eu faça algumas anotações?

— Sim. Só quero que escute, nada mais.

— Certo.

Ele apagou o cigarro e balançou a cabeça.

— Já fiz alguns acordos com os seus colegas e, acredite, pensei muito antes de me encontrar com você. Fiquei pensando se deveria ou não te entregar isso. E ainda não estou muito convencido.

— Quer falar sobre dinheiro antes?

— Não quero porra de dinheiro nenhum. Não estou aqui por isso.

— Certo — concordei, imaginando que ele mentia, pensando: *dinheiro, atenção, vingança*. — Poderia me dizer por que está aqui, então?

Os seus olhos se moviam acompanhando as pessoas que entravam, e ele respondeu:

— Quando ouvir o que tenho a dizer, quando vir o que tenho aqui, você entenderá.

Atenção.

Apontei para os copos vazios.

— Outra dose?

— Por que não? — ele respondeu, e fiz um sinal para a menina do bar.

Ficamos sentados, sem dizer nada, esperando.

Ela trouxe as bebidas.

As luzes da casa diminuíram.

Ele curvou o corpo, olhando para o próprio relógio.

Eu me curvei na sua direção, como se fôssemos nos beijar.

Ele falou rapidamente, mas de forma clara:

— Clare Strachan, a mulher contra quem o Estripador fez tudo aquilo em Preston, segundo dizem... Eu a conhecia. Ela morava aqui perto e dizia que o seu sobrenome era Morrison. Estava envolvida com algumas pessoas, e não era muito legal, era gente que me dá medo, muito medo, e que prefiro nunca mais encontrar. Entendeu?

Fiquei sentado ali, concordando, e pensando:

Vingança.

As luzes à nossa frente mudaram do azul para o vermelho, depois voltaram a ficar azuis.

Os seus olhos passearam pela sala, depois se voltaram para mim.

— Eu cometi muitos erros, perdi a cabeça, e acho que ela deve ter feito o

mesmo.

Fiquei olhando para a frente, para a banda que estava a ponto de começar a tocar.

Ele misturou um pouco de uísque na sua cerveja.

— Você disse que ela o quê? — perguntei. — E por que acha isso?

Ele tirou os olhos da cerveja e sorriu.

— Ela está morta, certo?

No palco, um homem vestindo terno de veludo curvou-se sobre um microfone.

— Senhoras e senhores, moças e rapazes, disseram que estávamos agonizando, que estávamos mortos e enterrados, mas também disseram o mesmo desses caras aqui, desses que estão aqui atrás, mas eles são mortos-vivos. Por favor, peço aplausos para os New Zombies!

A cortina azul se abriu, a bateria começou a tocar e a música começou.

— "She's Not There" — disse o meu acompanhante careca, olhando para o palco.

— Não sei — respondi.

Ele me encarou.

— Você tem umas coisinhas para ler à noite — disse, entregando-me o saco plástico por baixo da mesa.

Peguei e comecei a abrir.

— Aqui não — ele pediu, fazendo um sinal para o lado. — Aqui não.

Eu me levantei e passei pelas mesas vazias, olhando para trás, para aquele jovem pálido vestindo terno preto, com a cabeça balançando ao som dos teclados vindo do palco.

— Posso te dar uma mãozinha se quiser — ele propôs.

Chutei e depois tranquei a porta do banheiro, me sentei no vaso e abri o saco plástico.

Dentro havia outro saco, um saco de papel, marrom.

Abri o saco de papel e encontrei uma revista.

Uma revista de sacanagem, pornografia.

Pornografia barata.

Amadores.

Spunk.

O canto de uma página estava marcado.

Abri na página marcada e lá estava ela.

Cabelos claros e pele rosada, orifício rosado e úmido, e olhos azuis, secos, com as pernas abertas, tocando o clitóris.

Clare Strachan.

Fiquei de pau duro.

Fiquei de pau duro, e ela estava morta.

Saí do banheiro, voltei ao salão de baile, e a mulher magra de vestido longo rosa dançava sozinha na primeira fila, com uma centena de rostos albinos olhando na direção contrária, para o bar, onde quatro policiais conversavam com a atendente, apontando para a nossa mesa vazia.

Dois policiais correram para o lado de fora, de repente.

Os outros dois olharam para mim.

Eu estava com o saco plástico nas mãos.

Fiquei com medo, com muito medo, e sabia por quê.

Os policiais contornaram as mesas e vieram na minha direção, aproximando-se.

Eu olhei na outra direção, olhei para a minha mesa.

Senti uma mão no meu cotovelo.

— Posso ajudar? — perguntei.

— O rapaz que estava na sua mesa, o senhor sabe para onde foi?

— Sinto muito. Não sei. Por quê?

— O senhor se importaria em sair um momento?

— Não — respondi, sendo guiado entre as mesas, com a banda tocando, a mulher de rosa dançando e os fantasmas me observando.

Do lado de fora voltara a chover, e ficamos de pé, bem próximos, os três, sob o toldo da entrada.

Os dois policiais eram jovens e pareciam nervosos, inseguros.

— Poderia me dizer o seu nome, por favor?

— Jack Whitehead.

Eles se entreolharam.

— Dos jornais?

— Isso mesmo. Vocês se importariam se eu perguntasse o que significa tudo isso?

— O homem que estava na sua mesa... A gente acha que ele pode ter roubado aquele Austin Allegro ali.

— Ah, sinto muito, mas não sei nada sobre isso. Não sei nem o nome dele.

— Anderson. Barry James Anderson.

Alarmes soando, relembrando tempos antigos.

Os outros dois policiais voltavam, atravessando o estacionamento, encharcados e sem fôlego.

— Merda! — exclamou um deles, o mais velho, com a cabeça baixa e as mãos nos joelhos.

— Quem é esse? — perguntou o outro.

— Diz ser Jack Whitehead, do *Post.*

O policial mais velho e mais gordo ergueu os olhos.

— Porra, claro que sim. É o diabo em pessoa.

— Oi, Don — cumprimentei.

— Quanto tempo! — ele disse.

Nem tanto, pensei, apenas aquele maldito dia de visões deterioradas e memórias distorcidas, com todas as pedras reviradas, todos os ossos despertos, a morte por todos os lados, tudo forjado pelos vivos.

— Este é Jack Whitehead — confirmou o sargento Donald Humphries, com a chuva batendo forte no toldo sobre as nossas cabeças. — Juntos, revelamos o trabalho daquele *Exorcista*, o tal que contei pra vocês.

"Deve ser verdade", pensei, pois ele não deveria falar sobre nada mais além do acontecido naquela noite, como se por um momento ele tivesse entendido o que acontecera lá, o que vimos lá, naquela noite que passamos diante de colinas e moinhos, os ossos e as pedras, os vivos e os mortos, naquela noite em que

Michael Williams estava deitado, nu, sob a chuva, ninando Carol, acariciando seus malditos cabelos pela última vez.

Mas acho que eu lhe prestava um desserviço, pois o seu sorriso se transformou num rosto sombrio e ele balançou a cabeça, perguntando:

— Como vai, Jack?

— Nunca estive melhor. E você?

— Não posso reclamar. O que te traz aqui, neste fim de mundo?

— Queria jantar alguma coisa.

Ele apontou para o saco plástico nas minhas mãos e sorriu.

— Fez algumas compras?

— Faltam menos de duzentos dias para o Natal, Don.

Eu dirigia de volta, a quase 130 por hora.

Subi os degraus rapidamente, abri a porta, livrei-me das botas e me deitei na cama, abrindo a revista depois de colocar os óculos e procurando Clare.

Spunk.

Número 3, janeiro de 1975.

Dei uma olhada na contracapa, nada.

Abri, encontrei alguma informação.

Spunk é editada por MJM *Publishing Ltda. Impressa e distribuída por* MJM *Printing Ltda., Oldham Street, 270, Manchester, Inglaterra.*

Procurei o telefone e liguei para Millgarth.

— Gostaria de falar com o detetive sargento Fraser, por favor.

— Sinto muito, mas o sargento Fraser não está...

Desliguei o telefone, voltei à cama e a... Carol, observando a pose de Carol.

— É disso que você gosta?

— Não.

— É isso o que a sua putinha chinesa sabe fazer?

— Não.

— Vamos, Jack. Quero que me coma.

Corri para a cozinha, abri uma gaveta, peguei uma faca afiada.

Ela estava com os dedos sobre a boceta.

— Vamos, Jack.

— Me deixe em paz! — gritei.

— Você quer usar isso? — ela perguntou, piscando um dos olhos.

— Me deixe em paz!

— Você deveria levar isso a Bradford — ela disse, gargalhando. — Deveria terminar o que começou.

Corri pelo quarto, com a faca e uma bota nas mãos, subi na cama, batendo na sua cabeça, vendo sua pele branca ficando vermelha, seus cabelos claros escurecendo, tudo pegajoso e escuro, gargalhadas e gritos, até que não restasse nada além de uma faca suja nas minhas mãos, cabelos grisalhos na sola da minha bota e gotas de sangue sobre a foto desbotada da querida Clare Strachan, com seus dedos molhados e sua boceta rosada.

Os meus dedos estavam ficando frios e gotejavam sangue.

Acho que cortei a mão com a faca.

Deixei cair a faca e a bota, pousei uma das mãos na cabeça e senti a marca que eu mesmo fizera:

Sofro com o seu terror,

estou desesperada.

Girei o corpo, e lá estava ela.

— Sinto muito — me desculpei.

— Eu te amo, Jack. Eu te amo — repetiu Carol.

John Shark: Então você não acha muito legal isso da flotilha real, Bob?

Ouvinte: O mau tempo nos derrubou.

John Shark: Mas depois soltaram fogos. Foram um tanto especiais...

Ouvinte: Ah, claro, mas a minha pergunta é: quanta gente, hoje em dia, se lembra do jubileu do rei George?

John Shark: Quando foi isso, Bob?

Ouvinte: Viu? Foi em 1935, John. Foi no maldito ano de 1935.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Domingo, 12 de junho de 1977

15

No sonho eu estava novamente sentado no sofá, num terreno baldio, com o sofá cheio de sangue, e o sangue manchando minhas roupas e pele, e ao meu lado, sentado ao meu lado, estava o jornalista Jack Whitehead, com sangue escorrendo do rosto, e, quando olhei para baixo, Bobby estava nos meus joelhos, usando o seu pijama azul, segurando um grande livro preto, e ele começou a chorar, e eu me virei para Jack Whitehead e disse: "Não fui eu".

Ela dormia na cadeira grande e dura ao meu lado, Bobby voltara para casa com uns vizinhos.

Eu me levantei para ir embora, sabendo que ele ia morrer, sabendo que morreria no minuto em que eu fosse embora, mas eu não poderia continuar ali, não podia permanecer ali sabendo...

Sabendo que precisava encontrar aquelas pastas, sabendo que precisava encontrar aquelas pastas para localizá-lo, localizá-lo para detê-lo, querendo detê-lo para salvá-la, para salvá-la e terminar com aqueles sonhos.

Sabendo que deveria dar um basta nos sonhos com Janice.

Sabendo que deveria dar um basta nos sonhos com Janice, dar um basta nos sonhos com Janice para terminar tudo aquilo, e terminar tudo aquilo para recomeçar AQUI.

Aqui, com a minha esposa, aqui, com o meu filho, aqui, com meu sogro à beira da morte.

Meu novo acordo, minha prece.

Detê-lo para salvá-la,

Salvá-la para recomeçar.

Para recomeçar.

AQUI.

Ela abriu os olhos.

Eu disse bom-dia e me desculpei.

— Que horas você chegou? — ela murmurou.

— Quando terminei, por volta das onze.

— Obrigada — ela disse.

— E Bobby, está com a Tina?

— Sim.

— Ela se importa?

— Caso se importasse, teria dito.

— Preciso ir — avisei, olhando para o relógio.

Ela se afastou para me deixar passar, depois agarrou a manga da minha camisa e disse:

— Obrigado mais uma vez, Bob.

Eu me curvei e beijei sua testa.

— Nos vemos mais tarde — eu disse.

— Sim, nos vemos — ela respondeu, sorrindo.

E dirigi de Leeds a Wakefield, na tranquila M1 de domingo de manhã, com o rádio alto.

Oitenta e quatro presos na porta do Grunwick Processing Laboratories, em Willesden. A polícia metropolitana está sendo acusada de brutalidade excessiva, agressividade e táticas provocadoras.

Estacionei na Wood Street, e uma chuva forte começava, sem uma alma viva pela rua.

— Bob Fraser, de Millgarth.

— E o que posso fazer por você, Bob Fraser de Millgarth? — perguntou o sargento, sentado à sua mesa, devolvendo a minha identificação.

— Gostaria de me encontrar com o detetive-chefe superintendente Jobson. Ele está aqui?

Ele pegou o telefone e perguntou por Maurice, avisou que era eu, depois disse

que eu podia subir.

Bati duas vezes.

— Bob — exclamou Maurice, de pé.

— Sinto muito aparecer assim, sem avisar.

— Tudo bem. Que bom te ver. Como vai Bill?

— Acabo de chegar do hospital. Sem muita novidade...

Ele balançou a cabeça, perguntando:

— E Louise?

— Aguentando, como sempre. Você sabe como ela é.

E ficamos em silêncio, enquanto eu imaginava aquele corpo macilento e ossudo em seu pijama, tomando suco com uma colher de plástico, imaginando-o junto a Maurice, o Coruja, com suas lentes grossas e olheiras pesadas, os dois prendendo vilões, ladrões, quebrando crânios, desmantelando a Al Shootings, ficando famosos, Bill Texugo e Maurice Coruja, como se fossem os personagens de um livro de Bobby.

— No que você está pensando, Bob?

— Em Clare Strachan.

— Vá em frente — ele disse.

— Você conhece Jack Whitehead? Ele me entregou isso, conseguiu com Alf Hill, em Preston.

E lhe passei as referências do arquivo de Wakefield.

Maurice leu, ergueu os olhos e perguntou:

— Morrison?

— O outro sobrenome usado por Clare Strachan.

— Certo, certo. O nome de solteira, talvez?

— Você sabia?

Ele fez uma pausa, tocando a ponta do nariz e acenando que sim.

— Como conseguiu essas referências?

Inseguro, hesitei e finalmente respondi:

— Na verdade, é por isso que estou aqui.

— O que você quer dizer?

— As pastas foram retiradas de lá.

— E...?

Engoli em seco, fiquei impaciente e disse:

— Entre nós, certo?

Ele fez que sim.

— John Rudkin pegou essas pastas.

— E daí?

— Não estão em Millgarth. E ele nunca mencionou isso.

— Você falou com ele?

— Não tive chance. Mas tem outra coisa.

— O quê?

Respirei fundo mais uma vez.

— Fui a Preston com ele algumas semanas atrás, e reviramos todos os arquivos.

— De Clare Strachan?

— Sim, e deveríamos trazer cópias pra cá. Cópias de tudo o que não tínhamos, do que tínhamos perdido. Mas vi um dos papéis que ele trouxe, e eram os originais, não cópias.

— Um engano, talvez?

— Talvez, mas era o inquérito.

— O relatório do médico-legista?

— Exatamente, e o tipo sanguíneo parecia errado. Como se tivessem incluído depois.

— E que tipo era?

— B.

— Você acha que Rudkin alterou?

— Talvez, não sei...

— E poderia ter alterado quando vocês estiveram lá?

— Não, não. Ele foi outra vez, quando pegamos Joan Richards.

— Mas por que ele alteraria isso? Para quê?

— Não sei.

— O que você quer dizer, então?

— Só estou dizendo que parece errado. E, de uma forma ou de outra, ele sabe que está errado.

Maurice tirou os óculos, esfregou os olhos e disse:

— Isso é sério, Bob.

— Eu sei.

— Muito, muito sério.

Ele pegou o telefone.

— Gostaria de verificar dois arquivos, os dois em nome de Morrison, inicial C. O primeiro de 23 de agosto de 1974, abordagem 1-A. O segundo de 22 de dezembro de 1974, declaração da testemunha 27C, assassinato de GRD, inicial P.

Ele desligou o telefone, e esperamos. Eu roía uma das unhas.

O telefone tocou, ele atendeu, ouviu e perguntou:

— Certo. Mas por quem?

O Coruja olhava para mim ao falar, impassível.

— E quando?

Ele anotava na primeira página do seu jornal de domingo.

— Obrigado.

E desligou.

— O que eles disseram? — perguntei.

— Rudkin pegou emprestado.

— Quando?

— Em abril de 1975.

Fiquei de pé.

— Abril de 1975? Porra, ela nem estava morta ainda.

Maurice olhou para o jornal, depois voltou a erguer os olhos, mais arregalados que nunca.

— GRD-P — ele disse. — Você sabe o que é isso?

Voltei a me sentar e apenas balancei a cabeça negativamente.

“Paula Garland”, ele pensou por trás dos óculos, viajando, descendo os corredores em direção ao seu inferno particular.

Eu podia ouvir os sinos da catedral.

Com as mãos erguidas, perguntei:

— O que vamos fazer?

— Nós? Nada.

Comecei a falar, ele ergueu uma das mãos e piscou um dos olhos para mim.

— Deixe isso para o seu tio Maurice.

Pela segunda vez na mesma semana, parei entre caminhões, no estacionamento do Redbeck, embora não conseguisse me lembrar muito bem da última vez em que estivera por lá.

Apenas da dor.

Mas naquele momento eu sentia fome, estava faminto.

Ou pelo menos era o que dizia a mim mesmo.

Entrei, comprei uma salsicha, um sanduíche de batata chips e dois chás bem doces e quentes.

Peguei tudo e fui para o quarto 27.

Abri a porta e entrei.

O ar está frio, com um cheiro doce, de medo e suor, de morte em todos os cantos.

Fiquei de pé no centro do quarto escuro, com vontade de arrancar as cobertas cinzentas, tirar o colchão da frente da janela e queimar os nomes e as fotos das paredes, mas não fiz nada disso.

Sentei na beira da cama e fiquei pensando nos mortos e desaparecidos, nos desaparecidos e nos mortos.

“Fazendo os mortos desaparecerem.”

Voltei a Leeds com uma terrível dor de cabeça. O sanduíche frio continuava jogado no banco do carona.

Liguei o rádio:

“Yes Sir I Can Boogie”.

Pensei no que dizer a Rudkin, pensei em todas as loucuras que ele tinha falado

e que passaram a fazer sentido, pensei em toda a merda que ele tinha feito, em toda a merda que eu sabia que ele tinha feito.

Estacionei e caminhei em direção a Millgarth...

Passei por corpos que corriam, entre gritos e botas, paletós sendo vestidos e desvestidos, e pensando:

"*Outra:* JANICE".

— Fraser! Graças a Deus, porra! — gritou Noble.

— O que foi?

— Vá agora mesmo para Morley, para a Gledhill Road.

— Por quê?

— Aconteceu novamente.

— O quê?

— Outro maldito correio.

— Merda!

Pronto: de um momento para o outro, eu estava de volta à Divisão de Roubos.

Era como se alguém tivesse costurado laranjas na pele do senhor Godfrey Hurst, todos os orifícios do seu rosto estavam completamente inchados.

— Ouvi a batida — ele tentava dizer. — Desci as escadas, abri a porta traseira e... Droga! Acho que eles atiraram a porta na minha cara. Depois eu estava no chão e... Droga! Acho que chutaram a minha cabeça.

— Foi então que eu desci — disse a senhora Doris Hurst, muito magra, muito branca, ainda cheirando a mijo. — Gritei, e um deles bateu na minha cara, depois colocou um saco na minha cabeça e me amarrou.

À nossa volta, pais carregavam crianças com pernas quebradas e sangramentos, enfermeiras carregavam feridos, e uma onda de eterna preocupação, com todo o mundo chorando.

— Acreditem ou não — eu disse, enquanto pensava no que eles falavam. — Acreditem ou não, vocês tiveram sorte, muita sorte.

O senhor Hurst agarrou a mão da esposa e tentou sorrir, mas não pôde, não pôde por conta dos pontos: trinta e cinco no total.

— Quanto dinheiro eles levaram? — perguntei.

— Cerca de setecentos e cinquenta libras.

— Isso é muito pra vocês?

— Não tínhamos dinheiro nos fins de semana, mas pararam de recolher aos sábados.

— Por quê?

— Economia, eu acho.

Virei para a senhora Hurst.

— Conseguiu dar uma olhada neles?

— Na verdade não, pois eles usavam máscaras.

— Quantos eram?

Ela balançou a cabeça e respondeu:

— Eu só vi dois, mas acho que havia mais.

— E por que acha isso?

— As vozes, a luz.

— E foi mais ou menos a que horas?

— Sete e meia, mais ou menos — respondeu o senhor Hurst. — Estávamos nos preparando para ir à igreja.

— Mas a senhora falou algo sobre a luz...

— A cozinha estava escura, mas acho que poderiam ser mais de dois.

— E se lembra do que falavam?

— Um falava ao outro que subisse.

— A senhora ouviu nomes ou algo parecido?

— Não, mas, quando colocaram o saco na minha cabeça e me amarraram, eles pareciam chateados, como se quisessem mais dinheiro, estavam chateados com alguma coisa.

— A senhora lembra exatamente o que eles falaram?

— Exatamente... — Ela mordeu os lábios. — Exatamente?

— Sinto muito, mas é importante.

— Um deles falou que alguém, o senhor sabe, “tinha fodido tudo”. — A senhora Hurst ficou corada e disse: — Desculpe.

— E o que o outro respondeu?

— Era isso o que eu queria dizer. Acho que havia uma terceira voz, e essa pessoa dizia que cuidaria daquele assunto mais tarde.

— Uma voz diferente?

— Sim, mais profunda, mais velha. O senhor sabe, como se fosse o chefe.

Olhei para o senhor Hurst, mas ele deu de ombros e disse:

— Não ouvi nada, sinto muito.

Virei para a senhora Hurst e perguntei:

— Essas vozes, de onde eram?

— O sotaque era local, sem dúvida.

— Algo mais?

Ela olhou para o marido e balançou a cabeça devagar e disse:

— Acho que eram, o senhor sabe, negros.

— Negros?

— Acho que sim.

— Por quê?

— Pelo tamanho. Eles eram grandes, e suas vozes soavam como vozes de negros.

Eu escrevia, as rodas giravam.

E ela acrescentou:

— Negros ou ciganos.

Parei de escrever, as rodas pararam.

Uma enfermeira apareceu, sem curvas, mas bonita.

— O doutor falou que vocês podem ir pra casa agora, caso queiram.

O senhor e a senhora Hurst olharam um para o outro e fizeram que sim.

Fechei o meu bloco de anotações e propus:

— Eu levo os senhores.

Estávamos na Gledhill Road, em Morley, que antes fora um dos meus lugares favoritos, mas eu pensava na não muito distante Victoria Road, imaginando se eles se recordariam de Barry Gannon, certo de que se lembrariam que Clare Kemplay morava na Winterbourne Avenue, e fiquei imaginando se eles saíram

de casa naquela noite, procurando por ela, depois pensei que eu precisava ligar para Louise, para avisar que provavelmente chegaria tarde, pensando que poderíamos resolver tudo aquilo, e era isso o que eu pensava quando vi os carros de polícia parados diante da agência dos correios, e ainda pensava nisso quando vi Noble e Rudkin saindo do primeiro carro, e também quando me virei para o senhor Hurst e afirmei:

— Não fui eu.

Era isso o que eu pensava quando tudo ficou realmente fodido, para sempre, e...

Ouvinte: E sabe toda a maconha que pegaram com os negros, sabe aquele outro policial que vendia a traficantes diferentes? Eu li que esse policial tinha a algo a ver com a A10*, com essas terras que estão nas mãos da Divisão de Queixas.*

John Shark: Espere, espere. O que isso tem a ver com o homem do coração de macaco?

Ouvinte: Nada, eu acho que nada.

John Shark: Melhor assim. Tudo bem, mas, já que está na linha, gostaria de dizer algo sobre esse homem, sobre o tal que recebeu o coração de macaco, na África do Sul?

Ouvinte: Não, não quero dizer nada. Mas acho que isso não é certo e que ele vai morrer.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Domingo, 12 de junho de 1977

16

Eu me virei e perguntei ao senhor Hurst onde poderia estacionar, e a sua esposa o olhava de soslaio, e paramos perto dos carros de polícia, com os Hurst olhando para os três homens grandalhões que vinham na nossa direção, e a gente parando, no meio da rua, eu saindo do carro, o senhor Hurst também, e a senhora Hurst colocando a mão na boca e eu me virando, ficando de frente para o punho de Rudkin, com Noble e Ellis afastando-o, eu titubeando, dando passos para trás, e ele me atingindo com o outro braço, chutando de leve o meu saco, até que uns caras vestindo uniforme me arrastaram pelo paletó, atirando-me na parte de trás de uma pequena viatura, com Rudkin gritando: “Seu veado, seu veado maldito!”, e nossos carros indo embora e eu me virando e vendo que empurravam Rudkin pela cabeça para dentro de um carro, com Ellis e Noble atrás dele, e o meu carro parado no meio da Gledhill Road, com as portas abertas, e o senhor e a senhora Hurst balançando suas cabeças, com as mãos nas cadeiras ou na boca.

Os homens vestindo uniforme me levaram para Leeds, para Millgarth, e ninguém falava nada, muitos olhares pelo espelho, e eu piscando os olhos, imaginando que merda Maurice poderia ter dito, preparando-me para o carinho e o amor dos meus irmãos policiais.

Eles me levaram diretamente à sala de interrogatórios, com a delegacia completamente deserta. Depois me sentaram e fecharam a porta. Olhei para o meu relógio, já passava das seis. Domingo, 12 de junho de 1977.

Meia hora depois, eu me levantei e tentei abrir a porta.

Estava trancada.

Mais trinta minutos, e a porta se abriu.

Dois homens policiais que eu nunca vira antes entraram.

Um deles me deu uma camisa azul-claro e um macacão azul-escuro, dizendo:

— Troque suas roupas por estas, por favor.

— Por quê?

— Porque sim.

— Não vou trocar até que me diga por quê.

— Precisamos das suas roupas para uns exames.

— Que tipo de exames?

— Sinto muito, senhor, mas eu não sei.

— Poderia chamar alguém que saiba?

— Sinto muito, mas não há nenhum oficial sênior de serviço.

— Eu sou um oficial sênior.

— Eu sei, senhor.

— Então, até que alguém venha me explicar por que eu deveria entregar as minhas malditas roupas a vocês, pode ir embora e vá se foder.

Os policiais encolheram os ombros e foram embora, trancando a porta.

Dez minutos depois, as portas se abriram novamente, e quatro policiais entraram, agarraram meus braços e pernas, me amordaçaram e me despiram.

Depois tiraram a mordaça, jogaram a camiseta e o macacão em cima de mim e foram embora, trancando a porta.

Eu fiquei deitado, nu, e procurei o meu relógio, mas já não estava no meu pulso.

Depois me levantei e vesti a camiseta e o macacão, me sentei à mesa e esperei, notando que algo estava errado.

Muito errado.

Ergui os olhos com a porta se abrindo.

Os detetives superintendentes Alderman e Prentice entraram.

Pegaram duas cadeiras e se sentaram à minha frente.

Dick Alderman e Jim Prentice.

E não pareciam bem.

Não pareciam felizes.

— Bob? — disse Prentice.

— O que foi? — perguntei.

— Você acha que pode nos fazer essa pergunta?

— Ah, vamos... — eu disse, olhando para os dois. — Vocês estão aqui pra me interrogar?

— Pra conversar — respondeu Prentice, piscando o olho.

— Porra. Sou eu. Bob Fraser. Se algo está errado, quero que me digam.

— As coisas nunca são tão simples, certo, Bob? — perguntou Jimmy Prentice, oferecendo-me um cigarro.

Balancei a cabeça.

— Não sei, Jim. Você que tem que me dizer.

Os dois se entreolharam e suspiraram.

— Isso tem a ver com John Rudkin, certo? — perguntei.

Dick Alderman balançou a cabeça.

— Certo, Bob. Chega de rodeios e conte logo o que você fez das seis da tarde do dia 4 de junho, sábado, às seis da manhã do dia 8 de junho, quarta-feira.

— Por quê?

— Você se lembra? — ele indagou, sorrindo.

— Claro que me lembro, porra.

— Isso é um bom começo, pois até agora ninguém parece ter ideia.

Fiz uma pausa e disse:

— Eu estava com Rudkin e Ellis.

Prentice sorriu.

— Foi o que eles disseram.

Comecei a falar, sorrindo, aliviado, louco para me expressar.

Mas Alderman inclinou o corpo, dizendo:

— Sim, foi isso o que eles *diziam.* Até às três e meia desta tarde, quando foram afastados de seus casos. Quando juraram que explodiriam os seus miolos quando te vissem novamente.

Olhei para ele, para o rosto de orgulho e para a forma como posicionou suas botas, e contraí os ombros.

Ele sorriu.

— Então, o que você me diz agora, Bob?

Olhei para Prentice.

— Você acha que preciso de alguém da federação por aqui?

Ele deu de ombros.

— Depende do que você fez, Bob.

— Nada.

Alderman se levantou.

— Talvez seja melhor que pense bem nisso. Voltaremos.

E foram embora, trancando a porta.

A porta se abriu, eu ergui os olhos.

Os detetives superintendentes Alderman e Prentice entraram.

E se sentaram nas cadeiras à minha frente.

Dick e Jim.

Suas caras estavam melhores.

Mas não estavam felizes.

— Bob? — disse Prentice.

— Só quero saber o que está acontecendo, certo?

— Não sabemos, Bob. Por isso estamos aqui.

— Pra descobrir — disse Alderman.

— Pra descobrir o quê?

— Pra descobrir o que você fez entre o sábado à noite e a manhã de quarta-feira.

— E se eu disser que fui pra casa? Que estive com a minha esposa?

Alderman olhou para Prentice.

— É isso o que você vai dizer? — perguntou Prentice.

— É.

E foram embora novamente, trancando a porta.

A porta se abriu.

Os detetives superintendentes Alderman e Prentice entraram.

Eles não se sentaram.

Richard Alderman e James Prentice.

Pareciam muito chateados.

Não estavam nada contentes.

— Fraser — disse Alderman. — Vou perguntar pela última vez. O que você fez, onde esteve e com quem esteve entre o sábado à noite e a quarta-feira de manhã?

— E não minta, porra — esbravejou Prentice. — Por favor.

Olhei para eles, os dois se curvavam na minha direção, olhando diretamente para mim, sabendo que, se eu não fosse quem era, arrancariam a verdade de mim.

— Estive bebendo — respondi, calma e lentamente.

Eles puxaram as cadeiras e se sentaram.

— E o que deveria estar fazendo? — perguntou Alderman.

— Deveria estar com Rudkin e Ellis.

— Certo. Mas o que estava fazendo em vez disso?

— Estava bebendo, já disse.

— Onde?

— No meu carro, no estacionamento.

— E se encontrou com alguém?

— Não.

Mas eu começava a ver os rostos de Karen Burns e Eric Hall, e sabia que estava fodido.

— Vou perguntar novamente — advertiu Alderman. — Você esteve com alguém, com qualquer pessoa, nesse período?

— Não.

— Certo — disse Alderman. — E poderia nos dizer por que estava bebendo quando deveria estar buscando um suspeito de assassinato, um suspeito pelo

assassinato de quatro mulheres que, numa das noites em que você esteve bebendo, matou uma virgem de dezesseis anos?

Eu olhava para o tampo da mesa.

— Vai nos dizer por que estava bebendo?

— Problemas pessoais — murmurei.

— Você se importaria em falar sobre isso?

— Não.

— Não vamos contar pra ninguém, Bob — disse Prentice.

— Deixa disso — retruquei, sorrindo. — Na hora do café da manhã, a novidade já terá atravessado os Moors.

— Você não tem escolha — argumentou Alderman.

— Claro que tenho, porra. Quero saber o que significa tudo isso.

— Vá se foder! — gritou Alderman. — Estou perguntando como oficial sênior. E estou perguntando por que esteve bebendo durante oitenta e quatro horas, oitenta e quatro malditas horas, quando deveria estar trabalhando?

— Já disse, por problemas pessoais.

— E eu estou dizendo que a sua resposta não é suficiente. E vou perguntar mais uma vez. Que tipo de problema pessoal?

Olhamos um na cara do outro, com os olhos arregalados e os dentes trincados.

Prentice inclinou o corpo, batendo no tampo da mesa.

— Vamos, Bob. Somos nós que estamos aqui.

— E eu sou Bob. Sou Bob, Jim.

Ele acenou com a cabeça, e Alderman o seguiu, trancando a porta.

Cerca de meia hora mais tarde, a porta se abriu.

Os detetives superintendentes Alderman e Prentice entraram, trazendo dessa vez três xícaras de chá.

Colocaram o chá sobre a mesa.

Pareciam cansados.

Nada felizes, resignados.

Jim Prentice disse:

— Bob? Vou te perguntar mais uma vez, pois quero que nos conte um pouco mais sobre esse seu problema pessoal. Isso nos ajudaria muito. E te ajudaria também.

— Como?

— Bob, todos somos policiais aqui. Estamos todos do mesmo lado. Se você não começar a nos ajudar um pouco, vamos ter que passar a bola pra outra equipe. E nós sabemos que ninguém aqui quer isso, certo?

— Mas vocês não vão me contar a razão de tudo isso?

— Bob, quantas vezes vamos ter que repetir? Já contamos. Queremos saber o que você esteve fazendo nessas “horas perdidas”.

Peguei o cigarro que Alderman jogou ao meu lado e me curvei para que ele o acendesse.

Voltei a me recostar na cadeira, com a fumaça subindo ao teto baixo, levantando o meu rosto, até finalmente dizer:

— Estava tendo um caso com uma mulher.

Alderman fungou, desapontado.

— Estava? No passado?

— É.

— Por que estava?

— Porque ela se foi.

— Qual é o nome dela, dessa mulher?

Olhei novamente para o teto, avaliando os prós e os contras.

— Janice Ryan — respondi.

— Quando se encontraram pela última vez?

— Na manhã do sábado.

— A que horas?

— Às oito, mais ou menos.

— E foi por isso que esteve bebendo?

— Foi.

— Por que ela te deixou?

— É.

— A sua esposa sabe?

— Sabe o quê?

— Que você esteve pulando a cerca?

— Não.

— Você tem algo mais a nos contar sobre essa relação com outra mulher?

— Não.

— Obrigado, Bob — disse Prentice, e os dois saíram, trancando a porta.

Ergui os olhos, a cela estava escura.

A porta se abriu, me agarraram e colocaram um capuz na cabeça.

Depois me levaram para fora da sala, em direção às escadas, à rua escura, metendo-me na parte de trás de um carro, e saímos para dar um passeio.

Ninguém dizia nada, e o carro cheirava a álcool e cigarro.

Não sei ao certo, mas imagino que havia mais três homens no carro, dois na frente e outro ao meu lado, no assento traseiro.

Cerca de trinta minutos depois, estacionamos no que parecia um terreno baldio.

As portas se abriram, e me tiraram do carro, me arrastando por aquele terreno acidentado.

Caí, e alguém me agarrou pelo braço.

Paramos por um momento, depois tiraram o capuz da minha cabeça.

Cego pelas luzes, pisquei, pisquei, pisquei.

Estava escuro nas bordas, brilhante no centro.

Noble, Alderman e Prentice estavam de pé na minha frente, sob as luzes, sob aqueles holofotes brilhantes.

No centro do “palco”, um sofá.

Um terrível, horrível e destruído sofá.

— Você já esteve aqui antes? — perguntou Noble.

Fiquei olhando para o sofá, para as molas aparentes, para o veludo quase inexistente.

— Sabe onde está? — perguntou Prentice.

Olhei para eles, para o halo de luz ao redor dos seus rostos, e balancei a

cabeça.

Mais uma vez, Alderman perguntou:

— Já esteve aqui antes ou não?

Sim, eu estivera. Naqueles pesadelos. Então eu fiz que sim, respondendo:

— Já.

E Noble deu um passo à frente e me atingiu no queixo, e eu caí de joelhos, com lágrimas rolando pelas minhas bochechas, sangue na minha boca, as luzes apagadas.

Olhos escuros, olhos escuros que não se abrirão.

Pele de índio pintada de vermelho, branco e azul, com vergões, pus e contusões.

Olhos escuros, olhos escuros virados do avesso na morte.

Pele de índio pintada com assassinato, assassinato solitário.

Um tapa, e acordei sentado na cadeira de uma cela, sem capuz nem algemas.

— Olhe pra ela! — gritava Noble.

Tentei focar no tampo da mesa.

— Olhe pra ela!

Noble estava de pé, Alderman, sentado.

Peguei a fotografia, a foto em preto e branco ampliada do seu rosto, dos seus olhos fundos e lábios inchados, suas bochechas escurecidas e cabelos emaranhados, e eu tremia, tremia, depois vomitei, vomitei em cima da mesa, lançando uma bile amarelada e quente por toda a sala.

— Meu Deus, puta merda.

Eu vestia uma camiseta e um macacão limpos.

Noble e Alderman se sentaram à minha frente, com três xícaras de chá quente sobre a mesa.

Alderman suspirou e leu o que estava datilografado num papel A4:

— Ao meio-dia de domingo, dia 12 de junho, o corpo de Janice Ryan, de 22 anos, prostituta, foi encontrado escondido sob um sofá, num terreno baldio próximo à White Abbey Road, em Bradford.

"Após uma autópsia, declarou-se que a morte foi consequência de várias lesões na cabeça, lesões causadas por um instrumento contundente. Por causa do estado de decomposição do corpo, calcula-se que a vítima morreu sete dias antes de ser encontrada.

"Também se calcula que, diante dos padrões encontrados, esta morte não está conectada, repito, não está conectada, aos demais crimes conhecidos como *Assassinatos do Estripador."*

Silêncio.

E Noble disse:

— Foi encontrada por uma criança, que viu o seu braço direito saindo pra fora do sofá.

Silêncio.

E perguntei, com lágrimas ainda rolando:

— E vocês acham que fui eu?

Silêncio.

Então Noble balançou a cabeça e respondeu:

— Sim, e quer saber o que eu acho que você fez? Acho que você a levou a Bradford, jogou o seu corpo no terreno baldio, atingiu a sua cabeça com uma pedra, e que depois saltou em cima dela até quebrar suas costelas e perfurar o seu fígado. Você não tinha uma faca, mas queria imitar o trabalho do Estripador, então puxou o seu sutiã para cima e desceu sua calcinha, tirando sua calça jeans, depois a arrastou pelo colarinho em direção ao sofá, que atirou em cima do corpo, livrou-se da bolsa dela e deu o fora.

Silêncio.

— Mas por quê? — perguntei.

— Medicina legal, Bobby — disse Alderman. — Encontramos vestígios dela na sua roupa, e vestígios seus na roupa dela, você esteve no apartamento dela, esteve naquela maldita boceta.

— Mas por quê? Por que a mataria?

Silêncio.

— Bob, nós já sabemos — disse Alderman, olhando para Noble.

— Sabem o quê?

— Ela estava grávida — ele respondeu, piscando o olho.

Silêncio, até Noble dizer:

— E era seu.

Eu gritava, com as mãos atadas à mesa, com Alderman e Prentice tentando fazer com que me recostasse outra vez, e Noble se afastando.

Gritava sem parar, sem parar, dizendo:

— Pergunte a ele, pergunte ao maldito Eric Hall. Traga-o aqui. Não fui eu. Não fui eu, porra. Eu nunca faria isso.

Cortes que não param de sangrar, feridas que não cicatrizarão.

— Pergunte a ele, pergunte a esse maldito idiota. Foi ele, eu sei que foi ele. Eu nunca... Eu não seria capaz...

E gritava, gritava e gritava.

O meu corpo estava escorado, os meus braços estavam presos, Alderman e Prentice tentavam fazer com que eu me sentasse. Noble tinha ido embora.

— Mas Eric diz que Janice ligou pra ele, pedindo proteção. Proteção diante de você — disse Noble.

— Que bobagem!

— Tudo bem. Mas como ele descobriria que ela estava grávida de você caso nunca tivesse ligado pra ele?

— Ela ligou atrás de dinheiro. Ele era o seu cafetão.

— Bobby, Bobby, Bobby. Estamos andando em círculos.

— Eu já falei. Você não está me escutando. Nos encontramos no último sábado, dia 4. Depois ela foi pra Bradford, onde deveria se encontrar com Eric, mas ele enviou um camburão, meteram-na lá dentro e a traçaram, certo?

— Eles a traçaram?

— Estupraram. Pergunte a Rudkin e Mike. Eles foram até a casa dela pra me buscar, viram o estado em que ela estava.

— Sei, sei, mas eles parecem pensar que foi você quem fez isso.

— Fiz o quê?

— Que matou a vida que ela carregava dentro.

— Que besteira! Que besteira!

— Encontramos os seus vestígios no corpo dela, porra.

— Claro que encontraram, eu a amava.

— Bob...

— Ouça, eu acordei na minha cama, ao lado da minha mulher, com sêmen no meu pijama, e isso aconteceu porque eu não podia parar de pensar nela.

— Meu Deus, Fraser.

Sozinho...

Sozinho acompanhado.

Fecho os olhos, você chama o meu nome.

Um cigarro, um copo de plástico, uma revista pornô.

Os sapatos nos pés errados, os cadarços desaparecidos.

Dedos ao redor do meu pescoço, dedos entrando na minha garganta.

Dedos sobre a pele do crânio, dedos nos ossos da minha têmpora.

Você fecha os olhos, eu chamo o seu nome:

Sozinho acompanhado...

Sozinho.

— Vocês vão me acusar?

Prentice empurrou a xícara de chá na minha direção.

— Toma, Bob.

— Isso não cheira bem, não mesmo.

— Não fui eu, Jim. Não fui eu.

— Tome o seu chá antes que esfrie, Bob.

Penicos manchados de sonho, corredores brancos repletos de lembranças e um maldito travesseiro repleto de penas de albatroz, observando dias felizes através de janelas e portas fechadas, sentado numa mesa com três cadeiras, sob uma lâmpada encapsulada numa rede metálica.

— Vamos começar pelo começo novamente.

Segurei o copo de plástico e disse:

— Esquece.

— Quando vocês se conheceram? — perguntou Noble.

— No ano passado.

— Quando.

— Dia 4 de novembro.

— Na Mischief Night?

Eu fiz que sim, sem sorrir.

— Onde?

— Ela estava no meio da rua, na porta do Gaiety, bêbada. Parecia estar esperando uma abordagem, e nos aproximamos.

— Nos aproximamos?

— Eu e Rudkin.

— O detetive inspetor Rudkin?

— Sim, o detetive inspetor Rudkin.

— E daí?

— Nós a trouxemos pra cá. Descobrimos que estava sendo protegida por Eric Hall, no Jacob's Well e...

— Pelo detetive inspetor Eric Hall?

— Sim, pelo detetive inspetor Eric Hall.

— E o que fizeram ao descobrir isso?

— Eu a levei pra casa.

— Sozinho?

— Sim.

— E foi então que tudo começou?

— Foi.

— E com que frequência vocês se viam?

— Sempre que podíamos.

— E isso era muito ou pouco...

Eu dei de ombros.

— De vez em quando. Ficou mais fácil quando Eric a trouxe aqui para Chapeltown.

— Então você está dizendo que Eric Hall, o detetive inspetor Eric Hall, ofereceu um apartamento a uma prostituta aqui em Leeds?

Fiz que sim.

— Por que ele faria isso?

— Pergunte a ele.

Noble bateu com a palma da mão no tampo da mesa.

— Porra, Fraser. Estou perguntando pra você.

— Ela me disse que foi uma espécie de agradecimento.

— E você acreditou nela?

— Naquele momento.

— Mas...

— Mas depois descobri que ele era o seu cafetão e que a colocara naquele apartamento pra deixá-la por perto.

— Como descobriu isso?

— Joseph Rose, está listado e registrado como minha fonte de informações.

Noble acenou para Alderman.

Alderman acenou para Prentice.

Prentice se levantou e saiu.

Noble ergueu os olhos das suas anotações.

— Certo. Então, durante quase um ano, desde novembro do ano passado, você manteve encontros com Ryan?

— Sim.

— E normalmente no apartamento dela, em Spencer Place?

— Desde janeiro, sim.

— E, durante todo esse tempo, você nunca soube que ela trabalhava para o detetive inspetor Eric Hall?

— Sabia que trabalhava como prostituta. E sabia que continuava ligando pra ele.

— Então você sabia que ela trabalhava como prostituta?

— Sim, mas não sabia que trabalhava pra ele.

— E pra quem achava que ela trabalhava?

— Para Kenny D.

— Kenny D? Aquele maldito inútil que prendemos por causa de Marie Watts, você está de brincadeira?

— Não.

— Meu Deus, Fraser. Você achava que a sua namorada trabalhava pra ele?

— Achava.

— Por quê?

— Pelo que ela falava. Pelo que ela falava.

Noble fez uma pausa, engoliu em seco e indagou:

— Então, se você achava que ela estava trabalhando pra Kenny D, por que imaginou que continuaria telefonando pro detetive inspetor Hall?

— Pra tirar dinheiro dele.

— Como?

— Vendendo informações que ela escutara.

— Ela tentou te vender alguma coisa?

— Não. Ela não era tão bem relacionada por aqui.

— Mas conseguiu tirar dinheiro dele?

— Não sei. Pergunte a ele.

Noble me encarava.

— Então você está dizendo que o seu relacionamento com essa mulher, com Janice Ryan, era puramente sexual?

Olhei para o teto, a terra tremia.

Cortes que não param de sangrar, feridas que não cicatrizarão.

Olhei de novo para Noble, dei de ombros e contei a verdade:

— Sim.

— Você pagava por isso?

Com os olhos fechados, eu disse a verdade:

— Parece que sim. Agora parece que sim.

Silêncio.

Prentice entrou novamente, e os três se aproximaram.

Fiquei imaginando que horas seriam, incapaz de pensar que dia era.

Eles voltaram aos seus lugares, e Noble perguntou:

— Certo, e quem mais sabia desse relacionamento?

— Entre eu e Janice?

— É.

— Não sei. Eu não contei pra ninguém, mas vocês sabiam. Você sabia, Jim? E você, Dick?

Eles não sorriram, continuaram calados.

— Certo — assentiu Noble. — Mas você disse que, no início deste mês, o seu relacionamento com Ryan se deteriorou.

— Isso.

— Em que sentido?

— Não pude estar muitas vezes com ela, com isso do Estripador e tudo o mais, e queria que ela parasse de trabalhar.

— Por quê?

— Não queria que ela fosse morta, entende?

— Por quê?

— Vá se foder.

— E você não se importava que ela desse pra outros homens?

— Claro que sim, porra!

— Então por que não fez nada a esse respeito?

Consegui me concentrar, bem a tempo.

Cortes que não param de sangrar, feridas que não cicatrizarão.

E sorri, dizendo:

— Eu tinha o rabo preso, certo?

— Por quê?

— Sou casado, entende?

— Mas vocês estavam discutindo muito, você e Ryan?

— Com certa frequência, sim.

— Certo, então fale sobre o último sábado, dia 4.

— Já contei várias vezes.

— Mas não vai doer se nos contar mais uma vez, certo?

— Fui até lá na sexta-feira à noite, mas ela não estava em casa. Eu estava exausto, por isso me deitei um pouco e esperei.

— Então você tinha a chave?

— Você sabe que sim. Claro que sabe, porra.

— Certo, vá em frente.

— Por volta da sete ou oito, ela chegou...

— Da manhã?

— Sim, sete ou oito da manhã. Ela estava mal, fora amarrada, amordaçada, morderam o seu corpo. Havia marcas ao redor dos seus seios, no ventre, nas costas. Ela disse que estivera em Bradford, Manningham, pra se encontrar com Eric Hall. E disse que foi pega pela Divisão de Costumes, ou pelo menos foi o que pensou. Eram quatro, e a estupraram, tiraram fotos.

— E esses homens, eles sabiam alguma coisa sobre você ou sobre o nosso detetive inspetor Hall?

— Aparentemente.

— Aparentemente?

— Ela disse que ligaram pra Eric Hall, e que tentaram ligar pra mim. Seja lá o que Eric tenha dito, eles não pararam o que estavam fazendo.

— E te contou tudo isso no domingo, no apartamento dela?

— Sim.

— E então?

— Então o detetive inspetor Rudkin e o Ellis apareceram pra me pegar, por conta do ataque a Linda Clark, e me trouxeram pra cá.

— Eles foram te pegar no apartamento dela?

— Foram.

— Certo, mas como eles sabiam onde te encontrar?

— Não sei. Acho que sabiam da minha história com Janice.

— Mas você nunca contou nada?

— Não.

— E essa foi a última vez que esteve com Janice?

— Foi.

— Mas voltou ao apartamento?

— Sim, algumas vezes.

— No sábado?

— Sim, fui até lá ao sair daqui.

— E?

— Ela tinha ido embora.

— Pra sempre?

— Parece que sim...

— Como você ficou sabendo?

— Tinha levado quase tudo o que tinha.

— E deixou algum bilhete?

Cortes que não param de sangrar, feridas que não cicatrizarão.

— Não — menti.

— E a que horas foi isso?

— Por volta das cinco da tarde do sábado.

— E por isso você ficou tão chateado?

— Foi.

— E, em vez de voltar às suas obrigações, junto aos seus colegas, resolveu afogar as mágoas.

— Isso.

— E, durante todo esse tempo, quem te viu?

— Joseph Rose.

— E foi nesse momento que ele te contou que o detetive inspetor Eric Hall era o cafetão de Janice?

— Foi.

— E o que você fez?

— Fui até Bradford, atrás dele.

— Quando?

— Não sei muito bem, mas acho que na segunda-feira.

— E foi então que você atacou o detetive inspetor Hall?

— Foi quando tivemos a maldita briga, se é isso o que você quer dizer.

— Por conta de Ryan?

— Sim.

— E depois, o que você fez?

— Peguei o carro dele...

— O carro do detetive inspetor Hall?

— É.

— E pra onde foi?

— Fiquei dando voltas, não saberia dizer exatamente onde.

— Mas terminou em Chapeltown, exatamente onde o corpo de Rachel Johnson foi encontrado?

— É... E acho que voltei ao apartamento de Janice. E, quando acordei, toda aquela confusão estava armada, por conta de Rachel Johnson.

— Certo. Só mais uma coisa: você diz que não tinha ideia de que Ryan estava grávida e de que você era o pai.

— Certo.

— Mas por que os médicos encontraram vestígios seus em todos os cantos do corpo de Ryan, foi por conta da última vez que fizeram sexo, você e ela?

— Foi.

— E isso aconteceu quando?

— Provavelmente na quinta-feira, dia 2 de junho.

— Mas você não tem nenhum álibi pro período das cinco da tarde de sábado, dia 4 de junho, até a manhã de quarta-feira, dia 8?

— Fora Joseph Rose e Eric Hall, não.

— E não saberia dizer exatamente quando esteve com eles?

— Não.

Silêncio.

Noble me encarava.

— Você sabe em que merda se meteu?
Olhei para cima, as veias em meus olhos cansados.
— Sim, eu sei.
Ele não piscou.
— E sabe que todos estamos metidos nessa merda?
Eu fiz que sim.
— Tudo bem — ele disse, suspirando. — O problema é seu.
Tentei erguer os braços do meu corpo morto.
Cortes que não param de sangrar, feridas que não cicatrizarão.
— Gostaria de conversar com meu advogado, por favor.

John Shark: Viu que John Poulson conseguiu rapidamente a liberdade condicional pagando uma fiança?

Ouvinte: E, no mesmo dia, o ladrão de galinhas George Davis foi preso novamente.

John Shark: Uma lei pra eles e outra pra nós, certo, Bob?

Ouvinte: Errado. Pra eles, não existe lei. Esse é o problema.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Segunda-feira, 13 de junho de 1977

17

— Tem algo estranho no ar — disse Hadden.

— O quê?

— Eles acham que aconteceu novamente e que conseguiram pegar alguém.

— Está brincando?

— Não.

— O Estripador?

— É o que parece.

— Bobagem. Quem te disse isso?

— Um passarinho...

— Um passarinho muito pequeno?

— Stephanie.

— E como ela ficou sabendo?

— Em Bradford.

— Merda!

— Isso foi quase o que eu disse.

— O que você quer que eu faça?

— Quero que faça algumas ligações pra mim.

Merda.

De volta à minha mesa, peguei o telefone e disquei para Millgarth.

— Samuel?

— Oi, Jack.

— O que aconteceu? — perguntei.

— O que você quer dizer?

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Ah, não. Eu não sei.

— Tudo bem, mas quando vai resolver parar de bancar o garotinho bobo e

começar a ganhar um pouco o que te faz feliz?

— Em meia hora, mais ou menos.

Olhei para o meu relógio.

Merda.

— Onde?

— No Scarborough?

— Combinado — concordei, desligando.

Olhei mais uma vez para o relógio, verifiquei a minha maleta e saí.

Eu era o primeiro a entrar no Scarborough.

Coloquei a minha cerveja em cima do telefone e disquei.

— Sou eu.

— Não consegue ficar longe, certo? — ela perguntou, rindo.

— Não.

— Apenas algumas horas se passaram.

— Mas sinto a sua falta.

— Eu também. Imaginei que fosse para Manchester.

— Sim, talvez. Mas queria te ligar.

— Legal.

Eu sorri e disse:

— Obrigado pelo fim de semana.

— Não, obrigada você.

— Ligo quando voltar.

— Estarei esperando.

— Adeus, então.

— Adeus, Jack.

Ela desligou primeiro, eu coloquei o fone no gancho, peguei a minha cerveja e caminhei em direção a uma mesa com tampo de cobre, num canto.

Eu estava de pau duro.

Olhei para o meu relógio, queria pegar o trem das 12h30, no máximo.

Caso não tenham agarrado aquele veado, claro.

Eu podia ouvir a chuva batendo nas janelas.

— Que maldito verão — disse o barman, do outro lado do salão.

Concordei, terminei a cerveja e voltei ao bar, onde pedi dois *bitters* e um pacote de batatas salgadas e vinagre.

De volta à mesa, olhei novamente para o meu relógio.

— Espero que não esteja duro — disse o sargento Samuel Wilson, sentando-se.

— Porra! — resmunguei.

— E feliz porra de Natal pra você também — ele disse, sorrindo. — O que aconteceu com a sua mão?

— Eu me cortei.

— E que merda estava fazendo?

— Cozinhando.

— Porra...

Ofereci uma batata.

— Então?

— O quê?

— Samuel...?

— Jack...?

— Porra, que merda é essa?

— Vá em frente, o que você andou escutando por aí? — ele perguntou, suspirando.

— Estão dizendo que vocês têm um corpo em Bradford e um culpado.

— E?

— Dizem que é o Estripador.

Wilson terminou de beber sua cerveja e sorriu, com espuma nos lábios.

— Samuel...?

— Quer outra, Jack?

Terminei de beber e voltei ao bar.

Quando me sentei de volta, ele já estava sem a capa de chuva.

Olhei para o meu relógio.

— Não estou te prendendo aqui, certo, Jack?

— Não, mas eu deveria ir a Manchester ainda esta tarde. No entanto, tudo dependerá do que você me contar. Se tiver algo interessante.

Ele fungou.

— Diz aí, quanto um homem ocupado como você está disposto a oferecer a um pobre trabalhador como eu?

— Depende do que você tiver. Você sabe como isso funciona.

Ele pegou um pedaço de papel dobrado e agitou na minha cara, dizendo:

— Um memorando interno, de Oldman.

— Vinte?

— Cinquenta.

— Que se foda! Estou apenas confirmando o que escutei. Se você tivesse vindo direto ao seu velho amigo Jack ontem, esta poderia ser uma história diferente, né?

— Quarenta.

— Trinta.

— Trinta e cinco?

— Fechado.

Ele me deu o papel, e eu li:

Ao meio-dia de domingo, dia 12 de junho, o corpo de Janice Ryan, de 22 anos, prostituta, foi encontrado escondido sob um velho sofá num terreno baldio próximo à White Abbey Road, em Bradford.

Após a autópsia, declarou-se que a morte foi consequência de várias lesões na cabeça, lesões causadas por um instrumento contundente. Calcula-se que a vítima morreu sete dias antes de ser encontrada, em razão do estado de decomposição do corpo.

Também se calcula que, diante dos padrões encontrados, esta morte não está conectada, repito, não está conectada, aos demais crimes conhecidos como Assassinatos do Estripador.

Até este momento não foi oferecida qualquer informação à imprensa sobre o crime.

E me levantei.

— Aonde você vai?

— Foi ele — eu disse, seguindo em direção ao telefone.

— E as minhas trinta e cinco libras?

— Um minuto.

Peguei o fone e disquei.

O telefone dela tocou, tocou e tocou.

Avise às prostitutas que deixem as ruas, pois sinto que tudo acontecerá novamente.

Voltei a discar.

O telefone dela tocou, tocou e...

— Alô?

— Onde você estava?

— No banheiro, por quê?

— Aconteceu outra vez.

— Outra vez?

— Sim. E foi ele. Em Bradford. No mesmo local.

— Não.

— Por favor, não saia de casa. Chegarei tarde.

— Quando vai chegar?

— O mais rápido que puder. Não saia.

— Certo.

— Promete?

— Prometo.

— Tchau.

Ela desligou.

Caminhei de volta à mesa, tendo visões de móveis ensanguentados, buracos e cabeças:

Estou avisando com antecedência, então a culpa será sua e delas.

Eu me sentei.

— Você está bem?

— Estou — menti.

— Não parece.

— Então eles pegaram alguém?

— Sim.

— Quem?

— Sei lá...

— Vamos...

— Ninguém sabe, só os de alta patente.

— Pra que tanto segredo?

— Sei lá, porra!

— E estão dizendo que não é o Estripador, certo?

— Sim, é o que dizem.

— Mas o que você acha?

— Sei lá, Jack. É estranho.

— Você ouviu algo mais? Qualquer coisa?

— Quanto?

— Cinquenta, se for coisa boa.

— Tem gente dizendo que certas pessoas foram afastadas, mas você não ouviu nada disso da minha boca, certo?

— Por conta disso?

— É, foi o que disseram.

— Gente de Millgarth?

— Foi o que disseram.

— Quem foi afastado?

— O detetive inspetor Rudkin, o seu amigo Fraser e o detetive Ellis.

— Ellis?

— Mike Ellis. O babaca gordo de boca grande.

— Não conheço. Estão dizendo que eles mataram essa mulher de Bradford?

— Jack, eu não diria isso. Foram apenas afastados, é tudo o que eu sei.

— Porra!

— É verdade.

— Você ficou surpreso?

— De Rudkin, não. De Fraser, sim. E de Ellis também, mas todo mundo odeia esse cara.

— Um babaca?

— Um completo babaca.

— Mas todos sabiam que Rudkin estava sujo?

— Ele não tem toda essa fama à toa...

— Porra! Sério?

— Quando trabalhava na Divisão de Costumes, era famoso por manter mais do que as ruas limpas.

— E Fraser?

— Você o conhece. Ele é o “Senhor Limpeza”. O Coruja sempre o ajudou.

— O Maurice Jobson? Por quê?

— Fraser está casado com a filha de Bill Molloy, certo?

— Claro — concordei, suspirando. — E o maldito Bill está com câncer, certo?

— Certo.

— Interessante...

— Se você acha... — supôs Wilson, dando de ombros.

Olhei para o meu relógio.

— Melhor livrar-se disso — ele disse, apontando para o pedaço de papel sobre a mesa.

Fiz que sim e guardei no meu bolso, pegando a minha carteira.

Contei as notas sobre a mesa e entreguei uma de cinquenta a ele.

— Ótimo, senhor — ele disse, piscando o olho e levantando-se para ir embora.

— Caso descubra algo mais, ligue pra gente.

— Claro que sim.

— Estou falando sério. Se realmente estiverem com o Estripador, quero ser o primeiro a saber.

— Entendido — ele disse, abotoando a capa de chuva e indo embora.

Olhei para o meu relógio e fui em direção ao telefone.

— Bill? Aqui é Jack.

— O que você conseguiu?

— É uma história estranha. Encontraram uma prostituta morta debaixo de um sofá, em Bradford.

— Eu avisei, Jack. Eu avisei.

— Mas estão dizendo que não foi trabalho do Estripador.

— Então por que estão escondendo da gente?

— Não sei, mas é exatamente isso o que eu acho. Acho que um dos oficiais estragou tudo, e algumas pessoas foram afastadas.

— Sério?

— São os rumores em Millgarth.

— Quem teria sido afastado?

— O sargento Fraser, John Rudkin e mais alguém.

— O detetive inspetor John Rudkin? Por quê?

— Não sei. Talvez não tenha nada a ver com isso. Mas é estranho, certo?

— É.

— Um informante nos avisará em primeira mão caso escute alguma coisa.

— Ótimo. Vou deixar a manchete da primeira página em aberto.

— Mas acho melhor não dizer por quê.

— Você vai mesmo para Manchester?

— Acho que sim. Mas talvez volte por Bradford.

— Mantenha o contato, Jack.

— Adeus.

E me sentei no trem, fumei e bebi uma cerveja quente, depois peguei um sanduíche e abri um livro barato: *Jack, o Estripador: a solução final.*

Quando o trem passava por Huddersfield, eu cochilava, pois a cerveja ruim e o sono se misturavam, e acordei com as colinas e a chuva, com o cabelo contra a janela suja, vagando.

Dei uma olhada no meu relógio: sete e sete.

Eu atravessava os Moors, caminhava pelos Moors, e encontrei uma cadeira, uma cadeira de couro com espaldar alto, e uma mulher vestida de branco ajoelhada na frente da cadeira, com as mãos unidas, rezando, e os cabelos sobre o rosto.

Então me curvei e tirei os cabelos do seu rosto. Era Carol, depois Ka Su Peng. Ela se levantou e fez um sinal para um ponto bem no meio do seu vestido branco, onde uma palavra estava escrita com sangue:

“uaM”.

E lá nos Moors, com todo o vento e a chuva, ela tirou o vestido branco pela cabeça, mostrando seu ventre amarelado e profundo, depois voltou a vesti-lo, do lado avesso, e a palavra escrita com sangue era:

“Mau”.

E um menino pequeno, vestindo pijama azul, saiu de trás da alta cadeira de couro, levando-a pelos Moors, e eu fiquei de pé, sob a chuva, olhando para o meu relógio, que estava parado:

Sete e sete.

Acordei, com a cabeça contra a janela, e olhei para o meu relógio.

Peguei minha pasta e me tranquei no banheiro.

Fiquei sentado no vaso, que não parava de sacolejar, e peguei a revista pornográfica.

Spunk.

Clare Strachan em toda a sua maldita glória.

Mais uma vez de pau duro, verifiquei o endereço e voltei ao meu assento e ao sanduíche ainda pela metade.

No caminho de Stalybridge a Manchester, tentei organizar toda aquela história do Wilson, relendo a nota de Oldman, imaginando que merda Fraser poderia ter feito e sabendo que, naqueles dias, qualquer suspeita poderia ser real.

Subornos e armações, horas extras suspeitas e despesas falsas, documentos negligentes ou falta de documentos.

O maldito John Rudkin na porra da lixeira do Senhor Limpeza.

Sem qualquer ideia clara, voltei à janela, à chuva e às fábricas, aos filmes de terror locais, lembrando-me das fotografias de campos de concentração que o meu tio trouxera da guerra.

Eu tinha quinze anos quando a guerra acabou, e naquele momento, em 1977, estava sentado num trem, com a cabeça contra o vidro escurecido, sob aquela maldita chuva, no maldito norte, imaginando se tudo aquilo realmente acontecera.

Eu pensava em Martin Laws e no *Exorcista* quando entramos na estação Victoria.

Fui direto ao telefone:

— Alguma coisa?

— Nada.

Do lado de fora da estação, segui para Oldham Street.

Oldham Street, número 270, tudo escuro e banhado pela chuva, com sacos de lixo rasgados do lado de fora, MJM Publishing no terceiro andar.

Parei no sopé da escadaria e sacudi a minha capa de chuva.

Ainda encharcado, subi.

Bati na porta e entrei.

Era um escritório grande, cheio de móveis, mas vazio, com uma porta que dava para outro escritório nos fundos.

E havia uma mulher sentada numa mesa próxima à porta dos fundos, datilografando.

Fiquei de pé próximo ao balcão ao lado da porta e tossi.

— Sim? — ela disse, sem erguer os olhos.

— Gostaria de conversar com o proprietário, por favor.

— Com quem?

— Com o dono.

— Quem é o senhor?

— Jack Williams.

Ela deu de ombros e pegou o velho telefone da sua mesa.

— Tem um senhor aqui que gostaria de falar com o dono. O nome dele é Jack Williams.

Ela permaneceu sentada, fazendo que sim, depois cobriu o fone e perguntou:

— O que o senhor quer?

— Negócios.

— Negócios — ela repetiu, depois fez que sim novamente e perguntou:

— Que tipo de negócios?

— Pedidos.

— Pedidos — ela disse, fazendo que sim pela última vez, depois desligando.

— Então? — perguntei.

Ela revirou os olhos.

— Deixe o seu nome e telefone, e ele ligará de volta.

— Mas eu vim de Leeds.

Ela deu de ombros.

— Que droga! — reclamei.

— É...

— Eu poderia pelo menos saber qual o nome dele?

— Ele se chama Alto Senhor e Maldito Poderoso — ela respondeu, tirando o papel da máquina de escrever.

— Não sei como você consegue trabalhar para um homem desses.

— Não pretendo ficar aqui por muito tempo.

— Está saindo, então?

Ela parou de fingir trabalhar e sorriu.

— Fico até a próxima sexta-feira.

— Sorte a sua.

— Espero que sim.

— Gostaria de ganhar um dinheiro extra para a sua aposentadoria?

— Minha aposentadoria? Está me chamando de velha, seu idiota?

— Um dinheirinho pra guardar de reserva?

— Só um dinheirinho?

— Vinte?

Ela se aproximou de mim, com um leve sorriso.

— Quem é você exatamente?

— Um rival nos negócios, digamos.

— E o que você quer por vinte libras?

— Vai me ajudar, então?

Ela deu uma olhada em volta e piscou.

— Depende do que você quer de mim.

— Conhece a revista *Spunk*?

Ela voltou a revirar os olhos, mordeu os lábios e concordou.

— Vocês mantêm uma lista das modelos?

— *Modelos?*

— Você sabe o que eu quero dizer...

— Sei.

— Sabe?

— Sei.

— Endereços, telefones?

— Provavelmente, se alguém registrou, mas duvido que mantenham algum controle.

— Seria ótimo se conseguisse alguns nomes e outras coisas mais sobre essas modelos.

— Mas por que você quer isso?

Dei uma olhada em volta e disse:

— Olha, vendi um lote antigo de *Spunk* para Amsterdã. Consegui um bom dinheiro por elas. Se o seu chefe está sem tempo pra ganhar um dinheiro com isso, talvez você possa me ajudar.

— Vinte?

— Vinte.

— Não posso fazer isso agora — ela disse.

Olhei para o meu relógio.

— Que horas você sai?

— Às cinco.

— No sopé da escadaria, às cinco?

— Vinte?

— Vinte.

— Até lá, então.

Em plena rodoviária Piccadilly, entrei numa cabine telefônica e disquei.

— Sou eu.

— Cadê você?

— Ainda em Manchester.

— E quando volta pra casa?

— Assim que puder.

— Vou colocar uma roupa bonita, então.

Do lado de fora, a chuva não parava de cair, a cabine vermelha estava toda molhada.

Eu já estivera ali antes, naquela mesma cabine, há vinte e cinco anos, com a minha noiva, que esperava o ônibus para Altrincham para ver a sua tia, e ela usava um anel novo no dedo, e o casamento estava marcado para dali a uma semana.

— Tchau — eu disse, mas ela já tinha desligado.

Caminhei sobre toda aquela sujeira e fiquei dando voltas pela rodoviária por algumas horas, entrando e saindo de cafés, sentando em cadeiras úmidas e tomando cafés ralos, esperando, vendo sombras escuras passeando na chuva, todos tentando driblar os pingos, as lembranças, as dores.

Olhei para o meu relógio.

Era hora de ir.

Já eram quase cinco quando encontrei outra cabine de telefone na Oldham Street.

— Alguma novidade?

— Nada.

Faltando cinco minutos para as cinco, eu estava encharcado no sopé da escadaria.

Dez minutos depois, ela desceu.

— Preciso voltar — ela disse. — Ainda não terminei.

— Conseguiu o que te pedi?

Ela me deu um envelope.

Eu dei uma olhada.

— Está tudo aí. Tudo o que temos.

— Acredito em você — eu disse, entregando o dinheiro.

— Foi um prazer negociar com o senhor — ela disse, sorrindo e voltando a subir as escadas.

— Tenho certeza que sim — respondi. — Tenho certeza.

Voltei à Victoria, onde me disseram que o trem para Bradford sairia de Piccadilly.

Corri como louco e peguei um táxi no último minuto.

Eram quase seis horas quando cheguei lá, mas havia um trem pronto para sair e consegui alcançá-lo.

O vagão cheirava a roupa molhada e fumaça de cigarro, e eu me sentei ao lado de um casal de idosos de Pennistone e seus sanduíches velhos.

A mulher sorriu, eu sorri de volta, e o marido deu uma boa dentada numa grande maçã vermelha.

Abri o envelope e peguei as folhas de papel dobradas, papel xerocado, três no total.

Havia listas de pagamentos, em dinheiro ou cheque, de fevereiro de 1974 a março de 1976, pagamentos a lojas de fotografias, laboratórios, fotógrafos, papéis, tinta e modelos.

Modelos.

Segui a lista, sem fôlego:

Christine Bowen
Catherine Macey
Susan Baker
Tracy Olsen
Nicola Knox
Fiona Sutton
Linda Shay

Stephanie White
Jane Hogan
Barbara Miller
Clare Morrison
Teresa Lane
Alison Wilcox
Jane O'Neill
Sharon Pearson
Liz McDonald
Heidi Toyer
Michelle May
Melanie Freeman
Emily Radford
Jane Dixon
Jane Ryan
Mary Shore
Marcella Oldroyd
Carolyn Ellis
Gaye Catton
Helen Mills
Patricia Oscroft
Mona Balston
Julie Toy
Grace Dalgliesh
Sarah Raine
Sue Penn

Tudo ficou parado, morto.

Clare Morrison, também conhecida como Strachan.

Tudo ficou parado.

Peguei as anotações de Oldman.

Jane Ryan, Janice.

Tudo...

Sue Penn, Su Peng.

Tudo ficou parado...

Ka Su Peng.

Tudo morto.

Naquele trem, naquele trem de lágrimas, naquele trem que atravessava infernos sem disfarce, pequenos infernos descobertos, tudo envolto em sinos que tocavam baixinho, pequenos sinos, naquele trem, ouvindo aqueles sinos baixinhos, que tocavam no fim do mundo:

1977.

1977, o ano em que o mundo se quebrou.

O meu mundo.

A senhora ao meu lado terminou de comer o último sanduíche e fez uma pequena bola com o papel laminado, com ovo e queijo presos aos seus dentes falsos, migalhas de pão entre o pó das suas bochechas, sorrindo para mim, uma gárgula, e o seu marido cravando os dentes na maçã vermelha e gorda, naquele mundo grande e vermelho, vermelho, vermelho.

1977.

1977, o ano em que o mundo ficou vermelho.

O meu mundo.

Eu precisava ver as fotos.

O trem se arrastava.

Eu precisava ver as fotos.

O trem parou em outra estação.

As fotos, as fotos, as fotos.

Clare Morrison, *Jane Ryan*, *Sue Penn*.

Eu chorava e queria descer, queria me acalmar, mas quando tentei não consegui.

Havia peças perdidas.

1977.

1977, o ano em que o mundo se partiu em pedaços.

O meu mundo.

Submergindo, morrendo, aquela maldita, aquela maldita cama, e aqueles segredos submarinos que me levavam à tona, que me levantavam da cama.

Encalhado, molhado.

1977.

1977, o ano em que o mundo submergiu.

O meu mundo.

Era 1977, e eu precisava ver as fotografias, tinha de ver aquelas fotografias, as fotografias.

1977, o ano em que...

1977.

O meu mundo.

Uma fotografia imaginária.

Vou colocar uma roupa bonita...

Não desci em Bradford, só troquei de trem para Leeds, sentando-me em outro trem que passava lentamente pelo inferno, inferno.

Inferno.

Em Leeds, corri sob a chuva pesada ao longo da Boar Lane, cambaleando, ultrapassando as barreiras de segurança, voando, seguindo em direção a Briggate, caindo, entrando na Joe's Adults Books.

— *Spunk?* Edições antigas.

— Ao lado da porta.

— Você tem todos os exemplares?

— Não sei. Dê uma olhada.

De joelhos, com uma pilha de revistas à minha frente, eu deixava as repetidas

de lado e segurava todos os exemplares diferentes que encontrava, todos envoltos em plástico.

— Só essas?

— Talvez mais algumas lá atrás.

— Eu quero.

— Tudo bem, tudo bem.

— Todas.

Fiquei parado, de pé, esperando Joe ir lá atrás, parado sob a luz rosa e brilhante, com os carros do lado de fora vencendo a chuva, e os homens ali dentro me olhando.

Joe voltou com seis ou sete revistas nas mãos.

— Essas?

— Acho que são todas.

Olhei e contei treze ou quatorze.

— Ainda é publicada?

— Não.

— Quanto é?

Ele tentou arrancar as revistas da minha mão e perguntou:

— Quantas você tem aí?

Contei, atirando-as no balcão e voltando a segurar todas.

— Treze.

— 8,45.

Entreguei uma nota de dez.

— Quer uma sacola? — ele perguntou.

Mas eu fui embora antes de responder.

No banheiro do mercado, com a porta trancada, no chão, abri as embalagens de plástico, com os dedos voando entre as páginas, entre fotos e desenhos, fotos de bundas, de peitos, de bocetas, de clitóris, de bocetas cabeludas e bocetas sujas, de sangue, de bocetas vermelhas, até encontrar — até encontrar aquela boceta amarela.

É por isso que as pessoas morrem.

É por isso que as pessoas.

É por isso.

Entrei em outra cabine telefônica e disquei.

— George Oldman, por favor.

— Quem é?

— Jack Whitehead.

— Um momento.

Fiquei parado na cabine.

— Senhor Whitehead?

— Sim.

— O escritório do subdiretor de polícia Oldman não aceita mais ligações da imprensa. O senhor poderia, por favor, ligar para o detetive inspetor Evans, no...

Desliguei e vomitei no interior da cabine telefônica vermelha.

Eu estava na minha cama, uma cama lotada de papéis e pornografia, rezando, e o telefone tocando, tocando e tocando, a chuva contra a janela, batendo e batendo, o vento contra as persianas, soprando e soprando, as batidas na porta da frente, batendo e batendo.

— O que aconteceu com o nosso jubileu?

— Acabou.

— Foi pensado como remissão e perdão, mas terminou em penitência?

— Não sou capaz de perdoar o que não conheço.

— Eu, sim, Jack. Eu tenho de fazer isso.

O telefone tocava, tocava e tocava, e ela estava ao meu lado na cama.

Ergui sua cabeça para soltar o meu braço, para me levantar.

Com os pés descalços, fui buscar o telefone.

— Martin?

— Jack? Sou eu, Bill.

— Bill?

— Meu Deus, Jack? Onde você esteve? Onde esteve enquanto o inferno nos invadia?

Fiquei de pé no escuro, negando com a cabeça.

— A verdade é que a prostituta morta de Bradford é simplesmente a maldita namorada de Fraser, e é ele quem está preso.

Dei uma olhada para a cama, ela continuava lá.

Jane Ryan, Janice.

Bill dizia:

— Então, Bradford recebeu uma carta do Estripador, e não disseram nada a Oldman nem a ninguém, mas eles a imprimiram na edição matinal e venderam ao *Sun.*

Fiquei parado por lá, no escuro.

— Jack?

— Puta que pariu — eu disse.

— Uma merda, cara. Melhor vir pra cá.

Eu me vesti na penumbra, na penumbra, e a deixei deitada na cama.

Nas escadas, olhei para o meu relógio.

Parado.

Do lado de fora, caminhei em direção à rua e à loja paquistanesa na esquina, onde comprei o *Telegraph & Argus.*

E me sentei num muro baixo, encostado numa cerca, e li.

O ESTRIPADOR ESCREVEU A OLDMAN?

Ontem de manhã, o Telegraph & Argus *recebeu a seguinte carta de um homem*

que se diz o assassino Jack, o Estripador de Yorkshire.

*Exames realizados por especialistas independentes e informações de fontes policiais confiáveis levam o T*elegraph & Argus *a crer que a carta é genuína, e não é a primeira enviada por este homem.*

Nós, do Telegraph & Argus, *no entanto, acreditamos que o público britânico deveria ter o direito de julgar por si mesmo.*

Do inferno.

Querido George,

Sinto muito se, por razões óbvias, não posso lhe dizer o meu nome. Sou o Estripador. Fui chamado de maníaco pela imprensa, mas não por você, que me chama de esperto, pois sabe que é isso o que sou. Você e os seus homens não sabem que os retratos publicados nos jornais me fizeram rir e que essa história de que eu me mataria não tem fundamento. Ainda tenho coisas a fazer.

O meu objetivo é livrar as ruas das vagabundas. Meu único arrependimento é de que essa menina Johnson tenha mudado de rotina aquela noite, mas eu avisei a vocês e ao XXXX XXXXXXXXX do Post.

Vocês dizem que vamos pelo número cinco, mas há uma surpresa em Bradford, uma surpresa a ponto de ser descoberta.

Avise às prostitutas para saírem das ruas, pois sinto que acontecerá novamente.

Sinto muito por essa jovem.

Atenciosamente,

Jack, o Estripador.

Talvez eu escreva novamente, não tenho certeza, mas a última merecia o que aconteceu. As putas estão cada vez mais jovens. Da próxima vez será mais velha, espero.

A manchete seguinte:

A POLÍCIA E O *POST* SABIAM?

Eu estava sentado no muro baixo, com um gosto ruim na boca, sangue nas mãos, chorando.

É por isso que as pessoas morrem.
É por isso que as pessoas.
É por isso.

Ouvinte: Eles vão deixar esse maldito Nielson, esse tal Pantera Negra, vão deixar que ele apele, certo?

John Shark: Você é contra isso, Bob?

Ouvinte: Isso me faz rir. Eles estão prendendo os policiais e soltando os malditos criminosos.

John Shark: Você acha que alguém notará a diferença?

Ouvinte: Boa, John. Essa foi boa.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Terça-feira, 14 de junho de 1977

18

Abri os olhos e disse:

— Não fui eu.

E John Piggott, meu advogado, pegou um cigarro e disse:

— Bob, Bob, eu sei que não foi você.

— Então me tira daqui, porra.

Fechei os olhos e disse:

— Mas não fui eu.

E John Piggott, meu advogado, um ano mais jovem e bem mais gordo, disse:

— Bob, Bob, eu sei.

— Então por que tenho que me apresentar na maldita delegacia de Wood Street todas as manhãs?

— Bob, Bob, vamos aceitar isso, e você poderá sair daqui.

— Mas isso significa que eles podem me pegar quando quiserem e me enfiar lá dentro.

— Bob, Bob, eles podem fazer isso de qualquer maneira. Você sabe disso.

— Mas não vão me acusar?

— Não.

— Apenas me afastar, sem salário, e pedir que eu me apresente todas as manhãs, até encontrarem uma forma de me encaixar no sistema?

— Isso.

O sargento estava à mesa, o sargento Wilson, que devolveu o meu relógio e as moedas que estavam na minha calça.

— Não vá comprar passagens pro Rio agora.

— Não vou fazer isso — respondi.

— Ninguém disse que você faria — ele disse, sorrindo.

— Então fique calado, sargento.

E fui embora, com John Piggott segurando a porta para mim.

Mas Wilson me chamou.

— Não se esqueça: às dez, amanhã, em Wood Street.

No estacionamento, no estacionamento vazio, John Piggott abriu a porta do carro.

— Respire fundo — ele disse, enquanto fazia o mesmo.

Entrei no carro, e fomos embora, com Hot Chocolate mais uma vez no rádio.

John Piggott parou na Tammy Hall Street, em Wakefield, em frente à delegacia de Wood Street.

— Preciso pegar uma coisa e já volto — ele disse, seguindo em direção ao prédio e depois subindo as escadas até a sua sala no primeiro andar.

Fiquei sentado no carro, com a chuva batendo no para-brisa, o rádio ligado, Janice morta e eu me sentindo como se já tivesse vivido tudo aquilo antes.

Ela estava grávida.

Num sonho, numa visão, numa memória enevoada, não sei em qual ou onde, mas eu já tinha estado ali antes.

E era seu.

— Pra onde vamos? — perguntou Piggott, de volta ao carro.

— Para o Redbeck — respondi.

— Na Doncaster Road?

— Exatamente.

Ela se deitou ao meu lado no chão do quarto 27, e eu me senti mal, acabado.

Fechei os olhos, e ela estava lá, esperando.

Ela ficou parada à minha frente, com seu crânio rachado e os pulmões perfurados, grávida, sufocada.

Abri os olhos e joguei água fria no rosto, no pescoço, estava acabado, estava mal.

John Piggott chegou com duas xícaras de chá e um sanduíche de batata frita.

O quarto ficou fedendo sanduíche.

— Que merda de lugar é este? — ele perguntou, olhando para todos os lados.

— Um lugar qualquer.

— Há quanto tempo mantém isto?

— Não é meu, na verdade.

— Mas você tem a chave.

— Tenho.

— Deve custar uma fortuna.

— É de um amigo.

— Quem.

— Aquele jornalista, Eddie Dunford.

— Está brincando?

— Não.

Saí do velho elevador e pisei no andar.

Desci o corredor, sobre o carpete puído, as paredes sujas, o cheiro.

Fui até uma porta e parei.

Quarto 27.

Acordei, mas Piggott continuava dormindo.

Contei as moedas e saí sob a chuva, com o colarinho levantado.

Na recepção, sob as luzes que acendiam e apagavam, disquei.

— Gostaria de falar com Jack Whitehead, por favor?

— Um momento.

Na recepção, sob as luzes que acendiam e apagavam, esperei, e tudo ficou quieto.

— Aqui é Jack Whitehead.

— Sou Robert Fraser.

— Onde você está?

— Ligo do Redbeck Motel, nos arredores de Wakefield, na Doncaster Road.

— Sei.

— Preciso falar com você.

— Eu também.

— Quando?

— Em meia hora?

— Quarto 27, nos fundos.

— Certo.

Na recepção, sob as luzes que acendiam e apagavam, eu desliguei.

Abri a porta, Piggott estava acordado, e eu trazia um pouco da chuva comigo.

— Onde esteve?

— No telefone.

— Com Louise?

— Não. — Embora eu soubesse que deveria ter ligado.

— Para quem você ligou?

— Para Jack Whitehead.

— Do *Post*?

— É. Você o conhece?

— Ouvi falar.

— E daí?

— O júri continua fora.

— Preciso de um amigo, John.

— Bob, Bob, você tem a mim.

— Preciso de todos os amigos que puder ter.

— Certo, mas fique de olho nele.

— Obrigado.

— Fique de olho.

Ouvi uma batida.

Piggott ficou tenso.

Fui até a porta e perguntei:

— Quem é?

— Jack Whitehead.

Abri a porta e ali estava ele, de pé sob a chuva, sob às luzes fracas, com uma capa de chuva suja e uma sacola de plástico.

— Não vai me deixar entrar?

Abri a porta.

Jack Whitehead entrou no quarto 27, olhando para Piggott e depois para as paredes.

— Porra! — ele exclamou.

John Piggott esticou a mão e se apresentou:

— John Piggott, sou o advogado de Bob. E você é Jack Whitehead, do *Yorkshire Post*, certo?

— Certo — respondeu Whitehead.

— Sente-se — eu disse, apontando para o colchão.

— Obrigado — disse Jack Whitehead, e todos nos sentamos, como uma gangue de peles-vermelhas.

— Não fui eu — afirmei, mas Jack não conseguia tirar os olhos da parede.

— Certo — ele comentou, fazendo que sim com a cabeça. — Eu não pensava mesmo que tivesse sido você.

— O que andou escutando por aí? — perguntou Piggott.

Jack Whitehead acenou na minha direção.

— Sobre ele?

— É.

— Pouca coisa.

— O quê, por exemplo?

— Primeiro veio a notícia de um novo assassinato, em Bradford, e todos diziam tratar-se de mais um trabalho do Estripador, mas os policiais não disseram nada, e logo depois três oficiais foram afastados. Isso foi tudo.

— E depois?

— Nada mais — respondeu Whitehead, pegando um jornal dobrado de dentro do casaco e abrindo-o no chão.

Fiquei olhando para a manchete:

O ESTRIPADOR ESCREVEU A OLDMAN?

E li a carta.

— A gente viu isso — confirmou Piggott.

— Imagino — comentou Whitehead, sorrindo.

— Uma surpresa em Bradford — murmurei.

— Isso te coloca no jogo.

— Você acha? — indagou Piggott.

— Você acha que foi o Estripador? — perguntou Whitehead.

— Quem a matou? — perguntou Piggott.

Whitehead fez que sim, e os dois olharam para mim.

Eu não conseguia pensar em nada, exceto que ela estava grávida e, naquele momento, morta.

As duas.

Mortas.

Finalmente, declarei:

— Não fui eu.

— Ah, tem outra coisa — disse Whitehead, pegando uma pilha de revistas da sacola plástica que carregava.

— Que porra é essa? — perguntou Piggott, pegando uma revista pornô.

— *Spunk.* Já ouviu falar? — Whitehead me perguntou.

— Já — respondi.

— Em que circunstância?

— Não me lembro.

— Mas precisa se lembrar — ele exigiu, entregando-me um exemplar aberto, com uma loira com as pernas abertas, a boca aberta, os olhos fechados e os

dedos gordos na boceta e no cu.

Ergui os olhos.

— Parece familiar?

Eu fiz que sim.

— Quem é? — perguntou Piggott, olhando para a revista de cabeça para baixo.

— Clare Strachan — respondi.

— Também conhecida como Morrison — completou Jack Whitehead.

— Morta em Preston, em 1975 — eu disse.

— E esta? Você a conhece? — perguntou Whitehead, oferecendo-me outra revista, com uma oriental, com os cabelos pretos e as pernas abertas, a boca aberta, os olhos fechados, e os dedos finos na boceta e no cu.

— Não — respondi.

— Sue Penn. Ka Su Peng?

— Atacada em Bradford, em outubro de 1976 — respondi.

— Um prêmio para o rapaz — ele ironizou, em tom calmo, entregando-me mais uma revista.

Abri.

— Página sete — ele indicou.

Abri na página sete, vendo uma menina de cabelos pretos, pernas abertas, boca aberta, olhos fechados, com um pau na boca e esperma no rosto.

— Quem é? — perguntou Piggott.

— Sinto muito — disse Jack Whitehead.

Piggott insistia:

— Quem é?

Mas a chuva do lado de fora caía forte, ensurdecedora, assim como as portas dos caminhões, que eram fechadas, uma após a outra, no estacionamento.

Sem comer, sem dormir, apenas pensando em círculos:

A sua boceta.

A sua boca.

Os seus olhos.

A sua barriga.

Sem comer, sem dormir, apenas segredos:

Na sua boceta.

Na sua boca.

Nos seus olhos.

Na sua barriga.

Círculos e segredos, segredos e círculos.

— Publicações MJM, você investigou? — perguntei.

— Estive lá ontem — respondeu Whitehead.

— E?

— A editora está falida. Ofereci vinte libras para uma secretária displicente, e ela me entregou os nomes e os endereços.

John Piggott continuou:

— Como descobriu isso?

— A *Spunk?*

— É.

— Um anônimo.

— Muito anônimo?

— Um jovem. Skinhead. Ele disse que conheceu Clare Strachan quando ela ainda se chamava Morrison.

— O nome? — perguntei.

— Dele?

— É.

— Barry James Anderson. Eu o conhecia de antes. Ele é daqui. Está nos arquivos.

BJ, pensei, engolindo em seco.

— Que arquivos? — perguntou Piggott, brincando de pega-pega, como anos atrás.

— Você deveria conversar com Maurice Jobson — disse Whitehead, ignorando Piggott. — O Coruja sempre cuida de você, certo?

— Agora... duvido muito — respondi, balançando a cabeça.

— Você contou a ele sobre isso?

— Após a última vez que conversamos, fui até ele pra conseguir os arquivos.

— E?

— Os arquivos não estavam lá.

— Porra!

— O detetive inspetor John Rudkin, meu maldito chefe, retirou todos eles em abril de 1975.

— Abril de 1975? Mas Strachan ainda não estava morta.

— É...

— E nunca devolveu?

— Não.

— Nem mesmo após a sua morte?

— Ele nunca mencionou nada disso.

— E você contou tudo a Maurice Jobson?

— Ele descobriu ao tentar localizar as pastas dos arquivos.

— Que pastas? — perguntou Piggott, novamente.

Whitehead, a toda velocidade, ignorando-o novamente, perguntou:

— E o que o Maurice fez?

— Disse que daria um jeito. Quando voltei a ver Rudkin, eles me pegaram e me levaram embora.

— Ele disse alguma coisa?

— Rudkin? Nada, só gritou um pouco.

— E foi afastado?

— Foi — respondeu Piggott, pois essa resposta ele conhecia.

— Você falou com ele?

— Ele não pode — disse Piggott. — Foi uma das exigências pra que fosse solto. Nenhum contato com Rudkin ou Ellis.

— E Maurice?

— Não disseram nada.

— Você deveria mostrar essas revistas a ele — disse Whitehead, apontando para o tapete de pornografia à nossa frente.

— Não posso — respondi.

— Por que não?

— Louise.

— A sua esposa?

— É.

— A filha do Texugo? — perguntou Whitehead, sorrindo.

Piggott continuava insistindo:

— Você quer me dizer que droga de arquivos são esses? Acho que eu deveria saber...

Mecanicamente, respondi:

— Clare Strachan foi presa em Wakefield, com o sobrenome Morrison, em 1974, após ter sido pega se prostituindo, e foi testemunha numa investigação de assassinato.

— Que investigação de assassinato?

Jack Whitehead olhou para as paredes do quarto 27, para as fotos das vítimas, para as fotos das meninas mortas, e respondeu:

— De Paula Garland.

— Puta que pariu!

— É... — dissemos os dois.

Jack Whitehead voltou com três xícaras de chá.

— Vou me encontrar com Rudkin — ele disse.

— Tem alguém mais — revelei.

— Quem?

— Eric Hall.

— Da Divisão de Costumes de Bradford?

Eu fiz que sim.

— Você o conhece? — perguntei.

— Ouvi falar. Foi afastado, certo?

— Foi.

— E o que tem ele?

— Era o cafetão de Janice.

— E por isso foi afastado?

— Não. Por conta da quadrilha de Peter Hunter.

— Acho que você deveria visitá-lo.

— Ele deve saber algo sobre isso — argumentei, apontando para as revistas.

— Você tem os endereços deles?

— De Rudkin e Hall?

Ele fez que sim e eu escrevi os endereços num pedaço de papel.

— Você deveria conversar com o chefe superintendente Jobson — me sugeriu Piggott.

— Não — respondi.

— Por quê? Você disse que precisava de todos os amigos que pudesse reunir.

— Primeiro vou falar com Louise.

— Tem razão — disse Jack Whitehead, de repente. — Você deveria estar com a sua esposa. Com a sua família.

— Você é casado? — perguntei.

— Fui casado. Há muito tempo.

Fiquei de pé na recepção, sob as luzes que acendiam e apagavam, e morri.

— Louise?

— Não, sou Tina. Bob?

— Sim, sou eu.

— Ela está no hospital, meu querido. Ele está a ponto de morrer.

Na recepção, sob as luzes que acendiam e apagavam, e o mundo desabando.

— Bob? Bob?

Na recepção, sob as luzes que acendiam e apagavam, desliguei o telefone.

Ouvinte: Finalmente estão com a razão na França.

John Shark: O que foi?

Ouvinte: Um cara estuprou e matou uma menina de oito anos, e eles o guilhotinaram.

John Shark: Você gostaria que importássemos um pouco dessa justiça francesa?

Ouvinte: Justiça francesa? Foi um homem de Yorkshire que inventou a guilhotina, John. Todo mundo sabe disso.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Quarta-feira, 15 de junho de 1977

19

Eu estava sentado no carro no estacionamento do Redbeck, entre dois caminhões de cargas congeladas Bird's Eye, com a cabeça girando por conta daquele quarto, daquelas memórias, daquelas alternativas.

Encontrar-me com Rudkin ou Hall. Ou seguir os passos de Fraser.

Encontros ou perseguições?

Encontros.

Peguei o papel que Fraser me dera.

Rudkin morava ali perto. Eric Hall, um pouco mais longe.

Rudkin sujo, Hall ainda mais.

Hall sujo, Rudkin ainda mais.

Encontros ou perseguições?

Olhando para o quarto do estacionamento.

Aquele quarto, aquelas lembranças.

Os escritos nas paredes.

Eddie, Eddie, Eddie, sempre voltando a Eddie.

No retrovisor, Carol me esperava no banco traseiro; carne branca e hematomas, cabelos vermelhos e ossos partidos, as fotos na parede, as fotos das minhas Paredes da Enfermaria, as fotos do Beco da Memória.

Fiquei sentado naquele carro repleto de mulheres mortas, um carro cheio de estripadores, e atirei mais uma vez a moeda para o alto.

Encontros ou perseguições?

Encontros.

Durkar, outro Ossett, outro Sandal.

Outro trecho da Yorkshire branca...

Ruas compridas e muros altos.

Passei pela porta da casa de Rudkin, vi dois carros na entrada, estacionei na

Durkar Lane e fiquei esperando.

Eram nove e meia da manhã do dia 15 de junho de 1977, quarta-feira.

Fiquei imaginando o que diria caso me aproximasse daquela entrada, caso tocasse aquela campainha:

"*Desculpe, senhor Rudkin, mas acho que o senhor pode ser o Estripador de Yorkshire, e estava pensando se não teria nada a dizer sobre isso*".

Enquanto eu pensava nisso, outro carro parou na porta da casa dele.

Cinco minutos depois, Rudkin saiu no seu Datsun 260 bronze, com outro homem no banco do carona, e os dois seguiram para Durkar Lane.

Eu os acompanhei até Wakefield, e eles brilhavam sob as luzes do caminho, passando pela Dewsbrury Road, cruzando Shaw-cross, contornando e entrando na Hanging Heaton até Batley, atravessando o centro e parando na porta da RD News, na Bradford Road, nos arredores de Batley.

Batley, outra Bradford, outra Déli.

Outro ponto da Yorkshire negra...

Muros baixos e altos minaretes.

Passei na frente da RD News, parei perto de um restaurante chinês e esperei.

Rudkin e o outro homem permaneceram dentro do carro.

Eram dez e meia, e o Sol já aparecera.

Cinco minutos depois, um BMW 2002 marrom estacionou logo à frente do Datsun de Rudkin, e dois homens saíram de dentro dele, um negro e outro branco.

Girei o corpo no meu assento e confirmei:

Robert Craven.

O detetive inspetor Robert Craven...

São ótimos policiais que merecem nossos mais sinceros agradecimentos.

Craven e seu amigo negro se aproximaram do carro de Rudkin, e Rudkin e um cara gordo saíram do carro.

Mike Ellis, imaginei.

E os quatro entraram na RD News.

Fechei os olhos e voltei a ver rios de sangue numa era feminina, guarda-chuvas abertos, cascata de sangue, poças de sangue, chuva de gatos e sangue.

Abri os olhos, o céu era azul, nuvens moviam-se rapidamente nas colinas atrás das lojas.

Saí do carro e atravessei a rua, seguindo em direção à cabine telefônica.

Liguei para o apartamento dela.

Ela atendeu:

— Alô?

— Sou eu.

— O que foi?

— Quero saber. Sobre as fotos. Preciso saber.

— Foi há muito tempo.

— É importante.

— O quê?

— Tudo. Quem as tirou? Quem contratou? Tudo.

— Não vou falar sobre isso ao telefone.

— Por que não?

— Jack, se eu te contar por telefone, nunca mais nos veremos.

— Isso não é verdade.

— Não?

Fiquei parado na cabine telefônica, no meio de um rio vermelho, de um rio de sangue, sob o céu azul, e olhei para cima na direção da janela da RD News.

John Rudkin olhava para fora da janela, com uma das mãos apoiada à moldura e a outra aberta, sorrindo de orelha a orelha.

— Jack?

— Vou até aí.

— Quando?

— Logo.

Desliguei e fiquei olhando para John Rudkin.

Voltei ao carro e esperei.

Meia hora depois, Rudkin saiu da loja, em mangas de camisa, com o paletó sobre um dos ombros, seguido pelo homem gordo e por Craven.

O negro não saiu.

Rudkin, Craven e o gordo se cumprimentaram, e Rudkin e o gordo entraram

no Datsun.

Craven acenou para eles.

Permaneci sentado, esperando.

Craven voltou a entrar na loja.

Permaneci sentado, esperando.

Dez minutos depois, Craven voltou a sair.

Mas o negro não.

Craven entrou no carro e foi embora.

Permaneci sentado.

Cinco minutos depois, saí do carro e entrei na loja.

O interior era maior do que parecia e vendia botijões de gás, brinquedos, além de jornais e cigarros.

Havia um jovem paquistanês atrás do balcão.

— Quem é o dono daqui? — perguntei.

— O quê?

— Quem é o dono? É você?

— Não. Por quê?

— Acho que o apartamento aqui em cima está para ser alugado, certo?

— Não, não está.

— Gostaria de deixar o meu nome, caso fique disponível. Com quem eu poderia falar?

— Não sei — ele respondeu, pensando no assunto, pensando em mim.

Peguei um *Telegraph & Argus* e lhe entreguei o dinheiro.

— Melhor falar com o senhor Douglas — ele disse.

— Bob Douglas?

— Sim, Bob Douglas.

— Obrigado, muito obrigado — eu disse, e saí da loja, pensando: *"São ótimos policiais que merecem nossos mais sinceros agradecimentos"*.

Pensando: "Porra!".

The Pride, em Bradford, perto da redação do *Telegraph & Argus*. Tom já estava

por lá, tossindo em cima da cerveja, no bar.

Coloquei a mão no seu ombro e disse:

— Sinto muito, acho que fui eu quem te contagiou.

— É... — ele retrucou, sorrindo. — Não se deve beber com o inimigo.

— Nos sentamos? — perguntei, fazendo um sinal para a mesa ao lado da porta.

— Não vai tomar nada?

— Claro — respondi, pedindo uma bebida para mim e outra para ele.

E nos sentamos.

— Não foi muito legal — comentei. — Aquela matéria sobre a carta.

— Não tenho nada a ver com isso — ele disse, com as mãos para cima.

Tomei um gole e continuei:

— As cartas são enganosas, na verdade.

— Vá se foder!

— Não são do maldito Estripador, ouça o que estou te dizendo.

— Nós já examinamos.

— Nós? Imaginei que você não tivesse nada a ver com isso.

— Havia evidências e tudo o mais.

— Dane-se! Não foi por isso que telefonei.

— Vá em frente — ele disse, relaxando, aliviado.

— Quero conversar sobre um dos seus, sobre Eric Hall.

— O que tem ele?

— Foi afastado, certo?

— Ele e todos os outros.

— Certo. Mas o que você sabe sobre ele?

— Pouca coisa.

— Você o conhece?

— De vista.

— Sabe desta última, da Janice Ryan?

— Sei.

— Um cara me disse que era protegida de Eric, disse que o detetive inspetor Hall era o seu cafetão.

— Porra!

— Pois é...

— Isso nem me surpreende tanto. A verdade é que hoje em dia pouca coisa me surpreende.

— Então você não sabe nada mais? Não sabe nada sobre ele?

— É da Divisão de Costumes de Bradford. Mas acho que isso você já sabe.

Fiz que sim.

— Para ser honesto — continuou —, sempre pensei que ele fosse um tipo mais durão. Sabe... nas coletivas de imprensa, depois do trabalho.

— Durão o suficiente pra matar a prostituta que explorava e tentar fazer com que isso pareça mais um trabalho do Estripador?

— Fique atento, cara. Ele estava acima de tudo aquilo. Nunca deu um passo em falso.

— Talvez não...

Tom balançava a cabeça, fungando.

— Você conhece bem as meninas daqui?

— O que você quer dizer, Jack?

— Vamos... Você as conhece?

— Algumas.

— Conhece uma chinesa, a Ka Su Peng?

— A que fugiu — ele disse, sorrindo.

— Exatamente.

— Conheço. Por quê?

— O que você sabe sobre ela?

— Ela é bem conhecida... Mas sabe o que o pessoal costuma dizer sobre as de olho puxado?

— O quê?

— Uma hora depois sentimos vontade de matar outra.

Bati uma vez.

Ela abriu a porta, não disse nada, e eu entrei.

Depois a segui e fiquei parado lá, no quarto dela, sentindo o cheiro de merda e de sexo, observando o creme que ela passava nos dedos e na palma das mãos, nos pulsos e nos braços, nos joelhos.

Havia respingos da chuva da tarde na janela, com as cortinas laranja paradas, tudo envolto pela penumbra. Ela passava creme nos joelhos infantis, e eu olhava para a sua saia.

— Foi a última transa? — ela perguntou mais tarde, deitada no quarto dos fundos, com as cortinas fechadas contra a chuva, contra a tarde, contra a vida de Yorkshire.

E eu deitado ao lado dela, olhando para as rachaduras no teto, para o lustre de plástico que precisava de uma limpeza, ouvindo suas palavras perdidas, as batidas do seu coração errático, sozinho e depressivo, com o meu sêmen espalhado entre as suas coxas, seus dedos tocando os meus.

— Jack, foi a última?

— Não — menti.

Mas ela chorava mesmo assim, com a revista aberta no chão, ao lado da cama, e o lábio superior inchado.

Estacionei na porta de uma linda casa que, na parte de trás, se abria para o Denholme Golf Course.

Havia um Granada 2000 azul estacionado na entrada.

Fui até a porta e toquei a campainha.

Uma mulher de meia-idade e aparência abatida atendeu, cheia de pérolas no pescoço.

— Poderia falar com Eric?

— Quem é você?

— Jack Whitehead.

— O que você quer?

— Sou do *Yorkshire Post.*

Eric Hall saiu da sala de estar, com o rosto preto e azul, o nariz enfaixado.

— Senhor Hall?

— Está tudo bem Lilly, minha querida...

A mulher apertou o colar de pérolas contra o pescoço e foi para o mesmo lugar de onde Eric Hall viera.

— Pois não? — perguntou Hall.

— É sobre Janice Ryan.

— Quem?

— Porra, Eric! — eu disse, debruçando-me no batente da porta. — Não se faça de idiota.

Ele piscou os olhos, engoliu em seco e me desafiou:

— Você sabe quem eu sou, sabe com quem está falando?

— Com um policial sujo chamado Eric Hall.

Ele ficou paralisado na porta de sua linda casa, uma casa com vista para o Denholme Golf Course, e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Vamos dar um passeio, Eric? — sugeri.

Paramos no estacionamento vazio do George.

Desliguei o motor do carro.

Ficamos sentados, em silêncio, olhando para os campos à nossa frente.

Depois de certo tempo, propus:

— Dê uma olhada na sacola que está aos seus pés.

Ele abriu as pernas gordas e curtas e inclinou o corpo em direção à sacola.

Pegou uma das revistas.

— Página sete — indiquei.

Ele ficou olhando para a menina de cabelos pretos, pernas abertas, boca aberta, olhos fechados, com um pau na boca e esperma no rosto.

— É você? — perguntei.

Mas ele permaneceu sentado, sacudindo a cabeça, até dizer:

— Quanto?

— Muito.

— Quanto?

— Cinco mil.

— Cinco mil? Eu não tenho esse dinheiro.

— Mas poderá conseguir — respondi, ligando o carro.

A redação estava morta.

Bati na porta de Hadden e entrei.

Ele estava sentado atrás da mesa, dando as costas a Leeds e à noite.

Eu me sentei.

— Então? — ele perguntou.

— Soltaram Fraser.

— Você esteve com ele?

— Estive — respondi, sorrindo.

Hadden sorriu de volta, erguendo uma sobrancelha e perguntando:

— E...?

— Ele foi afastado e acha que Rudkin e outros caras da Divisão de Costumes de Bradford também estão envolvidos até o pescoço nisso.

— E você, o que acha?

— Dei uma olhada, e Rudkin realmente está metido em algo, mas não sei o que é...

Bill Hadden não parecia muito impressionado.

— Eu estive com Tom — eu disse.

— E ele pediu desculpas? — perguntou Hadden, sorrindo.

— Cara de pau, é o que ele é...

— E como!

— Segundo ele, ainda consideram a carta como verdadeira.

Hadden não disse nada.

— Mas não parecia saber nada sobre esse policial de Bradford.

— Qual o nome dele?

— Hall. Eric Hall.

Hadden balançou a cabeça.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Não — ele respondeu, ainda sacudindo a cabeça.

Eu me levantei.

— Nos vemos amanhã, então.

— Certo — ele respondeu.

Já na porta, olhei para trás e disse:

— Tem outra coisa.

— O quê? — ele perguntou, sem olhar para mim.

— Sabe aquela de Preston?

— O quê? — ele perguntou, erguendo os olhos.

— A prostituta que disseram ter sido trabalho do Estripador?

Hadden fez que sim.

— Fraser contou que ela foi testemunha do assassinato de Paula Garland.

— O quê?

E fui embora, deixando-o boquiaberto.

Ele estava sentado na recepção sombria, numa cadeira com espaldar alto, os olhos mirando o chapéu, e o chapéu sobre os joelhos.

— Jack — ele chamou, sem erguer os olhos.

— Sonhei com rios de sangue, com sangue de mulher. Quando transo, vejo sangue. Quando chego ao clímax, vejo a morte.

Martin Laws inclinou o corpo para a frente.

Passou os dedos entre os cabelos grisalhos.

— Tem de haver outro caminho — eu disse, entre lágrimas, na escuridão.

Ele ergueu os olhos e disse:

— Jack, se a Bíblia nos ensina algo, é porque as coisas são assim, sempre foram assim e serão assim pra sempre, até o fim.

— Até o fim?

— Noé era louco, até a chuva cair.

— E não existe outro caminho?

— As coisas não são como parecem.

John Shark: Viu que outro homem da Scotland Yard pediu demissão?

Ouvinte: Se continuar assim, não vai sobrar nenhum.

John Shark: Prenderam o sindicalista Arthur Scargill e todos os outros?

Ouvinte: E o Estripador continua passeando por aí, livre.

John Shark: Isso te faz rir, certo, Bob?

Ouvinte: Não muito, John. Não mesmo.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Quarta-feira, 15 de junho de 1977

20

E Piggott me deixou na porta do Saint James, dizendo que, se eu precisasse de qualquer coisa, lhe falasse, perguntando se poderia fazer algo mais e dizendo que tudo o que eu deveria fazer era ligar para ele, mas eu estava do lado de fora do carro, com a porta aberta, e comecei a subir as escadas, sem fôlego, agarrado ao corrimão, derrapando no piso encerado, entrando na enfermaria e gritando com uns e outros, e as enfermeiras correndo na minha direção, e eu abrindo as cortinas de um leito vazio, uma dizendo que sentia muito e que o fim fora repentino, muito repentino após tanto tempo, e dizendo que era algo difícil de prever, mas que pelo menos minha esposa estivera ao lado dele, e que no fim ele fechou os olhos como se parasse de existir, e que ela ficou muito triste, mas que em casos assim é o melhor que pode acontecer, e que a dor se acabaria, e que no final não era algo tão ruim, e eu estava de pé, à beira do seu leito vazio, olhando para a mesinha vazia, para as portas abertas, imaginando onde tinham ido parar os líquidos com gosto de frutas e encontrando um carrinho de Bobby, o carrinho de polícia Matchbox, presente de Rudkin. Peguei o carrinho e fiquei parado, olhando para aquele brinquedo, num canto vazio da enfermaria, com a outra enfermeira me dizendo que ele parecia em paz e que era melhor que estivesse morto, e não vivo, sofrendo, e eu olhei para o seu rosto, para as marcas vermelhas no seu pescoço, para os seus cabelos brancos e maltratados, para os seus grandes olhos azuis, imaginando o que levava uma pessoa a querer ter aquele trabalho, e depois pensei a mesma coisa sobre o meu trabalho, para logo me lembrar que fora afastado e talvez nunca voltasse a fazer o que fazia antes, não importando o que eles dissessem, e então olhei para o meu relógio e notei que perdera a noção do tempo, a noção dos minutos, a noção das horas, a noção dos dias, a noção das semanas, a noção dos meses, dos anos, das décadas, e saí para o corredor encerado, com as duas enfermeiras falando e outra saindo da sua cabine, as três olhando para mim, até o momento em que parei, virei o corpo, voltei a subir o corredor e agradeci, agradeci o que tinham feito, depois me virei

novamente e voltei a descer o corredor encerado, com o carrinho de polícia nas mãos, descendo as escadas e saindo pela porta, em direção à manhã ou ao que eu pensava ser a manhã, mas as folhas das árvores estavam todas tingidas de vermelho e o céu estava ficando branco, a grama azul, as pessoas ganhavam uma cor cinzenta, alienígena, os carros estavam silenciosos, as vozes desaparecidas, e me sentei nas escadas, coçando os olhos, até o momento em que eles começaram a arder, e então parei e fiquei de pé, caminhando pela entrada do hospital, em direção à rua, e imaginando como conseguiria chegar em casa saindo dali, então estiquei o polegar e fiquei de pé por um bom tempo, até cair na entrada do hospital, sobre a grama azul, olhando para o céu branco, para as folhas vermelhas, e dormi, depois acordei, e quando acordei me levantei e tirei o pó e a grama azul do meu corpo, desci a rua em direção a uma cabine de telefone vermelha e brilhante, e lá dentro encontrei o cartão de um táxi, e liguei, e pedi um táxi a uma voz estrangeira, em algum lugar estrangeiro, e depois fiquei de pé do lado de fora da cabine, observando os carros silenciosos com todos os seus estripadores e suas rodas, vendo-os correr, descer a rua, vendo-os sorrir, apontar para mim, as mulheres mortas com suas botas nas janelas traseiras, com as mãos brancas balançando de suas botas, com as mãos brancas pressionadas contra as janelas traseiras, até que, muito tempo depois, o táxi chegou e eu entrei e disse para onde queria ir, e ele me olhou como se não entendesse nada, mas fomos embora, eu sentado no banco do carona, com o rádio ligado, ele tentando falar comigo, mas eu não entendia o que ele dizia e nem entendia por que ele queria conversar comigo, até o momento em que lhe perguntei de onde era, e ele não disse nada, a partir daí ele se concentrou no caminho até que, dois malditos dias depois, paramos na porta da minha casa, e eu disse que sentia muito, mas não tinha dinheiro, e que ele teria de esperar até que eu fosse lá dentro e buscasse algo, o que o deixou chateado, mas sem alternativa, então eu fui até a porta de casa, coloquei a chave na fechadura, mas ela não girou, então passei o restante do dia tocando a campainha até o momento em que resolvi dar a volta na casa e tentar outra fechadura, que também não funcionou, então passei o restante da noite batendo na porta, e resolvi pegar o tijolo que sempre era usado para evitar que a porta da garagem ficasse batendo, peguei esse tijolo e atirei na janela ao

lado da porta dos fundos, metendo a minha mão lá dentro, mas isso não ajudou em nada, e resolvi socar a porta com os punhos e os pés até finalmente conseguir entrar, e fui até a sala e peguei algum dinheiro na primeira gaveta, voltando em direção ao táxi, mas ele não estava mais lá, o que era normal, então acenei para os vizinhos da frente e voltei para dentro de casa, procurando Louise e Bobby, entrei em todos os quartos, mas eles não estavam lá, nem nas gavetas, nem nos armários, nem debaixo das camas, então desci e resolvi ir à casa de Tina para ver se não estariam lá e para perguntar se ela sabia para onde eles poderiam ter ido, então acenei novamente para os vizinhos e fui até a casa de Tina, bati na porta dos fundos, mas ela não abriu, e continuei batendo até a metade da semana, com Kirsty, a cadela, latindo do outro lado, e continuei batendo até que a maldita última porta foi aberta, e era Janice, que surgiu de pé, gigantesca, e eu poderia ser nocauteado com uma pluma de tão surpreso que fiquei, e lhe disse imediatamente que pensei que estivesse morta, que Eric Hall e John Rudkin a tivessem estuprado e batido na cabeça dela, depois saltado sobre o seu peito, e ela chorava e dizia que não, dizia estar bem, e eu perguntei se o bebê estava bem, e ela disse que sim, então perguntei se poderia entrar, pois eu me sentia mal ficando ali, aos olhos do mundo inteiro, mas ela disse que não e bateu a porta, que tentei abrir mais uma vez, mas ela gritava e dizia que ligaria para a polícia, e eu lhe dizia que eu era a polícia, mas ficara óbvio que ela não me deixaria entrar, e então notei que ela não poderia ser Janice, pois a Janice me deixaria entrar, e me sentei no degrau dos fundos da casa de Tina, e desejei de todo o coração ser mais parecido com Jesus, até me levantar e voltar à minha casa, e quando cheguei à entrada vi que as portas da garagem estavam abertas e balançando sob a chuva, e decidi dar um passeio e tentar encontrar Louise e Bobby, e eu estava fodido, sem saber onde tinham ido parar e sem saber por onde começar, mas entrei no carro dela e peguei uma rua qualquer, pois dificilmente teria algum maldito compromisso, certo?

John Shark: Veja isso: “O sequestrador que matou duas pessoas e feriu outras duas num ônibus no aeroporto Kenneddy, ontem, disse ter se inspirado num sonho, segundo a polícia. Luis Robinson, de 26 anos, marinheiro, disse ter ‘sentido que o país estava entrando num caos e que alguém tinha de deter isso’ ”.

Ouvinte: Acho que a coisa está ruim por lá. Que bom que ele não veio pra cá, certo?

John Shark: Você não voltou a sonhar, certo, Bob?

Ouvinte: Não são os sonhos, John. O problema é quando acordamos e abrimos as malditas cortinas. Aí é que entendemos tudo.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Quinta-feira, 16 de junho de 1977

21

Dei uma olhada no meu relógio: sete e sete.

Eu atravessava os Moors, caminhava pelos Moors, e encontrei uma cadeira, uma cadeira de couro com espaldar alto, e uma mulher vestida de branco ajoelhada na frente da cadeira, com as mãos unidas, rezando, e os cabelos sobre o rosto.

Então me curvei e tirei os cabelos do seu rosto. Era Carol, depois Ka Su Peng. Ela se levantou e fez um sinal para um ponto bem no meio do seu vestido branco, onde uma palavra estava escrita com sangue:

"uaM".

E lá nos Moors, com todo o vento e a chuva, ela tirou o vestido branco pela cabeça, mostrando seu ventre amarelado e profundo, depois voltou a vesti-lo, do lado avesso, e a palavra escrita com sangue era:

"Mau".

E um menino pequeno, vestindo pijama azul, saiu de trás da alta cadeira de couro, levando-a pelo corredor, sobre o carpete puído, passando pelas sujas paredes, aquele cheiro.

Chegamos a uma porta e paramos.

Quarto 77.

Acordei de repente, no carro, com o peito apertado, suando e ofegante.

Olhei para o relógio do painel.

Sete e sete.

Merda!

Estava em Durkar Lane, em Durkar, bem na frente da casa de Rudkin.

Olhei pelo retrovisor.

Nada.

Fiquei sentado, esperando.

Vinte minutos depois, uma mulher vestindo camisola abriu a porta da frente e pegou duas garrafas de leite deixadas na soleira.

Esperei até que ela fechasse a porta, depois dei a partida no carro, liguei o rádio e fui embora.

Fui até Wakefield, descendo pela Dewsbury Road, passando por Shawcross, depois pela Hanging Heaton até Batley, com o rádio ligado.

Dois homens mascarados que entraram numa agência dos correios em Shadwell e espancaram o gerente da agência e a sua esposa, indo embora levando setecentos e cinquenta libras, estão sendo procurados pela polícia. Um deles dizem ser "muito violento".

O senhor Eric Gowers, de 65 anos, e sua esposa May, de 64, foram levados ao hospital, mas já estão em casa.

Passei pelo centro até parar nos arredores de Batley, logo após um restaurante chinês, na Bradford Road.

Logo após a RD News.

Logo após um Datsun 260 bronze.

Liguei para o apartamento dela.

Ninguém atendeu.

Desliguei.

Estava mais uma vez de pé na cabine de telefone vermelha, olhando para a janela acima da RD News.

— Poderia falar com Eric?

— Quem é?

— Um amigo.

John Rudkin olhava para fora da janela, com uma das mãos apoiada no beiral e a outra aberta, e não sorria.

— Aqui é Eric Hall.

— E já tem o dinheiro?

— Tenho.

— Apareça no estacionamento do George, ao meio-dia.

Desliguei, olhando para John Rudkin.

Voltei ao carro, esperei.

Meia hora depois, Rudkin saiu da loja, com uma criança nos braços, seguido de uma mulher que usava óculos escuros.

O menino vestia um pijama azul, a mulher usava roupa preta.

Entraram no Datsun e foram embora.

Fiquei sentado no carro.

Cinco minutos depois, saí do carro e fui ao fundo das lojas, descendo o beco, passando pelas latas de lixo, pelos sacos empilhados, pelas caixas de papelão, contando as janelas.

Fiz os meus cálculos e olhei para cima, para as janelas e para os dois pares de velhas cortinas que davam para o muro dos fundos, o muro dos fundos com cacos de vidro cimentados no topo.

Tentei abrir a porta vermelha de madeira, e ela se abriu lentamente.

Tudo o que eu não precisava naquele momento era que o paquistanês colocasse sua caneca marrom para fora.

Fechei a porta que dava para o pátio e abri caminho entre os caixotes e botijões de gás, alcançando a porta de trás da loja.

Pensando no que dizer, abri a porta.

Havia uma passagem para a frente da loja, tomada por altas pilhas de caixas de batatas Walkers e revistas velhas. À minha direita, as escadas.

Pensei no que fazer e resolvi subir.

No topo das escadas encontrei uma porta branca com abertura em vidro.

Do outro lado do vidro, tudo estava escuro.

Fiquei parado, escutando.

Nada.

Tentei abrir a porta.

Estava trancada.

Merda!

Tentei novamente, nada.

Peguei meu canivete e enfiei entre a porta e a parede.

Nada.

Tentei novamente.

Nada.

O canivete atingiu a dobradiça, o batente da porta rangeu, a minha mão ganhou um corte e voltou a sangrar, mas eu consegui, estava dentro.

E fiquei de pé, escutando.

Nada.

Outra passagem na penumbra.

Enrolei o meu lenço na palma da mão e caminhei lentamente pelo corredor, em direção à parte da frente do apartamento, com três portas fechadas em todas as direções.

O apartamento fedia, o teto era baixo e tão opressivo quanto o cheiro.

Na sala havia um sofá, uma cadeira, uma mesa, uma televisão e um telefone dentro de uma caixa. Havia garrafas de refrigerante vazias e sacos de batatas espalhados pelo chão.

Não havia carpete.

Apenas uma mancha escura e grande que tomava conta do chão.

Voltei ao corredor e tentei abrir a primeira porta à direita.

Era uma pequena cozinha, e estava vazia.

Tentei a porta à esquerda.

Era um quarto, com cortinas velhas, pesadas, escuras.

Acendi a luz.

Havia uma cama de casal grande, sem lençóis, e outra maldita mancha enorme e escura no colchão laranja com motivos florais.

Numa das paredes, um armário embutido.

Abri.

Fechei as portas do armário e desliguei a luz.

Do outro lado do corredor, a última porta.

Era um banheiro com mais cortinas pesadas, velhas e escuras.

Havia toalhas e esteiras, jornais e tintas, e o chuveiro imaculado.

Passei um pouco de água fria nas mãos e depois as sequei.

Fechei a porta e voltei ao corredor.

Fiquei de pé no topo das escadas e arranquei as lascas da porta branca.

Tentei forçar o trinco de volta ao lugar, mas não deu certo.

Deixei a porta como estava e voltei a descer as escadas.

Fiquei parado no sopé, escutando.

Nada.

Voltei ao beco nos fundos do prédio, saindo pela porta vermelha de madeira.

Desci o beco, passando pelas lixeiras, os sacos empilhados, as caixas de papelão destruídas e um pequeno cão amarelo que me observava.

Voltei à frente das lojas, passando pelo chinês e seguindo em direção ao meu carro.

Passava pouco das onze.

Liguei para o apartamento dela.

Ninguém atendeu.

Desliguei e voltei a discar.

Nenhuma resposta.

Desliguei.

Passei pelo George, em Denholme, parei, manobrei o carro e voltei.

Tive um pressentimento ruim, mas não podia deixar para lá, não poderia deixar tudo como estava.

Voltei dirigindo devagar e entrei no estacionamento do bar, indo até os fundos.

Era quase meio-dia.

Havia quatro ou cinco carros estacionados, três de frente para os campos e dois com a frente voltada para a parte dos fundos do bar.

Nenhum deles era um Granada azul.

Parei num canto, com o mau pressentimento ainda presente, olhando para o campo que se abria atrás do prédio do bar.

E fiquei sentado, esperando, olhando pelo retrovisor.

Merda!

Dois carros apareceram juntos, e Ellis saiu de um Peugeot 304 branco.

E veio na minha direção, com as mãos metidas no casaco de pele de carneiro.

Ele deu a volta no carro e bateu na minha janela.

Abri.

Ele se inclinou e perguntou:

— Está esperando o quê? O Natal?

— Trouxe o dinheiro?

— Trouxe — ele respondeu, dando um passo atrás.

Eu olhava pelo retrovisor, vendo as duas outras cabeças no interior do Volvo.

— Cadê?

— No carro.

— O que aconteceu com o Granada?

— Tive que vender pra te pagar.

— Entra — eu disse.

— Mas o dinheiro está no carro.

— Entra — repeti, ligando o motor.

Ele deu a volta e entrou no carro.

Engatei a marcha e saí pelos fundos do George.

— Pra onde vamos?

— Dar um passeio — respondi.

— E o dinheiro?

— Que se foda o dinheiro!

— Mas...

Mesmo com os olhos pregados na estrada, eu não parava de olhar pelo retrovisor.

— Tem dois caras num Volvo cinza. Você viu, certo?

— Não.

Pisei no freio e parei no acostamento.

— Esses aí — eu disse, apontando para um Volvo cinza que passou voando ao nosso lado.

— Porra!

— Eles não têm nada a ver com você?

— Não.

— Você não estava querendo me fazer de bobo, não pensava em atirar em mim nem nada parecido, certo?

— Não — ele respondeu, suando.

Engatei a marcha e voltamos para o local de onde tínhamos saído.

Acelerando, perguntei:

— E quem eram eles, porra?

— Não sei. Honestamente.

— Eric, você é um maldito policial. Um idiota como eu aparece na sua porta, pede uma grana preta e você simplesmente entrega? Não sei...

Eric Hall não disse nada.

Voltamos ao George, o Volvo fora embora.

— Pra quem você contou? — perguntei.

— Olha — ele disse, suspirando. — Pare, por favor.

Segui um pouco mais, em direção a uma igreja na Halifax Road.

Por um momento, ficamos sentados, em silêncio, sem sol, sem chuva, sem nada.

Finalmente, ele disse:

— Estou metido até o pescoço nisso.

Eu não disse nada, só acenei com a cabeça.

— Não fiz nada diretamente... entende? Mas fechei os olhos aqui e ali.

— E não fez isso de graça, certo?

Ele suspirou e disse:

— E quem faz o que quer que seja de graça, porra?

Eu não disse nada.

— Eu ia te pagar. Ainda vou. Não os cinco mil, que não tenho. Mas consegui dois mil e quinhentos pelo carro, e o dinheiro é seu.

— Não quero o seu maldito dinheiro, Eric. Só quero saber o que está acontecendo.

— Aqueles caras no estacionamento? Eu não tenho a menor ideia, mas posso

apostar que tem algo a ver com o idiota do Peter Hunter e suas investigações.

— Por que te afastaram?

— Suborno.

— Só isso?

— Já é motivo suficiente.

— E Janice Ryan?

— Eu posso viver sem essa merda agora.

— Quando se encontraram pela última vez?

Ele suspirou, limpando as palmas das mãos nas coxas e balançando a cabeça.

— Não me lembro.

— Eric. Esquece a merda do dinheiro, mas me conta isso. Quando Hunter te pegar, você precisará de todos os centavos para limpar a sua ficha. Então comece me contando alguma verdade, porra, e assim poderá economizar as duas mil e quinhentas libras.

Ele olhou para cima, para fora do para-brisa, para o céu escuro, depois apoiou a cabeça no assento e disse, em tom suave:

— Não fui eu que matei, porra.

— E eu disse que foi você?

— Duas semanas atrás ela me ligou, disse que precisava de dinheiro pra fugir e que tinha informações pra vender.

— E você se encontrou com ela?

— Não.

— E sabe que tipo de informação tinha?

— Sobre alguns roubos.

— Que roubos?

— Ela não disse.

— Passados ou futuros?

— Ela não disse.

Olhei para aquele rosto gordo e assustado, que suava no assento do carona do meu carro.

— Você contou isso pra alguém?

Ele engoliu em seco, fez que sim.

— Pra quem?

— Um sargento de Leeds. O nome dele é Fraser, Bob Fraser.

— Quando contou isso a ele?

— Pouco depois...

— E por quê?

Eric Hall desviou o olhar e, apontando para os próprios olhos, disse:

— Porque ele me bateu.

— E por que ele fez isso?

— Porque era o cafetão dela.

— Imaginei que o cafetão fosse você.

— Há muito tempo, eu fui...

— Aquela revista, aquelas fotos... O que você sabe sobre elas?

— Nada. Ela nunca mencionou nada disso.

E me apoiei no volante, perdido.

Passado um momento, Eric Hall perguntou:

— Algo mais que você queira saber?

— Sim. Quem matou essa mulher?

Eric Hall fungou e disse:

— Tenho uma teoria.

Olhei para ele, para aquele homem gordo, feliz por conseguir manter intactas suas malditas libras, embora sua alma estivesse manchada de mentiras e a única coisa que lhe restava fosse o inferno.

— Que teoria, Sherlock?

Ele deu de ombros, como se fosse uma bobagem, como se aquilo pudesse ser lido nas capas de todos os jornais, e sorriu, dizendo:

— Fraser.

— E não o Estripador?

Ele sorriu.

— O Estripador? Que porra é essa?

Olhei para a cruz acima das nossas cabeças e disse:

— Só mais uma coisa.

— Manda — ele disse, ainda sorrindo.

Que idiota!

— Ka Su Peng?

— Quem? — ele perguntou, já sem o sorriso no rosto.

— A chinesa. Sue Penn.

Ele balançou a cabeça.

— Eric, você é da Divisão de Costumes de Bradford, certo?

— Era.

— Desculpe, era. Mas tenho certeza, de que ainda se lembra das meninas. Especialmente das que o Estripador atacou bem debaixo do nariz de vocês.

Ele não disse nada.

Repeti:

— Foi o Estripador, certo?

— É o que dizem.

— E você, o que diria?

— Que deixasse isso pra lá.

Liguei o motor do carro e voltei para o local de onde tínhamos vindo, dirigindo em silêncio.

Parei na entrada do George.

Ele abriu a porta e saiu.

— Vai se matar! — murmurei.

— O quê? — ele perguntou, olhando para dentro do carro.

— Feche a porta, Eric — eu disse e pisei fundo.

Liguei para o apartamento dela.

Nada.

Desliguei e voltei a discar.

Nada.

Desliguei e voltei a discar.

Nada.

Desliguei.

De volta a Bradford, saindo de Bradford, chegando a Leeds, pisando fundo no acelerador o tempo todo: Killinghall Road, Leeds Road, o desvio de Stanningley, Armley.

Sob os arcos escuros, com vontade de tomar um último drinque, sucumbindo no Scarborough, uma gota de uísque no copo de cerveja, entre as sombras do Griffin.

No fim da tarde, com uma brisa soprando pelo centro, sacolas plásticas e papéis velhos entre as minhas canelas, buscando um telefone que funcionasse, um único que fosse.

— Samuel?

— Oi, Jack.

— Alguma novidade?

— Soltaram Fraser.

— Eu sei.

— Então não vou tomar o seu tempo.

— Sinto muito.

— E você, não deveria saber onde ele está?

— O quê?

— Ele deveria ter ido à delegacia de Wood Street esta manhã, mas não apareceu.

— Não?

— Não.

— Algo mais?

— Um negro morto.

— Estripador?

— Não, a menos que tenha resolvido atacar homens.

— Não... Alguma novidade sobre o Estripador?

— Não.

— Bob Craven está aí?

— Tem certeza que quer falar com ele?

— Passa pra ele, Samuel.

Dois cliques e alguém atendeu:

— Divisão de Costumes.

— Gostaria de falar com o detetive inspetor Craven, por favor.

— Quem é?

— Jack Whitehead.

— Espere.

Dedos sobre o fone e um grito na sala.

— Oi, Jack?

— Quanto tempo, Bob.

— É verdade. Como vai?

— Bem. E você?

— Mantendo-me ocupado, como sempre.

— Poderíamos tomar uma cerveja?

— Claro, Jack. Você me conhece, sempre tenho tempo pra uma cerveja.

— Quando seria melhor pra você?

— Por volta das oito.

— Certo. Onde você prefere?

— No Duck and Drake?

— Combinado. Às oito.

— Até logo.

Pelas ruas sujas do entardecer, o vento soprava, as sacolas plásticas cantavam, os jornais revoavam.

Entrei num beco de paralelepípedos, procurava as paredes, as palavras.

Mas as palavras tinham desaparecido, eu estava no beco errado, as únicas palavras por ali eram mentiras.

Subi a Park Row em direção à Cookridge Street, aproximando-me da Saint Anne’s.

O interior da catedral estava deserto, o vento parara, caminhei pela lateral e me ajoelhei ao lado da Pietá, e rezei, com mil olhos em cima de mim.

Ergui os olhos, com a garganta seca, a respiração lenta.

No corredor, uma velha senhora levava uma criança pela mão, e elas seguiam na minha direção. Quando se aproximaram, a criança me ofereceu uma Bíblia aberta, que eu peguei, observando-as se afastarem.

Olhei para baixo e li as palavras que encontrei:

Naqueles dias os homens buscarão a morte, e de modo algum a encontrarão;

E desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

E caminhei pela catedral, atravessando as portas duplas, voltando à tarde, entre as sacolas plásticas e as cobras, abrindo caminho entre tudo isso.

Tudo desaparecera, tudo estava errado, tudo o que havia eram mentiras.

A redação estava morta.

Desci em direção aos arquivos.

Em direção a 1974.

Coloquei os microfilmes sobre as luzes.

Cheguei à sexta-feira, 20 de dezembro de 1974.

Primeira página.

CONTINÊNCIA PARA VOCÊS

Uma fotografia...

Três grandes sorrisos.

O chefe de polícia Angus parabeniza o sargento Bob Craven e o policial Bob Douglas por um trabalho benfeito.

São ótimos policiais que merecem nossos mais sinceros agradecimentos.

Olhei com mais calma, observando aqueles três grandes sorrisos, aqueles incríveis policiais.

E li os créditos:

POR JACK WHITEHEAD, REPÓRTER POLICIAL DO ANO.

Bati na porta de Hadden e entrei.

Ele continuava sentado atrás de sua mesa, de costas para Leeds.

Eu me sentei.

— Jack — ele disse.

— Bill — respondi, sorrindo.

— Então?

— Fraser deu o fora.

— Você sabe onde ele está?

— Talvez.

— Talvez?

— Preciso verificar.

Ele fungou o nariz e arrumou algumas canetas sobre a mesa.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Jack — ele disse, ainda sem erguer os olhos. — Você falou algo sobre Paula Garland na última vez que esteve aqui...

— Falei.

Ele ergueu os olhos.

— Então?

— Então o quê?

— Você falou algo sobre uma conexão, um link?

— Sério?

— Porra, Jack! O que você descobriu?

— Como eu falei, Clare Strachan...

— Aquela que foi morta pelo Estripador em Preston?

— Exatamente. Também era conhecida pelo sobrenome Morrison, e usando esse nome deu um depoimento como testemunha no caso da morte de Paula Garland.

— É isso, então?

— É. Fraser comentou que Rudkin e talvez outros policiais soubessem disso, mas nunca foi oficialmente registrado no inquérito de Preston. Nem em qualquer outro lugar.

— E você não sabe nada mais?

— Não.

— Não sabe ou não quer me contar?

— Não. Claro que não sei.

— E descobriu tudo isso com o sargento Fraser?

— Sim. Por quê?

— Só estou querendo organizar as ideias na minha cabeça, Jack. Quero organizar tudo.

— E está conseguindo?

— Estou — ele respondeu, me encarando.

Eu me levantei.

— Sente-se um minuto, Jack — ele pediu.

Eu me sentei.

Hadden abriu uma gaveta na sua mesa e pegou um grande envelope pardo.

— Chegou esta manhã — ele disse, jogando o envelope sobre a mesa. — Dê uma olhada.

Tirei uma revista lá de dentro.

Uma revista pornográfica.

Pornografia barata.

Amadora.

Spunk.

A ponta de uma página estava dobrada.

— Página sete — disse Bill Hadden.

Abri na página marcada e lá estava ela.

Cabelos claros e pele rosada, orifício rosado e úmido, olhos azuis, secos, com as pernas abertas, tocando o clitóris.

Clare Strachan.

Fiquei de pau duro novamente.

— Esta manhã? — perguntei, com a garganta seca.

— Sim, e o selo diz “Preston”.

Virei o envelope, fazendo que sim.

— Algo mais?

— Não, apenas isso.

— Só este exemplar?

— Sim, só esse.

Ergui os olhos, com a revista nas mãos.

Hadden questionou:

— Você não sabia que ela estava fazendo esse tipo de coisa?

— Não.

— E tem ideia de quem poderia ter enviado?

— Não.

— Você acha que o seu sargento Fraser deu o fora?

— Não.

— Sei... — assentiu Hadden, balançando a cabeça.

— O que vamos fazer com isto?

— Quero que faça algumas chamadas, quero que descubra que merda é essa.

Fiquei de pé.

Ele pegou o telefone e disse:

— Jack...

— Oi — respondi, com uma das mãos na maçaneta.

— Cuidado, certo?

— Sempre tomo cuidado — respondi. — Sempre.

Liguei para o apartamento dela.

Nada.

Desliguei e voltei a discar.

Nada.

Desliguei e voltei a discar.

Nada.

Desliguei e voltei a discar.

Nada.

Desliguei.

Olhei para o meu relógio.

Já passava das seis.

Leve mudança de plano.

Passei pelo corredor e voltei aos arquivos.

Voltei a 1974.

Voltei ao microfilme, sob as luzes.

Voltei à terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

Evening Post, primeira página.

TIROTEIO NATALINO DEIXA TRÊS MORTOS EM WAKEFIELD.

Policiais heróis frustram roubo a bar.

Uma foto...

O Strafford, no Bullring, Wakefield.

Um horroroso tiroteio ontem à noite, no centro de Wakefield, deixou três mortos e três gravemente feridos, no que a polícia descreveu como "um assalto que deu errado".

De acordo com o porta-voz da polícia, eles foram chamados ao serem ouvidos disparos no bar Strafford, no Bullring, em Wakefield, por volta da meia-noite de ontem. Os primeiros policiais que chegaram à cena do crime foram o sargento Robert Craven e o policial Bob Douglas, os mesmos que na semana passada foram condecorados por sua participação na captura de um suspeito pelo assassinato de Clare Kemplay, uma estudante de Morley.

Quando os dois policiais entraram no Strafford, perceberam que um assalto estava ocorrendo, sendo atingidos por balas e socos vindos de homens não identificados, que fugiram.

Membros da patrulha especial da polícia de West Yorkshire chegaram alguns minutos mais tarde, encontrando os dois heroicos policiais e outros homens feridos a bala, além de três mortos.

As ruas foram imediatamente bloqueadas, com barreiras montadas nos dois sentidos da M1 *e* M2*, além de avisos enviados aos portos e aeroportos, mas até agora ninguém foi detido.*

A situação do sargento Craven e do policial Douglas foi descrita como "séria, mas estável", pelo Hospital Pinderfield, de Wakefield.

A polícia se recusa a publicar os nomes dos mortos até que os parentes mais próximos tenham sido localizados.

Uma Sala de Ocorrências foi montada na delegacia de Wood Street, em Wakefield, e o detetive superintendente Maurice Jobson fez um apelo a qualquer pessoa que tenha informação, pedindo que entre em contato urgentemente, garantindo sigilo total. O número de contato é Wakefield 3838.

Apertei "Imprimir" e vi todas essas mentiras, essas incríveis mentiras, surgindo.

E li os créditos*:*

POR JACK WHITEHEAD, REPÓRTER POLICIAL DO ANO.

O Duck and Drake, na sarjeta do mercado de Kirkgate.

Um bar de ciganos, nas sombras de Millgarth.

Oito horas.

Levei minha cerveja e meu uísque para a mesa ao lado da porta e esperei, com uma sacola de plástico no assento ao lado.

Joguei um gole do uísque sobre a cerveja e bebi.

Tinha se passado muito tempo, talvez tempo demais, talvez não tenha sido tempo suficiente.

— A mesma coisa?

Ergui os olhos, e ali estava Bob Craven.

O detetive inspetor Bob Craven.

— Bob — eu disse, levantando-me e apertando sua mão. — O que aconteceu com o seu rosto?

— Uns malditos zulus ficaram um pouco nervosos em Chapeltown, algumas semanas atrás.

— Você está bem?

— Ficarei bem ao tomar uma cerveja — ele disse, sorrindo e seguindo em direção ao bar.

Coloquei a sacola de plástico no meu colo e fiquei olhando para ele.

Craven trouxe duas cervejas e depois voltou para pegar as doses de uísque.

— Quanto tempo! — ele disse, sentando-se.

— Três anos?

— Só isso?

— Só, mas parece uma vida inteira.

— Muita água passou por baixo dessa ponte. Muita mesmo.

— Acho que a última vez que nos vimos foi em Strafford, certo?

— Deve ter sido. Logo depois você se envolveu com a história do *Exorcista*, certo?

Fiz que sim.

Ele suspirou.

— Que inferno! Que coisas somos obrigados a ver...

— Como vai o outro Bob? — perguntei.

— Douglas?

— É.

— Está fora...

— E você não ficou tentado?

— Você ficaria?

Fiz que não.

— Eu poderia trabalhar em outra coisa? E você?

Neguei novamente.

— Mas e o Bob, o que ele está fazendo?

— Ele está bem. Montou uma papelaria. Está se saindo bem. Quando o vejo, às vezes penso que gostaria que tivesse acontecido comigo. Entende?

Concordei e peguei a minha cerveja.

— Uma lojinha, uma esposa, entende?

— Não — dei de ombros. — Mas diga que perguntei por ele, certo?

— Ah, claro. Ele ainda mantém o seu recorte na parede. *Continência para vocês*, essa...

— Só três anos, certo? — perguntei, suspirando.

— Parece outro mundo... — ele comentou, pegando sua cerveja. — Vamos brindar a eles, aos velhos tempos.

Brindamos e tomamos a cerveja.

— Minha vez — eu disse, voltando ao bar.

No bar, me virei e fiquei olhando para ele, observando-o sentado à mesa,

coçando a barba e limpando a poeira da calça, depois pegando seu copo vazio e tornando a pousá-lo na mesa.

Voltei com as bebidas e me sentei.

— Enfim — ele disse —, chega de lembranças do passado. O que estão fazendo atualmente?

— Estamos com a história do Estripador — respondi.

Ele fez uma pausa e disse:

— Ah, claro.

E ficamos sentados ali, ouvindo o barulho do bar: os copos, as cadeiras, a música, as conversas, a caixa registradora.

— Aliás, foi por isso que te liguei.

— Sério?

— Sim, liguei por causa do Estripador.

— E por quê?

Entreguei-lhe a sacola de plástico.

— Bill Hadden recebeu isso hoje de manhã, pelo correio.

Ele pegou a sacola e deu uma olhada.

Eu não falei nada.

Ele ergueu os olhos.

Olhei para ele.

— Vamos dar uma volta — ele propôs.

E o segui em direção ao mercado escuro, entre as sombras das barracas, com o vento da tarde arrastando a sujeira e levantando um mau cheiro.

No coração do mercado vazio, Craven parou ao lado de uma barraca e pegou a revista.

— A página está marcada — eu disse.

Ele virou as páginas.

Esperei...

Com o coração saltando, as costelas trincando.

— Quem mais sabe disso? — ele perguntou, de costas para mim.

— Bill Hadden, ninguém mais.

— Você sabe quem é a modelo, certo?

Fiz que sim.

Ele girou o corpo, segurando a página aberta e balançando a cabeça, com olhar fundo, perdido entre as sombras e a barba.

— Clare Strachan — respondi.

— Sabe quem enviou?

— Não.

— Não veio com nenhum bilhete?

— Não. Apenas isso.

— Mas a página chegou marcada?

— Chegou.

— E o envelope?

— Está com Hadden.

— Você se lembra de quando e onde foi enviado?

Engoli em seco e respondi:

— Em Preston, há dois dias.

— Preston?

Fiz que sim e perguntei:

— Foi ele, certo?

— Ele quem? — perguntou Craven, me encarando.

— O Estripador.

Por um momento, notei um sorrisinho no seu rosto, bem fundo, atrás da barba.

Então ele perguntou em voz baixa:

— Por que ligou pra mim, Jack? Por que não ligou diretamente pro George?

— Você é da Divisão de Costumes, certo? Está envolvido nisso.

Ele deu um passo à frente, saindo das sombras lançadas pela barraca, e pousou uma das mãos no meu ombro.

— Você fez a coisa certa, Jack. Fez a coisa certa ao trazer isso pra mim.

— Foi o que imaginei.

— Vão publicar alguma coisa?

— Se você preferir, não.

— Prefiro que não.

— Então não publico.

— Por enquanto, é o melhor a ser feito.

— Certo.

— Obrigado, Jack.

E afastei o meu ombro das suas mãos, perguntando:

— E agora?

— Tomamos outra cerveja?

Olhei para o relógio e disse:

— Não, melhor não.

— Fica pra próxima.

— Sim, fica pra próxima.

No final do mercado, já fora da sujeira e do mau cheiro, o detetive inspetor Bob Craven disse:

— Ligue pra nós, Jack.

Fiz que sim.

— Eu te devo uma — ele disse.

Fiz que sim novamente.

Sem fim, aquela merda não tinha fim.

As notas de rodapé e as anotações às margens, as tangentes e os desvios, o tabuleiro sujo, os recordes batidos.

Jack Whitehead, Yorkshire, 1977.

Os corpos e os cadáveres, os becos e os terrenos baldios, os homens sujos, as mulheres espancadas.

Jack, o Estripador, Yorkshire, 1977.

As mentiras e as meias verdades, as verdades e as meias mentiras, as mãos sujas, as costas quebradas.

Dois Jacks, uma Yorkshire, 1977.

Desci o corredor em direção aos arquivos.

Em direção a 1975.

Peguei os microfilmes pela última vez, passando os carretéis, revendo as mentiras.

Entrando no dia 27 de janeiro de 1975, segunda-feira.

Evening Post, primeira página.

HOMEM MATA ESPOSA DURANTE EXORCISMO.

Pároco é preso.

Mas não consegui ler, não poderia ler outra...

Liguei para o apartamento dela.

Nada.

Desliguei e voltei a ligar.

Nada.

Desliguei e voltei a ligar.

Nada.

Desliguei e voltei a ligar.

Nada.

Desliguei e voltei a ligar.

Nada.

Desliguei.

Estacionei no Redbeck, entre dois caminhões escuros, em meio a carros vazios, e desliguei o rádio e o motor.

Fiquei sentado ali, no meio da noite, esperando, imaginando, me preocupando.

Saí do carro e caminhei pelo estacionamento, entre as poças de água e os buracos, com uma lua negra subindo aos céus.

Do lado de fora do quarto 27, parei, escutei e bati.

Nada.

Bati, escutei, esperei.

Nada.

Abri a porta.

O sargento Fraser estava caído no chão, com o corpo curvado e a cadeira e a mesa estilhaçadas, as paredes limpas, deitado no chão, com o corpo curvado, embaixo de todo aquele lixo, de tudo o que antes estava pregado às paredes, deitado no chão, com o corpo curvado, sob as farpas de madeira, curvado, no inferno.

Fiquei parado na porta, com a lua negra atrás de mim, a noite entre nós dois.

Ele abriu os olhos.

— Sou eu. Jack.

Ele ergueu a cabeça em direção à porta.

— Posso entrar?

Ele abriu a boca lentamente, depois voltou a fechá-la.

Caminhei pelo quarto, seguindo na sua direção, e me ajoelhei.

Ele agarrava uma foto...

Uma mulher e uma criança.

A mulher usava óculos escuros, a criança usava um pijama azul.

Seus olhos estavam abertos, ele me encarava.

— Sente-se — eu disse.

Ele agarrou o meu braço.

— Vamos — eu disse.

— Não os encontro — ele murmurou.

— Tudo bem — eu disse, fazendo que sim.

— Não os encontro em lugar nenhum.

— Eles estão bem.

Ele me agarrou com mais força.

— Você está mentindo. Estão mortos, eu sei que estão.

— Não, não estão mortos.

— Estão, sim, como todos os demais.

— Não. Eles estão bem.

— Você está mentindo.

— Eu os vi.

— Onde?
— Com John Rudkin.
— Rudkin?
— Sim, acho que estavam com ele.
Ele se levantou, olhando para mim.
— Sinto muito — eu disse.
— Eles estão mortos — ele insistia.
— Não.
— Estão todos mortos — ele disse, pegando uma das pernas da mesa.
Tentei me levantar, mas não fui ágil o suficiente.
Fui lento demais.

Ouvinte: Agora os malditos policiais se recusam a fazer hora extra. Os malditos criminosos devem estar rindo sem parar.

John Shark: Você não acha que esses caras de azul merecem um aumento de salário, Bob?

Ouvinte: Aumento? Não me faça rir, John. Eu não pagaria nenhum centavo a eles até que encontrem alguém. E alguém que realmente tenha feito alguma coisa.

John Shark: Prenderam Arthur Scargill novamente.

Ouvinte: Mas eles só servem pra isso, certo? Pegar o Arthur e trair uns aos outros.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Sexta-feira, 17 de junho de 1977

22

Mate todos eles.

Dirigindo.

Com o rádio ligado.

Os restos carbonizados de um negro não identificado foram descobertos ontem na Hunslet Carr.

A autópsia revelou que o homem morreu por causa de punhaladas, antes de ser banhado em gasolina e queimado.

Um porta-voz da polícia disse que fizeram um bom trabalho apagando a identidade da vítima, levando a polícia a crer que o morto poderia ter antecedentes.

Ele foi descrito como tendo mais de vinte anos, mais ou menos um metro e oitenta de altura e de constituição forte.

A polícia pede a quem tenha qualquer tipo de informação sobre a identidade da vítima ou dos assassinos que entre em contato com a delegacia mais próxima, com urgência. Disseram também que todas as informações serão tratadas com absoluto sigilo.

Desligo o rádio.

Dirigindo, griiiiiiiiiiiitando.

Mate todos eles.

Era o amanhecer.

Parei no início da Durkar Lane.

Havia um carro na entrada da sua casa, com leite na porta e a minha família lá dentro.

Fiquei sentado ali, na frente da casa, querendo ter uma arma, chorando.

Chega.

Amanhecer, 1977.

Toquei a campainha e esperei.

Nada.

Toquei novamente, sem parar.

Vi uma forma rosada atrás do vidro, ouvi vozes lá dentro, a porta se abriu, era a sua esposa, e ela dizia:

— Bob? É o Bob. Um minuto.

Mas ouvi a voz de Bobby e a empurrei, subindo as escadas, chutando as portas, até encontrá-lo no quarto dos fundos, com ela de pé no quarto, segurando o meu filho, e Rudkin vestindo o paletó, vindo na minha direção.

— Vamos — eu disse. — Nós vamos embora.

— Ninguém vai a lugar nenhum, Bob — disse Rudkin, me agarrando, começando uma briga, eu com a perna da cadeira na direção da cabeça dele, ele com as mãos nas orelhas, afastando-se, e eu agarrando os seus cabelos e forçando sua cabeça entre os meus joelhos, repetidamente, até ouvir um grito e um choro, era a esposa de Rudkin afastando-me do marido, agarrando as minhas bochechas, e Rudkin cambaleava, até o momento em que finalmente conseguiu se estabilizar, e eu caí em cima da porta, dando um soco na sua esposa, e Rudkin me bateu com força no rosto, e eu mordi a língua, cuspindo sangue para todos os lados, e ela protegendo Bobby, de pé do outro lado da enorme cama, agarrando-o com força.

E então uma pausa, uma certa calmaria, um soluço e um choro, pulsações e dores.

— Pare, Bob! — ela gritava. — Pare!

E tudo o que eu dizia era:

— Nós vamos embora.

E Rudkin me socou bem no meio da cara, e tudo recomeçou, eu aproximando a minha cabeça da sua, estrelas por todo lado, ele se afastando, eu seguindo em frente, tentando explodir estrelas e meteoritos pelo quarto com os meus punhos, atingindo o rosto do maldito John Rudkin, chutando e socando o seu corpo, aproximando-me da cama e agarrando Bobby, e foi então que Rudkin agarrou o

meu pescoço e tentou acabar o que restava de vida dentro de mim.

— Pare! — ela gritava. — Pare!

Mas ele não parava.

— Pare! — ela gritava. — Ele vai morrer.

Rudkin me atirou de joelhos, e eu caí em cima da cama, com o rosto enterrado no colchão.

Ele deu um passo para trás, e seguiu-se mais uma pausa, outra calmaria, um soluço e um choro, pulsações e dores, e assim por diante, pausa, calmaria, e quanto mais tempo eu ficasse deitado, mais rápido eles se acalmariam.

Então eu fiquei deitado, esperando, até que Louise, Rudkin, sua esposa, até que um deles me deixasse ficar com o que eu queria, com o que era meu.

Bobby.

E fiquei deitado, calmo, esperando, até que Rudkin disse:

— Anda, Bob. Vamos descer.

E notei que ele ficou mais vulnerável ao se agachar para me pegar, senti que ele se enfraquecia quando me abaixei para pegar a perna da cadeira, e aproveitei para erguê-la, atingindo o seu rosto, e ele caiu sobre a janela do quarto, estilhaçando o vidro, e ela olhava para ele, e eu pude me aproximar e tirar Bobby dos seus braços, e saí do quarto, passando pela esposa dele, que descia as escadas correndo tanto quanto eu, com Louise logo atrás de mim, gritando, chorando, e eu alcancei a esposa de Rudkin na porta, com Louise caindo em cima de mim, Rudkin caindo sobre nós dois, com sangue escorrendo de seu rosto, caindo sobre os seus olhos, cegando-o, e eu gritando, falando alto, berrando:

— Ele é o meu filho, porra!

Ela gritava, falava alto, berrava:

— Não, não, não!

Bobby estava pálido, chocado, sacudindo-se nos meus braços, preso entre o corpo da esposa de Rudkin e os outros dois, e eu tentava me livrar de tudo aquilo, até que Rudkin me bateu, me chutou, atingiu o meu ouvido de alguma forma, e eu caí, e Bobby desapareceu, ela o agarrava, Rudkin me pressionava contra o chão, eu gritando, falando alto, berrando:

— Você não pode fazer isso. Ele é meu filho!

Mas ela voltava à sala de estar, com a mão na cabeça, com ele agarrando os seus cabelos, até que o momento em que disse:

— Não é, não.

Silêncio.

Apenas o silêncio, *aquele* silêncio, aquele longuíssimo e maldito silêncio, e ela voltou a dizer:

— Não é, não.

Tentei me levantar, tirar os pés de Rudkin de cima de mim, como se de pé eu pudesse entender a merda que ela dizia, e ao mesmo tempo a esposa de Rudkin repetia sem parar:

— O quê? O que você quer dizer?

E lá estava ele, banhado em sangue dos pés à cabeça, dizendo:

— Esquece isso. Pelo amor de Deus, esquece isso.

— Mas ele tem que saber, porra!

— Não neste momento.

— Ele estava comendo uma puta, uma maldita puta que está morta, uma maldita puta grávida, que agora está morta.

— Louise...

— Ela está morta, mas isso não muda nada. O filho que ela carregava era dele, e continuará sendo.

Fiquei de joelhos, com os braços abertos na direção deles, na direção de Bobby, do meu Bobby.

— Sai daqui!

— Louise... — gritava Rudkin.

E sua mulher se aproximou, batendo na cara dele, encarando-o, depois cuspiu na cara dele e saiu pela porta da frente.

— Anthea — ele gritou. — Você não pode ir embora dessa maneira.

Fiquei de pé, mas ele continuava me agarrando e gritando à sua esposa:

— Anthea!

As minhas mãos estavam esticadas na direção de Bobby, do meu Bobby.

— Sai daqui — ela dizia. — John, tire-o de perto da gente!

E John Rudkin ficou dividido entre correr atrás da sua esposa e me soltar, e isso o deixava fraco, e me deixava forte, e eu via Bobby muito perto, e me aproximei, dei um soco na sua cara de mentirosa, depois outro, até que ela me deixou ficar com o que era meu, deixou que eu ficasse com ele, com o meu Bobby, com Rudkin correndo na minha direção, e eu com uma das mãos segurando Bobby e a outra agarrando os cabelos de Rudkin, atirando-o no chão de mármore, atirando-o na direção de Louise, e os dois voando pelo chão, eu e Bobby saindo do quarto, seguindo em direção ao corredor, saindo da casa, com Bobby chorando e gritando por sua mãe, e eu dizendo que estava tudo bem, que tudo terminaria bem, pedindo que parasse de chorar, que mamãe e papai estavam apenas brincando, e podia ouvi-la gritar atrás de mim, ouvia os passos deles, ouvia sua voz:

— John, não! O bebê! Bobby!

De repente, senti como se não tivesse coluna, e caí de joelhos na entrada da casa, e não queria deixar Bobby escapar, não queria, não queria, não queria.

— Não! Você vai matá-lo!

E terminei deitado de cara no chão na entrada da casa, e Bobby desaparecera, e permaneci com o rosto de cara para o chão, caído na entrada da casa dele, e todos passaram ao meu lado, correndo em direção ao carro, e ele atirou um taco de críquete no chão, bem ao lado da minha cabeça, e ela dizia:

— Acabou, Bob, acabou!

E eles foram embora, e tudo ficou branco, depois cinza, e finalmente preto.

Ouvinte: Você dá uma olhada no jornal e o que vê?

John Shark: Não sei, Bob. Diz aí?

Ouvinte: "Espancamentos de crianças matam seis a cada semana, e deixam centenas de feridos. Página seguinte, todas as crianças do norte saúdam a rainha. Depois: Setenta e quatro policiais pedem demissão a cada mês, o número de desempregados cresce em cem mil. Estupros, assassinatos, o Estripador..."

John Shark: O que você quer dizer com isso, Bob?

Ouvinte: Acho que o Callaghan já explicou, certo? Governar ou ir embora.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Sexta-feira, 17 de junho de 1977

23

Olhei para o meu relógio: sete e sete.

Estava num elevador antigo, observando o número dos andares, subindo.

Saí do elevador.

Um menino vestindo pijama azul está de pé por lá, esperando.

Ele pegou a minha mão e me levou pelo corredor, pelo carpete puído, entre as paredes sujas, em meio aquele cheiro.

Chegamos a uma porta e paramos.

Coloquei os dedos sobre a maçaneta e girei.

Estava aberta.

Quarto 77.

Acordei no chão, com uma terrível dor pelo corpo.

Coloquei uma das mãos sobre a cabeça, sentindo o sangue seco.

Ergui a mão, o quarto foi tomado por uma luz brilhante.

Uma luz matinal, uma luz matinal que vinha de fora, que vinha do parque, onde um vapor se levantava dos lombos dos pôneis e dos cavalos.

E me sentei sob aquela luz matinal, naquele mar de papéis rasgados, de móveis destruídos, voltando a reunir as fotos e as anotações.

Eddie, Eddie, Eddie... em todos os lados.

Entretanto, com todos os cavalos da rainha, com todos os homens da rainha, era impossível reconstituir Eddie.

Assim como eu seria incapaz de reconstituir Jack.

Tentei me levantar, senti um gosto ruim na boca, fui até a pia e cuspi.

Ergui o corpo e abri o registro, atirando água cinzenta e fria no meu rosto.

No espelho, eu o vi, e me vi.

Membros de palha e desejo de vime, pisando em patas, em patas de cavalos, cavalos chineses.

Olhei para o meu relógio.

Já passava das sete.

Sete e sete.

E me sentei no meu carro, no estacionamento do Redbeck, tocando a ponta do meu nariz, tossindo.

Liguei o motor, desliguei o rádio e parti.

Segui em direção a Wakefield, passando pelos pôneis e cavalos parados no parque, pelas pilhas negras onde antes estavam as fogueiras, e segui pela Ossett, descendo a Dewsbury, com escórias negras onde antes estavam os campos, passei pela RD News e depois por Batley, entrando em Bradford.

Parei na rua dela, estacionando ao lado de um alto carvalho que apresentava suas melhores folhas estivais.

Verde.

Bati novamente.

Fazia frio nas escadas, fora do sol, com as folhas batendo nas janelas.

Coloquei os dedos na maçaneta e girei.

Entrei.

O apartamento estava em silêncio e escuro, não havia ninguém em casa.

Fiquei parado na entrada, ouvindo, pensando naquele local acima da RD News, naqueles locais onde nos escondíamos.

Entrei na sala, na sala onde nos encontrávamos, com as cortinas laranjas fechadas, e me sentei na cadeira onde sempre me sentava, e resolvi esperar por ela.

A blusa cor de creme e a calça da mesma cor naquela primeira vez. Os joelhos nus e arranhados na última vez.

Dez minutos depois, eu me levantei e fui à cozinha, coloquei água para ferver.

Esperei que fervesse, enchi uma xícara e voltei à sala.

E me sentei no escuro, esperando por Ka Su Peng, imaginando como chegara

ali, listando todas elas:

Mary Ann Nichols, assassinada em Buck's Row, agosto de 1888.

Annie Chapman, assassinada na Hanbury Street, setembro de 1888.

Elizabeth Stride, assassinada na Berner's Street, setembro de 1888.

Catherine Eddowes, assassinada na Mitre Square, setembro de 1888.

Mary Jane Kelly, assassinada na Miller's Court, novembro de 1888.

Cinco mulheres.

Cinco assassinatos.

Senti a onda se aproximando, a maldita onda, lambendo os meus pés e as minhas meias, subindo pelas minhas pernas:

O que aconteceu com o nosso jubileu?

A onda se aproximava, a maldita onda, lambendo os meus pés e as minhas meias, subindo pelas minhas pernas:

Carol Williams, assassinada em Ossett, janeiro de 1975.

Uma mulher.

Um assassinato.

Senti as águas subindo, as malditas Águas da Babilônia, aqueles rios de sangue numa era feminina, com os guarda-chuvas abertos, banhos de sangue, poças de sangue, uma chuva vermelha, branca e azul.

Joyce Jobson, atacada em Halifax, julho de 1974.

Anita Bird, atacada em Cleckheaton, agosto de 1974.

Theresa Campbell, assassinada em Leeds, junho de 1975.

Clare Strachan, assassinada em Preston, novembro de 1975.

Joan Richards, assassinada em Leeds, fevereiro de 1976.

Ka Su Peng, atacada em Bradford, outubro de 1976.

Marie Watts, assassinada em Leeds, maio de 1977.

Linda Clark, atacada em Bradford, junho de 1977.

Rachel Johnson, assassinada em Leeds, junho de 1977.

Janice Ryan, assassinada em Bradford, junho de 1977.

Dez mulheres.

Seis assassinatos.

Quatro ataques.

Halifax, Cleckheaton, Leeds, Preston, Bradford.

A onda de sangue, a inundação de sangue.

Fechei os olhos, com o chá frio nas mãos, naquela sala ainda mais fria. Ela se inclinou, afastando os cabelos, e ouvi mais uma vez a sua música, a nossa música:

Absolver e perdoar, um fim à penitência?

Eu queria mijar.

Ah, Carol.

Abri a porta, acendi a luz e lá estava ela.

Deitada na banheira, com água vermelha, carne branca, cabelos azuis; seu braço direito caído para um lado, sangue pelo chão, profundas serpentes nos seus pulsos.

Fiquei de joelhos.

Tirei o seu corpo da banheira, da água, enrolei-a numa toalha e tentei recobrar sua vida.

Fiquei de joelhos.

Balancei o seu corpo para frente e para trás, seu corpo frio, seus lábios azuis, os buracos negros nas suas mãos, os buracos negros nos seus pés, os buracos negros na sua cabeça.

Fiquei de joelhos.

Chamei o seu nome, implorei, contei a verdade, dei um basta nas mentiras, tudo para que ela abrisse os olhos, para que ouvisse o meu nome, para que ouvisse a verdade.

Eu te amo, eu te amo, eu te amo...

E ela disse:

— Eu te amo, Jack. Preciso te amar.

Ouvinte: Eu li a minha Bíblia.

John Shark: Acredito.

Ouvinte: "E os homens que não foram mortos por essas pragas seguem sem se lamentar dos trabalhos que fizeram, não se lamentam de terem adorado demônios e ídolos de ouro e prata, de latão, de pedra e de madeira: ídolos que não podem ver, ouvir ou falar."

John Shark: O que você está dizendo?

Ouvinte: Tampouco se arrependem dos seus assassinatos, das suas feitiçarias, das suas fornicações, dos seus roubos.

The John Shark Show
Rádio Leeds
Sexta-feira, 17 de junho de 1977

24

Estacionei nos Moors, no local que eles chamam de Tumba, com a dor desaparecendo, e o dia também.

Sexta-feira, 17 de junho de 1977.

Peguei a caneta e abri o porta-luvas.

Encontrei guia com algumas páginas em branco, que arranquei.

Escrevi páginas e páginas, depois parei e rasguei tudo.

Saí do carro e abri a mala, tirei a fita, a mangueira, e fiz o que tinha de fazer.

Depois simplesmente me sentei, peguei a caneta e recomecei.

Querido Bobby,
não quero viver sem você.
Eles te contarão mentiras sobre mim,
mentiras iguais às que me contaram.
Mas eu te amo e estarei ao seu lado,
tomando conta de você, sempre.
Do papai que te ama.

Liguei o carro e coloquei o bilhete no painel, depois fiquei olhando para os Moors, e tudo o que eu podia ver, do outro lado do para-brisa, era o seu rosto, os seus cabelos, o seu sorriso, sua barriguinha escapando do pijama azul, e ele fazia um telescópio com as mãos, e depois já não o podia ver por conta das lágrimas, não podia ver porque...

John Shark: Alô?

Ouvinte:

John Shark: Alô?

Ouvinte:

John Shark: Tem alguém aí? Nossa!

The John Shark Show
Rádio Leeds
Sábado, 18 de junho de 1977

25

— Obrigado — agradeci e atravessei a recepção.

Apertei o sete e subi no velho elevador do Griffin, observando os andares passando, subindo.

Saí do elevador.

Desci o corredor, pisando no carpete puído, olhando para as paredes sujas, sentindo aquele cheiro.

Cheguei na porta e parei.

Coloquei a mão na maçaneta e girei.

Estava aberta.

Quarto 77.

O reverendo Laws estava sentado numa cadeira de vime ao lado da janela, com a estação de Leeds cinzenta entre as chaminés e os telhados, os pombos e suas merdas.

E tudo estava sobre um lençol branco, na cama.

— Sente-se, Jack — ele disse, de costas para mim.

E me sentei na cama, entre os seus instrumentos.

— Que horas são?

Olhei para o meu relógio.

— Quase sete.

— Ótimo — ele disse, levantando-se.

Depois fechou as cortinas e colocou a cadeira de palha no centro do quarto.

— Tire a sua camisa e sente-se aqui.

Fiz o que ele pediu.

Ele pegou a tesoura na cama.

Engoli em seco.

Ele ficou de pé atrás de mim e começou a cortar.

— Algo especial para o fim de semana?

— Pouco mais que o normal — respondi, sorrindo.

Quando terminou, ele se curvou acima da minha cabeça e espanou os fios grisalhos de cabelo.

Voltou à cama e deixou a tesoura por ali.

Então pegou uma chave Phillips e um martelo e ficou de pé atrás de mim, murmurando:

— No vosso caminho está o mar, e a vossa trilha nas grandes águas, e os vossos passos são desconhecidos.

Fechei os olhos.

Ele pousou a ponta da chave Phillips no topo da minha cabeça.

E eu vi... *os dois setes se chocam e tudo acontece novamente, repetidas vezes, capas sobre rostos, botas sobre coxas, calcinhas presas em apenas uma das pernas, sutiãs erguidos, ventres e seios perfurados, crânios perfurados, padrões rígidos, Idade Média e caça às bruxas, antigas cidades inglesas, dez mil espadas brilhando sob o sol, três vezes mais dançarinas espalhando flores, elefantes brancos enfeitados de vermelho, branco e azul, com os preços que pagam, as dívidas que incorrem, as tentações de Jack sob capas de chuva baratas, outro suéter de gola alta e um sutiã rosa puxado para cima, revelando um seio pequeno e pálido, serpentes saindo de feridas no ventre, calcinha branca presa em apenas uma das pernas, sandálias sobre coxas flácidas, meninas alegres com sangue, espesso, escuro, sangue pegajoso, misturando seus cabelos a pedaços de ossos e massas cinzentas do cérebro, gotejando lentamente sobre a grama de Soldier's Field, o fogo no fundo dos meus olhos, uma camisola da Marks & Spencer, escurecida por conta do sangue vindo dos buracos abertos por ele, tantos buracos, essa gente com tantos buracos, essas cabeças com tantos buracos, Daniel diante do muro antigo dos tempos antigos, brincando com fósforos no fundo dos meus olhos, e os* tophet *escritos: Ford Capris, Corsairs vermelho escuro, Landrovers, as várias formas que um homem pode servir ao seu tempo:* ÓDIO, *sem assunto, sem por quê, apenas* ÓDIO*: gângsters de Yorkshire e policiais de Yorkshire, o Pantera Negra e o Estripador de Yorkshire, Jeanette Garland e Susan Ridyard, Clare Kemplay e Michael Myshkin, Mandy Wymer e*

Paula Garland, os tiroteios do Strafford e o assassinato do Exorcista: *Michael Williams e Carol Williams, segurando-a na rua, nos meus braços, com sangue nas minhas mãos, sangue no seu rosto, sangue nos meus lábios, sangue na sua boca, sangue nos meus olhos, sangue nos seus cabelos, sangue nas minhas lágrimas, sangue nas lágrimas dela, Sangue e Fogo, e eu choro porque sei que acabou, e acima da lareira, no lado oposto à porta, está dependurada uma pintura intitulada* The Fisherman's Widow, *um casaco masculino fazendo às vezes de cortina sobre a janela, chaves Phillips, pesadas botas Wellington, martelos, o Minstrel ganhando por uma cabeça, a cerveja de gengibre, o pão amanhecido, as cinzas na lareira, apenas um quarto e uma menina vestida de branco ficando preta a partir das unhas e dos buracos na cabeça, apenas uma menina, ouvindo passos no pavimento do lado de fora, o coração desaparecido, a porta trancada pelo lado de dentro, continuando a correr, mas sabendo que não chegará muito longe: tiros em Hanging Heaton, tiros em Skipton, tiros em Doncaster, tiros em Selby, Jubela, Jubelo, Jubelum, ele coçando a barba, ele balançando a cabeça, piscando os olhos uma vez e desaparecendo, quando buscamos um são dois, ou três, ou quatro; quando buscamos quatro, são três, ou dois, ou um, os que fogem e os que nunca conseguem fugir, o homem que eu amo e está nas galerias, os últimos dias, o tempo nas mãos, quando os seus filhos e filhas deverão professar, seus jovem terão visões e os homens mais velhos sonharão sonhos, nada de novo para os mortos, apenas sonhos sorridentes em meio à tristeza, carne entre os dentes, palmadinhas na pança, jeito nos cabelos, carícia nos bigodes, sorrisos forçados, sobrancelhas arqueadas, testas franzidas e cabeça sendo balançada, uma piscadela e desaparecendo mais uma vez, após o terror: amanhã e o dia depois de amanhã, desaparecendo mais uma vez, miserável e perto da morte desde a minha juventude, eu sofro com os seus horrores: estou desesperado, meus companheiros na escuridão, e tem de haver outra forma,* The Fisherman's Widow *pintado em vermelho úmido, garrafas de xerez, garrafas de destilados, garrafas de cerveja, frascos de remédios, tudo vazio, apenas um quarto no inferno, vinte e cinco anos de hits do jubileu, o inferno espreita em todas as esquinas, em todos os amanheceres, olmos mortos, centenas de olmos mortos nas ruas escuras e ofegantes, as partes de trás das*

casas, cercadas por pedras silenciosas, enterradas em tijolos escurecidos, entre pátios e becos, pés sobre tijolos, tijolos sobre cabeças, as casas construídas por Jack, e ele está vindo, um anel de rosas, um bolso de prosas, ele está vindo, eu te como... e você dorme/te beijo... e você desperta, e ele está aqui, e o inferno é aqui mesmo, maldita vaca de sorte, são cinco agora, eles dizem quatro, mas lembre-se de Preston, em 1975, gozei dentro dela, maldita vaca suja, Deus salve os habitantes de Leeds e as feridas que não param de sangrar, as feridas que não curam, e eu sinto que tudo está voltando, então vista algo bonito, pois é por isso que as pessoas morrem, é por isso que as pessoas, é por isso, são cinco agora, vocês dizem, mas há uma surpresa em Bradford, a ponto de ser descoberta, Eddie, Eddie, Eddie; ótimos policiais que merecem nosso mais sincero agradecimento, homens buscando a morte, mas sem encontrá-la, querendo morrer, mas a morte os enganando, como se a remissão ou o perdão fosse um fim à penitência, negros queimados em Hunslet Carr, amantes no trem, nigerianos flutuando no rio Calder, o vermelho, o branco e o azul, os vales da Morte, os Moors do inferno, infernos solitários, intermináveis: os arranjos e as molduras, as armações e a culpa, as gramas que murmuram, o choro, as estátuas que sangram, vizinho contra vizinho, irmão contra irmão, famílias atadas e escravizadas em navios negreiros, mães amarradas vendo suas filhas serem estupradas em navios de homens em busca de noivas, o navio branco, Albion, naufragado, e eu preso num trem, sob uma tempestade de neve no alto dos Moors, nas salas dos mortos, nas casas dos mortos, nas ruas dos mortos, nas cidades dos mortos, no mundo dos mortos, nós dirigindo juntos numa estrada, após a chuva, após o jubileu, com os fogos terminados, o vermelho, o branco e o azul desaparecidos, afogando-se na barriga de sangue da baleia nos últimos dias, homens comendo canos de pistolas, chupando gás, gangues de negros arrebentando as gargantas de policiais brancos e gordos sentados em suas casas e assistindo Songs of Praise *de costas para a porta, seus filhos jurando vingança, seus filhos chorando pelo resto de suas vidas, para sempre: perdidos em seus quartos, com chaminés mais altas que campanários, minaretes mais altos que chaminés, o amaldiçoado Islã em todas as cidades, cruzadas nos quintais das casas, cruzadas pelos mortos, cruzadas intermináveis, manhãs que*

são noites, sentados em silêncios repentinos, fazendo ligações em cabines vermelhas, policiais altos e loiros, cobertos dos pés à cabeça em sangue, o mal em conexão com o mal, árvores verdes brilhando prateadas, sonhos sonolentos alongando os ossos, torturando-os, os rostos alongados do inferno, cantando suas canções de amaldiçoados e fadados: odes para os mortos, rezas para os vivos, mentiras para a maioria, carros vazios que passam zunindo, portas abertas, pedaços de mucosas cancerígenas deslizando pelo deságue da pia, de pé entre as sombras nas asas da verdade, contundido pelo sono, ajude-me, nas sombras de suas coxas, na escuridão dos seus olhos, eu te como... e você dorme/eu te beijo... e você desperta, em quartos acima de lojas, a carne verdadeira, as pedras nos meus sapatos, sentados juntos em sofás ensanguentados, a noite em que Michael Williams meteu um prego de doze centímetros na cabeça de Carol, NA CABEÇA DA MINHA CAROL*, para salvar a sua alma, a minha Carol, acho que me esqueci de alguma coisa, cavalos chineses voando ao redor, com os lombos vazios, os olhos abertos, sem falar em outra coisa além de rendição, futuros escritos como passados, pessoas deixadas para trás em privado, angústia de soberanos, infernos reais, contando mentiras e contando verdades cheias de furos, repletas de furos, essas pessoas repletas de furos, e todas essas cabeças repletas de furos, com o tempo nas mãos, do lado de fora os cães e os feiticeiros, devassos e assassinos agachados em cemitérios do sul, golpeando as cabeças de escórias escocesas com utensílios domésticos e contundentes, em 1977 sofrendo os seus terrores, em 1977 estou desesperado, em 1977 meus companheiros estão na escuridão, em 1977 quando jovens têm visões e velhos sonham sonhos, sonhos de remissão e perdão, um fim à penitência, em 1977 quando os dois setes se encontram e as feridas não param de sangrar, as feridas não curam, as duas testemunhas... Seus testemunhos encerrados, seus corpos nus caídos nas ruas das cidades, um mar de sangue, águas de absinto, mulheres bêbadas de sangue, paciência e fé de santos, e eu paro na porta e bato, as chaves da morte e do inferno são o mistério das mulheres, sabendo que é por isso que as pessoas morrem, que é por isso que as pessoas, em 1977, é por isso que eu vejo...*

Ele desce o martelo.

… não existe futuro.

Próximos lançamentos da série:
Red Riding 1980
Red Riding 1983

Copyright © 2000 David Peace
Título original: *Nineteen seventy seven*
Todos os direitos reservados.
Diretor editorial: Thales Guaracy
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Richard Sanches
Assistente editorial: Luiza Del Monaco
Direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte e capa: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix
Preparação: Luciana Araujo
Revisão: Jandira Queiroz, Nair Hitomi Kayo
Diagramação: Nobuca Rachi
Imagem da capa: Marc Fischer/Getty Images
Versão Digital: Cristina Figueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P37m
Peace, David
1977 [recurso eletrônico] : Red Riding / David Peace ; tradução Rodrigo Peixoto. - São Paulo : Benvirá, 2012.
448 p., recurso digital (Red riding ; 2)
Tradução de: Nineteen seventy-seven
Formato: e-Pub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-64065-79-6 (recurso eletrônico)
1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Peixoto, Rodrigo. II. Mil novecentos e setenta e sete. III. Título. IV. Série.

12-8746. CDD: 823
CDU: 821.111-3

29.11.12 04.12.12 041118

1a edição, 2012
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva